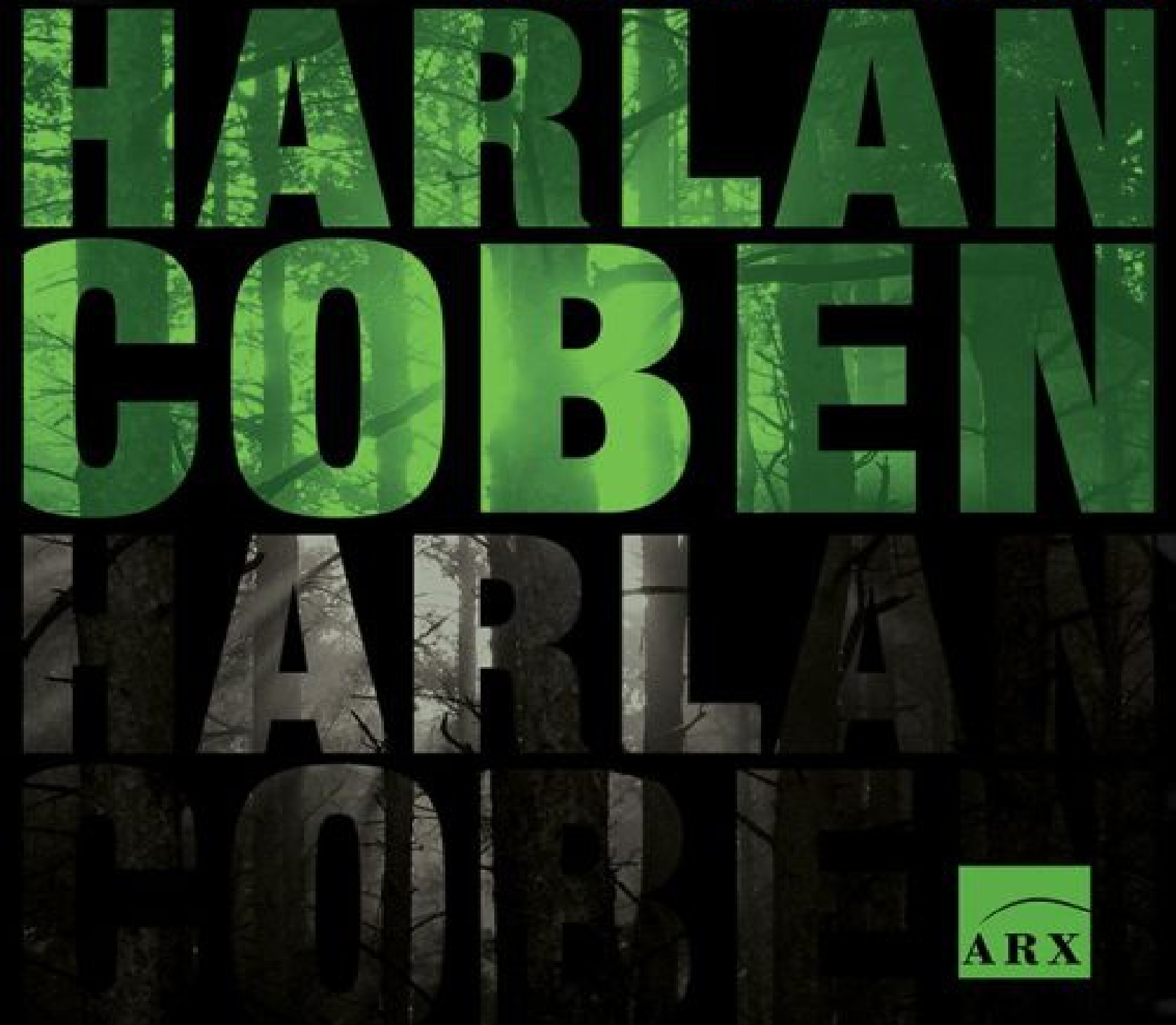
HARLAN COBEN

silêncio na floresta



HARLAN COBEN

ARX

HARLAN COBEN

silêncio na FLORESTA

The woods, 2007

Este é para
Alek Coben
Thomas Bradbeer
Annie van der Heide
As três alegrias a quem tenho a sorte de poder
chamar de afilhados de batismo.

Prólogo

Vejo o meu pai com aquela pá.

Lágrimas correm-lhe pelas faces. Um soluço terrível, gutural, irrompe do fundo dos seus pulmões e escapa-lhe dos lábios. Ele ergue a pá e golpeia o solo. A lâmina rasga a terra como carne tenra.

Tenho dezoito anos, e essa é a lembrança mais vívida que guardo do meu pai — ele, na floresta, com aquela pá. Meu pai não sabe que o estou vigiando. Escondo-me atrás de uma árvore enquanto ele cava. Ele fá-lo com furor, como se o chão o encolerizasse e ele estivesse procurando vingança.

Nunca vira meu pai chorar antes — nem mesmo quando o seu próprio pai morreu, nem mesmo quando a minha mãe fugiu e nos abandonou, nem mesmo quando escutou a notícia sobre minha a irmã, Camille, pela primeira vez. Mas agora ele chora. Está chorando sem nenhum pudor. Lágrimas livres e abundantes. Os soluços ecoando no meio das árvores.

É a primeira vez que o espiono assim. Na maior parte dos sábados, ele fingia sair para pescar, mas nunca acreditei realmente nisso. Creio que eu sempre soube que esse lugar, esse lugar horrível, era o seu destino secreto.

Porque, às vezes, esse lugar é o meu destino também.

Fico atrás da árvore e espreito-o. Tornarei a fazê-lo mais oito vezes. Nunca o interrompo. Nunca revelo a minha presença. Acho que ele não sabe que estou ali. De fato, estou convencido de que não. E então um dia, enquanto caminha para o carro, meu pai se vira para mim, os olhos secos, e diz: "Hoje não, Paul. Hoje eu vou sozinho".

Observo-o afastar-se. Ele vai àquela floresta pela última vez.

No leito de morte, quase duas décadas depois, meu pai segura

a minha mão. Está pesadamente medicado. As mãos estão ásperas e calejadas. Ele usou-as a vida inteira — ainda na flor da idade, num país que já não existe. Tem uma dessas aparências rudes, a pele parecendo ressequida e dura, quase um carapaça de tartaruga. Sofre imensa dor física, entretanto não derrama uma só lágrima. Apenas fecha os olhos e espera que passe.

Meu pai sempre me fez sentir seguro, mesmo agora, mesmo embora eu já seja adulto e pai de uma filha. Fomos a um bar, três meses atrás, quando ele ainda estava bastante forte. Começou uma briga em algum lugar. Meu pai plantou-se à minha frente, pronto para enfrentar qualquer um que se aproximasse de mim. Ainda. Assim é que é.

Olho para ele na cama. Penso naqueles dias na floresta. Penso sobre como ele cavou, como finalmente parou, como achei que tivesse desistido depois que a minha mãe partiu.

— Paul?

Ele repentinamente se agita.

Quero suplicar- lhe que não morra, porém não seria certo. Eu já havia estado nessa situação antes. Não melhora. Para ninguém.

— Está tudo bem, pai — digo-lhe. — Tudo vai ficar bem. Ele não se acalma. Tenta sentar-se. Procuro ajudá-lo, todavia ele afasta-me. Olha-me fixamente, e percebo uma limpidez na sua expressão, ou talvez seja uma daquelas coisas nas quais nos obrigamos a crer no final. Um derradeiro e falso conforto.

Uma lágrima escapa-lhe de um dos olhos. Observo-a rolar lentamente pela face.

— Paul — diz meu pai, ainda com acentuado sotaque russo. — Temos que encontrá-la.

— Vamos encontrar, pai.

Ele torna a perscrutar o meu rosto. Inclino a cabeça, assegurando-o. Penso, pela primeira vez: "Ele está procurando sinais de culpa".

— Você sabia? — indaga ele, a voz quase inaudível.

Sinto o meu corpo inteiro estremecer, entretanto não pisco os olhos, não desvio o olhar. Pergunto-me o que ele vê, no que acredita. Mas nunca saberei.

Porque então, naquele momento, os olhos do meu pai se fecham e ele morre.

Capítulo 1

Três meses depois estava no ginásio da escola primária observando a minha filha, Cara, de seis anos, a percorrer nervosamente uma trave de equilíbrio suspensa a uns dez centímetros do solo aproximadamente. Porém, em menos de uma hora, estaria olhando para o rosto de um homem brutalmente assassinado.

Isso não deveria chocar ninguém.

Aprendi ao longo dos anos — das formas mais horríveis e imagináveis — que a barreira entre a vida e a morte, entre extraordinária beleza e feiura impressionante, entre o mais inocente cenário e um banho de sangue é tênue. Leva-se apenas um segundo para derrubá-la. Num momento a vida parece idílica. Você está num lugar tão puro quanto o ginásio de uma escola primária, a sua filhinha rodopiando, a voz aérea, os olhos fechados. Você vê o rosto da mãe dela, o modo como ela costumava fechar os olhos e sorrir, e lembra-se de quão tênue aquela barreira realmente é.

— Cope?

Minha cunhada, Greta. Virei-me. Greta fitava-me com sua preocupação costumeira. Sorri-lhe.

— No que você está a pensar? — sussurrou ela. Ela sabia. Mesmo assim, menti.

— Em câmaras portáteis.

— O quê?

As cadeiras dobráveis tinham sido todas ocupadas pelos outros pais. Eu encontrava-me em pé nos fundos, braços cruzados, encostado na parede de cimento. Havia um regulamento afixado na porta e aqueles provérbios irritantemente engraçadinhos e inspiradores, do tipo "Não diga-me que o céu é o limite, quando há pegadas na Lua", espalhados por toda parte. As mesas de refeição

estavam dobradas. Apoiei-me numa delas, sentindo a frieza do aço. Ginásios de escolas primárias não mudam conforme envelhecemos. Apenas dão a impressão de que ficam menores. Apontei para os pais.

— Há mais máquinas de filmar do que crianças aqui. — Greta concordou.

— E os pais? — insisti. — Filmam tudo. Tudo mesmo. O que fazem com o material? Será que alguém realmente assiste a isso de novo, do começo ao fim?

— Você não?

— Eu preferiria dar à luz. — Ela sorriu do comentário.

— Não, não preferiria.

— Ok, talvez não. Mas todos nós não pertencemos à geração que cresceu com a MTV? Cortes rápidos. Ângulos variados. Mas não: simplesmente filmar em direto, para depois submeter um amigo desavisado ou um membro da família a esse...

A porta abriu-se. No instante em que os dois homens entraram, não tive dúvida de que eram polícias. Ainda que eu não possuísse uma experiência razoável — sou o promotor do condado de Essex, o que inclui a relativamente violenta cidade de Newark —, saberia disso. A TV realmente faz algumas coisas bem-feitas. A maneira como os polícias se vestiam, por exemplo. Pais neste bairro abastado de Ridgewood não se vestem daquele jeito. Não envergamos fatos quando vamos ver os nossos filhos brincarem de ginastas. Usamos calça de veludo cotelê ou jeans e pulôver de decote em vê sobre a camisa. Os sujeitos estavam metidos em fatos marrons mal-ajambrados, que me lembravam lascas de madeira depois da chuva.

Eles não sorriam. Os olhos esquadrinhavam o ambiente. Conheço a maioria dos polícias da área, não aqueles dois. Preocupei-me. Algo não me parecia bem. Embora, claro, soubesse não ter feito nada errado, experimentei um certo nervosismo, do gênero *sou inocente porém sinto-me culpado*.

Minha cunhada, Greta, e o marido, Bob, têm três filhos. A mais

nova, Madison, de seis anos, está na mesma sala da minha Cara. Greta e Bob têm sido de grande ajuda. Após a morte da minha mulher, Jane — irmã de Greta —, eles mudaram-se para Ridgewood. Greta afirma que essa mudança sempre esteve planeada. Duvido. Entretanto, sou-lhes tão agradecido que não questiono muito. Não consigo imaginar como seria sem ambos por perto.

Geralmente os outros pais permanecem no fundo do ginásio também. Contudo, por ser um evento matutino, há poucos homens aqui. As mães — exceto aquela me fuzilando com o olhar, pois escutou o meu discurso — me adoram. De fato, não a mim exatamente, mas à minha história. Jane morreu cinco anos atrás, e crio a minha filha sozinho. Existem outros pais solteiros na cidade, principalmente mães divorciadas, mas recebo tratamento diferenciado. Se me esqueço de escrever um bilhete, ou se me atraso para ir buscar a minha filha, ou se deixo o lanche dela sobre o balcão, as outras mães, ou os funcionários da escola, correm para me acudir e ajudar. Acham o meu desamparo masculino bonitinho. Quando uma mãe solteira faz qualquer uma dessas mesmas coisas, é negligente e merece o desdém dos seus pares.

As crianças continuaram a dar cambalhotas ou tropeçar, dependendo de como você queira interpretar a cena. Observei Cara. Ela estava bastante concentrada e saiu-se bem, apesar das minhas suspeitas de que tenha herdado a falta de coordenação do pai. Algumas garotas da equipa de ginástica artística do colégio, de dezassete, dezoito anos, e já terminando o Ensino Médio, auxiliavam as mais pequenas. Aquela que supervisionara a cambalhota da Cara lembrou-me a minha irmã. Minha irmã, Camille, morreu ainda adolescente, e os mídia nunca me permitem esquecer o fato. Mas talvez seja uma coisa boa.

Ela estaria com trinta e muitos anos agora. Teria, no mínimo, a idade das mães ali presentes. É estranho pensar nisso dessa maneira. Para sempre verei Camille como adolescente. É duro imaginar onde

estaria agora — onde deveria estar, sentada numa daquelas cadeiras, com o sorriso tolo, feliz e preocupado de quem é mãe acima de tudo, filmando o seu próprio rebento sem parar. Pergunto-me como seria ela hoje, porém, novamente, tudo o que vejo é a adolescente que morreu.

Pode parecer que sou um tanto obcecado com a morte. Mas existe uma enorme diferença entre o assassinato da minha irmã e o falecimento prematuro da Jane. A morte da minha irmã levou-me ao meu trabalho e à minha carreira. Posso lutar contra aquela injustiça no tribunal. E faço-o. Tento contribuir para que o mundo seja um lugar mais seguro, tento pôr aqueles que feriram os seus semelhantes atrás das grades, tento proporcionar às outras famílias algo que a minha nunca teve de verdade: um desfecho.

Com a segunda morte — a da minha mulher — senti-me impotente e fracassado. Não importa o que eu faça agora, nunca serei capaz de conseguir as reparações devidas.

A diretora da escola mostrou aquele sorriso de falsa preocupação nos lábios carregados de batom e caminhou na direção dos recém-chegados. Começou a conversar. Entretanto, não recebeu sequer uma olhadela dos polícias. Fiquei atento à expressão de ambos. Quando o polícia mais alto, certamente o líder, pôs os olhos em mim, deteve-se. Por um instante, nenhum de nós se moveu. Então, ele inclinou a cabeça ao de leve, chamando-me para fora daquele refúgio seguro de risadas e saltos. Inclinei a cabeça com igual brevidade.

— Aonde você vai? — indagou Greta.

Não quero parecer indelicado, mas Greta era a irmã feia. As duas se pareciam, Greta e minha adorável mulher falecida. Impossível não perceber o parentesco. Porém, tudo aquilo que funcionava fisicamente na minha Jane não dava muito certo em Greta. Minha mulher tinha um nariz proeminente que, de algum modo, a tornava mais sexy. Greta tem um nariz proeminente que é... bem... grande. Os olhos da minha esposa, separados, conferiam-lhe um encanto exótico.

À Greta, tal distância concede um ar reptiliano.

— Não tenho a certeza.

–Trabalho?

— Pode ser.

Greta fitou os dois prováveis polícias e virou-se para mim.

— Pretendo levar a Madison para almoçar no Friendlys. Você quer que eu leve a Cara?

— Seria ótimo.

— Eu também posso vir buscá-la depois da aula.

— Ajudaria muito — disse.

Greta beijou o meu rosto gentilmente — um gesto raro seu. Rumei para o outro lado do ginásio, o estrépito das risadas infantis me acompanhando. Abri a porta e saí para o corredor. Os polícias seguiram-me. Corredores de escola tampouco mudam. Possuem um eco de casa mal-assombrada, uma espécie de meia quietude e um suave, mas distinto, odor que tanto acalma quanto agita.

— Você é Paul Copeland? — perguntou o mais alto.

— Sim.

Ele lançou uma olhadela para o parceiro mais baixo, um sujeito atarracado, pescoço curto, a cabeça assemelhando-se a um bloco de cimento, a pele grossa acentuando essa ilusão. Dobrando o corredor, surgiu um bando de crianças do quarto ano. Todas esbaforidas, as faces vermelhas. Provavelmente voltando do playground. A fila passou por nós, e a professora, de expressão irritada, brindou-nos com um sorriso forçado.

— Talvez devêssemos conversar lá fora — sugeriu o mais alto. Encolhi os ombros. Não fazia a menor ideia do que se tratava.

Eu tinha o ar "à vontade" dos inocentes e também a experiência de saber que, com polícias, nada é o que parece. Não, não era algo ligado àquele caso importante em que eu estava trabalhando no momento e que ocupava as manchetes dos jornais. Se fosse, teriam telefonado para o meu escritório. E de lá me avisariam pelo telemóvel.

Não, os polícias estavam lá por outro motivo. Um motivo pessoal.

Novamente, eu sabia não ter feito nada errado. Todavia, já cruzei com todos os tipos de suspeitos e testemunhei todas as reações possíveis no exercício da minha profissão. O que aconteceu poderia surpreendê-lo. Por exemplo, quando a polícia mantém um suspeito sob custódia, geralmente tranca-o numa sala de interrogatório durante horas a fio. Você imaginaria que os culpados subiriam pelas paredes, contudo, na maioria das vezes, é o contrário. São os inocentes que ficam ansiosos e nervosos. Não imaginam por que estão ali, ou o que a polícia, erroneamente, pensa que fizeram. Muitas vezes os culpados acabam adormecendo.

Fomos para fora. O sol brilhava. O sujeito mais alto estreitou os olhos e levantou a mão para protegê-los da claridade excessiva. O *Bloco de Cimento* não deu essa satisfação a ninguém.

— Sou o investigador Tucker York — disse o mais alto, mostrando a insígnia. Apontando para o companheiro: — Este é o investigador Don Dillon.

Dillon também mostrou o distintivo. Não sei por que agem assim. Afinal, seria muito difícil arrumar credenciais falsas?

— Em que posso ajudá-los? — ofereci-me.

— Você importa-se de nos dizer onde esteve ontem à noite? — perguntou York.

O alarme deveria ter disparado àquela indagação. Eu deveria, imediatamente, tê-los lembrado de quem eu era e que não responderia a nenhuma pergunta sem a presença de um advogado. Mas sou advogado. Um advogado danado de bom. Entretanto, representar-se a si mesmo só o torna mais tolo, não menos. E, claro, também sou humano. Ao ser abordado pela polícia, qualquer um, mesmo alguém com a minha experiência, quer agradar. É impossível evitá-lo.

— Eu estava em casa.

— Há alguém que possa confirmar isso?

— A minha filha.

York e Dillon lançaram um olhar para a escola.

— Aquela menina dando cambalhotas?

— Sim.

— Alguém mais?

— Acho que não. Do que se trata?

York era quem estava conduzindo a conversa e ignorou a minha pergunta.

— Você conhece um homem chamado Manolo Santiago?

— Não.

— Tem a certeza?

— Mais ou menos.

— Por que só "mais ou menos"?

— Vocês sabem quem sou?

— Sim. — York tossiu por trás da mão fechada em punho.

— Você quer que a gente se ajoelhe, talvez, ou beije o seu anel, ou qualquer coisa do gênero?

— Não foi o que eu quis dizer.

— Ótimo, então estamos em sintonia. — A atitude desagradou-me, porém deixei passar. — Por que você está "mais ou menos" certo de que não conhece Manolo Santiago?

— O nome não me é familiar. Não creio que o conheça. Mas é possível que seja alguém a quem processei, ou uma testemunha num dos meus casos, ou, sei lá, talvez tenhamos sido apresentados num evento de beneficência uns dez anos atrás.

York assentiu, encorajando-me a continuar tagarelando. Não o atendi.

— Você importa-se de vir connosco?

— Para onde?

— Não vai demorar muito.

— Não vai demorar muito não me soa como um lugar.

Os dois polícias se entreolharam. Tentei passar a impressão de

que não cederia.

— Um homem chamado Manolo Santiago foi assassinado ontem à noite.

— Onde?

— Encontramos o corpo em Manhattan. Na área de Washington Heights.

— E o que isso tem a ver comigo?

— Pensamos que talvez você seja capaz de ajudar.

— Ajudar como? Já expliquei. Não o conheço.

— Você disse — York sacudiu o seu bloco de notas, mas apenas para causar efeito, considerando que não anotara nada durante a nossa conversa — que está "mais ou menos" certo de que não o conhece.

— Então, tenho a certeza. Ok? Certeza absoluta. — Ele fechou o bloco com ímpeto exagerado.

— O Sr. Santiago conhecia-o.

— Como você sabe disso?

— Preferiríamos mostrar-lhe.

— E eu preferiria que me dissessem.

— O Sr. Santiago — York hesitou, como se escolhesse as palavras cuidadosamente — tinha certos itens consigo.

— Itens?

— Sim.

— Você poderia ser mais específico?

— Itens que apontam para você.

— Apontam para mim?

— Sim, para você, Sr. Advogado.

Dillon, o *Bloco de Cimento*, finalmente falara.

— Promotor público — corrigi.

— Que seja. — Ele esticou o pescoço, o dedo em riste. — Você realmente está começando a encher-me a paciência.

— Como é que é?

Dillon deu um passo à frente.

— Por acaso parece que estamos aqui para alguma aula de semântica?

Supus que fosse uma pergunta retórica, mas o sujeito aguardou. Por fim, retorqui:

— Não.

— Então preste atenção. Temos um cadáver. O sujeito está ligado a você de uma maneira significativa. Você quer-nos ajudar a esclarecer a coisa ou prefere continuar com esses joguinhos de palavras que só o fazem parecer suspeito?

— Com quem, exatamente, você pensa que está a falar, investigador?

— Com um candidato à promotoria que não desejaria ver-nos levar esse caso diretamente para a imprensa.

— Você está-me ameaçando?

York interveio.

— Ninguém está fazendo nenhuma ameaça.

Mas Dillon disparara um golpe certeiro. Na verdade, a minha indicação para a promotoria ainda era temporária. O meu amigo, o atual governador do Estado, nomeara-me promotor público interino. Também havia rumores sérios sobre a minha candidatura ao Congresso ou mesmo a uma cadeira no Senado. Eu estaria a mentir se afirmasse não alimentar ambições políticas. O lampejo de um escândalo, ainda que irreal, não cairia bem.

— Não consigo ver como posso ajudar — observei.

— Talvez você possa, talvez não. — Dillon girou o bloco. — Mas você quer ajudar se for possível, não?

— Claro. Isto é, não quero a sua paciência mais cheia do que já está.

Ele quase sorriu.

— Então, entre no carro.

— Tenho um encontro importante à tarde.

— Nós o traremos de volta até lá.

Eu esperava um *Chevy Caprice* estropiado, porém o carro era um *Ford* em ótimo estado. Sentei-me no banco de trás, e os meus novos amigos, nos da frente. Não conversamos durante o percurso. O tráfego estava intenso na ponte George Washington, mas ligamos a sirene e avançamos. Ao entrarmos em Manhattan, York comentou:

— Achamos que Manolo Santiago seja um nome falso.

Respondi "*há há*" porque não sabia o que dizer.

— Ainda não temos uma identificação correta da vítima. Nós encontramo-lo ontem à noite. Na carta de condução aparece o nome Manolo Santiago. Verificamos o documento. Não parece ser o nome verdadeiro. Pesquisamos as impressões digitais. Sem sucesso. Ou seja, não sabemos quem ele é.

— E vocês acham que eu vou saber?

Nenhum dos dois se deu ao trabalho de responder. A voz de York soou natural e despreocupada.

— Você é viúvo, correto?

— Correto.

— Deve ser duro. Criar uma criança sozinho.

Nada retorqui.

— Sua esposa teve cancro, ao que nos consta. Você está bastante envolvido com uma organização dedicada a descobrir a cura da doença.

— Ha ha.

— Admirável.

Se eles soubessem.

— Isso deve ser esquisito para você — observou York.

— Como assim?

— Estar no outro lado.

— Habitualmente é você quem faz as perguntas, não quem as responde. Tem que ser um pouco estranho.

Ele sorriu-me pelo espelho retrovisor.

— Ei, York? — disse.

— O quê?

— Você tem um curriculum ou programa? — indaguei.

— O quê?

— Um curriculum — repeti. — Para que eu possa ver o seu nome nos créditos. Antes de você conseguir o cobiçado papel do Polícia Bonzinho.

York riu.

— Só estou a dizer que deve ser esquisito. Você, alguma vez já foi interrogado pela polícia?

Uma pergunta capciosa. Eles tinham que saber. Aos dezoito anos eu tinha trabalhado como orientador num acampamento de Verão. Quatro campistas — Gil Perez e a namorada, Margot Green, Doug Billingham e a namorada, Camille Copeland (também conhecida como minha irmã) — se esgueiraram para a floresta numa certa noite. E nunca mais tornaram a ser vistos.

Apenas dois corpos foram encontrados. Margot Green, dezassete anos, encontrada a uns cem metros da área do acampamento, com a garganta cortada. Doug Billingham, dezassete anos — localizado a uns trezentos metros de distância —, sofrera vários ferimentos com faca, porém a causa da morte também fora garganta cortada. Os corpos dos outros dois — Gil Perez e minha irmã, Camille — jamais haviam sido localizados.

O caso ganhara as manchetes dos jornais. Wayne Steubens, um rapaz rico que trabalhara como orientador, acabara apanhado dois anos depois — após o seu terceiro Verão de horror —, mas não antes de matar pelo menos mais quatro adolescentes. Apelidaram-no de *Talhante do Verão* — uma alcunha demasiadamente óbvia. As duas vítimas seguintes de Wayne foram descobertas perto de um acampamento de escoteiros em Muncie, Indiana.

Outra vítima participava de um daqueles acampamentos recreativo-esportivos em Viena, Virgínia. A última vítima frequentava

um acampamento desportivo em Pocomos. Todas elas enterradas em florestas, algumas antes de morrerem. Sim, enterradas vivas. Levaram um bom tempo até localizarem os corpos. O garoto de Pocomos, por exemplo, demorou seis meses para ser encontrado. A maioria dos especialistas acredita que ainda existam outros lá debaixo da terra, nas profundezas das matas.

Como minha irmã.

Wayne nunca confessou os homicídios e, apesar de haver passado os últimos dezoito anos numa penitenciária de segurança máxima, insiste não ter nada a ver com os quatro assassinatos que desencadearam todo o resto.

Não acredito nele. O fato de que pelo menos dois corpos continuem desaparecidos fomentou especulação e mistério. O que proporcionou mais atenção ao criminoso. Acho que Wayne gosta disso. Porém, aquela incógnita — aquela noção vaga — ainda dói demais.

Eu amava a minha irmã. Todos nós a amávamos. A maior parte das pessoas crê que a morte seja a coisa mais cruel. Não é bem assim. Depois de algum tempo, a esperança é uma amante muito mais abusiva. Quando você convive com ela durante tanto tempo quanto eu, o seu pescoço constantemente no cepo, o machado erguido sobre você durante dias, meses, anos, você anseia que ele caia e corte a sua cabeça logo, de uma vez. A maioria das pessoas pensa que minha mãe fugiu porque Camille foi morta. Porém, a verdade é o contrário. Minha mãe deixou-nos porque nunca pudemos provar isso.

Desejei que Wayne Steubens nos contasse o que havia feito com minha irmã. Não para que lhe déssemos um enterro apropriado, ou algo semelhante. Isso teria sido bom, embora irrelevante. A morte é a destruição pura e avassaladora. Ataca, você fica esmagado, você começa a reconstruir. Entretanto, a incógnita — aquela dúvida, aquela noção vaga — faz a morte agir mais como cupim. Como alguma espécie de germe implacável que o corrói de dentro para fora. Você

não é capaz de estancar a putrefação. Você não pode reconstruir porque aquela dúvida continuará a consumi-lo.

E creio que permaneça assim.

Essa parte da minha vida, por mais que eu queira mantê-la no âmbito privado, sempre foi explorada pelos mídia. Qualquer pesquisa na internet faz aparecer o meu nome ligado ao mistério dos "*Campistas Desaparecidos*", apelido rapidamente popularizado. E a história ainda é mostrada naqueles curriculums sobre "crimes reais" em alguns canais de TV. Eu estava lá naquela noite, naquela floresta. O meu nome é notório. Fui investigado pela polícia. Interrogado. Até considerado suspeito.

Portanto, York e Dillon tinham de saber.

Optei por não responder. E eles não me pressionaram.

Chegando à morgue, conduziram-me por um corredor comprido. Os três em silêncio. Eu não estava muito seguro sobre o que pensar. O que York dissera fazia sentido agora. Eu encontrava-me do outro lado. Assistira a uma infinidade de testemunhas percorrerem trajetos semelhantes a este. Observara todo o tipo de reação na morgue. Os convocados para efetuar uma identificação geralmente começavam com um ar estoico. Não sei bem por quê. Será que se procuravam fortalecer? Ou talvez um resquício de esperança — aquela palavra outra vez — ainda existisse? Não importa, a esperança prontamente desvanece. Nunca cometemos um erro na identificação. Se acreditamos tratar-se de um ente querido, é. A morgue não é um lugar para milagres de última hora. Jamais.

Sabia que os polícias prestavam atenção em mim, estudavam as minhas reações. Tornei-me cônscio dos meus passos, da minha postura, da expressão facial. Concentrei-me em parecer neutro. Então, perguntei-me: por que me dar ao trabalho?

Levaram-me até à janela. Você não entra na sala. Permanece atrás do vidro.

A sala inteiramente revestida de azulejos, para ser

simplesmente lavada à mangueira, dispensa futilidades como decoração ou produtos de limpeza. Todas as macas — exceto uma — estavam vazias. O corpo tinha sido coberto com um lençol, porém podia-se ver a etiqueta dependurada no dedo grande do pé. Eles realmente faziam isso. Olhei o dedo grande saindo para fora do lençol — totalmente estranho. Foi o que pensei. Não reconhecia o dedo grande do sujeito.

A mente faz coisas engraçadas sob stresse.

Uma mulher usando máscara cirúrgica empurrou a maca para perto da janela. Lembrei-me, de entre tudo o que me podia vir à cabeça, do dia em que a minha filha nasceu. Recordo-me do berçário, da janela bastante semelhante a esta, com esquadrias de alumínio formando losangos. A enfermeira, quase com a mesma estatura que a mulher da morgue, empurrara o carrinho com a minha filha para perto da janela. Exatamente assim. Imagino que, normalmente, eu teria percebido certa pungência no fato — o começo da vida e o fim —, mas não hoje.

Ela puxou a parte de cima do lençol. Contemplei o rosto. Todos os olhares estavam em mim, eu sabia-o. O morto deveria ter aproximadamente a minha idade — uns trinta e tantos anos. Tinha barba. A cabeça parecia rapada sob a touca de banho. Um pouco idiota a touca, entretanto havia razões para ser usada.

— Baleado na cabeça? — indaguei.

— Sim.

— Quantas vezes?

— Duas.

— Calibre?

York pigarreou, como que a tentar lembrar-me de que aquele caso não era meu.

— Você conhece-o?

Dei outra olhada.

— Não.

— Tem a certeza?

Ia aquiescer, quando algo me deteve.

— O que foi? — perguntou York.

— Por que estou aqui?

— Nós queríamos constatar se você conhecia...

— Certo. Mas o que os levou a pensar que eu talvez o conhecesse?

Notei York e Dillon a se entreolharem. Dillon encolheu os ombros, e York retomou a conversa.

— Ele tinha o seu morada no bolso. E um maço de recortes de jornal a seu respeito.

— Sou uma figura pública.

— Sim, nós sabemos.

Ele parou de falar. Encarei-o.

— O que mais?

— Os recortes de jornais não eram sobre você. Não exatamente.

— Eram sobre o quê?

— Sobre a sua irmã. Sobre o que aconteceu naquela floresta.

A temperatura da sala caiu dez graus. Mas, puxa, estávamos numa morgue. Esforcei-me para soar indiferente.

— Talvez ele fosse um daqueles malucos fixados em crimes. Existem muitos desse tipo.

O polícia hesitou. Vi-o trocar um olhar com o parceiro.

— O que mais? — insisti.

— O que você quer dizer?

— O que mais ele trazia?

York virou-se para um subordinado, cuja presença eu nem sequer percebera.

— Podemos mostrar ao Sr. Copeland os objetos pessoais da vítima?

Mantive os olhos fixos no rosto do morto. Tentei ignorar as

cicatrizes de acne e as rugas. Eu não o conhecia. Manolo Santiago era um estranho para mim.

Alguém esvaziou o conteúdo de uma pasta plástica vermelha sobre uma mesa. Calça jeans, camisa de flanela, uma carteira e telemóvel.

— Vocês verificaram o telemóvel? — indaguei.

— Sim. É um aparelho descartável. Sem nada gravado.

Desviei o olhar do rosto do morto e caminhei até à mesa. Minhas pernas tremiam.

Havia vários recortes de jornais dobrados. Cuidadosamente desdobrei um deles. A reportagem da Newsweek, com fotos dos quatro adolescentes assassinados — as primeiras vítimas do *Talhante do Verão*. Eles sempre começavam com Margot Green, porque o corpo dela tinha sido rapidamente encontrado. Fora necessário mais um dia para localizarem Doug Billingham. Entretanto, o verdadeiro interesse girava à volta dos outros dois. Sangue e roupas rasgadas pertencentes a Gil Perez e à minha irmã tinham sido encontrados — mas não os corpos.

Por que não?

Simples. A mata era densa. Wayne Steubens escondera-os bem. Mas algumas pessoas, aquelas que adoram uma boa conspiração, não engoliram isso. Por que só aqueles outros dois não haviam sido encontrados? Como Steubens poderia ter movido e enterrado os corpos tão depressa? Com o auxílio de um cúmplice? Como conseguira? Em primeiro lugar, o que aqueles quatro estavam a fazer na floresta?

Mesmo hoje, dezoito anos depois da prisão de Wayne, as pessoas falam sobre a existência de "*fantasmas*" naquela mata — ou talvez sejam membros de um culto secreto vivendo numa cabana abandonada, ou doentes mentais que fugiram do manicômio, ou homens com ganchos no lugar de mãos, ou experiências médicas bizarras que deram errado. Falam do bicho-papão, sobre como

encontraram os restos fumegantes da fogueira, rodeada dos ossos das crianças que ele devorara. Falam sobre como, à noite, ainda podem ouvir Gil Perez e minha irmã, Camille, uivarem, pedindo vingança.

Passei muitas noites lá, sozinho entre aquelas árvores. Jamais escutei alguém uivar.

Meus olhos percorreram as fotografias de Margot Green e de Doug Billingham e pousaram sobre a da minha irmã. Eu vira esse mesmo retrato milhões de vezes. Os mídia adoravam-no, porque minha irmã parecia maravilhosamente normal. Ela personificava a garota da casa ao lado, a *baby-sitter* favorita, a adolescente doce que morava no fim do quarteirão. Essa, absolutamente, não era a Camille. Minha irmã sempre fora travessa, de olhos vivazes e um sorriso imprudente que derrubava os meninos. Essa fotografia não lhe fazia jus. Camille era mais do que isso. E talvez fora o que lhe custara a vida.

Eu estava a ponto de passar para a última foto, a de Gil Perez, quando algo me deteve.

O meu coração parou.

Sei que soa melodramático, mas aconteceu assim. Olhei para o punhado de moedas tiradas do bolso de Manolo Santiago e vi o objeto. Foi como se uma mão varasse o meu peito e apertasse o meu coração com tanta força que ele já não podia mais bater.

Dei um passo para trás.

— Sr. Copeland?

Os meus dedos moveram-se como se agissem por conta própria. Observei-os pegarem o objeto e erguerem-no à altura dos meus olhos.

Um anel. Um anel feminino.

Olhei para o retrato de Gil Perez, o menino que fora assassinado com a minha irmã na mata. Voltei vinte anos no tempo. E lembrei-me da cicatriz.

— Sr. Copeland?

— Mostrem-me o braço dele — pedi.

— Como é que é?

— O braço dele. — Virei-me para a janela e apontei o cadáver. — Mostrem-me o maldito braço dele.

York sinalizou para Dillon, que apertou o botão do intercomunicador.

— Ele quer ver o braço do sujeito.

— Qual? — indagou a mulher na morgue.

Os polícias fitaram-me.

— Não sei — disse. — Os dois, acho.

Apesar de todos parecerem intrigados, a mulher obedeceu e puxou o lençol.

Ele estava mais corpulento, ganhara pelo menos uns quinze quilos desde aquela época. Peito peludo. Porém, isso não me surpreendia. Ele mudara. Todos nós havíamos mudado. Entretanto, não eram essas mudanças que eu procurava. Olhava para o braço, para a cicatriz disforme.

Ela estava lá.

No braço esquerdo. Não arquejei nem tive qualquer outra reação. Era como se parte da minha realidade me tivesse sido arrancada e eu estivesse por demais entorpecido para fazer qualquer coisa a respeito. Simplesmente fiquei lá, plantado.

— Sr. Copeland?

— Eu conheço-o — afirmei.

— Quem é ele?

Apontei para a fotografia na revista.

— Ele chama-se Gil Perez.

Capítulo 2

Houve uma época em que a professora Lucy Gold, PHD. em inglês e psicologia, amara as horas de expediente.

Era a oportunidade de conversar com cada um dos alunos e realmente conhecê-los. Adorava quando aqueles quietos, que se sentavam no fundo da sala, de cabeça baixa, tomando notas como se fosse um ditado, aqueles que usavam os cabelos caídos no rosto como uma cortina protetora, chegavam à sua porta, erguiam os olhos e contavam-lhe o que estava nos seus corações.

Porém quase sempre, como agora, os estudantes que apareciam não passavam de bajuladores. Achavam que a nota dependeria exclusivamente de um aparente entusiasmo; que, quanto mais tempo gastassem ali, conversando, mais alta a média, como se ser extrovertido já não fosse suficientemente recompensado neste país.

— Professora Gold — disse Sylvia Potter. Lucy imaginou-a um pouco mais jovem, no colégio. Provavelmente fora o tipo irritante que chegava em dia de prova choramingando, dizendo não saber nada, e, então, era a primeira a terminar e, convencida de que tiraria dez, usava o resto do tempo para resolver exercícios de reforço no caderno.

— Sim, Sylvia?

— Quando a senhora estava lendo aquele trecho de Yeats na aula hoje, fiquei tão emocionada. Entre a contemporaneidade das palavras e o modo como a senhora consegue usar a sua voz, sabe, como uma atriz profissional...

Por pouco, Lucy Gold não retorquiu: "Faça-me um favor — simplesmente traga-me uma caixa de bombons". Mas apenas conservou o sorriso nos lábios. Uma obrigação nada fácil. Deu uma olhada no relógio e, depois, sentiu-se péssima. Sylvia não passava de uma aluna a tentar fazer o melhor possível. Só isso. Todos nós

buscamos a nossa própria maneira de lidar com as coisas, de nos adaptar, de sobreviver. O jeito de Sylvia provavelmente se revelaria mais sensato e menos autodestrutivo do que o da maioria.

— Adorei escrever aquela redação em tom confessional também.

— Fico satisfeita.

— A minha falava de... bem, da minha primeira vez, se a senhora me entende...

Lucy assentiu.

— Estamos mantendo o material confidencial e anônimo, lembra-se?

— Ah, certo. — Ela baixou o olhar. Lucy estranhou. Sylvia nunca baixava os olhos.

— Talvez, depois de eu terminar de ler todos os trabalhos, se você quiser, poderemos conversar sobre o seu. Em particular.

A garota continuou de cabeça baixa.

— Sylvia?

— Ok — Voz suave, quase inaudível.

O expediente estava encerrado. Lucy queria ir para casa. Todavia, tentou não parecer desanimada ao indagar:

— Você quer conversar sobre isso agora?

— Não. — Ainda de cabeça baixa.

— Ok — Lucy consultou o relógio de forma ostensiva. — Tenho uma reunião do corpo docente dentro de dez minutos.

Sylvia levantou-se.

— Obrigada por me receber.

— O prazer foi meu, Sylvia.

A estudante parecia querer falar mais alguma coisa. Porém, não o fez. Dali a cinco minutos, Lucy estava em pé junto à janela, olhando para fora. Sylvia saiu pela porta, secou o rosto, ergueu a cabeça, forçou um sorriso. E começou a atravessar o campus. Lucy observou-a a acenar para os colegas, encontrar-se com um grupo e

misturar-se com os outros até se tornar uma parte indistinta da multidão.

A professora afastou-se da janela. Notou o seu reflexo no espelho e não gostou do que viu. Aquela menina estivera pedindo ajuda?

Provavelmente, Lucy, e você não a atendeu. Bom trabalho, doutora.

Sentou-se à escrivaninha e entreabriu a última gaveta. O vodca estava lá. Vodca é bom. Não deixa cheiro.

A porta do escritório abriu-se. Entrou um sujeito de cabelos compridos e pretos, metidos atrás das orelhas adornadas com vários brincos. Barba por fazer em estilo modernista, bonito, tipo garotão maduro. Piercing de prata no queixo, um visual que sempre o prejudicava, calça de cós baixo, o cinto de tachas mal as segurando no lugar. E uma tatuagem no pescoço com os dizeres "*Acasale frequentemente*".

— Você — disparou o fulano, lançando-lhe o seu melhor sorriso — parece altamente comestível.

— Obrigada, Lonnie.

— Estou a falar a sério. Altamente comestível.

Lonnie Berger era o seu professor assistente, apesar de terem a mesma idade. Vivia permanentemente preso naquela armadilha educacional, sempre atrás de um novo diploma, agarrado ao campus, as linhas reveladoras da idade ao redor dos olhos. Lonnie estava ficando cansado daquela idiotice de patrulhamento sexual na universidade, portanto resolvera ampliar as suas fronteiras e dar em cima de toda a mulher que visse pela frente.

— Você deveria usar algo que mostre mais o colo, talvez um daqueles novos sutiãs que levantam os seios — continuou Lonnie. — Poderia incentivar os rapazes a prestarem mais atenção às aulas.

— É, é isso mesmo o que eu quero.

— Sério, chefe, quando foi a última vez que você transou?

— Faz oito meses, seis dias e mais ou menos — Lucy olhou o relógio — quatro horas.

Ele riu. — Você está-se divertindo às minhas custas, certo?

Ela limitou-se a encará-lo.

— Imprimi as redações — anunciou Lonnie.

Os textos confidenciais, anônimos.

Lucy Gold estava ministrando um curso que a universidade baptizara de *Raciocínio Criativo*, uma combinação vanguardista de trauma psicológico com redação criativa e filosofia. Verdade fosse dita, ela adorava a coisa. Projecto atual: cada aluno escreveria sobre um evento traumático da sua vida — algo que, normalmente, não partilhariam com ninguém. Nenhum nome deveria ser citado. Notas não seriam dadas. Se o estudante anônimo desse permissão inscrita na página, Lucy poderia ler algum trecho em voz alta para discussão na classe — mas sempre mantendo o anonimato do autor.

— Você já começou a leitura? — indagou Lucy.

Lonnie assentiu e sentou-se na cadeira que Sylvia ocupara minutos atrás. Jogou os pés sobre a escrivaninha.

— O habitual.

— Erotismo de má qualidade?

— Eu chamaria mais de pornografia leve.

— Qual a diferença?

— Sei lá eu. Já lhe falei sobre a minha nova garota?

— Não.

— Deliciosa.

— Há há.

— Estou a falar a sério. Uma empregada. O rabo mais fogoso com quem já saí.

— E eu quero escutar isso por quê?

— Ciúmes?

— É — respondeu Lucy. — Deve ser. Dê-me as redações, ok?

Lonnie entregou-lhe algumas. Os dois puseram-se a folhear o

material. Cinco minutos depois, Lonnie meneou a cabeça.

— O que foi? — perguntou Lucy.

— Quantos anos têm esses garotos? Vinte, talvez?

— Sim.

— E escapadas sexuais deles duram sempre umas duas horas?

Lucy sorriu. — Imaginação fértil.

— Os garotos aguentavam tanto tempo assim quando você era jovem?

— Não aguentam mais agora. — disse ela.

Lonnie arqueou uma sobrancelha.

— É porque você é uma mulher tão gostosa. Eles não são capazes de se controlar. A culpa é sua.

— Hum. — Ela bateu a ponta do lápis contra o lábio inferior. — Não foi a primeira vez que você usou essa frase, não é?

— Você acha que eu preciso de uma nova? Que tal: isso nunca aconteceu comigo antes, juro?

Lucy imitou o som de uma campainha.

— Desculpe, tente outra vez.

— Droga.

Ambos retomaram a leitura. Lonnie assobiou baixinho e meneou a cabeça.

— Talvez nós apenas tenhamos crescido na era errada.

— Sem dúvida.

— Lucy? — Ele olhou por cima da folha de papel. — Você realmente precisa transar.

— Há há.

— Só estou querendo. Sem nenhum compromisso.

— E a Sra. *Empregada Deliciosa*?

— Não somos exclusivos.

— Percebo.

— Portanto, o que estou sugerindo é meramente uma coisa física. Um desentupimento dos canos mútuo, se você me entende.

— Psiu, estou lendo.

Ele entendeu o recado. Meia hora depois, Lonnie inclinou o corpo para a frente e fitou-a.

— O que foi?

— Leia esta aqui — disse ele.

— Por quê?

— Leia.

Lucy encolheu os ombros, pôs de lado o texto com que se ocupava. Mais uma história sobre uma menina que se embebedara na companhia do novo namorado e acabara num *ménage à trois*. Lucy lera muitas histórias de sexo a três. Nenhuma parecera haver acontecido sem o envolvimento de álcool.

Minutos depois, esqueceu-se de tudo isso. Esqueceu que morava sozinha, que, na realidade, não lhe restara uma família, que era professora universitária, que se encontrava no escritório com uma vista panorâmica do campus, que Lonnie continuava sentado à sua frente. Lucy Gold se fora. E, no seu lugar, surgira uma jovem. Na verdade, uma garota, com um nome diferente, uma garota à beira da maioridade, porém ainda menina:

Aconteceu quando eu tinha dezassete anos. Estava no acampamento de Verão. Trabalhava lá como OT — Orientadora de Treino. Não fora difícil para mim conseguir o trabalho porque meu pai era dono do lugar...

Lucy parou. Olhou a primeira página. Nenhum nome, claro. Os estudantes mandavam as redações por e-mail, de moradas fictícios criados para essa tarefa. Lonnie imprimia-as. Supostamente, não devia existir nenhuma maneira de saber quem enviara o quê. Parte do conforto da coisa. Você nem sequer se arriscava a ter as impressões digitais no papel. Pressionava, anonimamente, a tecla 'Enviar'.

Foi o melhor Verão de minha vida. Pelo menos até aquela noite. Mesmo agora, sei que nunca tornarei a viver uma época como aquela. Esquisito, não é? Mas eu sei. Sei que nunca, jamais, serei tão

feliz assim de novo. Jamais. Meu sorriso é diferente agora. É mais triste, como se estivesse estilhaçado e não pudesse ser consertado.

Amei um garoto naquele Verão. Vou chamá-lo de P nesta história. Um ano mais velho que eu e orientador júnior. Toda a família dele estava no acampamento. A irmã trabalhava lá e o pai era o médico do acampamento. Mas eu mal os notava porque, no instante em que conheci P, senti o coração disparar.

Sei o que está você a pensar. Que foi apenas um romance idiota de Verão. Porém não foi isso. E agora estou apavorada, com medo de nunca amar alguém como o amei. Parece algo estúpido. É o que todo mundo pensa. Talvez as pessoas estejam certas. Não sei. Ainda sou tão nova... Mas não é essa a sensação que experimento agora. Parece que tive uma hipótese de encontrar a felicidade e desperdicei-a.

Abriu-se um buraco na alma de Lucy, que começou a expandir-se.

Uma noite, embrenhamo-nos na floresta. Algo que não deveríamos fazer. Havia regras rígidas sobre isso. Ninguém conhecia essas regras melhor que eu. Afinal, passava os meus verões ali desde os nove anos, quando o meu pai comprou o acampamento. Mas P estava no turno da "noite". E, sendo o meu pai dono do acampamento, eu tinha acesso livre. Inteligente, não? Dois adolescentes apaixonados encarregados de vigiar os outros campistas? Dá um tempo!

Ele não queria ir porque achava que deveria continuar de sentinela, mas, caramba, eu sabia como atrair P. Agora me arrependo, claro. Mas fiz isso. Fomos até a mata, só nós dois. Sozinhos. A mata era imensa. Se você fizesse a curva errada, poderia ficar perdido para sempre. Escutara histórias sobre crianças que entraram ali e nunca voltaram. Alguns dizem que ainda vagueiam por lá, vivendo como animais. Outros dizem que morreram, ou algo pior. Bem, você sabe como são as histórias ao redor de fogueiras...

Costumara rir dessas histórias. Nunca ficava com medo. Agora tremo só de pensar.

Continuamos andando. Eu conhecia o caminho. P segurava a

minha mão. A mata era escura. Não era possível enxergar mais de dez passos à frente. Ouvimos um ruído sussurrante e percebemos que havia alguém ali. Gelei, mas lembro-me de P sorrindo na escuridão e mexendo a cabeça de um jeito engraçado. Entenda, o único motivo que fazia os campistas se encontrarem na mata era, bem, porque se tratava de um acampamento misto. Havia meninos de um lado e meninas de outro, separados por uma fileira de vegetação. Você já entendeu.

P suspirou. "Acho melhor irmos dar uma olhada", disse ele. Ou algo parecido. Não me recordo das palavras exatas.

Mas eu não queria ir. Queria ficar sozinha com ele.

Minha lanterna estava sem bateria. Ainda me lembro de como o meu coração batia depressa ao nos aventurarmos pelo meio das árvores. Lá estava eu, no escuro, de mãos dadas com o garoto a quem amava. Se ele me tocasse, eu derreteria. Você conhece essa sensação? Quando não consegue ficar longe do namorado por meros cinco minutos. Quando tudo gira à volta dele. Você faz uma coisa, qualquer coisa, e pergunta a si mesma: o que ele ia achar disso? É uma sensação esquisita. É maravilhosa, mas também dói. Você fica tão vulnerável, em carne viva, o que é assustador.

"Psiu", sussurrou ele. "Pare um pouco."

Nós paramos.

Puxou-me para trás de uma árvore. Segurou meu o rosto com as mãos. Ele tem mãos grandes, e adoro o contato delas. Ergueu o meu rosto ao de leve e beijou-me. Senti o beijo por todo o meu corpo, um estremecimento que começou no centro do meu coração e se espalhou. Ele afastou as mãos da minha face, pousou-as sobre as minhas costelas, perto dos meus seios. Já antecipando o que vai acontecer, deixo escapar um gemido profundo.

Continuamos a nos beijar. Apaixonadamente. Não conseguíamos descolar os nossos corpos o suficiente. Cada fibra do meu ser estava em fogo. Ele deslizou a mão sob a minha camiseta.

Não direi mais nada sobre isso. Esqueci o ruído sussurrante. Mas agora eu sei. Deveríamos ter chamado alguém. Deveríamos tê-los impedido de se embrenharem na mata. Mas não o fizemos. Em vez disso, nós nos amamos.

Eu estava tão perdida connosco, naquilo que estávamos a fazer, que nem ouvi os gritos. E creio que P também não os escutou.

Entretanto, os gritos continuaram. Você sabe como as pessoas descrevem uma experiência de quase-morte? Foi assim, só que ao contrário. Era como se nós dois estivéssemos rumando para alguma luz maravilhosa e os gritos fossem como uma corda que tentava nos puxar de volta.

Ele parou de me beijar. E essa foi uma coisa terrível.

Ele nunca mais tornou a beijar-me.

Lucy virou a página. Não havia mais nada. Levantou a cabeça de chofre. — Onde está o resto?

— É só isso. Você os mandou entregar em partes, está lembrada?

Ela voltou a folhear o material.

— Você está bem, Lucy?

— Você é bom com computadores, não é, Lonnie?

Ele ergueu a sobrancelha. — Sou melhor com as damas.

— Eu pareço estar com disposição para isso?

— Ok, ok. Sim, sou bom com computadores. Por quê?

— Preciso descobrir quem escreveu isso.

— Mas...

— Eu preciso — repetiu Lucy — descobrir quem escreveu isso.

Os dois se fitaram. Lonnie estudou-lhe o rosto por um segundo. Ela sabia o que ele queria dizer. Estariam a trair tudo a que se dedicavam ali. Ao longo daquele ano, haviam lido as histórias mais horríveis, uma até sobre incesto entre pai e filha. E jamais tinham tentado descobrir a autora.

— Você quer-me contar o que está acontecendo? — perguntou

Lonnie.

— Não.

— Mas você quer que eu quebre todo o clima de confiança que estabelecemos aqui?

— Sim.

— A coisa é tão ruim assim?

Lucy limitou-se a encará-lo.

— Ah, que droga. Verei o que posso fazer.

Capítulo 3

— Estou-lhes dizendo — tornei a falar. — É Gil Perez.

— O rapaz que morreu com sua irmã vinte anos atrás.

— Obviamente — retorqui —, ele não morreu.

Não sei se eles acreditaram em mim.

— Talvez esse seja o irmão dele — ensaiou York.

— Com o anel da minha irmã?

— Aquele anel não é incomum — interveio Dillon. — Há vinte anos, esses anéis estavam na moda. Acho que minha irmã tinha um. Ganhou no aniversário dos dezesseis anos, acho. O anel da sua irmã tinha alguma gravação?

— Não.

— Então não sabemos com certeza a quem pertencia.

Conversamos mais um pouco, porém não havia muito que eu pudesse acrescentar. Realmente não sabia de nada. Entrariam em contato comigo, afirmaram. Localizariam a família de Gil Perez, tentariam obter uma identificação positiva. Eu não sabia o que fazer. Sentia-me perdido, entorpecido e confuso.

O meu telemóvel estava enlouquecido. Atrasara-me para uma reunião com a equipa de defesa do maior caso da minha carreira.

Dois universitários ricos, ambos jogadores de tênis, moradores do elegante bairro Short Hills, estavam a ser acusados de estuprar uma garota negra de dezasseis anos, residente em Irvington, chamada — o nome não ajudava — Chamique Johnson. O julgamento tivera início, entrara em intervalo, e agora eu esperava chegar a um acordo sobre o tempo de prisão antes de termos de recomeçar.

Os polícias deram-me boleia até ao meu escritório em Newark. Eu não tinha dúvidas de que os advogados de defesa interpretariam o meu atraso como uma manobra, entretanto não havia muito a fazer a

esse respeito. Ao entrar no escritório, já os encontrei sentados.

Um deles, Mort Pubin, levantou-se e pôs-se a berrar. — Seu filho-da-mãe! Você sabe que horas são? Sabe?

— Mort, você perdeu peso?

— Não venha com essa treta para cima de mim.

— Espere, não, não é isso. Você está mais alto, certo? Você cresceu. Como um menino de verdade.

— Vai-te lixar, Cope. Estamos sentados aqui faz uma hora!

O outro advogado, Flair Hickory, manteve-se impassível, de pernas cruzadas, como se não tivesse uma única preocupação na vida. Era em Flair que eu prestava atenção. Mort não passava de uma criatura barulhenta, detestável e pomposa. Flair, porém, sempre fora o advogado de defesa a quem eu mais temia como a nenhum outro. Ele não se adequava ao que alguém esperaria. Em primeiro lugar, Flair — o sujeito jurava ser esse o seu nome verdadeiro, embora eu tivesse as minhas dúvidas — era gay. Ok, isso não é grande coisa. Há uma abundância de advogados gays. Mas Flair era gay gay, como se fosse o filho ilegítimo de Liberace e Liza Minnelli, criado ao som de Barbra Streisand e canções de musicais.

Flair não minimizava essas caraterísticas no tribunal. Pelo contrário: intencionalmente acentuava-as.

Ele permitiu Mort arengar por mais um ou dois minutos. Curvou os dedos, inspecionou as unhas. Pareceu satisfeito com o serviço da manicure. Então, levantou a mão e silenciou o colega com um aceno esvoaçante.

— Basta — disse.

Ele vestia um fato cor de violeta. Ou talvez fosse berinjela, ou talvez azulado, ou uma tonalidade semelhante. Não sou muito bom com cores. A camisa era da mesma cor do fato. E também a gravata larga. E o lenço de bolso. E — meu Deus — os sapatos. Flair reparou que eu reparava nas roupas dele.

— Você gosta? — perguntou-me.

— Barney une-se ao Village People. — disse.

Flair olhou-me com desdém.

— O que foi?

— Barney, Village People — comentou ele, franzindo os lábios. — Você não seria capaz de citar duas referências pop menos datadas e surradas?

— Eu ia dizer aquele *Teletubby* roxo, mas não consigo lembrar-me do seu nome.

— Tinky Winky. E também é datado. — Flair cruzou os braços e suspirou. — Então, agora que estamos todos reunidos neste escritório claramente decorado por um hétero, podemos simplesmente acabar logo com isso?

Encarei-o. — Os seus clientes são culpados, Flair.

Ele não o negaria. — Você pretende mesmo convocar aquela stripper-pro-prostituta louca para depor?

Eu a defenderia, mas o fato não era nenhuma novidade. — Claro que sim.

Flair esforçou-se para não sorrir. — Vou destruí-la.

Não disse nada.

Ele fá-lo-ia. Eu sabia-o. E havia um detalhe: Flair podia destroçá-lo no tribunal e, mesmo assim, você continuaria a gostar dele. Eu já o vi causar esse efeito antes. Supondo que pelo menos alguns membros do júri teriam tendências homofóbicas, seria de esperar que esses o odiariam, ou o temeriam. Mas não funcionava assim com Flair. Os jurados do sexo feminino desejavam sair com ele para fazer compras e contar-lhe sobre os defeitos dos maridos. Os do sexo masculino achavam-no tão pouco ameaçador que de jeito nenhum o acreditavam capaz de fazê-los engolir qualquer coisa.

O que contribuía para uma defesa mortífera.

— Está a olhar para quê? — disse.

Flair sorriu. — Nervoso, Cope?

— Espero apenas poder poupar uma vítima de violação da sua

intimidação.

— Moi? — Flair pôs a mão no peito. — Estou sendo insultado.

Fitei-o. Neste momento, a porta abriu-se. Loren Muse, minha investigadora chefe, entrou. Muse tinha 35 anos, pouco menos da minha idade, e trabalhara como investigadora de homicídios sob o comando do meu antecessor, Ed Steinberg.

Muse sentou-se sem uma palavra ou mesmo um aceno.

Voltei-me novamente para Flair. — O que você quer? — tornei a perguntar.

— Para começar, quero que a Sra. Chamique Johnson peça desculpas por arruinar a reputação de dois bons e honrados rapazes.

Encarei-o um pouco mais.

— Todavia, contentar-nos-emos com uma anulação imediata de todas as acusações.

— Vá sonhando.

— Cope, Cope, Cope. — Flair meneou a cabeça, com ar de desaprovação.

— Eu disse não.

— Você é adorável quando fica todo machão. Mas você já sabe disso, não é? — Flair olhou para Loren Muse. Uma expressão chocada toldou-lhe as faces. — Ai, Jesus! O que você está vestindo?

Muse endireitou-se na cadeira. — O quê?

— As suas roupas. É como um novo reality show na TV: *Quando as Polícias se arrumam elas próprias*. E esses sapatos...

— São práticos — devolveu Muse.

— Querida, regra número um da moda: as palavras *sapatos* e *práticos* nunca deveriam estar na mesma frase. — Sem piscar um olho, Flair virou-se para mim. — Os nossos clientes admitem má conduta e você concede-lhes provações.

— Não.

— Posso apenas dizer-lhe duas palavras?

— Essas duas palavras não seriam sapatos e práticos, não é?

— Não. Receio que seja algo muito mais pavoroso para você: Cal e Jim.

Ele fez uma pausa. Lancei uma olhada para Muse. Ela remexeu-se na cadeira.

— Esses dois nomezinhos — Flair continuou, a voz cadenciada. — Cal e Jim. Música para os meus ouvidos. Você sabe o que estou a dizer, Cope?

Não mordi a isca.

— No depoimento da sua alegada vítima... Você leu o depoimento dela, não leu? No seu depoimento, a Sra. Chamique Johnson afirma claramente que os violadores se chamavam Cal e Jim.

— Isso não significa nada.

— Bem, veja, querido... E tente prestar atenção, porque acho que poderia ser muito importante para o seu caso. Os nossos clientes chamam-se Barry Marantz e Edward Jenrette. Não Cale e Jim. Barry e Edward. Repita alto, comigo. Vamos, você pode fazer isso. Barry e Edward. Agora, esses dois nomes soam minimamente parecidos com Cal e Jim?

Mort Pubin encarregou-se de responder. Sorrindo, falou: — Não, não soam não, Flair.

Continuei em silêncio.

— E, veja bem, esse era o depoimento da sua vítima — prosseguiu Flair. — É realmente tão maravilhoso, você não acha? Um momento, deixe-me terminar. Eu simplesmente adoro ler o trecho. Mort, você tem-no aí? Espere, aqui está. — Flair tinha colocado os óculos de leitura de meia lente. Então, pigarreou e mudou o tom de voz. — "Os dois rapazes que fizeram isso. Os nomes deles são Cal e Jim."

Ele abaixou a folha de papel e olhou por sobre as lentes, como que esperando aplausos.

— O sêmen de Barry Marantz foi encontrado dentro dela — disse.

— Ah, sim, mas o jovem Barry... um rapaz bonito, a propósito, e nós dois sabemos que isso importa... admite ter feito sexo consensual mais cedo naquela noite com a sua ávida e jovem Sra. Johnson. Todos nós sabemos que Chamique esteve na república de estudantes. Isso não está em discussão, está?

Apesar do meu desagrado, respondi:

— Não, não está em discussão.

— De fato, ambos concordamos que Chamique Johnson tinha trabalhado lá na semana anterior, como *stripper*.

— Dançarina exótica — corrigi-o.

Flair apenas me fitou. — E, então, ela voltou. Sem o benefício de recebimento de dinheiro. Podemos estar de acordo sobre isso também, certo? — Ele não se deu ao trabalho de esperar que eu respondesse. — E posso arrumar cinco, seis testemunhas, de que ela estava agindo de uma maneira muito amigável com Barry. Ora, Cope. Você já viu esse filme antes. Ela é uma *stripper*. Menor de idade. Esgueirou-se numa festa universitária. Transou com um rapaz bonito e rico. Ele a dispensou, ou não telefonou, ou sei lá o quê. Ela ficou chateada.

— E cheia de escoriações — retorqui.

Mort bateu na mesa com um punho que parecia um presunto. — Ela só quer faturar mais.

— Agora não, Mort — disse Flair.

— Dane-se. Todos nós conhecemos o jogo. Ela está indo atrás dos rapazes porque eles estão cheios de dinheiro. — Mort lançou-me o seu olhar mais duro. — Você sabe que a prostituta tem ficha policial. A Chamique — ele esticou o nome de um jeito debochado que me irritou — também já arrumou um advogado. Vão tentar limpar os rapazes. Isso é só um gordo pagamento para aquela vaca. Só isso. Um gordo e maldito pagamento.

— Mort? — disse.

— O quê?

— Quietinho, que os adultos estão conversando agora.

Mort rosnou. — Você não é melhor, Cope.

Aguardei.

— Você só os está processando porque eles são ricos. E você sabe disso. Você também está encenando aquela idiotice de rico-versus-pobre nos mídia. Não finja que não está. Você sabe o que fede? O que realmente me enche a paciência?

Eu tinha enchido a paciência de alguém pela manhã e agora enchera a paciência de outro. Grande dia para mim.

— Diga-me, Mort.

— Isso é aceite na nossa sociedade. — disse.

— O quê?

— Odiar gente rica. — Mort levou as mãos ao alto, ultrajado.— Você escuta isso o tempo todo. "Eu odeio-o, ele é rico." Veja Enron e aqueles outros escândalos. Agora tornou-se um preconceito encorajador: odiar gente rica. Se alguma vez eu dissesse "Ei, odeio gente pobre", seria enforcado. Mas xingar os ricos? Bem, você tem liberdade de o dizer. É permitido a todo mundo odiar os ricos.

Encarei-o. — Talvez eles devessem formar um grupo de apoio.

— Vá para o inferno, Cope.

— Não, estou a falar a sério. Trump, os caras da Halliburton. O mundo não tem sido justo com eles. Um grupo de apoio. É o que deveriam criar. Talvez uma maratona televisiva para arrecadação de fundos, ou algo assim.

Flair Hickory levantou-se. Teatralmente, claro. Quase esperei que fizesse uma vênia.

— Acho que terminamos por aqui. Vejo você amanhã, bonitão. E você... — ele olhou para Loren Muse, abriu a boca, fechou-a, estremeceu.

— Flair?

O advogado virou-se para mim.

— Essa coisa de Cal e Jim apenas prova que ela está a falar

verdade.

Flair sorriu.

— Como assim, exatamente?

— Os seus rapazes são inteligentes. Eles trataram-se por Cal e Jim para que ela os chamasse assim.

Ele levantou uma sobrancelha. — Você acha que isso vai resultar?

— Por que ela diria isso, Flair?

— Como é que é?

— Se a Chamique queria armar uma cilada para os seus clientes, por que não usaria os nomes verdadeiros deles? Por que inventaria todo aquele diálogo com Cal e Jim? Você leu o depoimento. "Vire-a assim, Cal." "Faça-a curvar-se, Jim." "Uau, Cal, a cadela está adorando isso." Por que a Chamique inventaria tudo isso?

Mort prontificou-se a responder. — Porque ela é uma prostituta com fome de dinheiro mais estúpida que esterco?

Entretanto, percebi que meu argumento atingira Flair.

— Não faz sentido — disse-lhe.

Flair inclinou-se para mim. — Esse é o busílis da questão, Cope: não há necessidade de fazer sentido. Você sabe disso. Talvez você esteja certo. Talvez não faça sentido. Porém, veja, isso leva à confusão. E a confusão é louca pelo meu lado de mau caminho favorito, o Sr. *Dúvida Razoável*. — Ele sorriu. — Você pode até ter algumas evidências físicas. Mas, bem, ponha aquela garota para depor, e não me vou segurar. Será tiro e queda. Nós dois sabemos disso.

Flair e Mort dirigiram-se para a porta.

— Adeuzinho, meu amigo. Vejo-o no tribunal.

Capítulo 4

Muse e eu ficamos em silêncio durante alguns instantes.

Cal e Jim. Os nomes tiraram-nos o entusiasmo.

A posição de investigador chefe costumava ser ocupada por algum profissional de carreira do sexo masculino, um sujeito ranzinza, levemente desgastado pelo que vira ao longo dos anos, com uma barriga grande, um suspiro pesado e um casaco surrado. Seria função daquele homem guiar o ingênuo promotor público, um indicado político como eu, por entre os meandros do sistema legal do condado de Essex.

Loren Muse tinha, quando muito, um metro e sessenta de altura e não pesava cinquenta quilos. O fato de eu tê-la escolhido para o cargo provocara alguma agitação desagradável entre os veteranos, mas eis um preconceito meu: prefiro contratar mulheres solteiras de uma certa idade. Elas trabalham duro e são mais leais. Eu sei, eu sei, porém tenho-me certificado da verdade disso na maioria dos casos. Você encontra uma mulher solteira acima de, digamos, 33, e ela vive para a carreira. Dedica-lhe mais horas e devoção do que aquilo de que as casadas com filhos seriam capazes.

Para ser justo, Muse era também uma investigadora incrivelmente talentosa. Eu gostava de conversar com ela sobre as coisas. Neste exato momento, Muse olhava para o chão.

— No que está você a pensar? — perguntei-lhe.

— Estes sapatos são mesmo tão feios?

Fitei-a e esperei.

— Simplificando — disse ela —, se não encontrarmos um jeito de explicar Cal e Jim, estamos tramados.

Olhei para o tecto.

— O que foi? — indagou Muse.

— Esses dois nomes.

— Qual o problema?

— Por quê? — repeti pela enésima vez. — Por que Cal e Jim?

— Não sei.

— Você voltou a interrogar Chamique?

— Sim. A história dela é assustadoramente consistente. Acho que você tem razão. Os sujeitos usaram esses nomes só para disfarçar. Dessa forma, a versão da vítima pareceria idiota.

— Mas por quê esses nomes em particular?

— Uma escolha ao acaso.

Franzi o cenho. — Algo nos está a escapar, Muse.

Ela concordou. — Eu sei.

Sempre fui muito bom em compartimentar a minha vida. Todos nós o somos, porém sou especialmente bom nisso. Sou capaz de criar universos separados no meu próprio mundo. Posso lidar com um aspecto da minha vida e não permitir que interfira nos outros de maneira nenhuma. Há gente que assiste a um filme de gangsteres e se pergunta como o mafioso pode ser tão violento nas ruas e tão amoroso em casa. Entendo-o. Possuo habilidade igual.

Não sinto orgulho disso. Necessariamente, não se trata de um grande atributo. Sim, é um meio de se proteger. Mas tenho visto quais ações essa atitude é capaz de justificar.

Portanto, durante a última meia hora, estive rechaçando as indagações óbvias: se Gil Perez estive vivo esse tempo todo, onde estivera? O que acontecera naquela noite na floresta? E, claro, a maior das indagações: se Gil Perez sobrevivera àquela noite horrenda...

A minha irmã teria sobrevivido também?

— Cope?

Era Muse.

— O que está acontecendo?

Eu queria contar-lhe, mas não naquele momento. Precisava refletir sobre o assunto primeiro. Entender o que era o quê. Certificar-

me de que aquele corpo realmente pertencia a Gil Perez. Levantei-me e aproximei-me dela.

— Cal e Jim — disse. — Temos de descobrir que droga isso significa. E depressa.

Greta, a irmã da minha mulher, e o marido, Bob, viviam numa dessas casas absurdamente grandes, num novo beco sem saída, semelhante a todos os outros becos sem saída que proliferavam pelo país. Os terrenos são pequenos demais para as construções gigantescas que teimam em instalar-se ali. São mansões de linhas e cores variadas, mas, de algum modo, exatamente iguais. Tudo um pouco retocado demais, a tentar passar a impressão de antigo e apenas parecendo ainda mais falso.

Conheci Greta antes da Jane. Eu não tinha nem 20 anos quando minha mãe fugiu, porém lembro-me de algo que ela me falou alguns meses antes de Camille se embrenhar naquela mata. Éramos os moradores mais pobres da nossa um tanto misturada cidade, imigrantes vindos da velha União Soviética quando eu tinha quatro anos. Havíamos começado bem — chegamos aos Estados Unidos como heróis —, mas a situação piorou muito rapidamente.

Estávamos a morar no último andar de uma residência que abrigava três famílias, em Newark, embora frequentássemos a escola em Columbia High, West Orange. O meu pai, Vladimir Copinsky (ele anglicizara o nome para Copeland), que fora médico em Leninegrado, não conseguira obter licença para exercer medicina neste país e acabou a trabalhar como pintor de casas. Minha mãe, uma beleza frágil chamada Natasha, a outrora orgulhosa e bem-educada filha de aristocráticos professores universitários, passou a fazer todo o tipo de serviço de limpeza para as famílias mais ricas de Short Hills e Livingston, embora essas empreitadas nunca durassem muito.

Nesse dia em particular, Camille chegou a casa do colégio e anunciou, de um jeito jocoso, que a garota rica da cidade tinha uma paixoneta por mim. Minha mãe ficou animada com a novidade.

— Você deveria convidá-la para sair — aconselhou-me.

Fiz uma careta. — Você já a viu?

— Sim.

— Então você sabe — retorqui, num tom típico de quem tem 17 anos. — Ela é um monstro.

— Existe um velho ditado russo — minha mãe contra atacou, levantando um dedo para maior ênfase. — "Uma menina rica é linda quando montada em dinheiro".

Esse foi o primeiro pensamento que me veio à cabeça quando conheci Greta. Os pais dela — meus ex-sogros ainda avós da minha Cara — são muito ricos. Jane vem de família abastada. A fortuna está num fundo para Cara. Sou o executor. Minha mulher e eu conversamos longa e duramente sobre a idade em que a nossa filha deveria tomar posse do grosso do patrimônio. Você não quer alguém jovem demais herdando todo esse dinheiro, mas, caramba, por outro lado, a fortuna pertence-lhe.

Minha Jane revelou-se muito prática quando os médicos lhe comunicaram a sua sentença de morte. Eu não conseguia manter-me focado. Você aprende um bocado quando alguém a quem ama começa a contagem decrescente. Aprendi que a minha mulher possuía uma força impressionante e uma coragem que eu jamais teria imaginado antes da doença. E descobri que eu não possuía nenhuma das duas.

Cara e Madison, minha sobrinha, brincavam na calçada. Os dias já se tornavam compridos agora. Sentada no lancil, Madison fazia desenhos no asfalto com gizes que se assemelhavam a charutos. Minha filha andava num daqueles minicarros motorizados que causam verdadeiro furor na população abaixo dos seis anos. Quem os tem nunca brinca com eles. Somente os amigos, quando os vêm visitar.

Saí do carro e gritei: — Oi, meninas.

Esperei que as duas garotas largassem o que estavam a fazer, corressem para mim e me envolvessem em abraços apertados. E, ok.

Madison lançou um olhar na minha direção, entretanto não poderia ter parecido menos interessada do que se tivesse sido submetida a algum tipo de desconexão cerebral cirúrgica. Minha própria filha fingiu não me ouvir. Cara dirigia o Jeep Barbie em círculos. A bateria estava acabando rapidamente, e o veículo eléctrico movia-se numa velocidade mais lenta que aquela com que o meu tio Morris puxava o talão de cheques.

Greta abriu a porta. — Oi.

— Oi — respondi.— Então, como foi o resto da apresentação de ginástica?

— Fique tranquilo. — Greta levou a mão à testa, num arremedo de continência. — Filmei tudo.

— Engraçadinha.

— O que aqueles dois polícias queriam?

Encolhi os ombros. — Apenas trabalho.

Ela não engoliu a explicação, mas não pressionou.

— A mochila da Cara está lá dentro — avisou, fechando a porta atrás de si.

Havia operários no quintal. Bob e Greta estavam construindo uma piscina com projeto de paisagismo combinando. Eles vinham pensando no assunto já fazia alguns anos, mas quiseram esperar até que as meninas estivessem um pouco mais crescidas para começarem a obra.

— Venha — disse à minha filha —, precisamos de ir.

Cara tornou a ignorar-me, fingindo que o zumbido do Jeep Barbie cor-de-rosa atrapalhava as suas faculdades auditivas. Ela era terrivelmente teimosa. Gostaria de poder dizer "como a mãe", mas minha Jane fora a mulher mais paciente e compreensiva que alguém poderia ter conhecido. Simplesmente espantoso. Você vê atributos positivos e negativos nos seus filhos. No caso da Cara, todos os negativos tinham sido herdados do pai.

Madison largou o giz.

— Venha, Cara.

Cara também a ignorou. A prima encolheu os ombros e suspirou, enfadada.

— Oi, tio Cope.

— Oi, querida. Brincou bastante?

— Não. — A menina apoiou as mãos nos quadris. — A Cara nunca brinca comigo. Ela só brinca com os meus brinquedos.

Tentei mostrar-me compreensivo. Greta regressou com a mochila.

— Elas já fizeram os trabalhos de casa.

— Obrigado.

Ela dispensou os agradecimentos com um aceno. — Cara, querida? O papai está aqui.

Minha filha ignorou-a da mesma forma como fizera com a Madison. Eu sabia que um acesso de mau humor estava a caminho. Isso também, imagino, ela herdara do pai. Na visão do mundo inspirada pela Disney, o relacionamento pai viúvo-filha é mágico. Assista a quase todo o filme infantil — *A Pequena Sereia*, *A Bela e a Fera*, *A Princesinha*, *Aladdin* —, e você vai entender. Nos filmes, não ter mãe parece uma coisa ótima, o que, quando se pensa a esse respeito, é realmente perverso. Na vida real, não ter mãe é quase a pior coisa que pode acontecer a uma menininha.

— Cara, estamos indo embora agora — avisei-a, com firmeza.

Ela endureceu a expressão do rosto. Preparei-me para o confronto; porém, por sorte, os deuses intervieram. A bateria do Jeep Barbie cor-de-rosa morreu completamente. O veículo parou. Minha filha tentou forçá-lo para a frente mais alguns centímetros. Nada. Ela suspirou, saiu do Jeep e rumou para o carro.

— Diz adeus para a tia Greta e para a sua prima.

Ela obedeceu numa voz tão emburrada que teria matado uma adolescente de inveja.

Ao chegarmos em casa, Cara ligou a TV e acomodou-se para

assistir a um episódio do *Bob Esponja*. Parece que *Bob Esponja* passa a todo o tempo. Pergunto-me se não existe um só canal que não mostre esse desenho animado. Também tenho a impressão de que existem apenas três episódios diferentes. O que, pelo visto, não desanima as crianças.

Eu ia dizer algo, mas deixei para lá. No momento, queria-a apenas distraída. Ainda tentava entender o que estava acontecendo tanto no caso de violação de Chamique Johnson quanto no reaparecimento súbito e no assassinato de Gil Perez. Confesso que o meu grande caso, o maior parte da minha carreira, estava levando a pior.

Comecei a preparar o jantar. Jantamos fora na maioria das noites ou pedimos comida. Tenho uma babá-empregada para os serviços gerais, mas hoje era o dia de folga dela.

— Que tal cachorro-quente?

— Está bem.

O telefone tocou. Atendi.

— Dr. Copeland? É o detective Tucker York.

— Sim, investigador. Em que posso ajudá-lo?

— Localizamos os pais de Gil Perez.

Segurei o fone com mais força. — Eles identificaram o corpo?

— Ainda não.

— O que vocês lhes disseram?

— Sem querer ofender, Dr. Copeland, mas não é o tipo de coisa que se fale ao telefone, entende? "Seu filho morto pode ter estado vivo esse tempo todo e... ah, a propósito, ele acabou de ser assassinado."

— Entendo.

— Fomos vagos. Vamos trazê-los até aqui e ver se conseguimos uma identificação positiva. Mas diga-me: quão certo você está de que se trata mesmo de Gil Perez?

— Muito certo.

— Você compreende que ainda não é o bastante?

— Sim.

— E, de qualquer modo, é tarde. Dillon e eu já estamos no horário de folga. Vamos mandar um dos nossos homens buscar os Perez amanhã de manhã.

— Então esse seu telefonema é uma ligação de cortesia?

— Algo do gênero. Entendo o seu interesse. E talvez você deveria estar aqui amanhã de manhã, para o caso de surgirem perguntas inesperadas.

— Onde?

— Na morgue, de novo. Precisa de boleia?

— Não. Conheço o caminho.

Capítulo 5

Poucas horas depois, pus a minha a filha na cama.

Cara nunca dá trabalho na hora de dormir. Temos uma rotina maravilhosa. Não faço isso porque todas as revistas especializadas no assunto assim aconselham. Faço-o porque ela adora. Cara jamais fica sonolenta. Leio para ela todas as noites, e minha filha nunca chegou sequer a cochilar. Eu, sim. Alguns livros são horríveis. Adormeço bem na cama dela. Ela permite.

Não fui capaz de acompanhar o apetite voraz dela por leituras, então comecei a comprar audiolivros. Leio em voz alta durante um tempo e depois deixo-a escutar o CD — geralmente, 45 minutos — antes de estar na hora de fechar os olhos e dormir. Cara entende a regra e até gosta dela.

De momento, estou a ler *Roald Dahl*, *A Fantástica Fábrica de Chocolate*. Cara está com os olhos bem abertos. No ano passado, quando a levei para assistir à montagem teatral de *O Rei Leão*, comprei-lhe um boneco de peluche do *Timão* a um preço exorbitante. Ela segura-o apertado no braço. *Timão* é um ouvinte interessado também.

Terminei de ler e beijei a minha filha no rosto, aspirando o cheirinho de champô infantil.

— Boa noite, papai.

— Boa noite, Moranguinho.

Crianças. Num instante são como Medeia tendo ataque de nervos; no outro, verdadeiros anjos.

Desliguei o leitor de CDs e apaguei a luz. Rumei para o escritório, liguei o computador. Abri o arquivo do caso de violação de Chamique Johnson e concentrei-me na leitura.

Cal and Jim.

Minha vítima não atrairia a simpatia instantânea dos jurados. Aos dezesseis anos e mãe de um filho ilegítimo, Chamique foi presa duas vezes por prostituição e uma vez por posse de maconha. Trabalhava em festas como dançarina exótica e, sim, isto é um eufemismo para *stripper*. As pessoas se perguntavam o que ela estava a fazer naquela festa. Esse tipo de coisa não me desencoraja. Pelo contrário: impele-me a lutar com gana ainda maior. Não porque eu me importe com a correção política, mas porque estou mergulhado — muito profundamente — na justiça. Se Chamique fosse loura, vice-presidente do centro estudantil, pertencente à casta branca de Livingston, e os rapazes, negros... Ora, vamos.

Chamique era uma pessoa, um ser humano. Não merecia o que Barry Marantz e Edward Jenrette lhe tinham feito.

E eu ia arrancar o rabo desses dois.

Voltei ao início do caso e tornei a analisar cuidadosamente os dados, partindo do prédio da república, uma construção elegante, com colunas de mármore e letras gregas na fachada, pintura recente e carpetes novas. Analisei os registos telefônicos. Um volume maciço, visto que cada estudante possuía uma linha particular, para não mencionar telemóveis, mensagens de texto, *e-mails*, smartphones. Um dos investigadores de Muse rastreara todas as ligações feitas do prédio naquela noite. Houvera mais de uma centena, porém nada chamara a atenção. O resto das faturas provara-se comum — eletricidade, água, conta na loja de bebidas local, serviços de condomínio, TV por cabo, provedor, aluguer de *DVDs on-line*, entrega de pizza via internet...

Espere aí.

Parei um segundo. Pensei no depoimento de Chamique — não tinha considerado necessário relê-lo. Era repulsivo e bastante detalhado. Os rapazes tinham-na obrigado a fazer coisas, colocando-a em diferentes posições, falado o tempo todo. Porém havia algo... a maneira como se moviam ao redor dela, como a posicionavam...

O telefone tocou. Era Loren Muse.

— Boas notícias? — perguntei.

— Só se a expressão "*nenhuma notícia é boa notícia*" for realmente verdadeira.

— Não é — retorqui. — Droga.

— E da sua parte, alguma novidade? — indagou ela.

Cal e Jim. O que, droga, me estava escapando? A coisa estava lá, só que fora do alcance. Você conhece essa sensação? Quando algo está na ponta da língua e não sai? O nome do cachorro naquela série de TV, ou do *boxer* que *Mr. T* representou em *Rock III*.

Cal e Jim.

A resposta encontrava-se bem aqui, em algum lugar, só que escondida, atrás daquela parede mental. Pois eu continuaria a insistir até derrubá-la.

–Ainda não — respondi. — Mas vamos continuar trabalhando nisso.

Na manhã seguinte, logo cedo, o investigador York sentou-se diante do Sr. e da Sra. Perez.

— Obrigado por terem vindo — disse.

Vinte anos atrás, a Sra. Perez trabalhava na lavandaria do acampamento, entretanto eu só a vira uma vez desde a tragédia. Houve uma reunião das famílias das vítimas — os ricos Green, os ainda mais ricos Billingham, os pobres Copeland, os ainda mais pobres Perez — num grande e luxuoso escritório de advocacia não muito distante de onde estamos agora. O caso acabara tornando-se uma ação conjunta das quatro famílias contra o proprietário do acampamento. Os Perez mal tinham aberto a boca naquele dia. Permaneceram sentados, ouvindo e deixando os outros arengarem e tomarem o comando da situação. A Sra. Perez mantivera as mãos sobre o colo, agarradas à bolsa. Agora ela pusera a bolsa sobre a mesa, todavia ambas as mãos continuavam segurando-a.

Estavam todos numa sala de interrogatório. Seguindo a

sugestão do investigador York, eu observava-os através de um vidro falso. O polícia não queria que os Perez me vissem já. O que fazia sentido.

— Por que estamos aqui? — indagou o Sr. Perez.

Ele estava mais compacto, a camisa parecendo um número menor, de forma que a barriga forçava os botões.

— Não é fácil de dizer. — York lançou uma olhadela rápida para o vidro, e eu soube que ele estava me procurando. — Portanto, vou direto ao assunto.

O Sr. Perez estreitou os olhos. A Sra. Perez aumentou a pressão dos dedos sobre a bolsa. Inutilmente, perguntei-me se seria a mesma bolsa de vinte anos atrás. É estranho por onde a mente vagueia em situações assim.

— Houve um assassinato ontem na região de Washington Heights, em Manhattan — disse York. — Encontramos o corpo num beco perto da Rua 157.

Conservei o meu olhar nos rostos deles. Os Perez nada demonstraram.

— A vítima é do sexo masculino e aparenta ter entre 35 e 40 anos de idade. — A voz do investigador entrara numa cadência profissional. — O homem usava um nome falso, e estamos a ter dificuldade para identificá-lo.

York parou. Técnica clássica. Aguardando que o casal dissesse algo. O Sr. Perez adiantou-se.

— Não entendo o que isso tem a ver connosco.

Os olhos da Sra. Perez pousaram no marido, porém ela não moveu um músculo.

— Vou explicar.

Eu quase podia enxergar York ajustando as engrenagens, decidindo qual a abordagem adotar, começando a falar sobre os recortes de jornal no bolso, o anel... Eu quase podia imaginá-lo ensaiando as palavras mentalmente e, então, percebendo quão idiotas

soavam. Recortes de jornal, anéis — isso realmente não provava nada. De repente, mesmo eu tive as minhas dúvidas. Ali estávamos, no momento em que o mundo dos Perez estava à beira de ruir. Alegrei-me por estar atrás do vidro.

— Trouxemos uma testemunha para identificar o corpo — continuou York. — Essa testemunha acha que a vítima pode ser o seu filho Gil.

A Sra. Perez fechou os olhos. O Sr. Perez ficou rígido. Por alguns segundos ninguém falou, ninguém se moveu. Perez não olhou para a esposa. Ela não olhou para o marido. Simplesmente ficaram lá, paralisados, as palavras ainda a flutuar no ar.

— O nosso filho foi morto faz 20 anos — retorquiu o Sr. Perez finalmente.

O investigador assentiu, inseguro sobre o que dizer.

O pai continuou: — Você está a falar que, finalmente, encontraram o corpo dele?

— Não, creio que não. O seu filho tinha 18 anos quando desapareceu, correto?

— Quase 19 — esclareceu o Sr. Perez.

— Esse homem, a vítima, como eu disse antes, provavelmente tem trinta e muitos anos.

Perez-pai encostou-se ao espaldar da cadeira. A mãe ainda não se tinha mexido. York avançou.

— O corpo do seu filho nunca foi encontrado, correto?

— Você está a tentar dizer-nos...?

A voz do Sr. Perez morreu na garganta. Ninguém deu um salto exclamando: "Sim, é isso o que estamos sugerindo, que o seu filho Gil estava vivo esse tempo todo, 20 anos, e não contou isso a vocês nem a mais ninguém. E agora, quando vocês, finalmente, têm a hipótese de reencontrar o filho desaparecido, descobrem que ele foi assassinado. A vida é uma droga, não é?".

— Isso é loucura — murmurou o Sr. Perez.

— Sei como deve parecer...

— Por que acha você que é o nosso filho?

— Como disse, temos uma testemunha.

— Quem?

Era a primeira vez que eu escutava a Sra. Perez falar. Quase me abaixei. York esforçou-se por tranquilizá-los.

— Compreendo que os senhores estejam perturbados...

— Perturbados? — novamente o pai. — Você sabe como é...? Consegue imaginar...?

Outra vez a voz dele morreu na garganta. A esposa pôs a mão no braço do marido. Sentou-se um pouco mais erecta. Por um instante, voltou-se para o vidro, e tive a certeza de que era capaz de me ver. Então, virou-se para o Detective.

— Presumo que vocês tenham um corpo.

— Sim, senhora.

— E foi por isso que nos trouxe aqui. Quer que vejamos se é o nosso filho.

— Sim.

A Sra. Perez levantou-se. O marido observou-a, parecendo pequenino e impotente.

— Ok — disse ela. — E por que não fazemos isso?

O Sr. e a Sra. Perez desceram o corredor.

Segui-os a uma discreta distância. Dillon estava comigo. York continuou com os pais. A Sra. Perez mantinha a cabeça erguida, as mãos ainda agarradas à bolsa como se temesse um assaltante. Ela caminhava um passo à frente do marido. Tão machista pensar que deveria ser o contrário — que a mãe deveria desmoronar enquanto o pai aguentava firme. O Sr. Perez fora forte nas aparências. Agora que a bomba explodira, a Sra. Perez assumira a liderança enquanto o marido dava a impressão de encolher a cada passo.

Com o piso de linóleo gasto e paredes ásperas de cimento, o corredor não poderia ter parecido mais burocrático sem um

funcionário entediado encostado num canto durante o intervalo para o cafezinho. Eu escutava o eco dos passos. A Sra. Perez usava pesadas pulseiras douradas, o retinir do metal no mesmo ritmo das suas passadas.

Quando eles viraram à direita, parando junto à mesma janela diante da qual eu ficara no dia anterior, Dillon estendeu a mão à minha frente, quase num gesto protetor, como se eu fosse uma criança no banco da frente do carro e ele tivesse travado de súbito. Ficamos a uns dez metros de distância, tendo o cuidado de nos conservar fora da linha de visão.

Era difícil enxergar-lhes o rosto. O Sr. e a Sra. Perez colocaram-se lado a lado. Não se tocaram. Notei o Sr. Perez baixar a cabeça. Ele vestia terno azul. A Sra. Perez usava uma blusa escura, quase da cor de sangue seco. E muito dourado. Desta vez, uma pessoa diferente — um homem alto, com barba — empurrou a maca até à janela. O lençol cobria o corpo.

O sujeito fitou York. York assentiu. Cuidadosamente, o homem levantou o lençol, como se houvesse algo frágil debaixo do tecido. Apesar de recear fazer qualquer barulho, movi-me um pouco para a esquerda. Desejava ver o rosto da Sra. Perez, pelo menos parte do perfil.

Lembro-me de ter lido sobre vítimas de tortura que querem controlar alguma coisa, qualquer coisa, e assim lutam duramente para não chorar, para não contrair as faces, não demonstrar nada, não proporcionar aos seus algozes absolutamente nenhuma satisfação. Algo no rosto da Sra. Perez lembrou-me isso. Ela preparou-se. Absorveu o golpe com um pequeno estremecimento, nada mais.

Fitou o corpo um pouco mais. Ninguém disse uma palavra. Dei-me conta de que prendia a respiração. Voltei a atenção para o Sr. Perez. Seus olhos estavam fixos no chão. Úmidos. Os lábios, trêmulos.

Sem desviar o olhar, a Sra. Perez falou: — Não é o nosso filho.

Silêncio. Eu não esperava por isso.

— Tem certeza, Sra. Perez? — perguntou York.

Ela não respondeu.

— Ele era adolescente quando a senhora o viu pela última vez — continuou o investigador. — Creio que usava cabelos compridos.

— Sim.

— A cabeça deste homem está rapada. E ele tem barba. Já se passaram muitos anos. Por favor, não se apresse.

Por fim, a Sra. Perez despregou o olhar do corpo. Fixou-o no investigador. York parou de falar.

— Esse não é o nosso Gil — reafirmou ela.

O polícia engoliu em seco. Olhou para o pai.

— Sr. Perez?

Ele conseguiu acenar com a cabeça, pigarreou.

— Não é nem parecido. — Por um instante, os seus olhos se fecharam e um tremor percorreu-lhe as faces. — É só...

— A idade certa — a Sra. Perez concluiu para o marido.

— Não sei se estou entendendo — observou York.

— Quando você perde um filho assim, você sempre fica imaginando. Para nós, o Gil sempre será um adolescente. Mas se ele tivesse vivido, seria, sim, da mesma idade desse homem corpulento. Então, você fica imaginando como o seu filho seria. Estaria casado? Teria filhos? Qual seria a aparência dele?

— E a senhora tem a certeza de que esse homem não é o seu filho?

Ela sorriu o sorriso mais triste que eu já vi.

— Sim, investigador, tenho.

York assentiu. — Desculpem-me por tê-los trazido até aqui.

Já começavam a se afastar, quando intervim: — Mostre o braço para eles.

Todos se viraram na minha direção. Os olhos penetrantes da Sra. Perez concentraram-se em mim. Havia alguma coisa estranha ali, um ar de astúcia, de desafio talvez. O Sr. Perez manifestou-se

primeiro.

— Quem é você? — indagou ele.

Mantive o olhar sobre a Sra. Perez. O sorriso triste dela voltou.

— Você é o garoto Copeland, não é?

— Sim, senhora.

— Irmão da Camille Copeland.

— Sim.

— Foi você quem fez a identificação?

Eu queria explicar sobre os recortes de jornal e o anel, mas parecia que o tempo se esgotava.

— O braço — disse. — O Gil tinha aquela cicatriz horrível no braço.

Ela concordou.

— Um dos nossos vizinhos criava lamas. O Gil sempre foi bom alpinista. Quando tinha 8 anos, tentou entrar na cerca de arame farpado. Escorregou e o arame cravou fundo no ombro dele. — Ela virou-se para o marido. — Quantos pontos o Gil precisou de levar, Jorge?

Jorge Perez exibia aquele sorriso triste agora também.

Não fora a versão que Gil nos contara. Ele inventara uma história sobre uma briga de faca que soara como algo saído de uma produção pobre de West Side Story. Eu não acreditara na época, mesmo quando criança. Portanto, a inconsistência dos relatos não me surpreendeu.

— Lembro-me da cicatriz no acampamento — insisti, apontando para o vidro com o queixo. — Olhem o braço dele.

O Sr. Perez meneou a cabeça.

— Mas nós já dissemos...

A esposa segurou-o pelo braço, sossegando-o. Não havia dúvida. Ela era a líder. Inclinou a cabeça para mim, antes de voltar para junto da janela.

— Mostrem-me.

Apesar de aturdido, o marido acompanhou-a. Desta vez, os dois seguraram as mãos. O sujeito barbado já havia levado a maca embora. York bateu no vidro. Sinalizou para que trouxesse a maca novamente.

Aproximei-me da Sra. Perez. Podia sentir o perfume dela. Uma fragrância vagamente familiar. Só não me recordava de onde. Permaneci meio metro afastado.

York apertou o botão branco do intercomunicador.

— Por favor, mostre-lhes o braço.

Outra vez, usando aquela técnica gentil, respeitosa, o homem ergueu o lençol. Lá estava a cicatriz, um golpe feio. Um sorriso regressou aos lábios da Sra. Perez, porém, de que tipo? Triste, feliz, confuso, falso, ensaiado, espontâneo? Eu não era capaz de definir.

— No esquerdo — disse ela.

— O quê?

Ela fitou-me. — A cicatriz está no braço esquerdo. A do Gil era no direito. E não tão comprida, tão profunda.

A Sra. Perez pôs a mão no meu braço. — Não é ele, Copeland. Entendo por que você gostaria tanto que fosse o Gil. Mas não é. Ele não está voltando para nós. Nem a sua irmã.

Capítulo 6

Quando cheguei a casa, Loren Muse andava de um lado para o outro como fera rondando uma presa ferida. Cara estava acomodada no banco de trás do carro. Iria para a aula de balé dali a uma hora. Eu não a levaria. A nossa babá, Estelle, regressou ao trabalho naquele dia. Ela conduzia. Sei que pago um salário exorbitante a Estelle, mas não me incomodo. Você encontra uma pessoa boa que também dirige? Pois pague o que quer que essa criatura peça.

Estacionei em frente à garagem. A casa era um sobrado de três quartos que tinha toda a personalidade daquele corredor da morgue. Deveria ter sido nossa residência "inicial". Jane desejara mudar para uma morada bem melhor, talvez uma mansão em Franklin Lakes. Quanto a mim, nunca dei grande importância à questão de onde morávamos. Não sou o tipo que valorize muito casas, nem carros, e ficaria satisfeito deixando Jane resolver o assunto.

Eu sentia saudade da minha esposa.

O sorriso forçado de Loren Muse revelava que algo a corroía por dentro. Muse jamais se daria bem numa mesa de pôquer, não restava dúvida.

— Reuni todas as contas. E registos do computador também. Tudo o que estava disponível. — Depois, virou-se para a minha filha. — Oi, Cara.

— Loren! — gritou Cara, saltando do carro. Cara gostava de Muse. Ela tinha jeito com as crianças. Muse nunca se casara, nunca tivera filhos. Algumas semanas atrás, eu conhecera o mais recente namorado dela. O fulano não estava à altura de Muse. Mas isso parecia ser a norma para mulheres solteiras de uma determinada idade.

Muse e eu espalhamos a papelada no chão da sala —

depoimentos de testemunhas, relatórios policiais, registos telefônicos, todas as contas da república de estudantes. Começamos com as contas. Havia uma tonelada. Contas de todos os telemóveis. De todos os pedidos de cerveja. De todas as compras pela internet.

— E aí? — indagou Muse. — O que estamos a procurar?

— Eu sei lá.

— Pensei que você tivesse alguma coisa em mente.

— Só um pressentimento.

— Ah, poupe-me. Por favor, não me diga que você está apostando num palpite.

— Eu nunca faria isso — retorqui.

Continuamos a verificar o material.

— Então estamos, basicamente, vasculhando essa papelada em busca de um sinal que nos aponte "*Grande Pista por Ali*"?

— Estamos a procurar um catalisador.

— Ótima palavra. Em que sentido?

— Não sei, Muse. Mas a resposta está aqui. Quase posso enxergá-la.

— Ooook, — devolveu ela, esticando a palavra e fazendo um imenso esforço para não revirar os olhos.

E assim procuramos. Os estudantes pediam pizza quase todas as noites, oito pizzas, pagas com cartão de crédito. Alugavam *DVDs* regularmente, três de cada vez, entrega no domicílio, e, às vezes, usavam os serviços de uma locadora chamada HotFlixxx, especializada em filmes pornos. A rapaziada encomendara camisas de golfe com o logotipo da república. E bolas de golfe, montes delas, com o mesmo logotipo.

Tentamos colocar as contas numa espécie de ordem. Não sei bem por quê.

Mostrei a conta da HotFlixxx para Muse.

— Barato — comentei.

— A internet tornou a pornografia rapidamente acessível e,

portanto, disponível para as massas.

— Bom saber.

— Mas isso poderia ser uma brecha — disse Muse.

— Como?

— Rapazes jovens, mulheres fogosas. Ou, neste caso, mulher.

— Explique melhor.

— Quero contratar alguém fora do escritório.

— Quem?

— Uma Detective particular chamada Cingle Shaker. Você já ouviu falar dela?

Assenti.

— Esqueça "ouviu". Você já a viu?

— Não.

— Mas já ouviu falar a esse respeito?

— Sim.

— Sem exagero: o corpo da Cingle Shaker é daqueles que não para o trânsito, apenas, mas também arranca o asfalto e passa motoniveladora nos acostamentos. E ela é muito competente. Se existe alguém capaz de fazer aqueles universitários mimados, com os advogados do lado, abrirem o bico, esse alguém é a Cingle.

— Ok — concordei.

Horas depois — eu não saberia sequer dizer quantas —, Muse levantou-se do chão.

— Não há nada aqui, Cope.

— É o que parece, não?

— Você tem de treinar Chamique para o depoimento amanhã cedo?

— Sim.

Ela me olhou de cima a baixo. — O seu tempo seria mais bem aproveitado trabalhando nisso.

Bati continência, num arremesso de "*sim, senhora*". Chamique e eu já nos havíamos debruçado sobre o depoimento dela, embora não

com o empenho que seria de esperar. Eu não a queria que parecesse ensaiada. Tinha outra estratégia em mente.

— Vou conseguir o que for possível para você — anunciou Muse.

A investigadora marchou para a porta pisando duro, como se preparada para derrotar o mundo inteiro.

Estelle preparou o jantar para todos nós — espaguete e almôndegas. Estelle não é uma ótima cozinheira, mas deu para engolir. Levei Cara para comer gelado depois, um mimo especial. Ela estava mais faladora. Pelo espelho retrovisor, podia vê-la com o cinto de segurança. Quando eu era menino, deixavam que nos sentássemos no banco da frente. Agora você já precisa ter idade para beber antes que isso seja permitido.

Tentei prestar atenção ao que ela estava dizendo, entretanto Cara apenas tagarelava sem cessar, naquele jeito das crianças. A Brittany tinha sido malvada com o Morgan e, então, o Kyle atirara uma borracha, e a Kylie, não a Kylie G, mas a Kylie N — havia duas Kylie na classe — não quisera subir no baloiço, a não ser que a Kiera estivesse no baloiço também. Eu fitava o rostinho animado dela, a expressão compenetrada como a de um adulto. Fui atingido por aquela sensação avassaladora. A coisa esgueirou-se para dentro de mim. Os pais experimentam isso de vez em quando. Você está olhando para o seu filho e é um momento comum, não é como se ele estivesse num palco, ou no recinto de jogos; apenas está sentado ali, e você olha para ele e compreende que ele é toda a sua vida, e isso comove-o, assusta-o e fá-lo querer parar o tempo.

Eu havia perdido uma irmã. Havia perdido uma esposa. E, mais recentemente, perdera o meu pai. Nesses três casos, eu tinha superado a situação. Entretanto, enquanto fitava Cara, enquanto observava o seu jeito de falar com as mãos e arregalar os olhos, sabia que realmente existia um golpe do qual eu jamais conseguiria reerguer-me.

Pensei no meu pai. Na floresta. Com aquela pá. De coração despedaçado. Procurando a menininha dele. Pensei na minha mãe. Ela fugira. Eu não sabia onde se encontrava. Às vezes ainda penso em procurá-la. Todavia, não mais tão frequentemente. Durante anos eu a odiara. Talvez ainda a odeie. Ou talvez agora, com uma filha, compreenda um pouco melhor a dor que ela deve ter sentido.

Quando voltamos para casa, o telefone tocou. Estelle afastou-se com Cara. Atendi.

— Estamos com um problema, Cope.

Era o meu cunhado, Bob, marido de Greta. Ele era o presidente da Fundação Beneficente JaneCare. Greta, Bob e eu a criamos após a morte da minha mulher. A cobertura da imprensa fora maravilhosa. Um memorial vivo para a minha adorável, linda e gentil esposa.

Caramba, que marido esplêndido eu devo ter sido.

— O que é que há?

— O seu caso de violação está a custar-nos caro. O pai de Edward Jenrette fez com que vários dos amigos dele voltassem atrás nos compromissos assumidos.

Fechei os olhos. — Maravilha.

— Pior ainda, ele tem espalhado rumores de que estamos a desviar fundos. É um filho-da-mãe bem relacionado. Já estou recebendo telefonemas.

— Então colocaremos os nossos livros de contabilidade à disposição — disse. — Ninguém vai encontrar nada.

— Não seja ingênuo, Cope. Competimos com outras instituições de beneficência na obtenção de doações. Se houver o mais leve sinal de escândalo, estaremos acabados.

— Não há muito o que possamos fazer a esse respeito, Bob.

— Eu sei. É só que... temos realizado muitas coisas boas aqui, Cope.

— Eu sei.

— E arrecadar fundos é sempre difícil.

— O que você está a sugerir?

— Nada. — Bob hesitou, e senti que ele queria dizer mais alguma coisa. Assim, aguardei. — Ora, vamos, Cope, vocês fazem acordos o tempo todo no tribunal, certo?

— Sim.

— Deixam escapar uma injustiça menor para agarrar um infrator maior.

— Quando somos obrigados.

— Aqueles dois rapazes. Ouvi falar que são bons garotos.

— Você ouviu errado.

— Escute, não estou afirmando que ambos não mereçam ser punidos. É que, às vezes, é necessário uma troca. Em nome de um bem maior. A JaneCare está avançando a passos largos. Poderia ser o bem maior. Só estou querendo dizer isso.

— Boa noite, Bob.

— Não quis ofendê-lo, Cope. Estou apenas a tentar ajudar.

— Eu sei. Boa noite, Bob.

Desliguei. As minhas mãos tremiam. Jenrette, aquele filho-da-mãe, não fora atrás de mim. Fora atrás da memória da minha mulher. Subi a escada. A raiva consumia-me. Precisava canalizá-la. Sentei-me à escrivaninha. Havia apenas dois porta-retratos sobre o tampo.

Uma fotografia recente da Cara na escola ocupava um lugar de honra, bem no centro.

E uma foto desbotada dos meus avós, tirada na velha Rússia — ou União Soviética, conforme se denominava o país —, quando os dois perderam a vida num *gulag*. Eles morreram quando eu era muito novo, quando todos nós ainda morávamos em Leninegrado. Entretanto, permanecia em mim uma vaga lembrança de ambos, em especial da cabeleira branca do meu avô.

Por que, perguntava-me frequentemente, tamanha insistência em conservar essa fotografia exposta?

A filha do casal, a minha mãe, me abandonara, correto?

Estupidez minha, portanto. Contudo, de alguma maneira, apesar da óbvia e inerente dor, eu considerava aquele retrato estranhamente relevante. Contemplava a minha avó e o meu avô e me questionava sobre as turbulências e as desgraças que haviam açoitado a família. Sobre onde tudo poderia ter começado.

As fotos da Jane e da Camille não ficavam na mesa. Gostava de tê-las à vista. Traziam-me conforto. Todavia, o fato de eu encontrar conforto nos mortos não significava que a minha filha também não me daria conforto. Um equilíbrio difícil de alcançar com uma criança de 6 anos. Você quer conversar sobre a mãe dela. Quer fazê-la saber da Jane, do espírito maravilhoso dela, do quanto teria amado a filhinha dela. Quer oferecer alguma espécie de consolo, falar que a mãe, lá do céu, a está a observar. Mas eu não acredito nisso. Quero acreditar. Quero acreditar na existência de uma vida gloriosa após a morte e que, do alto, minha esposa, minha irmã e o meu pai nos estão vendo e sorrindo para nós. Mas não me posso obrigar a acreditar. E, quando apregoo essa ideia para a minha filha, sinto-me como se estivesse mentindo para ela. Mesmo assim, faço-o. Por enquanto, soa como *Papai Noel* ou o *Coelhinho da Páscoa*. Alguma coisa temporária e suavizante. Porém, no final de contas, ela, como todas as crianças, aprenderá que é só mais uma mentira paterna com um mínimo de justificativa. Ou, talvez, eu esteja errado e eles estão mesmo lá em cima, olhando para nós. Talvez seja essa a conclusão à qual Cara chegará um dia.

A meia-noite, finalmente, deixei minha mente ir aonde desejava ir — até minha irmã, Camille, a Gil Perez e a um Verão terrível e mágico. Voltei ao acampamento. Pensei na Camille. Pensei numa certa noite. E, pela primeira vez em muitos anos, permiti-me pensar na Lucy.

Um sorriso triste toldou o meu rosto. Lucy Silverstein fora a minha primeira namorada séria. Vivemos um romance de Verão, perfeito como o de um conto de fadas. Até àquela noite. Nunca

tivemos a hipótese de terminar o namoro — em vez disso, havíamos sido dilacerados por assassinatos sangrentos. Arrancados um do outro enquanto ainda imersos um no outro, num ponto em que o nosso amor — tão jovial e imaturo quanto seria de esperar — ainda estava nascendo e desabrochando.

Lucy era o passado. Eu me dera um ultimato e a excluíra da minha vida. Mas o coração realmente não sabe nada de ultimatos. Ao longo dos anos, tenho tentado descobrir o que Lucy anda fazendo, inocentemente digitando o nome dela em sites de busca e navegando pela internet, mesmo não sabendo se teria coragem de contatá-la. Nunca descobri nada. Poderia apostar que, depois de tudo o que aconteceu, ela, sabiamente, mudara o nome. Provavelmente Lucy estava casada agora — como eu estivera. Provavelmente, feliz. Eu esperava que sim.

Deixei as reminiscências de lado. Neste exato momento, precisava me concentrar em Gil Perez. Fechei os olhos e voltei ao passado. Pensei em Gil no acampamento, em como cavalgávamos juntos, em como eu costumava socá-lo de brincadeira no braço e ele respondia "*Fracote! Nem senti nada...*".

Podia vê-lo à minha frente, o torso magro, a bermuda larga demais antes que isso virasse moda, o sorriso necessitando desesperadamente dos serviços de um dentista, a...

Meus olhos se abriram. Havia alguma coisa errada.

Rumei para o porão. Encontrei a caixa de papelão num ápice. Jane sempre gostara de etiquetar tudo. Vi a letra dela, muito elaborada, numa lateral da caixa. O impacto me deteve. Caligrafia é algo terrivelmente pessoal. Os meus dedos deslizaram sobre o papel.

Toquei as letras e imaginei-a com a caneta na mão, a tampa na boca, escrevendo com firmeza: FOTOGRAFIAS — COPELAND.

Eu cometera muitos erros na vida. Entretanto, Jane... fora a minha grande oportunidade. A bondade dela me transformara, fizera de mim um homem melhor e mais forte em todos os aspectos. Sim, eu

amava-a e existia paixão, porém, mais do que isso, ela possuía a habilidade de trazer à tona o melhor de mim. Eu fora neurótico e inseguro, o garoto bolsista numa escola com pouquíssimos desses casos, e lá estava ela, uma criatura que raiava a perfeição, enxergando algo em mim. Como? Como eu poderia ser tão horrível e destituído de valor se uma criatura tão magnífica me amava?

Jane era a minha rocha. Mas ela adoecera. A minha rocha desmoronara. E eu, também.

Achei as fotografias daquele Verão de tempos atrás. Nenhum retrato da Lucy. Sensatamente, eu os atirara todos fora há muitos anos. Lucy e eu também tínhamos as nossas músicas. Cat Stevens, James Taylor... Canções tão melosas que davam enjoo. Tinha dificuldade para ouvi-las. Até hoje. Certifico-me de que não apareçam nem perto do meu *iPod*. Se começam a tocar no rádio, sintonizo outra estação numa velocidade espantosa.

Vasculhei o monte de fotografias daquele Verão. A maioria da Camille. Olhei tudo até encontrar uma que fora tirada três dias antes da morte dela. Doug Billingham aparecia na foto — o namorado da minha irmã. Um rapaz rico. Minha mãe aprovara, claro. O acampamento era uma curiosa mistura social de privilegiados e pobres. Ali, a classe alta e a baixa se mesclavam tanto quanto possível. Exatamente como queria aquele hippie boa praça que administrava o acampamento, Ira, pai da Lucy.

Margot Green, uma outra garota rica, estava espremida no meio, como sempre. Ela era a gostosa do acampamento e sabia disso. Loura, seios grandes, e tirando partido desses atributos constantemente. Margot sempre namorara rapazes mais velhos, pelo menos até Gil, e, para os meros mortais que a cercavam, tinha uma vida que parecia saída da TV, um melodrama ao qual todos nós assistíamos fascinados. Fitei-a e imaginei-a com a garganta cortada. Fechei os olhos por um instante.

Gil Perez também aparecia na foto. O motivo que me trouxera

ao porão.

Ajustei a luminária da mesa e dei uma olhada mais de perto.

Lá em cima, no escritório, lembrara-me de algo. Sou destro, porém, quando socava Gil de brincadeira no braço, usava a mão esquerda para evitar encostar naquela cicatriz horrenda. Sim, o ferimento se fechara, mas eu receava tocá-lo. Como se o corte pudesse ser reaberto e tornar a verter sangue. Assim, usava a mão esquerda e atingia-o no braço direito. Semicerrando os olhos, aproximei-me ainda mais do retrato.

Podia ver a ponta da cicatriz aparecendo sob a manga da camisa.

O porão começou a girar.

A Sra. Perez afirmara que a cicatriz do filho ficava no braço direito. Então, sendo destro, eu o teria esmurrado com a minha mão direita, atingindo-o, portanto, no ombro esquerdo. Todavia, não era o que costumava fazer. Socava-o sempre com a mão esquerda — no ombro direito.

E ali estava a prova.

A cicatriz de Gil Perez ficava no braço esquerdo.

A Sra. Perez mentira.

E, agora, eu perguntava por quê.

Capítulo 7

Cheguei cedo ao escritório na manhã seguinte. Dali a meia hora Chamique Johnson, a vítima, estaria no banco das testemunhas. Revi as minhas anotações. Quando o relógio bateu nove horas, dei um basta. Liguei para o investigador York.

— A Sra. Perez mentiu — disse.

Ele ouviu as minhas explicações.

— Mentiu — repetiu York, quando terminei. — Você não acha o termo um pouco forte?

— Que termo você escolheria?

— Que talvez ela tenha apenas cometido um erro?

— Um erro a respeito do braço do filho que tinha uma cicatriz?

— Claro, por que não? Uma coisa natural. Ela já sabia que não era Gil Perez.

Eu não estava engolindo isso. — Você descobriu alguma coisa?

— Acreditamos que Santiago vivesse em Nova Jersey.

— Você tem o morada?

— Não. Mas temos uma namorada. Ou pelo menos pensamos que seja namorada. Ou uma amiga.

— Como a encontraram?

— Ela ligou para o telemóvel dele.

— Então quem é realmente Manolo Santiago?

— Não sei.

— A namorada recusa-se a falar?

— Ela conhece-o apenas como Santiago. Ah, um detalhe importante.

— Que detalhe?

— O corpo da vítima foi deslocado. Sabíamos disso desde o princípio, mas agora temos a confirmação. E, de acordo com o médico

legista, baseado no sangramento e em alguma outra bobagem que não entendo muito bem e nem quero entender, provavelmente Santiago já estava morto uma hora antes de ser descartado. Descobriram fibras de carpete no cadáver. Exames preliminares mostram que pertenciam a um carro.

— Então Santiago foi assassinado, enfiado num porta-bagagens e atirado em Washington Heights?

— É a teoria em que estamos trabalhando.

— E vocês já sabem qual é a marca do veículo?

— Ainda não. Mas o nosso especialista diz que é um carro velho. É só o que pode adiantar até ao momento.

— Velho quanto?

— Não sei. Sei apenas que não é novo. Vamos, Cope, dá-me um tempo aqui.

— Tenho um grande interesse pessoal no caso.

— A falar em interesse...

— O quê?

— Por que você não embarca nessa e nos ajuda?

— Você está a sugerir o quê?

— Tenho um caso complicado em mãos. Agora sabemos da existência de uma possível conexão com Nova Jersey — presumivelmente Santiago morava lá. Ou, no mínimo, a namorada. Nova Jersey era o único lugar em que os dois se encontravam.

— A minha comarca?

— Não. Creio que pertença ao condado de Hudson. Ou a Bergen, talvez. Droga, não sei. Mas é perto o suficiente. Deixe-me acrescentar algo mais a essa mistura.

— Estou escutando.

— A sua irmã vivia em Nova Jersey, correto?

— Sim.

— Não é a minha jurisdição. Provavelmente você pode reivindicá-la como sua, mesmo sendo fora da sua comarca. Reabrir

um caso antigo... Nem todos querem isso.

Reflecti um pouco. Em parte, eu estava sendo manipulado. York esperava que eu fizesse parte do trabalho de campo dele sem colher os louros — tudo bem para mim.

— Essa namorada — indaguei — tem um nome?

— Raya Singh.

— E o morada?

— Você vai falar com ela?

— Você importa-se?

— Desde que não me atrapalhe, você pode fazer o que quiser. Mas posso dar-lhe um conselho de amigo?

— Claro.

— Aquele louco, o *Talhante do Verão*. Esqueci o nome dele.

— Wayne Steubens.

— Você conhecia-o, não?

— Você leu os arquivos? — devolvi.

— Sim. Eles investigaram você como possível suspeito, correto? Ainda me lembro daquele delegado, Lowell, do olhar céptico dele. Compreensível, claro.

— O que você quer dizer com isso?

— Steubens continua procurando um meio de reverter a condenação dele.

— Ele nunca foi julgado por aqueles quatro primeiros assassinatos. A promotoria não necessitava deles. As provas eram mais contundentes nos outros casos.

— Eu sei. Mas ele estava ligado aos crimes do acampamento. Se esse realmente for Gil Perez e Steubens souber disso, essa informação ajudá-lo-ia. Você compreende o que estou a dizer?

York estava-me dizendo para ficar quieto até ter a certeza de algo. Entendi o recado. A última coisa que eu desejava era auxiliar Wayne Steubens.

Desligamos o telefone. Loren Muse meteu a cabeça pela porta

entreaberta.

— Alguma novidade para mim? — perguntei.

— Nada. Sinto muito. — Ela consultou o relógio. — Pronto para a sua grande inquirição direta?

— Sim.

— Então vamos. Hora do show.

— O povo convoca Chamique Johnson.

Chamique vestia roupas um tanto conservadoras, porém não excessivamente. Ainda se percebiam os ecos da rua. Ainda se adivinhavam as suas curvas. Eu até a instruíra para que usasse salto alto. Existem ocasiões em que se quer obstruir a visão do júri. E existem ocasiões, como agora, em que se sabe que a sua única hipótese é que os jurados enxerguem a coisa toda, com as excrescências e tudo.

Chamique manteve a cabeça erguida. Seus olhos iam de um lado para o outro, não de um jeito dissimulado, mas sim como o de quem quer antecipar de onde virá o próximo golpe. A maquiagem estava um pouco carregada. Mas tudo bem. Parecia uma menina a tentar passar por adulta.

Havia no meu escritório aqueles que discordavam dessa estratégia. Porém, sempre acreditei que, se você vai afundar, afunde com a verdade. Portanto, era o que eu estava preparado para fazer naquele momento.

Chamique disse o próprio nome, jurou sobre a Bíblia e sentou-se. Sorri-lhe. Nossos olhares se encontraram. Ela inclinou a cabeça de leve, preparada.

— Você trabalha como *stripper*, correto?

Começar o interrogatório com uma pergunta assim — sem nenhum preâmbulo — surpreendeu a audiência. Ouviram-se alguns murmúrios. Chamique piscou. Ela tinha alguma noção de como eu pretendia agir, contudo, intencionalmente, eu não fora específico.

— Não em período integral.

Não gostei da resposta. Soava por demais cautelosa.

— Mas você tira a roupa por dinheiro, correto?

— Sim.

Agradou-me mais. Sem nenhum traço de hesitação.

— Você tira a roupa em *boites* ou em festas particulares?

— Nas duas.

— Em qual *boite* você dança?

— PinkTail. Em Newark.

— Quantos anos você tem? — indaguei.

— Não é necessário ter 18 anos para trabalhar como stripper?

— Sim.

— Como você resolveu a questão?

Chamique encolheu os ombros. — Com um documento falso, passo por 21.

— Então, você burla a lei?

— Imagino que sim.

Olhei para a banca de defesa. Mort Pubin fitava-me como se eu estivesse louco. Flair Hickory, as palmas das mãos unidas, tinha os dedos indicadores apoiados nos lábios. Os dois clientes, Barry Marantz e Edward Jenrette, vestiam blazer azul-marinho, as faces extremamente pálidas. Os rapazes não pareciam convencidos, confiantes, nem maus. Pareciam contritos, assustados e muito jovens. Um cínico diria que tudo era intencional — que os advogados os haviam instruído sobre como se sentarem, qual a expressão do rosto a exibir. Porém eu sabia não ser bem assim. Mas não permiti que isso importasse.

Sorri para a minha testemunha.

— Você não é a única, Chamique. Achamos inúmeros documentos de identidade falsos na república dos seus violadores. Dessa forma, todos os estudantes podiam sair e divertir-se em lugares impróprios para menores. Pelo menos você infringe a lei com o objetivo de se sustentar.

Mort ergueu-se. — Objecção!

— Deferida.

Entretanto, a minha observação já surtira efeito. Como diz o velho ditado: a vaca já tinha ido para o brejo.

— Sra. Johnson — continuei —, você não é virgem, é?

— Não.

— Na verdade, você tem um filho ilegítimo.

— Sim.

— Qual é a idade do menino?

— Um ano e três meses.

— Diga-me, Sra. Johnson. O fato de não ser virgem e ser mãe solteira transforma-a num ser humano inferior?

— Objecção!

— Deferida. — O juiz, um homem de sobrancelhas espessas chamado Arnold Pierce, franziu o cenho para mim.

— Estou apenas salientando o óbvio, Meritíssimo. Se a Sra. Johnson fosse uma jovem loura da classe alta de Short Hills, ou de Livingston...

— Guarde isso para os seus pronunciamentos finais, dr.Copeland.

Sim, eu fá-lo-ia. Embora o tivesse usado no pronunciamento de abertura. Voltei-me para a depoente.

— Você diverte-se despindo-se em público, Chamique?

— Objecção! — Mort Pubin, em pé novamente. — Irrelevante. Quem se importa se ela se diverte ou não tirando a roupa em público?

O juiz fitou-me. — E então?

— Vamos combinar o seguinte — respondi, olhando para Pubin. — Não perguntarei à testemunha sobre o trabalho dela de *stripper* se você também se abster disso.

Pubin aquietou-se. Flair Hickory ainda não abrira a boca. Ele não gostava de objetar. Geralmente, jurados não apreciam objeções. Pensam que você lhes está escondendo alguma coisa. Flair queria permanecer benquisto. Assim, deixava para Mort o trabalho sujo. A

versão advocatória do polícia bonzinho e do polícia durão.

Virei-me para Chamique.

— Você não estava fazendo *strip-tease* na noite em que foi violada, estava?

— Objecção!

— Suposto violada — corrigi-me.

— Não. Fui convidada.

— Você foi convidada para uma festa na república onde moram o Sr. Marantz e o Sr. Jenrette?

— Isso mesmo.

— O Sr. Marantz e o Sr. Jenrette convidaram-na?

— Não.

— Quem a convidou?

— Outro rapaz que mora lá.

— Qual é o nome dele?

— Jerry Flynn.

— Entendo. Como você conheceu o Sr. Flynn?

— Eu tinha trabalhado na república, uma semana antes.

— Quando você fala que trabalhou...

— Tirei a roupa para eles — completou Chamique.

Gostei da reação dela. Começávamos a estabelecer um ritmo.

— E o Sr. Flynn estava lá?

— Todos estavam.

— Quando você diz "todos"...

Ela apontou para os dois acusados.

— Eles estavam lá também. Um monte de outros rapazes.

— Quantos, aproximadamente?

— 20, 25, talvez.

— Ok, porém foi o Sr. Flynn quem a convidou para uma festa na semana seguinte?

— Sim.

— E você aceitou o convite?

Os olhos de Chamique estavam marejados de lágrimas, mas ela permaneceu de cabeça erecta.

— Sim.

— Por que você decidiu ir?

Ela refletiu durante alguns instantes.

— Era como um bilionário fazendo um convite para um passeio num iate.

— Os rapazes impressionavam-na?

— Sim. Claro.

— E o dinheiro deles?

— Também.

Adorei daquela resposta.

— E — prosseguiu ela — o Jerry foi carinhoso comigo quando fiz strip-tease.

— O Sr. Flynn tratou-a com gentileza?

— Sim.

Assenti. Eu estava pisando areia movediça, porém segui em frente.

— A propósito, Chamique, voltando àquela noite quando você foi contratada para se despir... — Senti a minha respiração acelerar. — Você desempenhou outros serviços para algum dos homens presentes?

Os nossos olhares se encontraram. Ela engoliu em seco, mas manteve o controle. A voz soou suave, destituída de qualquer aspereza.

— Sim.

— Favores de natureza sexual?

— Sim.

Ela baixou a cabeça.

— Não se envergonhe — disse. — Você precisava do dinheiro. — Apontei para a bancada de defesa. — Qual é a desculpa deles?

— Objecção!

— Deferida.

Todavia, Mort Pubin não se deu por satisfeito.

— Meritíssimo, essa declaração foi um ultraje!

— É um ultraje — concordei. — O senhor deveria castigar os seus clientes imediatamente.

Mort Pubin ficou vermelho; a voz, um choramingo.

— Meritíssimo!

— Dr. Copeland.

Levantei a mão, sinalizando que o juiz estava certo e eu pararia por ali. Acredito piamente em expor todos os podres durante a inquirição, se bem que à minha maneira. Tira-se munição do outro lado para o interrogatório cruzado.

— Você estava interessada no Sr. Flynn como potencial namorado?

Outra vez Mort Pubin.

— Objecção! Relevância?

— Dr. Copeland?

— Naturalmente que é relevante. A defesa vai dizer que a Sra. Johnson está fazendo essas acusações para se aproveitar financeiramente dos seus clientes. Estou a tentar estabelecer o estado de espírito dela naquela noite.

— Permitido — decidiu o juiz.

Repeti a pergunta.

Chamique contorceu-se um pouco no banco, demonstrando a sua pouca idade. — O Jerry era demais para mim.

— Mas?

–Mas, sim... Não sei. Nunca conheci alguém como ele. O Jerry abria a porta para mim. Sempre foi gentil. Não estou acostumada com essas coisas.

— E o Sr. Flynn é rico. Pelo menos, comparado com você.

— Sim.

— Isso significava algo?

— Claro.

Adorei aquela honestidade.

Os olhos de Chamique lançaram-se sobre o júri, a expressão desafiadora de volta.

— Eu também tenho os meus sonhos.

Permiti que as palavras dela ecoassem durante uns poucos segundos, antes de prosseguir.

— E qual era o seu sonho naquela noite, Chamique?

Mort estava a ponto de objetar novamente, porém Flair Hickory segurou-o pelo braço.

Chamique encolheu os ombros. — É uma idiotice.

— Diga-me mesmo assim.

— Imaginei que, talvez,... uma idiotice... Imaginei que talvez ele gostasse de mim, entende?

— Sim, entendo — respondi. — Como foi você para a festa?

–Apanhei um autocarro de Irvington e depois caminhei.

— E, quando você chegou à república, o Sr. Flynn estava lá?

— Sim.

— E ele continuava gentil?

— No começo, sim. — Uma lágrima escapou-lhe dos olhos. — Ele estava sendo realmente gentil. Foi...

Ela calou-se.

— Foi o que, Chamique?

— No começo — outra lágrima escorreu-lhe pela face — foi a melhor noite da minha vida.

Deixei as palavras dela pairarem no ar. Mais uma lágrima deslizou lentamente.

— Você está bem? — indaguei.

Chamique secou as lágrimas. — Estou bem.

— Tem certeza?

— Pode perguntar, Dr. Copeland. — A voz dela recuperara a dureza.

Ela era maravilhosa. Os jurados estavam absortos, ouvindo atentamente cada palavra. E acreditando nelas, supus.

— Houve um momento em que o comportamento do Sr. Flynn em relação a você mudou?

— Sim.

— Quando?

— Ele cochichou com aquele outro ali. — Chamique apontou para Edward Jenrette.

— O Sr. Jenrette?

— Sim. Ele.

Jenrette tentou não se encolher sob o olhar de Chamique. Quase o conseguiu.

— Você viu o Sr. Jenrette cochichar alguma coisa com o Sr. Flynn?

— Sim.

— E, então, o que aconteceu?

— O Jerry perguntou-me se eu queria dar uma volta.

— Você está se referindo a Jerry Flynn?

— Sim.

— Ok. Conte-nos o que houve.

— Fomos dar uma volta no jardim. Eles tinham um barril. O Jerry perguntou se eu queria uma cerveja. Disse que não. Ele estava agindo de forma esquisita, todo nervoso.

Mort Pubin em pé.

— Objecção.

Abri os braços, exasperado. — Meritíssimo!

— Prossiga.

— Continue — instruí a testemunha.

— O Jerry tirou uma cerveja do barril e ficou olhando para ela.

— Olhando para a cerveja?

— Sim, durante um tempo, acho. Ele estava evitando olhar para mim. Alguma coisa estava diferente. Perguntei se ele estava bem.

Ele disse que sim, que estava tudo ótimo. Aí — por pouco a voz de Chamique não lhe morreu na garganta — o Jerry falou que eu era gostosa e que se divertia me vendo tirar a roupa.

— Isso surpreendeu-a?

— Surpreendeu. É que ele nunca tinha falado desse jeito antes, com a voz rouca. Como a dos outros.

— Continue.

— Ele perguntou-me "Você quer subir e ver o meu quarto?".

— O que você respondeu?

— Respondi tudo bem.

— Você queria ir ao quarto do Sr. Flynn?

Chamique fechou os olhos. Mais uma lágrima escapuliu. Ela meneou a cabeça.

— Você precisa falar mais alto.

— Não — disse ela.

— Por que você foi?

— Porque eu queria que ele gostasse de mim.

— E você pensou que o Sr. Flynn iria gostar de você se o acompanhasse até o quarto?

— Eu sabia que ele não iria gostar de mim se eu dissesse não.

Virei-lhe as costas e caminhei até à minha mesa. Fingi consultar anotações. Queria, simplesmente, conceder aos jurados tempo para digerir a coisa. Chamique, com as costas direitas, o queixo erguido, tentava não demonstrar nada, mas era possível sentir a dor que emanava dela.

— O que aconteceu quando você subiu?

— Quando passei por uma porta... — ela virou-se para Jenrette — ... ele agarrou-me.

Novamente a fiz apontar para Edward Jenrette e identificá-lo pelo nome.

— Havia mais alguém no quarto?

— Sim. Ele.

Ela apontou Barry Marantz. Notei a presença das duas famílias atrás dos acusados. Os pais, cujos rostos lembravam máscaras mortuárias, a pele repuxada, os ossos das faces por demais proeminentes, os olhos encovados e vazios. Eram como sentinelas, enfileiradas para defender a prole. Pareciam devastados. Senti-me mal por eles.

Uma pena. Mas Edward Jenrette e Barry Marantz tinham quem os protegesse.

Chamique Johnson não tinha ninguém.

Entretanto, parte de mim compreendia o que de fato acontecera. Você começa bebendo, perde o controle, esquece as consequências. Talvez esses rapazes nunca voltassem a cometer aquele ato outra vez. Talvez houvessem realmente aprendido a sua lição. Novamente, uma pena.

Existem algumas pessoas que são más até ao âmago, que sempre serão cruéis e perversas e ferirão os seus semelhantes. Existem outras, talvez a maioria que aparecem no meu escritório, que apenas se meteram numa confusão. Não é o meu trabalho distingui-las. Isso cabe ao juiz, ao dar a sentença.

— Ok — disse —, e o que aconteceu depois?

— Ele fechou a porta.

— Quem?

Chamique mostrou Marantz.

— Para facilitar, você poderia chamá-lo de Sr. Marantz e ao outro de Sr. Jenrette?

Ela assentiu.

— Então o Sr. Marantz fechou a porta. O que houve de seguida?

— O Sr. Jenrette mandou-me ajoelhar.

— Onde estava o Sr. Flynn a essa altura?

— Não sei.

— Você não sabe? — Fingi espanto. — Ele não foi com você até

o andar de cima?

— Sim.

— Não estava ao seu lado quando o Sr. Jenrette a agarrou?

— Sim.

— E então?

— Não sei. O Jerry não entrou no quarto. Só deixou que a porta fosse fechada.

— Você tornou a vê-lo?

— Não até mais tarde.

Inspirei e mergulhei fundo. Perguntei a Chamique o que acontecera. Conduzi-a até à violação. O depoimento foi descritivo. Ela falava num tom prático, impessoal — como que completamente desligada do relato. Havia muito a incluir. O que tinham dito, como tinham rido, o que lhe tinham feito. Eu precisava de tudo explicitado. Não creio que os jurados quisessem ouvi-lo. Entendo-os, até. Mas eu queria que Chamique tentasse ser o mais explícita possível, que se lembra-se de cada posição, quem estivera onde, quem fizera o quê.

Foi estarrecedor.

Ao terminar de interrogá-la sobre a violação, concedi-lhe alguns minutos antes de abordar a nossa questão mais delicada.

— No seu depoimento, você declarou que os seus agressores usavam os nomes Cal e Jim.

— Objecção, Meritíssimo.

Flair Hickory, a falar pela primeira vez. A voz soou serena, o tipo de serenidade que atrai todos os ouvidos.

— Ela não afirmou que eles usavam os nomes Cal e Jim — corrigiu Flair. — Afirmou, tanto no depoimento quanto em declarações anteriores, que eram Cal e Jim.

— Reformularei a frase — disse num tom de exasperação, como que dizendo ao júri: vocês conseguem acreditar quão chato ele estás endo? Voltei-me para Chamique. — Qual dos rapazes era Cal e qual era Jim?

Chamique identificou Barry Marantz como Cal e Edward Jenrette como Jim.

— Eles apresentaram-se a você? — indaguei.

— Não.

— Então, como você sabia os nomes deles?

— Eles usavam esses nomes para falar um com o outro.

— Mediante o seu depoimento, então o Sr. Marantz diria, por exemplo: "Faça-a curvar-se, Jim". Foi desse jeito?

— Sim.

— Você está ciente de que nenhum dos réus se chama Cal nem Jim?

— Sim.

— Você é capaz de explicar isso?

— Não. Estou apenas contando o que eles falaram.

Sem nenhuma hesitação, sem nenhuma tentativa de arranjar desculpas — uma boa resposta. Deixei parar por aí.

— O que aconteceu depois que eles a violentaram?

— Obrigaram-me a lavar-me.

— Como?

— Meteram-me no chuveiro. Ensaboaram-me. A cabine de duche tinha um repuxo para higiene íntima. Fizeram esfregar-me.

— Depois o quê?

— Pegaram as minhas roupas. Falaram que iam queimá-las. Deram-me uma camiseta e um short.

— E o que aconteceu de seguida?

— O Jerry acompanhou-me até à paragem do autocarro.

— O Sr. Flynn disse-lhe algo durante o trajeto?

— Não.

— Nenhuma palavra?

— Nenhuma palavra.

— Você disse-lhe alguma coisa?

— Não.

Novamente mostrei-me espantado. — Você não lhe contou que tinha sido violentada?

Ela sorriu pela primeira vez. — Você acha que ele não sabia?

Deixei por isso mesmo. Queria tornar a mudar a abordagem.

— Você contratou um advogado, Chamique?

— Mais ou menos.

— O que você quer dizer com mais ou menos?

— Na verdade, não o contratei. Ele encontrou-me.

— Qual é o nome dele?

— Horace Foley. Ele não se veste tão bem quanto o Dr. Hickory sentado ali.

Flair sorriu ao escutar a observação.

— Você está processando os acusados?

— Estou.

— Por que os está processando?

— Para que eles paguem.

— Não é o que estamos fazendo aqui? — perguntei. — Encontrando uma maneira de puni-los?

— Sim. Mas uma ação judicial gira à volta de dinheiro. Fiz cara de quem não entendera. — Mas a defesa vai afirmar que você apresentou queixa para extorquir dinheiro. Vai dizer que isso prova, na realidade, que você está interessada em dinheiro.

— Eu estou interessada no dinheiro — respondeu Chamique. — Alguma vez já falei o contrário?

Esperei.

— Você não se interessa por dinheiro, Dr. Copeland?

— Interesso-me — respondi.

— E então?

— E, então — expliquei —, a defesa afirmará que esse é um motivo para mentir.

— Não posso fazer nada. Se eu dissesse que não me importo com dinheiro, seria uma mentira. — Ela fitou os jurados. — Se eu me

sentasse aqui e dissesse que dinheiro não significa nada para mim, vocês acreditariam em mim? Claro que não. E eu também não acreditaria se vocês dissessem que não se importam com dinheiro. Eu importava-me com dinheiro antes que eles me violassem. E importo-me agora. Não estou mentindo. Eles violaram-me. Quero que vão para a cadeia por isso. E, se eu conseguir tirar algum dinheiro deles, por que não? Teria como usá-lo.

Dei um passo atrás. Candura — candura verdadeira — tem um cheiro como nenhum outro.

— Sem mais perguntas — encerrei.

Capítulo 8

Houve um intervalo para o almoço.

Geralmente o almoço é a hora de discutir estratégia com os meus subordinados. Mas eu não queria fazê-lo naquele momento. Queria ficar sozinho. Queria repassar a inquirição mentalmente, descobrir onde errara, tentar imaginar o que Flair faria a seguir.

Pedi um *cheeseburger* e uma cerveja a uma empregada que parecia desejar estar num daqueles comerciais de "*leva me embora daqui*". Ela chamava-me de querido. Adoro quando uma empregada me chama de querido.

Um julgamento são duas narrativas competindo pela sua atenção. Você precisa transformar o protagonista num ser humano real. Real é muito mais importante que puro. Advogados esquecem-se disso. Pensam que precisam fazer os clientes parecerem doces e perfeitos. Não o conseguem. Portanto, nunca tento dourar a pílula para o juri. As pessoas costumam ser boas julgadores de carácter. São mais propensas a acreditar em você se você mostrar os seus pontos fracos. Pelo menos do meu lado — a promotoria. Quando se está defendendo, procura-se turvar a água. Como Flair Hickory deixara abundantemente claro, deseja-se colocar em cena aquela bela amante conhecida como Dúvida Razoável. Eu estava no lado oposto. Precisava de tudo muito transparente.

A empregada voltou.

— Aqui está, querido — falou, pondo o *cheeseburger* à minha frente. O sanduíche parecia tão gorduroso que quase pedi uma porção de angiografia para acompanhar. Porém, na realidade, essa massa gordurenta era exatamente o que eu precisava. Peguei-o com ambas as mãos e afundei nele os dentes.

— Dr. Copeland?

Não reconheci o rapaz em pé ao meu lado.

— Você dá-me licença? Estou a tentar almoçar.

— Isto é para o senhor.

Ele jogou uma folha de papel sobre a mesa e retirou-se. Desdobrei-a.

Por favor, encontre-me na última mesa à sua direita.

E. J. Jenrette

O pai de Edward. Olhei para o meu gostoso *sanduíche*. Ele olhou de volta para mim. Odeio comida fria ou qualquer coisa requentada. Portanto, comi-o. Sentia-me faminto. Procurei não devorá-lo. A cerveja estava terrivelmente deliciosa.

Ao terminar, levantei-me e me dirigi à mesa dos fundos, à minha direita. E. J. Jenrette tinha um copo de algo semelhante a uísque à sua frente. Segurava-o com as duas mãos, como a tentar protegê-lo, os olhos fixos na bebida.

Não ergueu o olhar quando me sentei. Se estava irritado com a minha demora — se a notara, ao menos —, disfarçava bem.

— Você queria ver-me? — perguntei.

E. J. assentiu. Era um homem grande, tipo ex-atleta, cuja camisa feita por medida dava a impressão de mal conter o pescoço largo. Esperei.

— Você tem uma filha — disse ele.

Aguardei um pouco mais.

— O que você faria para protegê-la?

— Para começar, eu nunca a deixaria ir a uma festa na república do seu filho.

Ele ergueu o olhar.

— Não tem graça.

— Já terminamos?

Ele sorveu um gole demorado da bebida.

— Darei cem mil dólares àquela garota. Contribuirei para a fundação da sua esposa com outros cem mil dólares.

— Ótimo. Você quer preencher os cheques agora?

— Você vai retirar as acusações?

— Não.

Jenrette encarou-me.

— Ele é meu filho. Você realmente quer vê-lo passar os próximos dez anos na cadeia?

— Sim. Porém, é o juiz quem decidirá a sentença.

— Ele é só um garoto. No pior dos casos, deixou-se levar.

— Você também tem uma filha, não, Sr. Jenrette?

Jenrette fitou o copo.

— Se um par de garotos negros de Irvington a agarrassem, a arrastassem para um quarto e fizessem aquelas coisas todas com ela, você ia querer varrer a sujeira para debaixo do tapete?

— A minha filha não é uma *stripper*.

— Não, não é. Ela possui todos os privilégios na vida. Possui todas as vantagens. Por que se iria despir em público?

— Faça-me um favor. Não me venha com essa asneira socioeconômica. Você está dizendo que, por estar numa condição inferior, ela não tinha outra escolha a não ser a prostituição? Por favor. É um insulto a todas as pessoas menos favorecidas que lutaram para sair do gueto.

Ergui uma sobrancelha. — Gueto?

Silêncio.

— Você mora em Short Hills, não? — perguntei.

— E daí?

— Diga-me, quantas das suas vizinhas escolhem ser *stripper*, ou, para usar o seu termo, a prostituição?

— Não sei.

— O que Chamique Johnson faz, ou deixa de fazer, é totalmente irrelevante em relação à violação. Não nos cabe decidir isso. O seu filho não tem o direito de decidir quem merece ou não ser violada. Mas, de qualquer maneira, Chamique Johnson tira a roupa

porque possui opções limitadas. Não é o caso da sua filha. — Meneei a cabeça. — Você realmente não entende.

— Não entendo o quê?

— O fato de Chamique ser *stripper* e vender o corpo não faz Edward menos culpado. Se é que não aumenta a culpa dele.

— O meu filho não a violou.

— É para isso que existem os julgamentos — retorqui. — Terminamos agora?

Finalmente Jenrette encarou-me. — Posso dificultar as coisas para você.

— Parece-me que você já está a tentar fazê-lo.

— O bloqueio de fundos? Aquilo não foi nada. Um mero aquecimento.

Olhamo-nos fixamente. A conversa fora longe demais.

— Adeus, Sr. Jenrette.

— Eles vão sair dessa — disse Jenrette, estendendo a mão e segurando-me pelo braço.

— Veremos.

— Você marcou pontos hoje, mas aquela prostituta ainda vai passar pelo interrogatório cruzado. Você não vai conseguir explicar por que chamou os rapazes por outros nomes. Isso será a sua queda. Você sabe disso. Portanto, escute a minha sugestão.

Aguardei.

— O meu filho e o menino Marantz aceitarão qualquer pena, desde que não acabem na prisão. Farão serviços comunitários. Permanecerão em pena suspensa durante quanto tempo você quiser. É justo. Em contrapartida, prestarei assistência financeira a essa jovem problemática e certificar-me-ei de que a instituição JaneCare receba doações adequadas. É um cenário em que todos ganham.

— Não — respondi.

— Você realmente acha que esses meninos voltarão a fazer algo semelhante?

— A verdade? Provavelmente não.

— Sempre pensei que prisão girasse à volta de reabilitação.

— Sim, mas o meu ramo não é a reabilitação. É a justiça.

— E, para você, justiça é o meu filho ir para a prisão?

— Sim. Mas, insisto, por esse motivo temos júris e juízes.

— Alguma vez você já cometeu um erro, Sr. Copeland?

Não disse nada.

— Porque eu vou escarafunchar. Vou escarafunchar até descobrir cada erro que você cometeu. E usarei esses erros. Você tem segredos guardados, Sr. Copeland. Nós dois sabemos disso. Se teimar nessa caça às bruxas, vou arrastar os seus segredos para a luz, para que o mundo inteiro os veja. — Ele parecia estar ganhando confiança agora, o que me desagradou. — Na pior das hipóteses, o meu filho cometeu um grande erro. Estamos a tentar encontrar um modo de reparar os danos sem destruir a vida dele. Você é capaz de entender?

— Não tenho mais nada a dizer — devolvi.

Jenrette continuou segurando-me pelo braço.

— Último aviso, Dr. Copeland. Estou disposto a qualquer coisa para proteger o meu filho.

Olhei para Jenrette e, então, fiz algo que o surpreendeu. Sorri.

— O que foi? — interpelou-me.

— É bonito.

— O quê?

— Que o seu filho tenha tantas pessoas dispostas a lutar por ele. Também no tribunal. Edward conta com tanta gente do lado dele...

— O meu filho é amado.

— Bonito — repeti, desvencilhando-me dos dedos que me prendiam. — Porém, quando olho para todas aquelas pessoas sentadas atrás do seu filho, sabe o que não consigo deixar de notar?

— O quê?

— Chamique Johnson não tem ninguém sentado atrás dela.

— Eu gostaria de partilhar esta passagem com a minha classe — anunciou Lucy Gold.

Lucy gostava que os alunos fizessem um círculo com as carteiras e, então, colocava-se no centro. Claro que rondar esse "círculo do conhecimento", como um lutador num ringue, criava uma situação artificial, mas descobrira que funcionava. Quando colocados num círculo, não importa quão amplo seja, todos os alunos estão nas carteiras da frente. Não há lugar onde se esconder.

Lonnie estava presente. Lucy considerara a possibilidade de deixá-lo ler o texto, para que pudesse analisar melhor os rostos dos estudantes. Todavia, a narradora era mulher. Não soaria bem. Além do mais, quem quer que escrevera a redação sabia que Lucy estaria à espera de uma reação. Tinha de saber. Tinha de estar querendo dar um nó na sua cabeça. Assim, decidira ler enquanto Lonnie ficava atento às reações. E, naturalmente, levantaria o olhar muitas vezes, faria pausas, na esperança de descobrir algum indício.

Sylvia Potter, a bajuladora, sentava-se bem à sua frente, as mãos cruzadas, os olhos arregalados. Fitando-a, Lucy sorriu-lhe de leve.

Sylvia se iluminou. Ao lado dela, Alvin Renfro, um preguiçoso de marca maior. Renfro escarrapachava-se na carteira como quase todos os estudantes, como se não possuísse nenhum osso no corpo e estivesse à beira de escorregar até o chão e transformar-se numa poça.

— Aconteceu quando eu tinha 17 anos... — começou Lucy. — Estava no acampamento de Verão. Trabalhava lá como OT — Orientadora de Treino...

Enquanto continuava a leitura sobre o incidente na floresta, a narradora e o namorado, P, o beijo trocado, os gritos na escuridão, ela rodeava o círculo. Já tinha lido aquela redação no mínimo umas doze vezes, porém, agora, ao fazê-lo em voz alta para uma audiência, sentia um aperto na garganta. As pernas quase se vergaram. Arriscou um olhar para Lonnie. Ele percebera algo no seu tom também e

observava-a. Lucy encarou-o como se dissesse "*Você deveria estar a prestar atenção neles, não em mim*".

Ao terminar a leitura, ela pediu comentários. Essa solicitação costumava seguir uma mesma diretriz. Os alunos sabiam que o autor se encontrava presente. Mas como a única maneira de se elevar é rebaixando os outros, eles atacavam o trabalho alheio com fúria. Levantavam as mãos e sempre iniciavam a censura com frases do tipo "Será que só eu penso assim?" ou "Eu posso estar errado sobre isso, mas...".

E, então, as críticas tiveram início.

— O estilo é superficial...

— Não sinto a paixão dela por esse tal de P, você sente...?

— Mão deslizando sob a camiseta? Poupe-me...

— Sinceramente? Achei um lixo.

— A narradora escreve "Continuamo-nos beijando. Apaixonadamente". Não me diga que era apaixonadamente. Mostre-me.

Lucy moderou o debate. Essa constituía a parte mais importante da aula. Não era fácil ensinar aos alunos. Frequentemente pensava na sua própria época de estudante, nas horas de palestras que funcionavam como soporíferos, e não conseguia lembrar-se de uma única coisa dita em nenhuma dessas palestras. As lições que realmente aprendera, aquelas que interiorizara, evocara e pusera em uso, haviam sido os comentários rápidos que um professor fizera durante os debates. Ensinar gira à volta de qualidade, não quantidade. Se você fala demais, torna-se semelhante a uma música de fundo irritante. Se fala pouco, é possível que se faça ouvir.

Professores também gostam de atenção. Isso pode ser igualmente um perigo. Um dos seus primeiros mestres na faculdade dera-lhe um conselho simples e firme a esse respeito: "*Nem tudo gira ao seu redor*". Ela procurava manter-se fiel a esse princípio o tempo todo. Por outro lado, os estudantes não o querem pairando acima da

discussão. Assim, quando contava alguma piada ocasional, procurava escolher uma em que metia os pés pelas mãos — de qualquer jeito, havia inúmeras — e que mostrasse como, apesar disso, tudo terminava ok.

Outro problema era que os alunos não diziam aquilo em que realmente acreditavam tanto quanto o que achavam que impressionaria. Claro que o mesmo se aplicava às reuniões do corpo docente — priorizava-se soar bem, não falar verdade.

Porém, no momento, Lucy estava sendo um pouco mais direta que de costume. Desejava provocar reações. Desejava que o autor, ou autora, se revelasse. Portanto, pressionou.

— Isso era para ser um texto autobiográfico — afirmou. — Alguém aqui realmente acredita que tenha acontecido?

O comentário silenciou a sala. Havia algumas regras tácitas ali. Lucy praticamente desafiara a autora, chamara-a de mentirosa. Ela recuou um pouco.

— O que estou querendo dizer é que o texto soa como ficção. Em geral, é algo positivo, porém, neste caso, não suscita dificuldades? Você não começa a questionar a veracidade do relato?

A discussão estendeu-se, acalorada. Mãos atiravam-se no ar. Os alunos discutiam uns com os outros. Esse era o ponto alto do seu trabalho. Na verdade, Lucy tinha muito pouco na vida. Mas amava esses jovens. A cada semestre, apaixonava-se novamente. Eles constituíam a sua família, pelo menos nos dois semestres lectivos. E, então, deixavam-na. Alguns voltavam. Muito poucos. E sempre se sentia feliz de voltar a vê-los. Todavia, nunca mais tornavam a ser a sua família. Somente os alunos atuais conquistavam esse *status*. Era esquisito.

Em determinado momento, Lonnie retirou-se. Lucy perguntou aonde o colega estaria indo, mas não se deteve no pensamento, imersa que estava na aula. Durante alguns dias, o tempo passava depressa demais. Como naquele dia. Quando o sinal tocou e os alunos

começaram a arrumar a mochila, ela não se achava nem um pouco mais perto de descobrir quem lhe enviara aquele relato anônimo.

— Não se esqueçam — avisou-os Lucy. — Mais duas páginas de texto para amanhã. Ah, vocês podem enviar mais de duas páginas, se quiserem. Qualquer coisa que tenham para mim.

Dez minutos depois, entrou no escritório. Lonnie já a aguardava.

— Você percebeu algo na expressão dos alunos? — perguntou Lucy.

— Não.

Ela pôs-se a guardar o material, enfiando a papelada na sacola do *laptop*.

— Aonde vai você? — interrogou Lonnie.

— Tenho um compromisso.

O tom de voz dela impediu-o de perguntar mais. Lucy tinha esse "compromisso" particular uma vez por semana. Mas não confiava tal informação a ninguém. Nem sequer a Lonnie.

— Ah — murmurou Lonnie, conservando os olhos fixos no chão.

— O que foi?

— Tem mesmo certeza de que quer saber quem enviou aquele texto? A coisa toda parece-me uma espécie de traição.

— Preciso saber.

— Por quê?

— Não posso contar-lhe.

Ele assentiu. — Ok.

— Ok, o quê?

— Quando você estará de volta?

— Dentro de uma hora, talvez duas.

Lonnie consultou o relógio. — Até lá eu já deverei saber quem mandou a história.

Capítulo 9

O julgamento foi adiado para a tarde do dia seguinte.

Havia quem achasse que isso faria a diferença — que os jurados passariam a noite com a minha inquirição na cabeça, o que acabaria influenciando-os, blá-blá-blá. Pura bobagem. Tratava-se apenas do ciclo de um caso. Se existia um dado positivo nesse desenrolar dos acontecimentos, seria compensado pelo fato de que Flair Hickory teria mais tempo para preparar o seu interrogatório cruzado. Julgamentos funcionam assim. Fica-se histérico, porém, coisas desse tipo tendem a se contrabalançar.

Liguei para Loren Muse do telemóvel.

— Alguma novidade?

— Ainda trabalhando.

Desliguei e vi que havia uma mensagem do investigador York. Eu não estava certo sobre o que mais fazer a respeito da mentira da Sra. Perez em relação à cicatriz no braço de Gil. Se a confrontasse, ela provavelmente diria que apenas se confundira. Nenhum dano, nenhuma infração.

Entretanto, por que a Sra. Perez teria feito aquela afirmação, em primeiro lugar?

Estaria, na realidade, expressando o que acreditava ser verdade? Que aquele corpo não pertencia ao filho? Estariam ambos, o Sr. e a Sra. Perez, simplesmente cometendo um grave, porém compreensível, engano? Era tão difícil entender que o filho deles estivera vivo todo aquele tempo que não conseguiam aceitar o que os próprios olhos lhes mostravam?

Ou teriam mentido?

E, se tinham mentido, por quê?

Antes de confrontá-los, eu precisava reunir mais fatos.

Precisava fornecer uma prova definitiva de que o cadáver na morgue, com o cognome Manolo Santiago, era realmente Gil Perez, o rapaz desaparecido na floresta com minha irmã, Margot Green e Doug Billingham quase vinte anos atrás.

A mensagem de York dizia: "*Desculpe a demora para entrar em contato. Você perguntou sobre Raya Singh, a namorada da vítima. Tínhamos somente o número do telemóvel dela, acredite ou não. De qualquer maneira, ligamos. Raya Singh trabalha num restaurante indiano, na Rodovia 3, perto do túnel Lincoln*". York passou-me nome e morada. A mensagem prosseguia: "*Em tese, ela fica lá o dia inteiro. Ei, se você descobrir qualquer coisa sobre o nome verdadeiro de Santiago, comunique-me. Parece que ele usava esse pseudônimo havia um bom tempo. Recebemos algumas informações de Los Angeles sobre a vítima, de uns seis anos atrás. Nada de significativo. Falo com você mais tarde*".

Perguntei-me o que fazer com a informação. Não muito. Rumei para o carro. Mal abri a porta, percebi algo de errado.

Havia um envelope de papel de embrulho sobre o banco do motorista.

Eu sabia que aquilo não me pertencia. Sabia que não o deixara ali. E sabia que havia trancado todas as portas do veículo.

Alguém arrombara o meu carro.

Apanhei o envelope. Nenhuma morada ou tarifa postal. Absolutamente nada escrito no envelope fino. Sentei-me atrás do volante e fechei a porta. O envelope estava colado. Abri-o com o dedo indicador. Tirei o conteúdo.

O meu sangue gelou nas veias ao ver o que era.

Uma fotografia do meu pai.

Franzi o cenho. Mas que droga era aquilo?

Num canto inferior, datilografado caprichosamente na margem branca, o nome dele e o ano: "Vladimir Copeland". Era só.

Não entendi.

Permaneci imóvel durante alguns instantes, olhando fixamente

a foto do meu amado pai. Pensei na história dele, em como havia sido um jovem médico em Leninegrado, no quanto lhe fora tirado, em como a vida dele acabara sendo uma sucessão infindável de tragédias e desapontamentos. Lembrei-me dele discutindo com a minha mãe, ambos magoados e sem ter ninguém em quem descontar, exceto um no outro. Lembrei-me da minha mãe, chorando sozinha. Lembrei-me de ficar junto da Camille em algumas daquelas noites. Ela e eu nunca brigávamos — estranho para um irmão e uma irmã —, mas talvez já tivéssemos presenciado brigas suficientes. Às vezes Camille pegava-me pela mão e dizia que deveríamos dar um passeio. Porém, quase sempre, íamos para o quarto dela. Camille punha uma daquelas músicas chatas para tocar e falava-me por que gostava de ouvi-las, se a letra tinha algum significado oculto, e contava-me sobre algum menino de quem gostava na escola. Eu ficava lá sentado, escutando-a e experimentando um estranho contentamento.

Não conseguia compreender a razão dessa fotografia.

Havia algo mais no envelope.

Virei-o de pernas para o ar. Nada. Vasculhei o interior. Sim, uma ficha de arquivo. Branca com linhas vermelhas. Aquele lado, pautado, estava em branco. Mas no verso — no lado inteiramente branco —, alguém datilografara três palavras em letras maiúsculas:

O PRIMEIRO SEGREDO

— Você sabe quem enviou esse texto? — perguntou Lucy.

— Ainda não — retorquiu Lonnie. — Mas vou descobrir.

— Como?

Lonnie manteve a cabeça baixa. A fanfarronice dele tinha ido embora. Lucy sentia-se mal a esse respeito. O colega não gostava do que estava sendo obrigado a fazer. Tampouco ela gostava. Mas não lhe restara escolha. Esforçara-se duramente para ocultar o seu passado. Mudara o nome. Não permitira que Paul a encontrasse. Livrara-se dos seus cabelos naturalmente loiros — caramba, quantas mulheres da sua idade tinham cabelos naturalmente loiros? — e

substituíra-os por essa maçaroca castanha.

— Ok — falou Lucy. — Você estará aqui quando eu voltar?

Ele assentiu. Ela desceu a escada até ao carro.

Na TV parece tão simples obter uma nova identidade. Talvez o fosse, entretanto Lucy constatara não ser esse o seu caso. Era um processo lento. Começara mudando o sobrenome de Silverstein para Gold. Silver para gold[1]. Inteligente, não? Não, achava que não. Todavia, funcionava, pois, de alguma maneira, ainda a vinculava ao pai que tanto amara.

[1] De prata para ouro. Em inglês, silver significa "prata", e gold, "ouro". (N. da T.)

Morara em diversas partes do país. O acampamento ficara para trás. Assim como todas as posses do seu pai. E também, no fim, grande parte dele se esvaíra.

O que restara de Ira Silverstein, seu pai, estava arrumado numa clínica de reabilitação a dezesseis quilômetros do campus da *Reston University*. Ela conduziu, apreciando a solidão, ouvindo Tom Waits cantar que esperava não se apaixonar, mas, claro, querendo apaixonar-se. Entrou no parque de estacionamento. A clínica, uma mansão adaptada numa vasta extensão de terra, era mais bonita que a maioria das instituições similares. Praticamente todo o seu salário ia para lá.

Parou perto do carro velho do pai, um *Volkswagen* amarelo enferrujado. O Fusca ficava sempre exatamente no mesmo lugar. Duvidava de que tivesse saído dali no último ano. Seu pai desfrutava de liberdade na clínica. Podia ir e vir a qualquer hora que desejasse. Podia internar-se ou partir quando bem quisesse. Todavia, o triste fato era que ele quase nunca deixava o próprio quarto. Os autocolantes esquerdistas que tinham ornamentado o veículo há muito haviam desbotado. De vez em quando, com uma cópia da chave do Fusca, Lucy ligava o motor para evitar que a bateria se descarregasse.

Sentava-se ao volante, e as lembranças inundavam-na. Via Ira guiando, a barba espessa, as janelas abertas, o sorriso, acenando e buzinando para qualquer um que cruzasse no seu caminho.

Jamais tivera coragem de dar uma volta naquele carro.

Lucy assinou o livro de visitantes. Tratava-se de uma clínica bastante especializada. Cuidava de pacientes idosos com um longo histórico de drogas ou de problemas mentais. Havia internados de o todo tipo, desde os que pareciam inteiramente "normais" até aqueles que poderiam trabalhar como extras no filme *Um Estranho no Ninho*.

Ira possuía traços de ambos.

Ela parou junto à porta. Ira estava de costas. Vestia o habitual poncho de cânhamo, os cabelos fartos e grisalhos espetados em todas as direções. *Let´s Live for Today*, dos *The Grass Roots*, um clássico de 1967, ribombava do que o seu pai ainda chamava de *Hi-Fi*. Lucy aguardou enquanto *Rob Grill*, o vocalista, fazia a contagem "*1,2,3,4*" antes de a banda se lançar no "*cha-la-la-la-la-la, vamos viver para o hoje*". Fechando os olhos, ela cantarolou baixinho.

Ótima, ótima canção.

Havia uma cortina de miçangas no quarto, camisetas tingidas e um pôster, "*Para onde foram todas as flores?*". Lucy sorriu sem alegria. Nostalgia era uma coisa — uma mente deteriorada, outra.

Demência precoce se insinuara — se devido à idade ou ao uso de drogas, ninguém podia precisar — e fincara raízes. Ira sempre fora confuso, sempre vivera no passado, portanto ficara difícil afirmar quão gradual havia sido o desmoronamento. Assim disseram os médicos. Porém Lucy sabia que a ruptura inicial, o empurrão ladeira abaixo, ocorrera naquele Verão. Ira levara muito da culpa pelo que acontecera na floresta. O acampamento pertencia-lhe. Deveria ter feito mais para proteger os seus campistas.

Os mídia perseguira-o, mas não tão implacavelmente quanto as famílias. Ira, um homem dócil, não conseguira lidar com a coisa. Despedaçara-se por dentro.

Agora, quase não deixava o quarto. Sua mente saltava entre as décadas. Entretanto, essa — a de 1960 — era a única na qual se sentia confortável. Na metade do tempo, acreditava estar ainda em 1968. Em outras ocasiões, percebia a verdade — podia-se ver pela expressão do seu rosto —, porém simplesmente preferia não encará-la. Portanto, como parte da nova "*terapia de validação*", os médicos permitiam que no seu quarto, com todas as suas intenções e os seus propósitos, permanecesse em 1968.

Segundo os médicos, tal tipo de demência não melhora com a idade, de forma que se procura manter o paciente tão feliz e livre de *stress* quanto possível, mesmo que isso signifique viver numa espécie de mentira. Em resumo, Ira desejava que fosse o ano de 1968. O ano em que havia sido mais feliz. Por que contrariá-lo?

— Oi, Ira.

Ira — ele nunca quisera que a filha o chamasse de "pai" — virou-se devagar ao som da sua voz. Ergueu a mão lentamente, como se estivesse debaixo d'água, e acenou.

— Oi, Lucy.

Ela piscou para conter as lágrimas. Ele sempre a reconhecia, sempre sabia quem ela era. Se o faro de viver em 1968, um ano em que a filha nem sequer havia nascido, soava como uma contradição, tudo bem. Um mero detalhe que jamais abalara a ilusão de Ira.

O pai sorriu-lhe. Ira sempre fora bondoso demais, generoso demais, inocente e ingênuo demais para um mundo tão cruel. Referia-se a ele como um "*ex-hippie*", entretanto isso implicaria que, em algum ponto da jornada, Ira desistira de ser *hippie*. Mas não: muito depois de todo o mundo ter aposentado as camisetas *tie-dyes*, os slogans de paz e amor e as bijuterias de miçangas, depois de os outros terem cortado os cabelos e rapado a barba, Ira continuara fiel à causa.

Durante a maravilhosa infância de Lucy, ele jamais erguera a voz para a filha. Quase não filtrara nada, quase não impusera limites, desejando que a filha visse e experimentasse tudo, até o que,

provavelmente, era impróprio. Estranhamente, essa ausência de censura fizera da sua única filha, Lucy Silverstein, algo puritana para os padrões vigentes.

— Estou tão feliz que você esteja aqui... — disse Ira, caminhando sem firmeza ao seu encontro.

Lucy deu um passo e abraçou-o. Seu pai cheirava a velhice e suor. O poncho precisava de ser lavado.

— Como você está, Ira?

— Ótimo. Nunca me senti melhor.

Ele abriu um frasco e tomou uma vitamina. Fazia-o com frequência. Apesar do jeitão anticapitalista, Ira ganhara uma pequena fortuna com vitaminas no início dos anos 1970. Então, usara o dinheiro para comprar aquela propriedade nos limites dos estados da Pensilvânia e de Nova Jersey. Durante algum tempo, administrara-a como uma comunidade. Porém, não durara muito. Assim, transformara-a num acampamento de Verão.

— Tudo bem com você?

— Nunca estive melhor, Lucy.

E, então, ele pôs-se a chorar. Lucy ajudou-o a sentar-se e segurou-lhe as mãos. Ele chorou, riu, chorou novamente, repetindo, sem parar, o quanto a amava.

— Você é o mundo para mim, Lucy. Quando a vejo... vejo como tudo deveria ser. Você sabe do que estou a falar?

— Eu também o amo, Ira.

— Viu só? É disso que estou a falar. Sou o homem mais rico do mundo.

Então, ele tornou a chorar.

Ela não se podia demorar muito. Precisava de voltar ao escritório e inteirar-se do que Lonnie descobrira. A cabeça de Ira estava apoiada no seu ombro. A caspa e o cheiro começavam a afetá-la. Quando uma enfermeira entrou, Lucy aproveitou-se da interrupção para se desenvencilhar, odiando-se por isso.

— Virei na próxima semana, ok?

Ira assentiu. E estava sorrindo quando ela saiu do quarto. No corredor, a enfermeira — Lucy esquecera o nome dela — esperava-a.

— Como o Ira tem passado? — indagou.

Normalmente, tratava-se de uma pergunta retórica. Todos aqueles pacientes achavam-se em más condições, todavia as famílias não gostavam de ouvir isso. Portanto, a enfermeira costumava dizer "Ah, ele está indo bem". Mas desta vez a conversa foi outra.

— O seu pai tem andado mais agitado ultimamente.

— Como assim?

— Em geral, o Ira é o homem mais doce, mais gentil do universo. Mas o humor dele tem oscilado muito...

— Ele sempre teve oscilações de humor.

— Não como essas.

— Ele tem sido inconveniente?

— Não. Não é isso...

— Então, o que é?

A enfermeira encolheu os ombros.

— O seu pai tem falado muito sobre o passado.

— Ele sempre fala da década de sessenta.

— Não, não de um passado tão distante.

— O que, então?

— Ele fala sobre um acampamento de Verão.

Lucy sentiu o peito a apertar-se. — O que o meu pai diz?

— Diz que era dono de um acampamento de Verão. E que depois o perdeu. Começa a falar, sem controle, de sangue, de uma floresta, de escuridão. Depois cala-se. Chega a dar arrepios. Até à semana passada, eu nunca o tinha escutado pronunciar uma só palavra sobre acampamentos, quanto mais mencionar que havia sido dono de um. A menos, claro, que a mente do Ira esteja vagando. Talvez ele tenha apenas imaginado essas coisas?

— Rebecca?

A enfermeira, que agora se lembrava chamar-se Rebecca, despediu-se, apressada. — Tenho que correr.

Sozinha no corredor, Lucy olhou para dentro do quarto. Seu pai estava de costas para a porta. Olhando para a parede. Perguntou-se o que lhe estaria passando pela cabeça. O que ele não lhe estava dizendo?

O que realmente sabia sobre aquela noite?

Ela afastou-se de forma abrupta e rumou para a saída. Parou no balcão para assinar o livro de visitantes antes de partir. Cada paciente possuía a sua própria página. A recepcionista abriu o livro na de Ira. Já com a caneta na mão, Lucy estava a ponto de assinar, tão distraidamente quanto o fizera na entrada, quando parou.

Havia outro nome ali.

Com data da semana anterior. Ira tivera outro visitante. O seu primeiro e único visitante além dela mesma desde sempre. Lucy franziu o cenho ao ler o nome. Um nome que lhe era totalmente estranho.

Quem, diabo, seria Manolo Santiago?

Capítulo 10

O PRIMEIRO SEGREDO

A fotografia do meu pai ainda estava na minha mão. A caminho da visita a Raya Singh, eu teria, agora, de fazer um desvio. Olhei a ficha de arquivo. *O Primeiro Segredo*. Implicação: haveria mais de que um.

Mas comecemos com este — o meu pai.

Uma única pessoa me poderia ajudar quando o assunto era o meu pai e os seus potenciais segredos. Peguei o telemóvel e pressionei a tecla seis. Raramente ligo para esse número, mas continuo a listá-lo na marcação rápida. E suponho que seria sempre assim.

Ele atendeu ao primeiro toque, a voz baixa e grossa.

— Paul.

Mesmo essa única palavra soou com um pesado sotaque.

— Oi, tio Sosh.

Sosh não era realmente meu tio, mas um amigo íntimo da família, dos tempos do país de outrora. Eu não o via fazia três meses, desde o funeral do meu pai. Entretanto, mal lhe ouvi a voz, imediatamente a figura daquele homenzarrão me veio à mente. O meu pai dizia que o tio Sosh fora o sujeito mais poderoso e temido de Pulkovo, a cidade nos arredores de Leninegrado onde ambos cresceram.

— Faz tempo demais — disse ele.

— Eu sei. Sinto muito.

— Ha ha — retorquiu ele, como que aborrecido com a minha desculpa. — Mas achei que você ia me ligar hoje.

O comentário surpreendeu-me.

— Por quê?

— Porque, meu jovem sobrinho, precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Sobre por que nunca converso a respeito de nada ao telefone.

Os negócios de Sosh, se não ilegais, decorriam nas sombras.

— Estou na minha casa na cidade. — Um majestoso apartamento no último piso na Rua 36, em Manhattan. — Quando pode vir aqui?

— Chego em meia hora, se não houver trânsito.

— Esplêndido. Vejo-o dentro de meia hora, então.

— Tio Sosh?

Ele esperou. Fitei a foto do meu pai, no banco do passageiro.

— Você pode dar-me uma ideia do assunto?

–É sobre o seu passado, Pavel — respondeu ele com sotaque acentuado, usando o meu nome russo. — É sobre o que deveria ficar no seu passado.

— E o que isso significa?

— Conversaremos aqui — tornou a dizer tio Sosh. E, então, desligou.

Não havia trânsito, assim o percurso durou uns 25 minutos. O porteiro vestia um daqueles uniformes ridículos, com franjas. O estilo fazia-me lembrar algo que Brejnev teria usado num desfile do *Dia do Trabalhador* — uma analogia interessante, com o tio Sosh a morar ali. O porteiro conhecia-me e fora informado da minha iminente chegada. Se o porteiro não é avisado com antecedência, recusa-se a ligar pelo intercomunicador. Você simplesmente não entra no edifício.

Um velho amigo de Sosh aguardava junto ao elevador. Alexei Kokorov trabalhava como segurança para o meu tio desde que me conheço. Provavelmente estaria agora com uns sessenta e tantos anos, uns poucos a menos que Sosh, e era feio como o diabo. O nariz, bulboso e vermelho; as faces, cheias de veias finas, como teias de aranha, presumo que devido ao excesso de bebida. O casaco e a calça não lhe caíam bem, porém, a sua constituição física estava longe de ser

adequada para envergar alta-costura.

Alexei não parecia feliz por me ver, mas ele nunca fora o tipo dado a risos. Abriu-me a porta. Entrei no elevador sem dizer uma palavra. Com um breve aceno de cabeça, Alexei fechou a porta, deixando-me sozinho.

O elevador parou no vestíbulo do último piso.

Tio Sosh encontrava-se no meio da sala imensa. Sobressaía-se o mobiliário cubista. Da janela panorâmica, descortinava-se uma vista incrível. A cor do papel de parede espesso, que se assemelhava a tapeçaria, provavelmente tinha um nome extravagante como Merlot, mas para mim não passava de vermelho sangue.

O rosto de Sosh iluminou-se à minha chegada. Estendeu as mãos largas. Uma das minhas mais vívidas lembranças da infância era o tamanho daquelas mãos. Pois continuavam enormes. Ele envelhecera ao longo dos anos, entretanto, mesmo agora, já com setenta e poucos, ainda transpirava poder, provocando nos outros uma sensação que beirava a reverência.

Parei do lado de fora do elevador.

— O que — falou —, você agora acha-se velho demais para um abraço?

Caminhamos ao encontro um do outro. Fiel à herança russa, foi um verdadeiro abraço de urso. Força emanava dele, seus antebraços grossos e rígidos. Sosh puxou-me com força para perto de si. Se aumentasse a pressão, seria capaz de partir a minha coluna.

Segundos depois, ele afastou-me e deu-me uma boa olhadela.

— O seu pai — murmurou, a voz embargada e não somente devido ao sotaque. — Você é igualzinho ao seu pai.

Sosh chegara da União Soviética não muito depois de nós. Trabalhara na InTourist, agência de turismo soviética com escritório em Manhattan. Sua função consistia em auxiliar turistas norte-americanos que desejavam visitar Moscovo e o que, então, se chamava Leninegrado.

Isso fora décadas atrás. Com o fim da União Soviética, ele metera-se naquele empreendimento nebuloso que as pessoas rotulam "*importação-exportação*". Eu nunca soube, exatamente, o que era, porém o negócio pagara aquele último piso do prédio.

Sosh fitou-me por mais um ou dois instantes. Vestia camisa branca, alguns dos botões desabotoados permitindo enxergar a camiseta de decote V por baixo, tufos de pelos grisalhos cobrindo o peito. Esperei. Não demoraria muito. Tio Sosh jamais fora inclinado a rodeios.

Como que lendo a minha mente, encarou-me fixamente, dizendo:

— Ando recebendo telefonemas.

— De quem?

— Velhos amigos.

Aguardei.

— Do velho país — completou ele.

— Não sei se estou entendendo.

— Pessoas têm feito perguntas.

— Sosh?

— Sim?

— Você disse, ao telefone, que estava preocupado que nos ouvissem. Aqui também se preocupa com aparelhos de escuta?

— Não. Minha casa é inteiramente segura. Ela passa por uma limpeza todas as semanas.

— Ótimo. Que tal, então, parar com os enigmas e ir direto ao assunto?

Ele sorriu. Gostara da minha abordagem.

— Uns sujeitos. Norte-americanos. Estão em Moscovo, esbanjando dinheiro e fazendo perguntas.

Assenti.

— Perguntas sobre o quê?

— Sobre o seu pai.

— Que tipo de perguntas?

— Você lembra-se dos antigos rumores?

— Você está brincando.

Não, Sosh não estava brincando. E, de uma maneira estranha, fazia sentido. O Primeiro Segredo. Eu deveria ter adivinhado.

Lembrava-me dos boatos, claro. Boatos que quase destruíram a minha família.

Minha irmã e eu tínhamos nascido no que então se chamava União Soviética, durante o que então se chamava *Guerra Fria*. Meu pai, médico, perdera a licença sob acusações, forjadas, de incompetência, por ser judeu. Era assim naqueles tempos.

Nesse introito, uma sinagoga reformista nos Estados Unidos — em Skokie, Illinois, mais especificamente — estava a trabalhar em benefício dos judeus soviéticos. A meio da década de 1970, a questão dos judeus soviéticos tornou-se uma espécie de causa célebre nos templos norte-americanos. Precisava-se encontrar um meio de tirar os judeus da União Soviética.

Tivemos sorte. Eles tiraram-nos de lá.

Durante um longo período, fomos aclamados na nossa nova terra como heróis. Meu pai discursava apaixonadamente nas cerimônias religiosas das noites de sextas-feiras sobre o compromisso com os judeus soviéticos. A garotada usava *pins* em sinal de apoio. Doava-se dinheiro. Porém, aproximadamente um ano após a nossa chegada, meu pai e o rabino tiveram uma desavença. De repente, começaram a surgir rumores de que o meu pai só conseguira sair da União Soviética porque, na verdade, pertencia à KGB e de que se apresentar como judeu não passava de um disfarce. Todas acusações patéticas, contraditórias e falsas. E, agora, com mais de 20 anos.

Meneei a cabeça.

— Estão a tentar fazer do meu pai um membro da KGB?

— Sim.

Maldito Jenrette. A ficha caíra. Sendo uma figura pública, as

acusações, ainda que, no fim de contas, fossem provadas falsas, causariam estrago. Eu deveria sabê-lo. 25 anos atrás, a minha família perdera praticamente tudo devido a essas denúncias infundadas. Partíramos de Skokie, rumáramos para o leste, para Newark. Nossa família jamais fora a mesma.

— Você disse que estava esperando que eu telefonasse.

— Se você não tivesse me procurado, eu ia ligar hoje.

— Para me avisar?

— Sim.

— Então, eles devem ter encontrado alguma coisa.

O homenzarrão não respondeu. Observei-lhe o rosto. E foi como se todo o meu mundo, tudo aquilo em que crescera acreditando, mudasse lentamente.

— Ele era membro da KGB? — indaguei.

— Foi há muito tempo.

— Isso significa sim?

Sosh sorriu devagar.

— Você não entende como era.

— Vou perguntar mais uma vez: isso significa sim?

— Não, Pavel. Mas o seu pai... talvez supostamente pertencesse.

— E o que significa "supostamente"?

— Você sabe como vim parar a este país?

— Você trabalhava para uma companhia de turismo.

— Era a União Soviética, Pavel. Não existiam empresas. A InTourist era dirigida pelo governo. Tudo era dirigido pelo governo. Você compreende?

— Creio que sim.

— Então, quando o governo soviético tinha hipótese de enviar alguém para viver em Nova York, você acha que enviariam o homem mais competente para agenciar férias? Ou mandariam alguém capaz de ajudá-los de outra maneira?

Pensei no tamanho das mãos dele. Pensei na força delas.

— Então você pertencia à KGB?

— Eu era coronel do Exército. Não o denominávamos KGB. Mas, sim, imagino que você me chamaria — ele abriu aspas imaginárias com os dedos — de espião. Eu tinha a função de me encontrar com oficiais norte-americanos. Tentar suborná-los. As pessoas sempre julgam que descobrimos coisas importantes. Coisas capazes de alterar o equilíbrio do poder. Tretas. Não descobrimos nada de relevante. Jamais. E os espiões norte-americanos? Também não descobriram qualquer coisa relevante sobre nós. Trocávamos tretas de um lado para o outro. Um jogo besta.

— E o meu pai?

— O governo soviético deixou-o sair. Os seus amigos judeus acreditam que aplicaram pressão suficiente. Ora, por favor. Um punhado de judeus numa sinagoga realmente acreditou que poderia pressionar um governo que não respondia a ninguém? Chega a ser engraçado.

— Então você está dizendo...?

— Estou apenas lhe dizendo como era. Seu pai prometeu que ajudaria o regime? Claro. Mas só para conseguir sair do país. É complicado, Pavel. Você não pode imaginar como era para ele. Seu pai foi um bom médico, e um homem melhor ainda. O governo inventou denúncias falsas de negligência médica. Ele teve a licença cassada. E a sua avó e o seu avô... meu Deus, os pais da Natasha, maravilhosos... você é jovem demais para se lembrar...

— Eu lembro-me.

— Lembra-se mesmo?

Perguntei-me se realmente me recordava. Guardo uma imagem do meu avô, o meu Popi, da cabeleira branca e, talvez, da risada barulhenta, e da minha avó, a minha avó, repreendendo-o gentilmente. Mas eu tinha 3 anos quando os levaram embora. Realmente lembrava-me dos dois ou aquela velha fotografia que

continuo guardando ganhava vida? Seria uma lembrança real ou alguma coisa que eu criara a partir das histórias da minha mãe?

— Os seus avós eram intelectuais. Professores universitários. Seu avô chefiava o departamento de História. Sua avó, uma matemática brilhante. Você sabe disso, não?

Assenti. — Minha mãe falava que aprendera mais ouvindo os debates à mesa do jantar do que na escola.

Sosh sorriu.

— Provavelmente é verdade. Os intelectuais mais proeminentes procuravam os seus avós. Mas, é claro, isso atraiu a atenção do governo. Eles foram classificados radicais. Considerados perigosos. Você recorda-se de quando foram presos?

— Lembro-me do depois.

Ele fechou os olhos durante longos segundos.

— Do que isso causou à sua mãe?

— Sim.

— A Natasha nunca mais foi a mesma. Você compreende o fato?

— Sim.

— E lá estava o seu pai. Ele tinha perdido muito: a carreira, a reputação, a licença médica, depois os sogros. E, de repente, no fundo do poço onde estava, o governo oferece uma saída para ele. Uma hipótese de recomeçar do zero.

— Uma vida nos Estados Unidos.

— Sim.

— E tudo o que ele precisava fazer era espionar?

Sosh descartou o comentário com um gesto de mão. — Você não percebe? Era um jogo grande. O que um homem como o seu pai poderia descobrir? Mesmo se tentasse. O que ele não fez. O que poderia contar- lhes?

— E minha mãe?

— A Natasha não passava de uma mulher. O governo não lhe

dava a mínima importância. Durante algum tempo, ela foi um problema. Como disse, os pais da Natasha, os seus avós, eram radicais aos olhos do regime. Você diz que se lembra de quando os dois foram presos?

— Acho que lembro-me, sim.

— Os seus avós formaram um grupo com o objetivo de levar a público os abusos contra os direitos humanos. Eles estavam a fazer progressos, mas foram denunciados por um traidor. Os agentes apareceram naquela noite.

Sosh calou-se.

— O que foi? — pressionei-o.

— Não é fácil falar sobre isso. Sobre o que aconteceu com os seus avós.

Encolhi os ombros.

— Você não pode magoá-los agora.

Ele não respondeu.

Insisti: — O que aconteceu?

— Foram mandados para um *gulag*. Um campo de trabalhos forçados. As condições eram terríveis, e os seus avós não eram jovens. Você sabe como acabou?

— Os dois morreram.

Então, Sosh afastou-se. Caminhou até à janela que se debruçava sobre uma vista espetacular do rio Hudson. Havia dois navios de passageiros enormes no porto. À esquerda, enxergava-se a estátua da Liberdade. Manhattan é tão pequena, uns treze quilômetros de uma extremidade à outra. Entretanto, assim como Sosh, você sempre sente o seu poder.

— Sosh?

Quando ele voltou a falar, a voz soou suave.

— Você sabe como eles morreram?

— Como você disse, as condições eram terríveis. Meu avô sofria do coração.

Sosh ainda se mantinha de costas para mim.

— O governo recusava-se a tratá-lo. Recusava-se até a providenciar a medicação. Ele morreu em três meses.

Esperei.

— O que você não me está a dizer, Sosh?

— Você sabe o que houve com a sua avó?

— Sei o que a minha mãe me contou.

— Diga-me.

— A avó também ficou doente. Com a morte do marido, o coração dela mais ou menos parou de funcionar. Ouve-se sempre isso, sobre casais que estão juntos há muito tempo. Um morre, então o outro desiste de viver.

Silêncio.

— Sosh?

— De certa forma, imagino que isso seja verdade.

— De certa forma?

Sosh continuou com os olhos fixos num ponto qualquer além da janela.

— A sua avó suicidou-se.

Meu corpo enrijeceu. Comecei a menear a cabeça.

— Ela enforcou-se com um lençol.

Permaneci lá, sentado. Pensei naquela foto da minha avó. Pensei naquele sorriso sagaz. Pensei nas histórias que a minha mãe me contava sobre ela, sobre a mente dela e a língua ainda mais afiada. Suicídio.

— Minha mãe sabia? — indaguei.

— Sim.

— Ela nunca me disse.

— Talvez nem eu deveria ter dito.

— E por que o fez?

— Preciso que você enxergue a situação com clareza. A sua mãe era uma mulher linda. Encantadora, delicada. O seu pai adorava-

a. Mas depois da prisão dos pais e, de certa forma, do assassinato deles, ela nunca mais foi a mesma. Você percebeu isso, não percebeu? A melancolia? Até mesmo antes de a sua irmã...

Não disse nada. Mas notara a tristeza infinita dela, sim.

— Acho que eu queria que você soubesse como as coisas eram, por sua mãe. Assim, talvez, você seria capaz de compreender melhor.

— Sosh?

Ele aguardou. Ainda sem se virar da janela.

— Você sabe onde a minha mãe está?

O homenzarrão não respondeu durante longos minutos.

— Sosh?

— No começo, eu sabia. Logo que ela fugiu.

Engoli em seco. — Para onde foi ela?

— A Natasha foi para casa.

— Não entendo.

— Ela voltou para a Rússia.

— Por quê?

— Você não pode julgá-la, Pavel.

— Não julgo. Quero saber por quê.

— Você pode fugir da sua casa, como os seus pais fizeram. Você tenta mudar. Você odeia o seu governo, mas nunca o seu povo. Sua pátria é a sua pátria. Para sempre.

Ele virou-se para mim. Os nossos olhares se encontraram.

— E foi por isso que ela fugiu?

Sosh permaneceu imóvel.

— Foi esse o argumento dela? — questionei-o, quase gritando. — Porque a sua pátria é para sempre a sua pátria?

— Você não está ouvindo.

— Não, Sosh, estou ouvindo, sim. Sua pátria é a sua pátria. Um monte de asneira. Que tal a sua família é a sua família? Que tal o seu marido é o seu marido? Ou, para ir diretamente ao assunto, que tal o seu filho é para sempre o seu filho?

Ele não retorquiu.

— E nós, Sosh? E eu e o meu pai?

— Não tenho uma resposta para lhe dar, Pavel.

— Você sabe onde ela está agora?

— Não.

— Isso é a verdade?

— É.

— Mas você seria capaz de encontrá-la, não?

Sosh não assentiu, tampouco meneou a cabeça.

— Você tem uma filha — disse ele. — Tem uma boa carreira.

— E daí?

— E daí que tudo aconteceu há muito tempo. O passado é para os mortos, Pavel. E não queremos trazer os mortos de volta. Você quer enterrá-los e seguir em frente.

— Minha mãe não está morta — devolvi. — Está?

— Não sei.

— Então, por que você está a falar dos mortos? Enquanto estamos a falar sobre os mortos, aqui está mais uma coisa para considerarmos. — Não consegui deter-me; simplesmente, pus para fora: — Já nem tenho a certeza de que a minha irmã esteja morta.

Eu esperara ver o choque estampado no rosto dele. Nada. Sosh mal parecia surpreso.

— Para você — disse ele.

— Para mim o quê?

— Para você, as duas deveriam estar mortas.

Capítulo 11

Tirei as palavras do tio Sosh da cabeça e tornei a rumar para o túnel Lincoln. Precisava de me concentrar em duas coisas, duas coisas somente: ponto um, condenar aqueles malditos filhos-da-mãe que tinham violado Chamique Johnson; ponto dois, descobrir onde, diabo, Gil Perez estivera metido nos últimos 20 anos.

Verifiquei o endereço da testemunha/namorada que o investigador York me dera. Raya Singh trabalhava num restaurante indiano.

Pus-me a caminho.

Ainda continuava com a fotografia do meu pai no banco do passageiro. Não me preocupei muito com aquelas alegações envolvendo a KGB. Quase esperara por isso depois da minha conversa com Sosh. Reli a ficha de arquivo.

O PRIMEIRO SEGREDO

O primeiro. Implicava que outros surgiriam. Evidentemente monsieur Jenrette, provavelmente com o auxílio financeiro de Marantz, não estava economizando despesas. Se haviam desenterrado aquelas velhas acusações contra o meu pai — com mais de 25 anos atrás —, sem dúvida estavam desesperados e ávidos por mais.

O que descobririam?

Eu não era um rapaz mau. Tampouco perfeito. Ninguém é. Eles descobririam alguma coisa. Armariam um escândalo. A Fundação Jane Care, a minha reputação, as minhas ambições políticas poderiam acabar sofrendo sérios danos. Porém, insisto, Chamique tinha segredos também. Eu convencera-a a tirá-los todos das sombras e mostrá-los ao mundo.

Poderia pedir menos de mim mesmo?

Chegando ao restaurante indiano, parei no estacionamento e

desliguei o motor. Achava-me fora da minha jurisdição, todavia acreditava que isso não importava muito. Olhei pela janela do carro, pensei novamente sobre aquele segredo e liguei para Loren Muse. Mal ela atendeu, identifiquei-me e disse:

— Talvez eu esteja com um pequeno problema.

— O que é? — perguntou Muse.

— O pai de Jenrette está a querer apanhar-me.

— Como?

— Ele está escarafunchando o meu passado.

— E vai encontrar alguma coisa?

— Quando se remexe no passado de alguém, sempre se encontra alguma coisa.

— Não no meu — reagiu ela.

— Verdade? E aqueles cadáveres no Reno?

— Todas as acusações foram retiradas.

— Ótimo, maravilhoso.

— Só estou brincando com você, Cope. Fazendo uma piadinha.

— Você é hilariante, Muse. O seu *timing* para a comédia é de profissional.

— Ok, vamos voltar ao assunto então. O que você quer de mim?

— Você é amiga de alguns detectives particulares da região, certo?

— Certo.

— Faça uns telefonemas. Veja se consegue descobrir quem está atrás de mim.

— Ok, pode deixar.

— Muse?

— O quê?

— Isso não é prioritário. Se ninguém estiver disponível, não se preocupe.

— Alguém estará, Cope. Como lhe disse, pode deixar.

— Como você acha que nos saímos hoje?

— Foi um dia bom para os mocinhos.

— É.

— Mas, provavelmente, não bom o bastante.

— Cal e Jim?

— Estou inclinada a dar um tiro em todo homem com esses nomes.

— Vá em frente — retorqui, desligando.

Em termos de decoração interior, restaurantes indianos parecem encaixar-se em duas categorias: muito escura e muito clara. Este era brilhante e colorido, num pseudo estilo de templo hindu, ainda que bem misturado. Mosaicos falsos e estátuas iluminadas de Ganesh e outras divindades que me são totalmente desconhecidas. As empregadas vestiam saris esverdeados com barriga de fora, os trajes lembrando-me aquele que a irmã má usava em *Jeannie é um sonho*.

Todos nós nos agarramos a estereótipos, entretanto toda a cena dava a impressão de que um número musical de Bollywood estava prestes a começar. Esforço-me para apreciar as várias culturas estrangeiras, contudo, por mais que tente, detesto a música tocada em restaurantes indianos. No momento, soava como se uma cítara estivesse torturando um gato.

A anfitriã franziu o cenho ao ver-me entrar.

— Mesa para quantos? — indagou.

— Não estou aqui para comer.

Ela aguardou.

— Raya Singh está?

— Quem?

Repeti o nome.

— Eu não... ah, sim, a garota nova. — A mulher cruzou os braços sobre o peito e não disse nada.

— Ela está? — insisti.

— Quem quer saber?

Arqueei a sobrancelha. Não sou bom nisso. Procuro assumir um ar de devasso e sempre acabo com jeito de quem está constipado.

— O presidente dos Estados Unidos.

— Hein?

Entreguei-lhe o meu cartão. A mulher leu-o e, então, surpreendeu-me, gritando:

— Raya! Raya Singh!

Raya Singh deu um passo à frente, e eu, um atrás. Ela era mais jovem do que eu imaginara, vinte e poucos anos, e absolutamente deslumbrante. A primeira coisa em que reparei — impossível não notar com aquele vestuário esverdeado — foi que Raya Singh possuía mais curvas que o anatomicamente possível. Embora parada, parecia estar se movendo. Cabelos revoltos e negros, implorando para serem tocados. Pele mais dourada do que morena, e olhos amendoados nos quais um homem podia mergulhar e nunca mais encontrar o caminho de volta.

— Raya Singh? — disse.

— Sim.

— Meu nome é Paul Copeland. Sou o promotor do condado de Essex, em Nova Jersey. Poderíamos conversar um momento?

— É sobre o assassinato?

— Sim.

— Então, claro.

A voz dela era polida, com um leve sotaque que remetia a internatos da Nova Inglaterra e expressava mais refinamento que localidade geográfica. Eu estava lutando para não encará-la. Ela percebeu-o e sorriu ao de leve. Não quero parecer pervertido, porque não se tratava disso. A beleza feminina me afeta. Não creio que seja o único a reagir assim. Afeta-me como uma obra de arte. Como um Rembrandt, ou um Michelangelo. Afeta-me como paisagens de Paris à noite, ou quando o sol se levanta sobre o Grand Canyon, ou se põe no azul-celeste do céu do Arizona. Os meus pensamentos não eram

ilícitos. Mas sim, ponderei, artísticos.

Ela conduziu-me até à rua, onde estava mais sossegado. Passou os braços ao redor de si, como se sentisse frio. O movimento, como quase todo movimento que fazia, beirava a ambiguidade. Provavelmente algo que não conseguia evitar. Tudo em Raya Singh fazia pensar em noites de lua cheia e camas com dossel — e isso, suponho, liquidava a minha ponderação "artística". Senti-me tentado a oferecer o meu casaco, porém não estava nem um pouco de frio. E, ah, eu não estava vestindo casaco.

— Você conhece um homem chamado Manolo Santiago? — perguntei.

— Ele foi assassinado.

A voz dela tinha uma cadência estranha, como se estivesse fazendo um teste para um papel.

— Mas você conhecia-o?

— Sim, conhecia.

— Vocês eram amantes?

— Ainda não.

— Ainda não?

— O nosso relacionamento era platônico.

Os meus olhos passearam pela calçada e, então, pela rua. Melhor. Realmente eu não me importava tanto com o assassinato, ou com quem o cometera. Importava-me levantar informações sobre Manolo Santiago.

— Você sabe onde o Sr. Santiago morava?

— Não, sinto muito, não sei.

— Como vocês se conheceram?

— Ele me abordou na rua.

— Simplesmente assim? Ele simplesmente a abordou na rua?

— Sim — retorquiu ela.

— E depois?

— Perguntou se eu queria tomar um café.

— E você aceitou?

— Sim.

Arrisquei lançar-lhe outro olhar. Linda. Aquele esverdeado contra a pele morena... vestida para matar.

— Você faz sempre isso? — interroguei-a.

— O quê?

— Aceita convites de estranhos para tomar café?

Ela pareceu ter achado o meu comentário engraçado.

— Tenho de justificar o meu comportamento para você, dr.Copeland?

— Não.

Ela não disse nada.

— Precisamos saber mais sobre o Sr. Santiago — disse.

— Posso perguntar por quê?

— Manolo Santiago era um nome falso. Para começar, estou a tentar descobrir o nome verdadeiro.

— Eu não saberia dizer qual é.

— Correndo o risco de ultrapassar os meus limites, confesso estar encontrando dificuldades para entender.

— Entender o quê?

— Os homens devem persegui-la o tempo todo.

Um sorriso evasivo e malicioso. — É muito lisonjeiro, Dr. Copeland, obrigada.

Esforcei-me para conservar o tema.

— Então, por que você o acompanhou?

— Isso importa?

— Poderia revelar algo sobre ele.

— Não imagino o que poderia ser. Suponha, por exemplo, que eu dissesse que achei Manolo bonito. Ajudaria?

— E você achou?

— Bonito? — Outro sorriso. Uma madeixa de cabelos caiu-lhe no olho direito. — Você quase parece com ciúmes.

— Sra. Singh?

— Sim?

— Estou investigando um assassinato. Portanto, talvez, possamos parar com esses joguinhos.

— Você acha que podemos? — Ela recolocou a madeixa de cabelos no lugar. Mantive-me firme. — Ok, então. É justo.

— Você pode me ajudar a descobrir quem ele realmente era?

Alguns segundos de reflexão. — Registos telefônicos, talvez?

— Já verificamos. A única ligação que aparece no telemóvel dele é a que ele fez para você.

— Ele tinha um outro número de telefone. Antes do atual.

— Você lembra-se qual era?

Ela assentiu. Tirei uma caneta do bolso e anotei o número no verso de um dos meus cartões.

— Alguma coisa mais?

— Realmente não.

Peguei outro cartão e escrevi o número do meu telemóvel.

— Se você se lembrar de alguma coisa, ligará para mim?

— Claro.

Entreguei-lhe o cartão. Raya Singh fitou-me e sorriu.

— Você não está usando aliança, Dr. Copeland.

— Não sou casado.

— Divorciado ou viúvo?

— Como você sabe que eu não sou um solteirão?

Ela não se deu ao trabalho de responder.

— Viúvo.

— Lamento.

— Obrigado.

— Há quanto tempo?

Ia responder que não era da conta dela, porém queria cair nas suas boas graças. E caramba se ela não era linda. — Quase 6 anos.

— Entendo.

Raya Singh fitou-me com aqueles olhos.

— Obrigado pela sua cooperação — disse.

— Por que não me convida para sair?

— Como é que é?

— Sei que você me acha bonita. Sou solteira, você é solteiro. Por que não me convida para sair?

— Não misturo trabalho com vida pessoal — respondi.

— Sou de Calcutá. Você já esteve lá?

A brusca mudança de assunto apanhou-me desprevenido. O sotaque tampouco soava caraterístico do lugar, entretanto isso não significa muito hoje em dia. Disse-lhe que nunca havia estado em Calcutá, embora, obviamente, soubesse alguma coisa sobre a cidade.

— O que você ouviu é ainda pior.

Fiquei em silêncio, imaginando aonde ela queria chegar com a conversa. Raya prosseguiu:

— Tenho um plano de vida. A primeira parte era chegar aqui. Aos Estados Unidos.

— E a segunda?

— As pessoas deste país fazem qualquer coisa para progredir. Algumas jogam na lotaria. Algumas sonham tornar-se atletas, por exemplo. Algumas entram para o crime, ou tiram a roupa por dinheiro, ou vendem-se. Tenho consciência dos meus atributos. Sou linda. E também sou uma pessoa agradável. Aprendi como ser — ela calou-se, medindo as palavras — boa para um homem. Farei um homem muito feliz. Escutarei esse homem. Vou estar ao lado dele. Saberei animá-lo. Tornarei as noites dele especiais. Vou entregar-me a ele sempre que ele quiser e do jeito que ele quiser. E farei isso com alegria.

Ooook, — pensei.

Estávamos no meio de uma rua movimentada, porém juro que havia tanto silêncio ao nosso redor que eu podia ouvir um grilo cantar. Senti a boca seca.

— Manolo Santiago — comecei, numa voz distante. — Você achou que ele poderia vir a ser esse homem?

— Sim, mas não era. Você parece gentil. Dá a impressão de que trataria bem uma mulher. — Raya Singh talvez se tivesse aproximado de mim, não tenho certeza. Todavia, subitamente, ela estava mais perto. — Posso ver que você anda preocupado. Que não dorme bem à noite. Então, como é que você pode saber, Dr. Copeland?

— Como posso saber o quê?

— Que eu não sou aquela. Que eu não sou aquela que fá-lo-ia delirar de felicidade. Que você dormiria profundamente ao meu lado.

Uau.

— Não sei. — disse.

Raya Singh simplesmente me encarou. Senti o olhar dela em cada fibra do corpo. Ah, ela estava brincando comigo. Eu sabia disso. Entretanto, essa objetividade, essa abordagem direta, sem nenhuma conversa mole... Achei-a estranhamente terna.

Ou talvez fosse aquele negócio de estar cego pela beleza.

— Preciso ir. Você tem o meu telefone.

— Dr. Copeland?

Aguardei.

— Por que você, realmente, está aqui?

— Como é?

— Qual é o seu interesse no assassinato de Manolo?

— Imaginei que já tivesse explicado. Sou o promotor do condado...

— Não é por isso que você está aqui.

Esperei. Ela apenas me encarou. Por fim, indaguei:

— O que a leva a pensar assim?

A resposta atingiu-me como um golpe de esquerda. — Você matou-o?

— O quê?

— Eu disse...

— Eu ouvi-a. Claro que não. Por que você me pergunta isso?

Porém, Raya Singh encerrou a conversa. — Adeus, Dr. Copeland. — Mais um sorriso que me fez sentir como um peixe fora d'água. — Espero que você encontre o que está procurando.

Capítulo 12

Lucy queria pesquisar o nome "Manolo Santiago" na internet — provavelmente tratava-se de um jornalista escrevendo uma matéria sobre aquele filho-da-mãe, Wayne Steubens, o Talhante do Verão. No entanto, Lonnie aguardava-a no escritório. Ele não ergueu o olhar ao ouvi-la entrar. Ela debruçou-se sobre o colega, pretendendo intimidá-lo suavemente.

— Você já sabe quem mandou o texto? — indagou.

— Não posso ter a certeza absoluta.

— Mas?

Lonnie inspirou profundamente, preparando-se, Lucy esperava, para desembuchar.

— Você tem grandes conhecimentos sobre como rastrear e-mails?

— Não. — Ela caminhou até à escrivaninha.

— Quando você recebe um e-mail, sabe que existe essa rede de trilhas, protocolos e identificadores de mensagens?

— Finja que eu sei.

— Basicamente isso mostra como o e-mail chegou até você. Mostra onde a mensagem esteve, de onde partiu, qual o caminho — via correio eletrônico — que percorreu para chegar do ponto A ao ponto B. É como se houvesse um monte de carimbos postais.

— Ok.

— É claro que existem maneiras de enviar mensagens anonimamente. Mas em geral, mesmo que você o faça, ficam algumas pegadas.

— Beleza, maravilha. — Ela percebeu que ele estava

protelando. — Então, presumo que você encontrou algumas dessas pegadas no e-mail que tinha aquela redação anexa.

— Sim. — Lonnie ergueu o olhar. Esboçou um sorriso. — Não vou mais perguntar por que você quer esse nome.

— Ótimo.

— Porque eu a conheço, Lucy. Como a maioria das boazonas, você é uma chata. Mas é também extremamente ética. Se precisa trair a confiança da sua classe, trair os seus alunos, a mim, a tudo em que acredita, tem de haver uma boa razão. Uma questão de vida ou de morte, suponho.

Lucy nada retorquiu.

— É questão de vida ou de morte, certo?

— Apenas me diga, Lonnie.

— O e-mail saiu de um banco de computadores da Biblioteca Frost.

— A biblioteca — repetiu ela. — Deve haver uns cinquenta computadores lá.

— Mais ou menos.

— Então, nunca vamos descobrir quem o enviou.

Lonnie inclinou a cabeça, num gesto de sim-e-não.

— Sabemos a que hora a mensagem foi enviada. Às 18h42, anteontem.

— E isso ajuda-nos como?

— Os alunos que usam os computadores. Eles têm de se registar. Não para usar um computador em particular. O corpo docente aboliu isso faz dois anos. Mas, para ter acesso a um computador, é necessário fazer uma reserva para uma determinada hora. Então, fui à biblioteca e consegui a escala de horários. Comparei a lista de alunos da sua classe com aqueles que se inscreveram para usar um dos computadores entre as 18 e 19 horas de anteontem.

Ele calou-se.

— E?

— Um único nome apareceu em ambas as listas.

— Quem?

Lonnie caminhou até a janela. Olhou para fora.

— Vou dar-lhe uma dica.

— Realmente não estou com disposição...

— O nariz dela — continuou ele — é trigueiro.

Lucy gelou por dentro. — Sylvia Potter?

Ele permaneceu de costas.

— Lonnie, você está me dizendo que Sylvia Potter escreveu aquela passagem autobiográfica?

— Sim. É exatamente o que lhe estou dizendo.

No caminho de volta para o escritório, liguei para Loren Muse.

— Preciso de outro favor — disse.

— Diga.

— Quero que você descubra tudo o que puder sobre um número de telefone. A quem pertencia a linha. Para quem o sujeito ligava. Tudo.

— Qual é o número?

Passei-lhe o número que Raya Singh me fornecera.

— Dê-me dez minutos.

— Só?

— Ei, não me tornei investigadora chefe porque sou boazona.

— Quem disse que não?

Ela riu. — Gosto quando você fica um pouco atrevido, Cope.

— Não se vá acostumando.

Desliguei. O meu comentário fora inadequado. Ou seria uma réplica justificável à brincadeira de "boazona"? É algo simplista criticar o politicamente correto. Os exageros transformam-no num alvo fácil de zombaria. Todavia, também tenho visto o que acontece em locais de trabalho onde se permite esse tipo de coisa a alastrar-se. Pode ser ameaçador e sombrio.

E como aquelas regras de hoje em dia que visam à segurança das crianças e parecem excessivamente cautelosas. Seu filho tem de usar capacete para andar de bicicleta, não importa em que circunstância. Você tem de usar um piso especial em *playgrounds* e não pode instalar nenhum sobe-sobe no qual a criança possa subir alto demais e, ah, sim, o seu filho não deveria andar três quarteirões sem um acompanhante e, espera aí, onde está o protetor bucal? A proteção para os olhos? É fácil ridicularizar essas coisas, e então algum engraçadinho envia e-mails ao acaso dizendo "*Ei, todos nós fizemos isso e estamos aqui, sobrevivemos*". Porém eis a verdade: muitas crianças não sobreviveram.

Crianças desfrutavam de toneladas de liberdade outrora. Não sabia que o mal que as espreitava de dentro da escuridão. Algumas delas iam dormir fora, em acampamentos, naqueles tempos em que a segurança era frouxa e você deixava as crianças serem crianças. Algumas delas esgueiravam-se para a mata à noite e nunca mais tornavam a ser vistas.

Lucy Gold ligou para o quarto de Sylvia Potter. Nada. O que não a surpreendeu. Ela consultou a lista telefônica da universidade, porém telemóveis não eram listados. Lembrando-se de haver visto Sylvia usando um smartphone, mandou um e-mail pedindo à aluna que entrasse em contato o quanto antes.

Em menos de dez minutos obteve resposta.

— A senhora queria falar comigo, professora?

— Sim, Sylvia. Obrigada por ligar. Você poderia passar na minha sala?

— Quando?

— Agora, se possível.

O silêncio estendeu-se por vários segundos.

— Sylvia?

— Minha aula de literatura inglesa já vai começar. Vou

apresentar o meu Projecto final hoje. Posso passar aí depois da aula?

— Seria ótimo — disse Lucy.

— Dentro de umas a duas horas, ok?

— Perfeito. Estarei aqui.

— A senhora pode me adiantar do que se trata?

— Isso pode esperar, Sylvia. Não se preocupe. Vejo-a após a sua aula.

— Oi.

Era Loren Muse. Eu estava de volta ao fórum, na manhã seguinte. O interrogatório cruzado de Flair Hickory começaria dentro de poucos minutos.

— Oi. — disse.

— Sua aparência está péssima.

— Uau, você é uma investigadora experiente.

— Preocupado com o interrogatório cruzado?

— Claro.

— Chamique sair-se-á bem. Você fez um trabalho fantástico.

Assenti, tentando concentrar-me. Muse caminhava ao meu lado.

— Sabe aquele número de telefone que você me deu? Más notícias.

Aguardei.

— É de um telemóvel descartável.

Significando que alguém comprara um aparelho pré-pago com dinheiro vivo, sem se identificar.

— Não preciso saber quem comprou o aparelho. Apenas quais foram as ligações feitas e recebidas.

— Algo difícil de conseguir. É impossível pelas fontes normais. Independente de quem seja, comprou o telemóvel pela internet de algum candongueiro que se fazia passar por outro candongueiro. Precisaremos de algum tempo para rastrear tudo e aplicar a pressão

necessária para obter os registos.

Meneei a cabeça. Entramos na sala de audiência.

— Uma outra coisa — continuou Muse. — Você já ouviu falar da AIV?

— Agência de Investigação Valiosa — respondi.

— Isso mesmo, a maior empresa de Detectives particulares do Estado. Cingle Shaker, a mulher que coloquei atrás dos rapazes da república, costumava trabalhar lá. Há boatos de que estão a investigar você, sem limites de despesas e com o objetivo de encontrar qualquer coisa que o destrua.

— Ótimo. — Entreguei-lhe uma velha fotografia de Gil Perez.

— O que é isso?

— Ainda contamos com Farrell Lynch na computação gráfica?

— Sim.

— Peça-lhe que envelheça 20 anos o sujeito dessa foto. Diga-lhe que o deixe de cabeça rapada.

Loren Muse fez menção de esticar o assunto, porém alguma coisa na expressão do meu rosto a deteve. Sentei-me à mesa da promotoria. O juiz Pierce entrou. Todos nós nos levantamos. E, então, Chamique Johnson acomodou-se no banco das testemunhas.

Flair Hickory levantou-se e abotoou o casaco cuidadosamente. Franzi o cenho. A última vez que eu tinha visto um terno azul daquela tonalidade foi numa foto de um baile de formatura de 1978. Sorri para Chamique.

— Bom dia, Sra. Johnson.

Chamique parecia aterrorizada. — Bom dia — balbuciou ela.

Flair apresentou-se como se houvessem acabado de esbarrar um no outro durante um cocktail. Prosseguiu levantando a ficha criminal de Chamique. Era gentil, porém firme. Ela fora presa por prostituição, correto? Fora presa por porte de drogas, correto? Fora acusada de roubar um cliente e faturar 84 dólares, correto?

Não protestei.

Isso tudo fazia parte da minha estratégia de expor os podres. Eu abordara a maior parte dessas questões durante o meu interrogatório. Todavia, o interrogatório de Flair foi eficaz. Ele não lhe pediu que explicasse nada do testemunho dela. Estava apenas aquecendo os motores, apegando-se aos fatos e registos policiais.

Depois de vinte minutos, Flair partiu para o ataque com determinação.

— A menina já fumou maconha, não?

— Sim.

— A menina fumou maconha na noite do seu suposto ataque?

— Não.

— Não? — Flair levou a mão no peito, como se a resposta lhe tivesse causado um choque. — Hum. A menina degustou algum álcool?

— Degu... O quê?

— A menina consumiu alguma bebida alcoólica? Cerveja, vinho talvez?

— Não.

— Nada?

— Nada.

— Hum. E algum drink? Água tônica, talvez?

Eu ia protestar, porém a minha estratégia consistia em deixá-la lidar com a coisa à sua maneira até onde aguentasse.

— Tomei um pouco de ponche –disse Chamique.

— Ponche. Sem álcool?

— Foi o que eles disseram.

— Quem?

— Os rapazes.

— Quais rapazes?

Ela hesitou. — O Jerry.

— Jerry Flynn?

— Sim.

— E quem mais?

— Hein?

— A menina falou rapazes. No plural. Portanto, mais de que um? Jerry Flynn é um só. Então, quem mais lhe disse que o ponche que consumiu... A propósito, quantos copos a menina tomou?

— Não sei.

— Mais de um?

— Suponho que sim.

— Por favor, não suponha, Sra. Johnson. A menina diria mais de que um?

— Provavelmente sim.

— Mais de dois?

— Não sei.

— Mas é possível?

— É, talvez.

— Então talvez mais de dois. Mais de três?

— Creio que não.

— Mas a menina não tem a certeza.

Chamique encolheu os ombros.

— Você precisa falar em voz alta.

— Não acho que tomei três drinks. Acho que foram dois. Talvez nem isso.

— E a única pessoa que lhe disse que o ponche não continha álcool foi Jerry Flynn. Está correto?

— Acho que sim.

— Antes a menina falou "rapazes", no plural. Agora está a falar de uma só pessoa. A menina está mudando o seu depoimento?

Levantei-me. — Objeção.

Flair ergueu a mão.

— Ele tem razão, Meritíssimo. É uma questão menor. Vamos em frente. — Pigarreando, apoiou uma mão no quadril esquerdo. — A menina consumiu alguma droga naquela noite?

— Não.

— Nem mesmo um cigarro de marijuana?

Chamique meneou a cabeça. Depois, lembrando-se de que devia falar em voz alta, inclinou-se sobre o microfone.

— Não, não fumei nada.

— Hum, certo. Então, quando foi a última vez que a menina consumiu algum tipo de droga?

Tornei a levantar-me. — Objecção. A palavra droga pode-se referir a qualquer substância. Aspirina, Tylenol...

Flair pareceu achar graça.

— Você não acha que todos aqui sabem do que estou a falar?

— Eu preferiria um esclarecimento.

— Sra. Johnson, estou a falar sobre drogas ilegais. Como maconha. Ou cocaína. Ou LSD, ou heroína. Alguma coisa do gênero. A menina compreende?

— Sim, acho que sim.

— Então, quando foi a última vez que a menina consumiu qualquer droga ilegal?

— Não me lembro.

— A menina afirmou não ter consumido nenhuma droga na noite da festa.

— Isso mesmo.

— E na noite anterior à festa?

— Não.

— E na noite anterior a essa?

Chamique remexeu-se um pouco no banco, e, ao responder "não", não tive a certeza se acreditava nela.

— Vejamos se consigo ajudá-la a ajustar o seu calendário. O seu filho tem um ano e três meses, correto?

— Sim.

— A menina já usou drogas ilegais desde o nascimento dele?

— Sim. — A voz dela soou muito reservada.

— A menina pode nos dizer de que tipo?

Levantei-me novamente. — Objecção. Já entendemos. A Sra. Johnson usou drogas no passado. Ninguém nega o fato. Isso não torna o que os clientes do Dr. Hickory fizeram menos horrendo. Que diferença o "quando" provocaria?

O juiz virou-se para Flair. — Dr. Hickory?

— Acreditamos que a Sra. Johnson seja uma consumidora habitual. Acreditamos que ela estivesse sob efeito de estupefacientes naquela noite e que o júri deve estar a par disso quando avaliar a integridade do depoimento dela.

— A Sra. Johnson já declarou não ter consumido nenhuma droga naquela noite, nem degustado — adicionei uma ênfase sarcástica desta vez — bebidas alcoólicas.

— E eu — continuou Flair — tenho o direito de lançar dúvidas sobre as lembranças dela. O ponche estava mesmo reforçado com álcool. O Sr. Flynn testemunhará que a depoente sabia disso quando consumiu a bebida. Também quero demonstrar que essa mulher, que não hesitou em usar drogas mesmo sendo mãe de um filho pequeno...

— Meritíssimo! — gritei.

— Ok, basta. — O juiz bateu o martelo. — Podemos prosseguir, Dr. Hickory?

— Podemos, Meritíssimo.

Sentei-me. A minha objeção fora estúpida. Dera a impressão de que eu estava a tentar bloquear o caminho. Pior, eu concedera a Flair a oportunidade de estender a narrativa. A minha estratégia havia sido permanecer em silêncio. Perdera a minha disciplina, e isso nos custara caro.

— Sra. Johnson, a menina está acusando esses meninos de a terem violado, certo?

Pus-me de pé. — Objecção. Ela não é advogada, nem familiarizada com termos jurídicos. A Sra. Johnson contou-lhe o que eles lhe fizeram. É função do tribunal encontrar a terminologia

correta.

Outra vez Flair pareceu achar graça.

— Não estou pedindo à Sra. Johnson uma definição legal. Estou curioso sobre o seu próprio uso da língua vernácula.

— Por quê? Você vai submetê-la a um teste de vocabulário?

— Meritíssimo — disse Flair. — Posso, por favor, interrogar a testemunha?

— Por que você não explica o que está querendo, Dr. Hickory?

— Muito bem, vou reformular a pergunta. Sra. Johnson, quando a menina está conversando com as suas amigas, a menina fala que foi violada?

Ela hesitou. — Sim.

— Ha ha. E, diga-me, Sra. Johnson, a menina conhece mais alguém que alega ter sido violada?

De novo eu. — Objecção. Relevância?

— Permitirei a pergunta.

Flair estava em pé perto de Chamique.

— A menina pode responder — disse ele, como se a estivesse auxiliando.

— Sim.

— Quem?

— Algumas garotas com quem trabalho.

— Quantas?

Ela olhou para cima, como se tentasse lembrar-se.

— Posso pensar em duas.

— *Strippers* ou prostitutas?

— As duas coisas.

— Uma de cada, ou...

— Não, as duas são as duas coisas.

— Entendo. Esses crimes ocorreram quando elas estavam a trabalhar ou durante o período de folga?

Eu em pé outra vez. — Meritíssimo, creio que basta. Qual é a

relevância?

— O meu distinto colega está certo — Flair exclamou, apontando teatralmente na minha direção. — Quando ele está certo, está certo. Retiro a pergunta.

Flair sorriu-me. Sentei-me vagarosamente, odiando cada momento daquilo.

— Sra. Johnson, a menina conhece algum violador?

Novamente eu. — Além dos seus clientes, é o que quer dizer?

Flair lançou-me um olhar furioso e, então, virou-se para os jurados, como se dissesse: puxa, não foi o golpe mais baixo já visto? E a verdade: fora um golpe baixo, sim.

Chamique retorquiu: — Não entendi a sua pergunta.

— Não importa, minha querida — devolveu Flair, como se a resposta dela fosse entediá-lo. — Voltarei a isso depois.

Detesto quando Flair reage assim.

— Durante esse pretenso ataque, os meus clientes, Sr. Jenrette, Sr. Marantz, usaram máscaras?

— Não.

— Usaram algum tipo de disfarce?

— Não.

— Tentaram esconder o rosto?

— Não.

Flair Hickory meneou a cabeça como se aquilo fosse a coisa mais intrigante do mundo.

— E, de acordo com o seu depoimento, a menina foi agarrada contra a vontade e arrastada para o quarto. Correto?

— Sim.

— O quarto ocupado pelo Sr. Jenrette e pelo Sr. Marantz?

— Sim.

— Eles não a atacaram na rua, no escuro, nem em algum lugar onde a menina não poderia ter como localizá-los depois. Correto?

— Sim.

— Estranho, a menina não acha?

Eu estava a ponto de tornar a objetar, porém contive-me.

— Portanto, de acordo com o seu depoimento, dois homens violentaram-na. Eles não usaram máscaras nem qualquer outro disfarce. Na verdade, mostraram-lhe o rosto e fizeram tudo no próprio quarto com pelo menos uma testemunha observando-a a ser forçada a lá entrar. Correto?

Implorei a Chamique para não parecer titubeante. Ela não o denotou. — Parece-me correto, sim.

— E, no entanto, por algum motivo — outra vez Flair adotou a expressão mais perplexa imaginável — eles usaram nomes falsos?

Nenhuma resposta. Bom.

Flair Hickory continuou a menear a cabeça, como se alguém insistisse que dois mais dois fossem cinco.

— Os seus agressores usaram os nomes Cal e Jim em vez dos próprios nomes. Isso consta no seu depoimento, não, Sra. Johnson?

— Sim.

— E faz algum sentido para a menina?

— Objecção — disse. — Nada deste crime brutal faz sentido para ela.

— Ah, compreendo — retorquiu Hickory. — Mas eu apenas esperava que a Sra. Johnson, que esteve presente no local, pudesse ter uma teoria do porquê de os meus clientes terem deixado o rosto exposto e a atacado no próprio quarto e, mesmo assim, usado nomes falsos. — Ele sorriu docemente. — A menina tem, Sra. Johnson?

— Tenho o quê?

— Uma teoria de por que dois meninos chamados Edward e Barry se refeririam um ao outro como Cal e Jim?

— Não.

Flair Hickory caminhou para a mesa dele. — Eu havia-lhe perguntado se a menina conhece algum violador. Lembra-se?

— Sim.

— Ótimo. A menina conhece?

— Acho que não.

Assentindo, Flair apanhou uma folha de papel. — E o que a menina poderia dizer-me sobre um homem atualmente encarcerado em Rahway, acusado de agressão sexual e chamado *Jim* Broodway?

Os olhos de Chamique arregalaram-se. — Você quer dizer James?

— Quero dizer Jim, ou James, se a menina preferir o nome ao apelido, Broodway, que residia na Avenida Central, 1189, na cidade de Newark, Nova Jersey. A menina conhece-o?

— Sim. — A voz dela era suave. — Eu conheci-o.

— A menina sabia que ele está na prisão agora?

Ela encolheu os ombros. — Conheço muitos rapazes que estão na cadeia neste momento.

— Tenho a certeza de que sim. — Pela primeira vez era mordaz o tom de Flair. — Mas não foi essa a minha pergunta. Perguntei-lhe se sabia que Jim Broodway está na prisão.

— Ele não é Jim. É James...

— Vou-lhe perguntar mais uma vez, Sra. Johnson, e então pedirei ao tribunal que exija uma resposta...

Levantei-me. — Objecção. Ele está acossando a testemunha.

— Indeferido. Responda à pergunta.

— Escutei algo a respeito. — Chamique retorquiu mansamente.

Flair exalou o seu suspiro dramático. — Sim ou não, Sra. Johnson. A menina sabia que Jim Broodway está atualmente cumprindo pena numa penitenciária estadual?

–-Sim.

— Pronto. Foi assim tão difícil?

Eu de novo. — Meritíssimo...

— Não há necessidade de drama, Dr. Hickory. Prossiga.

Flair Hickory regressou à sua cadeira. — A menina já fez sexo

com Jim Broodway?

Sra. Johnson O nome dele é James! — voltou a afirmar Chamique.

— Vamos chamá-lo de "Sr. Broodway" em razão desse debate, está bem? A menina, alguma vez, fez sexo com o Sr. Broodway?

Eu não podia deixar isso passar. — Objecção. A sua vida sexual é irrelevante para este caso. A lei aqui é clara.

O juiz olhou para Flair. — Dr. Hickory?

— Não estou a tentar manchar a reputação da Sra. Johnson nem sugerir que ela seja uma mulher de moral duvidosa. A acusação já explicou muito claramente que a Sra. Johnson tem trabalhado como prostituta e participado em várias atividades sexuais com uma grande variedade de homens.

— Quando aprenderá a ter a boca fechada?

— O assunto que pretendo estabelecer é diferente e não será nenhuma vergonha para a acusação. Admitiu ter tido relações sexuais com homens. E que o senhor Broodway fora um deles, não representa nem mais nem menos do que gravar uma letra escarlate no peito.

— É prejudicial — contrapus.

Flair mirou-me como se tivesse acabado de cair de um cavalo.

— Já lhe tinha explicado porque não é. Mas a verdade é que Chamique Johnson tinha acusado dois jovens de um delito muito grave. Testemunhou que um homem chamado Jim a violou. O que estou a perguntar, pura e simplesmente, é isto: alguma vez manteve relações sexuais com o senhor Jim Broodway, ou James, se preferir, que está a cumprir pena na penitenciária do estado por delitos sexuais?

Agora entendia aonde queria chegar. E não estava nada a gostar…

— Eu vou permitir isso, — disse o juiz.

Voltei a sentar-me.

— Menina Johnson, alguma vez terá mantido relações sexuais

com o senhor Broodway?

Uma lágrima escorreu- lhe pela face.

— Sim.

— Mais do que uma vez?

— Sim.

Parecia que Flair tinha intenção de especificar mais, mas foi bastante rápido para o parar. Mudou um pouco de direção.

— Alguma vez a menina esteve bêbada ou drogada ao fazer sexo com o Sr. Broodway?

— Posso ter estado.

— Sim ou não?

A voz de Flair soou suave, porém firme, sem nenhum sinal de afronta.

— Sim.

Chamique chorava abertamente.

— Um breve intervalo, Meritíssimo — solicitei, levantando-me.

Flair soltou a bomba antes que o juiz se pudesse pronunciar.

— Alguma vez esteve um outro homem envolvido nos seus encontros sexuais com Jim Broodway?

O tribunal veio abaixo.

— Meritíssimo! — berrei.

— Ordem! — O juiz bateu o martelo. — Ordem!

A sala aquietou-se rapidamente. O juiz encarou-me. — Sei quão duro é escutar, mas permitirei a pergunta. — Virando-se para Chamique. — Por favor, responda.

O estenógrafo releu a pergunta. Chamique permaneceu lá, sentada, as lágrimas inundando-lhe o rosto. Quando o estenógrafo terminou, Chamique disse:

— Não.

— O Sr. Broodway testemunhará que...

— Ele deixou um amigo assistir! — gritou ela. — E só. Nunca deixei que o rapaz me tocasse! Você está me ouvindo? Jamais!

A sala estava em silêncio. Tentei manter a cabeça erguida, tentei não fechar os olhos.

— Então — prosseguiu Flair Hickory —, a menina fez sexo com um homem chamado Jim...

— James! O nome dele é James!

–... e um outro homem estava no quarto, mas a menina não sabe de onde saíram os nomes Jim e Cal?

— Não conheço nenhum Cal. E o nome dele é James.

Flair Hickory aproximou-se de Chamique, a sua expressão revelando preocupação agora, como que estendendo-lhe a mão.

— Tem a certeza de que a menina não imaginou tudo, Sra. Johnson?

A voz dele assemelhava-se à daqueles médicos que oferecem ajuda pela TV.

Ela secou o rosto. — Sim, Dr. Hickory. Tenho a certeza. Muita certeza.

Porém Flair não desistiu.

— Não estou, necessariamente, dizendo que a menina está mentindo — ele prosseguiu, e engoli o meu protesto —, mas não existe uma hipótese de que, talvez, a menina tenha bebido muito ponche... a culpa não foi sua, claro, a menina pensou que a mistura não tinha álcool... e, então, entregou-se a um ato consensual que acabou remetendo-a a um outro período da sua vida? Isso não explicaria a sua insistência em afirmar que os dois homens que a violaram se chamavam Jim e Cal?

Eu estava em pé, pronto para apontar que a frase continha duas perguntas, mas Flair sabia o que estava fazendo.

— Retiro a pergunta — disse Flair Hickory, como se tudo isso fosse simplesmente a coisa mais triste do mundo para todos os envolvidos. — Sem mais perguntas.

Capítulo 13

Enquanto aguardava Sylvia Potter, Lucy tentou pesquisar na internet o nome que vira no registro de visitantes de Ira: Manolo Santiago. Apareceram muitas páginas, porém nada que ajudasse. Ele não era jornalista — nenhuma página aventara tal possibilidade. Então, quem seria o sujeito? E por que visitaria o seu pai?

Podia perguntar a Ira, claro. Se ele se lembra-se.

Duas horas se passaram. Então, três, quatro. Lucy ligou para o quarto de Sylvia. Sem resposta. Tentou enviar um e-mail para o smartphone novamente. Sem resposta.

Como, diabo, Sylvia Potter saberia do seu passado?

Lucy consultou os ficheiros dos estudantes. Sylvia Potter residia na Stone House, descendo o quarteirão. Decidiu andar até lá e ver o que conseguia descobrir.

Há uma magia óbvia num campus universitário. Não existe nenhuma entidade mais protegida, mais defendida, e, embora seja fácil reclamar a esse respeito, é também como deveria ser. Algumas coisas crescem melhor num vácuo.

É um lugar para sentir-se seguro quando se é jovem — mas, quando se é mais velho, como ela e Lonnie, começa a ser um lugar onde se esconder.

Stone House costumava ser usada como sede da fraternidade de estudantes de psicologia. Dez anos atrás, a universidade decidira acabar com essas confrarias, rotulando-as de "anti-intelectuais". Lucy não discordava do fato de que tais instituições tinham muitos aspectos e conotações negativas, entretanto a ideia de bani-las parecia autoritária e um tanto fascista para o seu gosto. Tinha havido um caso de violação numa universidade vizinha envolvendo estudantes de uma república. Todavia, se não acontece neste meio, acontece entre

jogadores de lacrosse, ou num grupo de peões de obra numa *boite* de *strip-tease*, ou com roqueiros arruaceiros numa casa noturna. Não estava certa quanto à solução do problema, porém sabia que não era livrando-se de cada instituição de que você não gosta.

Puna o crime, pensou Lucy, não a liberdade.

O exterior da construção mantivera os mesmos maravilhosos tijolos aparentes no estilo georgiano. O interior tinha sido despido de toda a personalidade. Foram-se as tapeçarias e as paredes revestidas de madeira, e a riqueza do mogno que falava de um passado requintado havia sido substituída por brancos-sujos, bejes e todas as coisas neutras. Parecia-lhe uma pena.

Estudantes ziguezagueavam de lá para cá. A entrada de Lucy atraiu alguns olhares, não muitos. Os aparelhos de som — ou, mais provavelmente, aqueles sistemas de alto-falantes de iPods — ribombavam. As portas estavam abertas. Ela viu pôsteres de Che Guevara numa parede. Talvez fosse mais semelhante ao seu pai do que imaginara. Os campus universitários também estavam parados nos anos 1960. Estilos e música podiam mudar, entretanto aquele mesmo sentimento sempre permanecia.

Ela subiu pela escada central, também lavada da sua originalidade. Sylvia Potter ocupava um quarto para uma só pessoa no segundo andar. Lucy descobriu qual. Na porta estava afixada uma daquelas lousas nas quais se escreve com caneta hidrográfica. Não havia uma única mancha na lousa perfeitamente recta e centralizada. No topo, o nome "Sylvia", escrito numa letra que mais lembrava o trabalho de um calígrafo. Uma flor cor-de-rosa fora desenhada junto ao nome. Parecia deslocada, essa porta inteira, separada, isolada e caraterística de uma outra era.

Lucy bateu à porta. Nenhuma resposta. Tentou a maçaneta. Trancada. Cogitou deixar um bilhete — para isso serviam as tais lousas —, mas não queria sujá-la. Além de tudo, seria algo um tanto desesperado. Já telefonara. Enviara e-mail. E aparecer ali daquela

maneira seria ir um pouco longe demais.

Quando estava descendo a escada, a porta da frente abriu-se. Sylvia Potter entrou. A garota viu Lucy e ficou imóvel. Lucy desceu o resto dos degraus e parou diante de Sylvia. Nada disse, a tentar fitá-la nos olhos. Sylvia olhava para todos os lados, menos para quem se plantara à sua frente.

— Oh, oi, professora Gold.

Lucy continuou em silêncio.

— A aula acabou mais tarde, desculpe-me. E tenho outro trabalho para entregar amanhã. Imaginei que já seria tarde e que a senhora teria ido embora. Então, pensei em esperar até amanhã.

A garota falava pelos cotovelos. Lucy não a interrompeu.

— A senhora quer que eu passe na sua sala amanhã? — perguntou Sylvia.

— Você está com tempo agora?

Sylvia olhou o relógio sem realmente enxergar as horas.

— Na verdade, estou ficando louca com esse trabalho que preciso entregar. Nossa conversa pode esperar até amanhã?

— Para quem é o trabalho?

— O quê?

— Qual professor que a encarregou desse Projecto, Sylvia? Se eu tomar muito do seu tempo, posso escrever um bilhete.

Silêncio.

— Podemos ir ao seu quarto — disse Lucy. — Conversar lá.

Finalmente, Sylvia a encarou.

— Professora Gold?

— Sim?

— Não creio que eu queira conversar com a senhora.

— É sobre o seu texto autobiográfico.

— Meu...? — Ela meneou a cabeça. — Mas eu enviei-o anonimamente. Como a senhora poderia saber qual é o meu?

— Sylvia...

— A senhora falou! A senhora prometeu! Eram todos anônimos. A senhora disse isso.

— Eu sei o que disse.

— Como a senhora...? — Ela endireitou as costas. — Não quero conversar com a senhora.

— Você precisa falar comigo. — Lucy manifestou-se firme. Porém, Sylvia não estava cedendo.

— Não. Não tenho. A senhora não me pode obrigar. E... meu Deus, como a senhora pôde fazer isso? Falar que era anônimo, confidencial, e...

— É realmente importante conversarmos.

— Não, não é. Não tenho de conversar com a senhora. E, se disser qualquer coisa a respeito, vou contar ao reitor o que a senhora fez. A senhora será demitida.

Outros estudantes começaram a encará-las. Lucy estava perdendo o controle da situação.

— Por favor, Sylvia, preciso saber...

— Nada!

— Sylvia...

— Não tenho que dizer nada! Deixe-me em paz!

Sylvia Potter virou-se, abriu a porta e saiu a correr.

Capítulo 14

Após Flair Hickory dispensar Chamique, encontrei-me com Loren Muse no meu escritório.

— Uau — disse Loren. — Aquilo foi uma droga.

— Vá atrás daquele nome.

— Que nome?

— Descubra se alguém ligou para "*Jim*" Broodway, ou se, como Chamique insiste, ele é conhecido como James.

Muse franziu o cenho.

— O que foi?

— Você acha que vai ajudar?

— Não pode atrapalhar.

— Você continua acreditando nela?

— Vamos, Muse. É só uma cortina de fumaça.

— Uma das boas.

— A sua amiga Cingle descobriu alguma coisa?

— Ainda não.

O juiz dera a sessão do dia por encerrada, graças a Deus. Flair entregara-me a minha própria cabeça numa bandeja. Sei que tudo, supostamente, gira à volta da justiça e que não se trata de uma competição, ou algo do gênero, mas sejamos realistas.

Cal e Jim estavam de volta, e mais fortes do que nunca.

O meu telemóvel tocou. Não reconheci o número. Levei o aparelho ao ouvido.

— Alo?

— É Raya.

Raya Singh. A linda empregada indiana. Senti a garganta ficar

seca.

— Como vai?

— Bem.

— Você lembrou-se de alguma coisa?

Muse fitou-me. Tentei lançar-lhe um olhar que a avisasse: é uma conversa particular. Para uma investigadora, a ficha às vezes demorava a cair para Muse. Ou talvez fosse intencional.

— Talvez eu devesse ter dito antes — disse Raya Singh.

Aguardei. Ela prosseguiu.

— Mas você apareceu de repente... Fui apanhada de surpresa. Ainda não tenho a certeza de qual é a coisa certa a fazer.

— Sra. Singh?

— Por favor, me chame de Raya.

— Raya — repeti —, não tenho a menor ideia do que você está a falar.

— Foi por isso que eu perguntei o que você realmente estava fazendo lá. Está lembrado?

— Sim.

— Sabe por que perguntei o que você realmente queria? Reflecti um pouco e decidi-me pela honestidade.

— Por causa do modo não profissional com que eu a estava olhando?

— Não.

— Ok, desisto. Por que você perguntou? E, a propósito, por que você me perguntou se eu tinha matado Manolo Santiago?

Muse arqueou uma sobrancelha. Não me importei. Raya Singh não retorquiu.

— Sra. Singh? — Então: — Raya?

— Porque ele mencionou o seu nome.

Achei que, talvez, tivesse escutado errado. Assim, indaguei, estupidamente: — Quem mencionou o meu nome?

Havia na voz dela um resquício de impaciência.

— De quem nós estamos a falar?

— Manolo Santiago mencionou o meu nome?

— Sim, claro.

— E você não pensou que deveria ter-me contado antes?

— Eu não sabia se podia confiar em você.

— O que a levou a mudar de ideia?

— Pesquisei o seu nome na internet. Você, de fato, é promotor do condado.

— O que Santiago falou a meu respeito?

— Que você mentiu sobre alguma coisa.

— Sobre o quê?

— Não sei.

Pressionei-a. — Ele disse isso para quem?

— Para um homem. Não sei o nome dele. No apartamento, Manolo também tinha recortes de jornais que citavam você.

— Apartamento? Achei que você não soubesse onde ele morava.

— Isso era quando eu não confiava em você.

— E confia agora?

Raya Singh não respondeu diretamente. — Encontre-me no restaurante daqui a uma hora, e mostrarei onde Manolo morava.

Capítulo 15

Quando Lucy voltou ao escritório, Lonnie estava lá, segurando algumas folhas de papel.

— O que é isso? — indagou ela.

— Mais daquele texto.

Ela tentou não lhe arrancar o material da mão.

— Você achou Sylvia? — perguntou ele.

— Sim.

— E?

— E ela ficou furiosa comigo e não vai falar nada.

Lonnie sentou-se e colocou os pés em cima da escrivaninha.

— Você quer que eu tente?

— Não creio que seja uma boa ideia.

— Posso ser bastante persuasivo. — Um sorriso sedutor.

— Você está disposto a dar uns beijos nela só para me ajudar?

— Se for necessário.

— Eu preocupar-me-ia tanto com a sua reputação... — Lucy sentou-se, agarrada às folhas de papel. — Você já leu?

— Sim.

Ela assentiu e iniciou a leitura.

P interrompeu o nosso abraço e voou na direção do grito.

Chamei-o, porém ele não parou. Dois segundos depois, a noite tinha-o engolido por inteiro. Tentei segui-lo. Mas estava escuro. Eu deveria conhecer aquela mata melhor do que P. Era o primeiro ano dele ali.

Fora uma menina quem gritara. Isso eu podia afirmar. Andei pela mata. Não o chamei mais. Por algum motivo, estava assustada também. Queria encontrar P, mas não queria que ninguém soubesse

onde eu estava. Sei que não faz muito sentido, porém era como eu me sentia.

Estava apavorada.

Havia luar. Na floresta, o luar altera a cor de tudo. É como uma daquelas lanternas do meu pai. São chamadas de luz negra, embora pareçam mais violeta. Mudam a cor de tudo ao redor. Como a lua.

Então, quando finalmente achei P e vi a cor estranha da sua camisa, não reconheci logo o que era. Não conseguia distinguir a tonalidade vermelha. Parecia mais algo azulado. Ele olhou para mim. Com os olhos arregalados.

— Temos de ir — disse ele. — E não podemos contar a ninguém que estivemos aqui...

Lucy releu o texto mais duas vezes. Largou os papéis. Lonnie observava-a.

— Então — disse ele, esticando a palavra. — Presumo que você seja a narradora desse pequeno conto.

— O quê?

— Tenho procurado entender, Lucy, e uma única explicação possível me ocorre. Você é a garota da história. Alguém está escrevendo a seu respeito.

— Isso é ridículo.

— Vamos, Lucy. Recebemos textos sobre incestos aos montes. E não estamos a tentar descobrir a identidade dos autores. Entretanto, você está aí toda tensa por causa de uma história de gritaria na floresta?

— Pare por aí, Lonnie.

Ele meneou a cabeça. — Desculpe, docinho, não é da minha natureza. Ainda que você não fosse super-refinada e eu não quisesse meter-me no meio das suas pernas.

Ela não se deu ao trabalho de responder.

— Eu gostaria de ajudar, se puder.

— Não pode.

— Sei mais do que você imagina.

Lucy encarou-o.

— Do que você está a falar?

— Hum... Você não vai ficar brava comigo?

Silêncio.

— Fiz algumas pesquisas sobre você.

Embora sentisse o estômago a embrulhar-se, ela manteve a expressão impassível.

— Lucy Gold não é o seu nome verdadeiro. Você mudou-o.

— Como descobriu você?

— Ora, Lucy. Você sabe quão fácil é usando-se um computador?

Ela nada respondeu.

— Alguma coisa nesse texto ficou me atazanando — prosseguiu Lonnie. — Esse negócio do acampamento. Eu era garoto, mas lembro-me de ouvir falar do Talhante do Verão. Então, pesquisei um pouco na internet. — Ele procurou esboçar um sorriso convencido. — Você deveria voltar a ser loura.

— Foi uma época difícil na minha vida.

— Posso imaginar.

— Foi por isso que mudei o meu nome.

— Ah. Entendo. A sua família sofreu um grande golpe. Você queria sair do sufoco.

— Sim.

— E agora, por algum motivo estranho, a coisa está voltando.

Ela assentiu.

— Por quê? — indagou Lonnie.

— Não sei.

— Eu gostaria de ajudar.

— Como eu disse, não tenho certeza de como poderia fazer isso.

— Posso fazer uma pergunta?

Lucy encolheu os ombros.

— Andei bisbilhotando um pouco. Você sabe que o Discovery Channel produziu um especial sobre os assassinatos há alguns anos?

— Sim.

— Nada foi mencionado sobre você estar lá. Quero dizer, na mata, naquela noite.

Ela manteve-se em silêncio.

— E, então, como é?

— Não posso falar a respeito.

— Quem é P? É Paul Copeland, certo? Você sabe que ele é o promotor do condado agora, ou algo assim.

Ela meneou a cabeça.

— Você não está facilitando as coisas — retorquiu ele.

Lucy ficou de boca fechada.

— Ok — Lonnie levantou-se. — Vou ajudá-la de qualquer maneira.

— Como?

— Sylvia Potter.

— O que tem ela?

— Vou fazê-la falar.

— Como?

Lonnie rumou para a porta.

— Tenho os meus métodos.

A caminho do restaurante indiano, desviei-me da rota e visitei o túmulo da Jane.

Não sabia bem por quê. Não o fazia com frequência — talvez umas três vezes por ano. Na realidade, não sinto a presença da minha mulher ali. Os pais dela haviam escolhido o local do sepultamento com a filha. "*Significa muito para eles*", ela me explicara, no leito de morte. E era verdade. Distraíra os pais, em especial a mãe, e ajudara-

os a sentirem-se como se estivessem desempenhando alguma tarefa útil, apenas.

Na época, eu não quis envolver-me. Estava em negação quanto à morte da Jane — mesmo quando a coisa ficou *realmente* ruim, ainda achava que, de alguma forma, ela acabaria superando. E, para mim, morte é morte — definitiva, o fim, sem coisa nenhuma depois, a linha derradeira, nada mais além. Caixões bonitos e cemitérios bem cuidados, como o da Jane, não mudam o fato.

Parei no estacionamento e caminhei pela vereda. Havia flores frescas sobre o túmulo. Nós, da fé judaica, não fazemos isso.

Colocamos pedras sobre a lápide. Gosto assim, embora não tenha a certeza do porquê. Flores, tão vivas e brilhantes, pareciam obscenas contra o cinza da tumba. Minha mulher, minha linda Jane, estava apodrecendo sete palmos abaixo daqueles lírios recém-cortados. Algo ultrajante aos meus olhos.

Sentei-me no banco de cimento. Não conversei com ela. Fora doloroso no fim. Jane sofrera. Eu assistira. Pelo menos durante algum tempo. Contratamos serviço hospitalar domiciliar — Jane queria morrer em casa —, mas então houve a perda de peso, o cheiro, a deterioração e os gemidos. O som que mais lembro, aquele que ainda invade o meu sono, é o ruído horrível da tosse. Na verdade, mais um sufocamento quando ela não conseguia expelir o muco. Isso lhe doía, ela ficava desconfortável. Essa situação estendeu-se durante meses e meses, e tentei ser forte, porém não era tão forte quanto Jane, e ela sabia-o.

Houve uma época, no início do nosso relacionamento, que Jane percebera as minhas dúvidas. Eu perdera uma irmã. Minha mãe fugira. E então, pela primeira vez em muito tempo, estava deixando uma mulher entrar na minha vida. Certa ocasião, tarde da noite, incapaz de pegar no sono, lembro-me de que fiquei olhando para o tecto, Jane adormecida ao meu lado. A respiração profunda, doce e perfeita, tão diferente do que seria no final. A respiração tornara-se

mais curta à medida que ela acordou, lentamente. Jane passou os braços ao meu redor, aconchegando-se a mim.

— Não sou ela — dissera baixinho, como se lesse os meus pensamentos. — Nunca vou abandoná-lo.

Entretanto, no fim, abandonara-me.

Depois da morte da minha mulher, eu namorara um pouco. Chegara até a ter alguns envolvimentos afetivos relativamente intensos. Esperava encontrar alguém um dia e voltar a casar-me. Mas agora, pensando naquela noite na nossa cama, dou-me conta de que, provavelmente, isso nunca acontecerá.

Não sou ela, minha Jane dissera.

E, claro, referia-se à minha mãe.

Olhei para a lápide. Li o nome da minha mulher. Mãe, Filha e Esposa Amorosa. Nas laterais, uma espécie de asas de anjo. Imaginei os meus sogros escolhendo-as, o tamanho certo das asas, o estilo certo, tudo aquilo. Os dois haviam comprado a cova ao lado da de Jane sem me informarem. Se eu não tornasse a casar-me, suponho que seria a minha. Se me casasse de novo, bem, não sei o que os meus sogros fariam a esse respeito.

Eu queria pedir ajuda à minha Jane. Queria pedir que vasculhasse lá em cima, seja lá onde estivesse, e visse se conseguia achar minha irmã e me deixasse saber se Camille estava viva ou morta. Sorri como um idiota. Então, parei.

Sei que telemóveis não são bem-vindos em cemitérios. Mas não creio que Jane se importaria. Tirei o telemóvel do bolso e pressionei aquele número seis novamente.

Sosh atendeu ao primeiro toque.

— Queria pedir-lhe um favor — disse.

— Já lhe disse antes. Pelo telefone, não.

— Encontre a minha mãe, Sosh.

Silêncio.

— Você pode fazer isso. Estou lhe pedindo. Em memória do

meu pai e da minha irmã. Encontre a minha mãe para mim.

— E se eu não puder?

— Você pode.

— A sua mãe foi-se há muito tempo.

— Eu sei.

— Você já considerou o fato de que talvez ela não queira ser encontrada?

— Sim. — disse.

— E?

— E é duro. Nem sempre conseguimos o que queremos. Assim, encontre-a para mim, Sosh. Por favor.

Desliguei o telefone. Olhei para a lápide da Jane outra vez.

— Sentimos saudades de você — disse alto para a minha mulher morta. — Cara e eu. Nós sentimos muita, muita saudade de você.

Depois, levantei-me e caminhei para o carro.

Capítulo 16

Raya Singh aguardava-me no estacionamento do restaurante. Ela trocara o uniforme esverdeado de empregada por calça jeans e blusa azul. Os cabelos estavam presos num rabo-de-cavalo. O efeito não era menos deslumbrante. Meneei a cabeça. Acabara de visitar o túmulo da minha mulher. E agora admirava, de maneira imprópria, a beleza de uma jovem.

Mundo interessante esse.

Ela acomodou-se no banco do passageiro. Exalava um cheiro delicioso.

— Para onde? — indaguei.

— Você sabe onde fica a Rodovia 17?

— Sim.

— Vá para o norte.

Saímos do estacionamento.

— Você gostaria de começar a contar-me a verdade? — perguntei.

— Nunca menti para você — retorquiu ela. — Apenas decidi não dizer algumas coisas.

— Você continua afirmando que conheceu Santiago na rua?

— Sim.

Não acreditei.

— Alguma vez você o escutou mencionar o nome Perez?

Nada.

Pressionei-a. — Gil Perez?

— A saída para a 17 fica à direita.

— Sei onde é a saída.

Fitei o perfil dela. Raya olhava para fora da janela, parecendo-me dolorosamente bela.

— Fale-me sobre quando o ouviu mencionar o meu nome.

— Já disse.

— Conte-me novamente.

Raya inspirou fundo. Fechou os olhos por um momento.

— Manolo disse que você mentiu.

— Menti sobre o quê?

— Mentiu sobre alguma coisa envolvendo — ela hesitou — envolvendo uma mata, ou uma floresta, ou algo assim.

Senti o meu coração dar um salto.

— Ele disse isso? Uma mata, ou floresta?

— disse.

— Quais foram as palavras exatas dele?

— Não me lembro.

— Tente.

— "*Paul Copeland mentiu sobre o que aconteceu naquela mata*". — Em seguida, ela inclinou a cabeça. — Ah, espere.

Esperei.

Raya disse algo que quase me fez sair da estrada. — Lucy.

— O quê?

— Esse era o outro nome. Santiago falou: "*Paul Copeland mentiu sobre o que aconteceu naquela mata. E Lucy também*".

Agora foi a minha vez de ficar sem palavras.

— Paul — prosseguiu Raya —, quem é Lucy?

Fizemos o resto do trajeto em silêncio.

Estava perdido nos meus pensamentos sobre Lucy. Tentei lembrar-me da sensação de tocar os seus cabelos loiros, do perfume maravilhoso dos fios. Mas não pude. Eis a realidade. As lembranças pareciam tão nebulosas. Não conseguia lembrar-me do que era real e do que a minha imaginação conjurara. Lembrava-me apenas do deslumbramento. Lembrava-me do desejo. Éramos ambos novos, ambos desajeitados, ambos inexperientes, porém era como uma canção de Bob Seger, ou talvez algo saído do álbum *Bat Out of Hell*, do

Meat Loaf. Deus, aquele desejo. Como começara? E quando aquele desejo aparentemente se transformara numa coisa semelhante a amor?

Romances de Verão chegam ao fim. É parte da vida. São da mesma matéria de certas plantas ou insectos, incapazes de sobreviver a mais de uma estação. Pensei que a Lucy e eu nunca nos separaríamos, que seríamos diferentes. E éramos, acho, porém não do jeito que eu imaginava.

Os jovens são tão idiotas.

O hotel ficava em Ramsey, Nova Jersey. Raya tinha uma chave. Ela abriu a porta de um quarto no terceiro andar. Eu até descreveria a decoração, não fosse o fato de que a única palavra para descrevê-la seria *indefinível*. O mobiliário tinha toda a personalidade de, bem, um hotel de beira de estrada.

Ao entrarmos no quarto, Raya deixou escapar um gritinho de espanto.

— O que foi? — indaguei.

— Havia um monte de papel sobre aquela mesa. Pastas, revistas, canetas, lápis.

— Está vazia agora.

Ela abriu uma gaveta. — As roupas sumiram.

Empreendemos uma busca. Tudo desaparecera — nenhum papel, nenhuma pasta, nenhuma matéria de revista, nenhuma escova de dentes, nenhum artigo de uso pessoal, nada.

Raya sentou-se no sofá.

— Alguém veio aqui e limpou o lugar.

— Quando você esteve aqui pela última vez?

— Três dias atrás.

— Vamos. — Caminhei para a porta.

— Aonde você vai?

— Falar com alguém da recepção.

Na recepção estava um rapazote que não nos informou praticamente nada. O inquilino se registara como Manolo Santiago.

Pagou adiantado, e com dinheiro vivo, pelo quarto, reservando-o até ao fim do mês. E, não, não se lembrava da aparência do Sr. Santiago, nem de coisa alguma a respeito dele. Esse era um dos problemas deste gênero de hotéis. Você não tem de passar pela recepção. Era fácil e anônimo.

Raya e eu voltamos ao quarto de Santiago.

— Você disse que havia papéis aqui?

— Sim.

— O que estava escrito na papelada?

— Não bisbilhotei.

— Raya.

— O quê?

— Preciso ser sincero. Não estou engolindo essa encenação de ignorância.

Ela simplesmente me encarou com aqueles olhos danados.

— O que foi?

— Você quer que eu confie em você.

— Sim — retorqui.

— E por que deveria?

Pensei um pouco.

— Você mentiu para mim quando nos conhecemos — disse ela.

— Sobre o quê?

— Disse que estava apenas investigando um assassinato. Como se fosse um investigador comum. Mas não era verdade, era?

Nada respondi.

— Manolo não confiava em você. Li as matérias. Sei que algo aconteceu a todos vocês naquela floresta, vinte anos atrás. Manolo achava que você tinha mentido sobre isso.

Continuei calado.

— E agora você espera que eu conte tudo. Você faria isso? Se estivesse na minha posição, contaria tudo o que sabe?

Reflecti um instante, organizei os pensamentos. O argumento de Raya era válido.

— Então, você leu as matérias?

— Sim.

— Então, sabe que eu estava naquele acampamento, naquele Verão.

— Sim.

— E sabe que a minha irmã desapareceu naquela noite também.

Ela assentiu.

— E por isso que estou aqui.

— Você está aqui para vingar a sua irmã?

— Não. Estou aqui para encontrá-la.

— Mas eu achei que ela estivesse morta. Wayne Steubens assassinou-a.

— Era o que eu achava.

Raya desviou o olhar por um momento. Depois, encarou-me.

— Então, sobre o que você mentiu?

— Não menti sobre nada.

Aqueles olhos de novo. — Você pode confiar em mim — disse ela.

— Confio.

Ela fez uma pausa. Aguardei.

— Quem é Lucy?

— Uma garota que estava no acampamento.

— O que mais? Qual a ligação dela com o caso?

— O pai da Lucy era dono do acampamento. — Após alguns segundos, acrescentei: — Ela também era minha namorada na época.

— E vocês dois mentiram sobre o quê?

— Não mentimos.

— Então do que Manolo estava a falar?

— Como é que eu vou saber? É o que estou a tentar descobrir.

— Não entendo. Por que você tem tanta certeza de que a sua irmã está viva?

— Não tenho certeza — respondi. — Mas creio que existe uma boa hipótese.

— Por quê?

— Por causa de Manolo.

— O que tem ele?

Estudei-lhe o rosto, perguntando-me se não estava sendo feito de tolo ali.

— Você calou-se quando mencionei o nome Gil Perez — devolvi.

— Esse nome estava nas reportagens. Ele também foi morto na floresta.

— Não — afirmei.

— Não estou entendendo.

— Você sabe por que Manolo estava investigando o que aconteceu naquela noite?

— Ele nunca disse por quê.

— Você não ficou curiosa?

Raya encolheu os ombros. — Manolo explicou que eram negócios.

— Manolo Santiago não era o nome verdadeiro dele. — Fiz uma pausa, na esperança de que ela me interrompesse, me contasse algo. Nada. — O nome verdadeiro dele — continuei — era Gil Perez.

Ela demorou alguns segundos para absorver a informação.

— O garoto da floresta?

— Sim.

— Você tem a certeza?

Boa pergunta. Entretanto, respondi "sim", sem qualquer hesitação.

Raya ponderou a questão. — E o que você me está dizendo agora, se for verdade, é que esse Gil estava vivo o tempo todo.

Assenti.

— E se ele estava vivo... — Raya Singh calou-se. Terminei a frase por ela.

— Talvez a minha irmã também esteja.

— Ou talvez, Manolo, Gil, seja lá como você o chame, matou-os a todos.

Estranho. Eu não pensara nisso. Na realidade, até fazia algum sentido. Gil mata todos eles e planta indícios de que fora vítima também. Mas seria engenhoso o bastante para executar um plano desses? E como explicar Wayne Steubens?

A menos que Wayne estivesse dizendo a verdade...

— Se esse for o caso — observei —, descobrirei a verdade.

— Manolo falou que você e Lucy estavam mentindo. Se ele matou os outros, por que diria isso? Por que teria juntado toda essa papelada e estava investigando o que aconteceu? Se fosse culpado, saberia as respostas, não?

Raya atravessou o quarto, parando bem à minha frente. Terrivelmente jovem e bela. Eu queria mesmo beijá-la.

— O que você não me está dizendo? — indagou ela.

O meu telemóvel tocou. O identificador de chamadas acusou Loren Muse. Atendi.

— Diga, Muse.

— Estamos com um problema.

Fechei os olhos e aguardei. Ela prosseguiu:

— Chamique quer desistir.

O meu escritório fica no centro de Newark. Tenho ouvido falar sobre a revitalização da cidade; no entanto, não vejo sinais. Newark tem estado em decadência há tempos. Mas aprendi a conhecê-la bem. Sua história continua ali, sob a superfície. O povo é maravilhoso. Nós, como sociedade, somos ótimos em estereotipar cidades, da mesma forma como o fazemos em relação a grupos étnicos ou minorias. É fácil odiá-los à distância. Recordo-me dos pais conservadores de Jane.

Sem que tivessem conhecimento, Helen, com quem Jane dividira o quarto na república de estudantes nos anos de universidade, era gay. Quando eles a conheceram, simplesmente adoraram-na. Quando ficaram a saber que Helen era lésbica, continuaram adorando-a. E também aprovaram a sua companheira.

Assim é com frequência. É fácil odiar gays, ou negros, ou judeus, ou árabes, em massa. Mais difícil é odiar indivíduos.

Newark era assim. Você podia odiá-la como um todo, contudo tantos vizinhos, lojistas, cidadãos possuíam tanto charme e tanta força que não se podia evitar sentir-se atraído para lá, importar-se com aquilo e querer melhorar as coisas.

Chamique estava no meu escritório. Apesar de extremamente jovem, tinha a dureza do aço estampada na face. A vida não fora suave para essa menina. E, provavelmente, não se tornaria mais suave. O advogado dela, Horace Foley, usava água de colônia em demasia e tinha os olhos por demais separados. Sou advogado, portanto não gosto dos preconceitos em relação à minha profissão. Todavia, estava razoavelmente convencido de que, se houvesse uma porta de cadeia lá em baixo, esse indivíduo pularia da minha janela, do terceiro andar, para chegar lá primeiro.

— Nós gostaríamos que você reforçasse as queixas contra o Sr. Jenrette e o Sr. Marantz — disse Foley.

— Não posso fazer isso — retorqui. Olhei para Chamique. Embora mantivesse a cabeça erguida, ela não estava, exatamente, clamando por contato visual. — Você mentiu ontem, no banco de testemunhas? — indaguei-lhe.

— Minha cliente jamais mentiria — respondeu Foley.

Ignorei-o. Fitei Chamique nos olhos.

— Você nunca vai conseguir condená-los mesmo — disse ela.

— Você não sabe disso.

— Você está a falar a sério?

— Sim, estou.

Chamique sorriu-me, como se eu fosse a criatura mais ingênua da face da Terra.

— Você não entende, não é?

— Ah, entendo, sim. Eles estão lhe oferecendo dinheiro, se você se retratar. A soma atingiu um patamar tal que, agora, seu advogado aqui, o Sr. *Que-Precisa-Tomar-Banho-Para-Tirar-o-Excesso-de-Colônia*, acha que o acordo faz sentido.

— Do que você me chamou?

Virei-me para Muse. — Abra uma janela, por favor.

— Entendido, Cope.

— Ei! Do que você me chamou?

— A janela está aberta. Sinta-se livre para pular. — Voltei-me para Chamique. — Retratar-se agora significará que o depoimento de hoje e o de ontem foram mentirosos. Significará que você cometeu perjúrio. Significará que esse escritório gastou milhões de dólares do contribuinte em cima da sua mentira. O seu perjúrio. Isso é crime. Você irá para a prisão.

— Fale comigo, Sr. Copeland — interveio Foley —, não com a minha cliente.

— Falar com você? Não sou capaz sequer de respirar perto de você.

— Não me vou submeter a...

— *Psiu* — interrompi-o, pondo a mão ao redor da orelha. — Se você ouvir com atenção, conseguirá escutar.

— Escutar o quê?

— Acho que o odor da sua água de colônia está descascando o meu papel de parede. Se prestar atenção, poderá ouvir. *Psiu*, ouça.

Até Chamique esboçou um sorriso.

— Não se retrate — aconselhei-a.

— Eu preciso.

— Então a processarei.

O advogado dela estava pronto para brigar outra vez, porém

Chamique segurou-o pelo braço.

— Você não vai fazer isso, Dr. Copeland.

— Farei sim.

Todavia, ela não acreditou em mim. Era uma vítima de violação, pobre, assustada, que se encontrava numa posição de faturar mais dinheiro do que possivelmente veria em toda a sua vida. Quem era eu para lhe passar um sermão sobre valores e justiça?

Ela e o advogado levantaram-se.

— Assinaremos o acordo amanhã de manhã — anunciou Horace Foley.

Não respondi. Parte de mim experimentou alívio, o que me envergonhou. JaneCare sobreviveria. A memória do meu pai — ok, a minha carreira política — não sofreria um abalo desnecessário. E, melhor ainda, eu escapara de uma enrascada. Não por obra minha. Mas de Chamique.

Chamique ofereceu-me a mão. Apertei-a.

— Obrigada, Dr. Copeland.

— Não faça isso — insisti, sem muito empenho. Ela percebeu-o. Sorriu para mim. Então, os dois saíram do escritório. Primeiro, Chamique; em seguida, o advogado. O cheiro da água de colônia foi ficando para trás como um *souvenir*.

Muse encolheu os ombros. — O que você pode fazer?

Eu perguntava-me o mesmo.

Cheguei a casa e jantei com Cara. Depois, fui ajudá-la no seu "trabalho de casa", que consistia em achar coisas vermelhas em revistas e recortá-las. Aparentemente, seria uma tarefa muito fácil. Mas, naturalmente, nada do que achamos juntos lhe agradava. Ela não gostou da carroça vermelha, nem do vestido vermelho da modelo, nem mesmo do carro de bombeiros. O problema, não tardei i perceber, era que eu estava demonstrando entusiasmo pelo que ela encontrava. Falava: "Esse vestido avermelho, doçura! Você tem razão! Acho que seria perfeito!". Após uns vinte minutos daquilo, enxerguei

o meu erro. Assim, quando Cara deparou com a figura de um vidro de *ketchup*, mostrei total desinteresse.

— Não gosto muito de *ketchup* — comentei. Ela apanhou a tesoura e pôs-se a trabalhar. Crianças.

Enquanto recortava, Cara começou a cantar uma canção de um desenho animado chamado Dora, a aventureira. Basicamente, a canção consistia na repetição da palavra mochila sem parar, até a cabeça do pai mais próximo arrebentar em mil pedaços. Eu cometera o erro de, dois meses atrás, comprar a mochila falante da Dora (*mochila, mochila*; repita), acompanhada de um mapa falante (cante "*Eu sou o mapa, eu sou o mapa, eu sou o mapa*"; repita). Quando a Madison nos vinha visitar, as duas quase sempre brincavam de Dora, a aventureira. Uma fazia o papel de Dora. A outra era um macaco com o interessante apelido de Botas. Você não conhece muitos macacos com nome de calçado.

Eu estava pensando nisso, em Botas, em como Cara e a prima brigavam para decidir quem seria Dora e quem seria Botas, quando a coisa me atingiu como um raio.

Gelei. Literalmente fiquei lá sentado, imóvel. Até Cara notou.

— Papai?

— Um instante, gatinha.

Corri para o andar de cima, minhas passadas sacudindo a casa. Onde, droga, estavam aquelas contas da república de estudantes? Comecei a pôr o escritório do avesso. Levei alguns minutos para localizá-las. Estivera preparado para lançá-las fora depois daquela reunião com Chamique e Horace Foley.

Pronto, ali estavam.

Vistoriei-as. Débitos on-line, contas mensais. Agarrei o telefone e liguei para Muse. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Diga, Cope.

— Quando você estava na faculdade — perguntei —, com que frequência passava a noite a estudar?

— Umas duas vezes por semana, no mínimo.

— Como se mantinha acordada?

— M&Ms. Montes deles. Os alaranjados são anfetaminas, juro.

— Compre todos os pacotes que quiser. Pode lançá-los como despesa de trabalho.

— Estou gostando do tom da sua voz, Cope.

— Tenho uma ideia, mas não sei se teremos tempo.

— Não se preocupe com o tempo. A ideia é sobre o quê?

— Sobre os nossos velhos amigos, Cal e Jim.

Capítulo 17

Liguei para a casa do advogado *água de colônia* Foley e acordei-o.

— Não assine aqueles papéis até amanhã à tarde.

— Por quê?

— Porque, se o fizer, empenhar-me-ei para que o meu escritório seja exigente com você e os seus clientes. Será do conhecimento geral que não fazemos acordo com Horace Foley e que nos empenharemos para que os seus clientes cumpram o máximo de tempo possível na prisão.

— Você não pode fazer isso.

Nada respondi.

— Tenho uma obrigação com a minha cliente.

— Diga-lhe que eu pedi esse tempo extra. Diga-lhe que estou pensando no que é melhor para ela.

— E o que eu digo para o outro lado?

— Não sei, Foley. Diga que encontrou algum erro na papelada, diga qualquer coisa. Mas adie as assinaturas até a tarde.

— E como essa situação atenderá aos interesses da minha cliente?

— Se eu tiver sorte e os apanhar, você poderá renegociar. Mais dinheiro no seu bolso.

Ele ficou em silêncio. Então: — Cope?

— O quê?

— Chamique é uma garota estranha.

— Como assim?

— A maioria das pessoas teria aceitado o dinheiro

imediatamente. Precisei pressioná-la porque, francamente, aceitar o dinheiro logo no começo era a melhor jogada. Nós dois sabemos disso. Mas Chamique nem queria ouvir falar nisso até ontem, quando a ameaçaram com aquela história de Jim/James. Antes, apesar do que depôs, estava mais interessada em ver os rapazes na prisão do que em compensação financeira. Realmente queria justiça.

— E isso surpreende-o?

–Você é novo nesse trabalho. Mas estou no ramo há 27 anos. A gente vai ficando cínico. Então, sim, ela surpreendeu-me bastante.

— Existe um motivo para você me contar tudo isso?

— Sim. Quanto a mim, você sabe quais são os meus interesses. Embolsar um terço do valor do acordo. Mas para Chamique é diferente. É uma soma que vai mudar a vida dela. Portanto, seja lá o que estiver tramando, Sr. promotor, não estrague as hipóteses dela.

Lucy estava bebendo sozinha.

Era noite. Ela morava no campus, num dos prédios destinados aos membros do corpo docente. O lugar ia além do deprimente. A maioria dos professores trabalhava duro e poupava dinheiro na esperança de se mandar dali o quanto antes. Lucy vivia num apartamento desses fazia um ano. Antes dela, Amanda Simon, professora de literatura inglesa, passara três décadas de solteirice nessa mesma unidade. Um cancro de pulmão derrubara-a aos 58 anos. Os seus restos permaneciam no cheiro de fumaça deixado para trás. Apesar de a carpete ter sido arrancada de fora a fora, e as paredes, repintadas, o fedor de cigarro persistia. Era um pouco como morar num cinzeiro.

Lucy gostava de vodca. Olhou pela janela. Uma música soava à distância. Afinal, estava num campus universitário. Sempre havia alguma música tocando. Consultou o relógio. Meia-noite.

Ligou o iPod, conectou-o aos alto-falantes e colocou para tocar uma *playlist* denominada "*Suaves*". As músicas não apenas eram

lentas; eram, também, do tipo dor de cotovelo. Beberia o seu *vodca*, no seu apartamento deprimente com odor de fumaça de uma morta, e ouviria canções dolorosas que falavam de perda, desejo e desolação. Deplorável, sim, porém, às vezes, bastava sentir. Não importava se doía ou não. Apenas precisava sentir.

Naquele exato instante, Joseph Arthur entoava *Honey and the Moon*. Ele cantava para o seu verdadeiro amor e dizia que, se ela não existisse, a inventaria. Uau, que coisa! Lucy tentou imaginar um homem, um homem digno, dizendo-lhe isso. A ideia a fez menear a cabeça, admirada.

Fechando os olhos, tentou reunir as peças do quebra-cabeças. Nada se encaixava. O passado estava vindo à tona novamente. Despendera toda a sua vida adulta fugindo daquela maldita floresta que bordejava o acampamento do seu pai. Atravessara o país até à Califórnia e, depois, fizera o caminho de volta. Mudara o nome e a cor dos cabelos. Mas o passado sempre a seguia. Às vezes, ele até a permitia assumir uma dianteira confortável — embalava-a no doce pensamento de que conseguira abrir distância suficiente entre aquela noite e o momento presente —, entretanto os mortos acabavam preenchendo a lacuna.

No fim, aquela noite medonha sempre a alcançava.

Entretanto, desta vez... como? Aquele texto autobiográfico... como poderia ter sido escrito? Sylvia Potter mal havia nascido quando o Talhante do Verão atacara o Acampamento VAP (*Verão, Amor e Paz*). Como a garota poderia saber algo a esse respeito? Naturalmente, a exemplo de Lonnie, uma pesquisa na internet levara-a a concluir que Lucy tinha um certo passado. Ou talvez alguém, mais velho e mais esperto, contara alguma coisa à estudante.

Mesmo assim... Como Sylvia saberia? Aliás, como alguém saberia? Apenas uma pessoa sabia que Lucy mentira sobre o que acontecera naquela noite.

E Paul não diria nada.

Ela olhou através do líquido límpido no copo. Paul. Paul Copeland. Ainda podia vê-lo, com aqueles braços e pernas magros, aquele torso esguio, aqueles cabelos compridos, aquele sorriso capaz de enlouquecer uma garota. Curiosamente, os dois tinham-se conhecido por intermédio dos pais. O pai de Paul, ginecologista e obstetra no seu país de origem, deixara a União Soviética para escapar da repressão e acabara encontrando-a justamente nos Estados Unidos. Ira, o pai de coração mole de Lucy, nunca conseguira resistir a histórias sofridas. Portanto, contratara Vladimir Copeland como médico do acampamento. Dera à família uma oportunidade de escapar de Newark durante o Verão.

Lucy ainda visualizava a cena — o carro deles, um *Oldsmobile Ciera* caquético, subindo a estrada poeirenta, parando, as quatro portas se abrindo aparentemente ao mesmo tempo, os quatro membros da família saindo do veículo como se fossem um só. Naquele instante, quando Lucy vira Paul e os seus olhares se encontraram, fora como se houvesse sido atingida por um raio. E percebera que ele sentira o mesmo. Existem esses momentos raros na vida — quando você sofre aquele choque e a sensação é maravilhosa. Dói como o diabo, porém você está sentindo, realmente sentindo, e, de repente, as cores estão mais vívidas, os sons, mais nítidos, a comida tem mais sabor, e você nunca, nem sequer por um minuto, para de pensar na pessoa, e sabe, apenas sabe, que ela se sente do mesmo jeito em relação a você.

— Exatamente assim — Lucy falou alto e tomou outro gole de *vodca* e tônica. Exatamente como essas canções patéticas que ela ouvia sem parar. Um sentimento. Uma torrente de emoções. Altos e baixos, não importava. Porém nada era mais o mesmo. O que Elton John cantara, por meio daquelas letras de Bernie Taupin, sobre *vodca* e tônica? Algo sobre umas duas doses de *vodca* e tônica para colocar você de pé outra vez.

Isso não funcionara para Lucy. Mas por que desistir agora? A

vozinha na sua cabeça disse: pare de beber. O vozeirão mandou a vozinha calar-se, caso contrário levaria um pontapé no traseiro.

Lucy ergueu um punho no ar e gritou:

— Dá-lhe, Vozeirão!

Ela riu, e aquele som, o som de sua própria risada solitária na sala silenciosa, assustou-a. Rob Thomas veio em seguida, na sua lista de "*Suaves*", perguntando se podia abraçá-la enquanto ela desabava, se podia simplesmente abraçá-la enquanto ambos desmoronavam. Ela assentiu. Sim, podia, sim. Rob fazia-a lembrar-se de que estava com frio, com medo, dilacerada, e, droga, queria ouvir essa música com Paul.

Paul.

Ele gostaria de ficar a par do texto autobiográfico.

Duas décadas transcorridas desde que o vira pela última vez. Todavia, 6 anos atrás, pesquisara o seu nome na internet. Não quisera fazê-lo. Sabia que Paul era uma porta que melhor seria deixar fechada. Entretanto, ficara bêbada — grande surpresa. Enquanto algumas pessoas se embriagam e ficam agarradas ao telemóvel, Lucy fixava-se na internet.

O que descobrira fora tão sério quanto previsível. Paul casara-se. Era advogado. Tinha uma filha pequena. Lucy até conseguira encontrar uma foto da esposa dele, linda, vinda de família abastada, participando de algum evento beneficente. Jane — esse era o nome da esposa. Alta, esguia, e usando pérolas. Ficava bonita com pérolas. Possuía o tipo que combinava com pérolas.

Outro gole.

As coisas talvez tivessem mudado em 6 anos, porém, na ocasião, Paul morava em Ridgewood, Nova Jersey, a meros trinta quilômetros de onde ela estava agora. Lucy olhou para o computador, do outro lado da sala.

Paul deveria ser colocado a par, não deveria?

E não seria nenhum problema fazer uma outra pesquisa rápida

na internet. Apenas obter um número de telefone — de casa ou, melhor ainda, do escritório. Poderia contatá-lo. Na realidade, avisá-lo. Preto no branco. Sem agenda, sem intenções ocultas, nada do gênero.

Ela largou o copo. A chuva caía lá fora. O computador já estava ligado. O protetor do monitor era, sim, aquele que automaticamente se instala. Nenhuma foto de férias familiares. Nenhuma imagem de crianças, ou mesmo o básico das solteironas: a fotografia de um animal de estimação. Apenas o logotipo do Windows pulando de lá para cá, como se o monitor lhe estivesse mostrando a língua.

Ia além do patético.

Ela já começava a digitar, no site de busca, quando escutou uma batida à porta. Parou, esperou.

Outra batida. Lucy olhou as horas no canto inferior direito da tela.

00h27.

Absurdamente tarde para visitas.

— Quem é?

Nenhuma resposta.

— Quem...

— Sylvia Potter.

A voz da garota soou chorosa. Lucy levantou-se e correu aos tropeções até à cozinha. Deitou o resto da bebida na pia, guardou a garrafa no armário. *Vodca* não deixa cheiro, pelo menos não muito, portanto, quanto a isso estava *ok*. Olhou-se rapidamente no espelho. Tinha um aspecto horrível, mas não havia nada que pudesse fazer a esse respeito naquele momento.

Abriu a porta e Sylvia descaiu, como se tivesse estado escorando-se no batente, inteiramente ensopada. Com o ar-condicionado no máximo, por pouco Lucy não fez algum comentário sobre o perigo de a menina ficar doente. Convencida de que pareceria algo que uma mãe diria, absteve-se. Então, fechou a porta.

— Desculpe a hora avançada — disse Sylvia.

— Não se preocupe. Eu estava acordada.

— Desculpe-me por antes.

— Tudo bem.

— Não, é só que... — Sylvia parou no meio da sala, olhou ao redor, passou os braços em volta do corpo.

— Você quer uma toalha?

— Não.

— Posso trazer-lhe algo para beber?

— Estou bem.

Lucy fez sinal para a garota se sentar. Sylvia desabou num sofá Ikea. Lucy odiava Ikea e os seus manuais de instrução com apenas ilustrações, como se tivessem sido desenhadas por engenheiros da Nasa. Acomodou-se ao lado da aluna e aguardou.

— Como a senhora descobriu que escrevi aquele texto?

— Não importa.

— Enviei-o anonimamente.

— Eu sei.

— E a senhora disse que seria confidencial.

— Eu sei. Sinto muito.

Sylvia assoou o nariz e desviou o olhar para fora, os cabelos ainda pingando.

— Até menti para a senhora.

— Em que?

— Sobre o que eu havia escrito. Quando eu fui para vê-la ao escritório no outro dia. Lembra-se?

— Sim.

— Você lembra-se o que eu lhe disse qual era o meu papel sobre isso?

Lucy pensou por um momento.

— Sua primeira vez.

Sylvia sorriu, mas sem alegria.

— Suponho que, mesmo de uma forma doentia, isso era verdade.

Lucy ficou por um momento a pensar nisso.

— Eu não sei se entendi, Sylvia.

Sylvia não disse nada durante um tempo. Então Lucy lembrou que Lonnie tinha dito que iria ajudá-la a falar.

Mas ele deveria esperar pelo dia seguinte.

— Será que Lonnie virá visitá-la hoje à noite?

— Lonnie Berger? Depois da aula?

— Sim.

— Não. Por que é que Lonnie me haveria de visitar?

— Não é importante. Então, por que você está aqui, por escolha própria?

Sylvia engoliu em seco e parecia insegura de si mesma.

— Que tenho eu feito de errado?

— Não, de todo. Estou feliz que você esteja aqui.

— Estou com tanto medo, — disse Sylvia.

Lucy assentiu, tentando parecer calma e reconfortante ao mesmo tempo. Forçar a questão poderia voltar-se contra ele. Então ele esperou. Ele esperou um total de dois minutos antes de falar.

— Você não tem que ter medo Lucy disse.

— O que você acha que devo fazer?

— Conte-me tudo, ok?

— É o que eu tenho feito, ou pelo menos quase tudo.

Lucy não sabia como abordá-lo.

— Quem é P?

Sylvia franziu a testa.

— O quê?

— Na sua revista. Você fala sobre um rapaz chamado P. Quem é P?

— De que você está a falar?

Lucy fez uma pausa e, em seguida, tentou novamente.

— Diga-me exatamente porque você está aqui, Sylvia.

Mas Sylvia tornou-se cautelosa. — Porque veio agora para o meu quarto?

— Porque eu queria falar sobre o seu trabalho.

— Então, por que me falar de um rapaz chamado P? P eu não chamei ninguém. Eu disse diretamente que era ... As palavras lhe engasgaram na garganta, fechou os olhos e sussurrou …*meu pai*.

Marsh quebrou. As lágrimas caíam como chuva, em cascata.

Lucy fechou os olhos. A história de incesto. Que ele os havia chocado a ela e Lonnie. Maldita seja. Lonnie estava errado. Sylvia não tinha escrito o diário na noite na floresta.

— O seu pai abusou de você quando era donzela, — disse Lucy.

Sylvia cobriu o rosto com as mãos. Era como se tivessem rasgado soluços no peito. O seu corpo inteiro estava tremendo quando ela abaixou a cabeça e se levantou. Lucy olhou para a pobre moça, tão ansiosa para agradar, e imaginou o pai. Ela apanhou a mão de Sylvia. Ela aproximou-se e abraçou-a. Sylvia inclinou-se sobre o seu peito e chorou. Lucy murmurou e aconchegou-a, segurando-a.

Capítulo 18

Eu não tinha dormido quase nada e Muse também. Fiz a barba rapidamente com o equipamento eléctrico. Cheirava tão mal que eu considerei pedir colônia a Horace Foley.

— Traga-me os papéis, — disse eu a Muse.

— Assim que eu puder.

Quando o juiz pediu silêncio na sala, eu chamei uma testemunha surpresa — que as pessoas conhecem como Gerald Flynn.

Flynn era o menino "*nice*" que Chamique Johnson tinha convidado para a festa. E isso era o que parecia, com a sua pele lisa, cabelo com cachos loiros bem tratado, olhos azuis que pareciam olhar para tudo com ingenuidade. Porque havia uma hipótese para eu terminar o meu interrogatório a qualquer momento, a defesa de Flynn teve de esperar. No final do dia, supunha-se que ele era a testemunha-chave.

Flynn sempre tinha apoiado os seus companheiros da Fraternidade. Mas uma coisa é estar mentindo para a polícia e até mesmo no depoimento, e outra é fazê-lo em "direto". Olhei para Muse, que estava sentada na última fila e tentou manter uma expressão calma. O resultado foi um pouco estranho. Muse não seria a minha primeira escolha como um parceiro de pôquer.

Pedi-lhe para dizer o nome dele para o Registo.

— Gerald Flynn.

— Mas toda a gente chama-o de Jerry, que é o correto?

— Sim.

— Bem, para já vamos começar pelo princípio. Quando conheceu o réu, a menina Chamique Johnson?

Chamique tinha vindo hoje para a sessão. Sentou-se perto do centro na penúltima fila, com Horace Foley. Local interessante para se sentar. Como se ela não se quisesse comprometer. Eu tinha ouvido alguns gritos no corredor naquela manhã. As Famílias Jenrette e Marantz não foram de todo felizes com o truque do último minuto. Eles haviam tentado empurrar o assunto para baixo, mas não funcionou. Então começamos já tarde. Mas eles estavam prontos. Eles estavam de volta ao local com expressões de caso sério e pensativo para o tribunal.

Foi um revés temporário, devem eles ter pensado. Algumas horas mais e tudo estaria terminado.

— Quando ela chegou à casa da *Fraternidade 12 de Outubro,* — respondeu ele.

— Você lembra-se da data?

— Sim.

Eu coloquei uma expressão "*Bem, bem, isso é interessante*", embora não fosse o caso. Era normal que iria lembrar-se da data. Agora também fazia parte da sua vida.

— Por que foi Miss Johnson à sua casa da Fraternidade?

— Ela foi contratada como dançarina exótica.

— Você quis contratá-la?

— Não. Bem, quero dizer, toda a fraternidade o fez. Mas eu não era a pessoa que fez a reserva ou qualquer coisa.. Mas não fui eu quem fez a gestão.

— Sim. Então ela foi para a sua Fraternidade e executou uma dança exótica?

— Sim.

— E você assistiu a essa dança?

— Sim.

— O que achou?

Mort Pubin levantou-se. — Objecção.

O juiz estava-me olhando seriamente e carrancudo. — Sr.

Copeland?

— De acordo com Ms. Johnson, o Sr. Flynn aqui presente convidou-a para a festa onde a violação ocorreu. Tente entender por que ele fez isso.

— Basta perguntar-lhe, — disse Pubin.

— Meritíssimo, eu posso, por favor, fazer isso pelo meu próprio caminho?

Juiz Pierce disse: — Tente refazer.

Voltei-me para Flynn. — Você acha que Ms. Johnson era uma boa dançarina exótica?, — Perguntei.

— Eu suponho que sim.

— Sim ou não?

— Sem dúvida maravilhosa. Mas sim, eu pensei que era muito boa.

— Achou que ela era atraente?

— Sim, bem, eu acho.

— Sim ou não?

— Objecção! — Pubin novamente. — Não há necessidade de responder a essa pergunta com um sim ou com um não. Talvez ele pensasse que ela parecesse um pouco atraente. Nem sempre é sim ou não.

— Eu concordo, Mort, — disse surpreendendo-o. — Deixe-me reformular. Sr. Flynn, como você descreveria a sua atratividade?

— Numa escala de 1 a 10?

— Isso seria esplêndido, Sr. Flynn. Numa escala de 1 a 10.

Ele pensou por um momento. — Sete, talvez oito.

— Bem, obrigado. E em algum momento naquela noite, você chegou a conversar com a menina Johnson?

— Sim.

— De que falava você?

— Não sei.

— Tente lembrar-se.

— Eu perguntei-lhe onde ela morava. Ela disse que em Irvington. Eu perguntei se ela estava indo para a escola ou se ela tinha um namorado. Esse tipo de coisas. Ela contou-me que tinha um filho. Ela perguntou-me o que eu estava estudando. Eu disse que queria estudar medicina.

— Algo mais?

— Isso era tudo, mais ou menos.

— Sim. Quanto tempo você acha que falou com ela?

— Não sei.

— Vamos ver se eu posso ajudar. Foram mais de cinco minutos?

— Sim.

— Mais de uma hora?

— Não, creio que não.

— Mais de meia hora?

— Não tenho certeza.

— Mais de dez minutos?

— Creio que sim.

O juiz Pierce interrompeu-me, dizendo-me que a questão já fora entendida e aconselhando-me a seguir em frente.

— Como é que a Sra. Johnson foi embora daquele evento específico, caso você saiba?

— Um carro foi buscá-la.

— Ah, ela era a única dançarina exótica a apresentar-se naquela noite?

— Não.

— Quantas mais havia?

— Três no total.

— Obrigado. As outras duas partiram junto com a Sra. Johnson?

— Sim.

— Você conversou com alguma delas?

— Realmente não. Talvez um "oi".

— Seria correto afirmar que Chamique Johnson foi a única das três dançarinas exóticas com quem você conversou?

Pubin parecia querer objetar, porém decidiu deixar passar.

— Sim — respondeu Flynn. — Seria correto.

Bastava de preliminares. — Chamique Johnson declarou que faturou um dinheiro extra praticando ato sexual com vários dos rapazes na festa. Você sabe se é verdade?

— Eu não sei.

— Sério? Então você não contratou os serviços dela?

— Não, não contratei.

— E você nunca ouviu uma só palavra de qualquer um dos seus colegas da república sobre ter praticado atos de natureza sexual com a Sra. Johnson?

Flynn fora apanhado numa armadilha. Ou mentiria, ou admitiria a ocorrência de uma atividade ilegal. O rapaz optou pela saída mais estúpida de todas: escolheu o meio-termo.

— Posso ter escutado alguns boatos.

Bonito e hesitante, o que o fazia parecer um grande mentiroso.

Carreguei no meu melhor tom de incredulidade. — Pode ter escutado alguns boatos?

— Sim.

— Então você não está certo de ter escutado alguns boatos — disse, como se fosse a coisa mais ridícula que eu já tinha ouvido na vida —, mas, talvez, sim. Você simplesmente não consegue lembrar se escutou boatos ou não. É esse o seu depoimento?

Flair levantou-se desta vez. — Meritíssimo?

O juiz fitou-o.

— Esta é uma causa de violação ou o Dr. Copeland está enveredando para atentado ao pudor e prostituição? — Ele estendeu as mãos. — A alegação de violação é tão sem embasamento, tão absurda, que ele está procurando indiciar esses rapazes por solicitar

os serviços de uma prostituta?

— Não é esse o meu objetivo.

Flair sorriu-me. — Então, por favor, faça à testemunha perguntas relacionadas à suposta violação. Não lhe peça que relate cada ato de má conduta que viu um amigo praticar.

— Vamos adiante, Dr. Copeland — instruiu-me o juiz.

Maldito Flair.

— Você pediu o número do telefone da Sra. Johnson?

— Sim.

— Por quê?

— Pensei em talvez ligar para ela.

— Você gostou dela?

— Senti-me atraído, sim.

— Porque ela era um sete, talvez oito? — Fiz um gesto com a mão, antes que Pubin se movesse. — Retiro a pergunta. Chegou um momento em que você telefonou para a Sra. Johnson?

— Sim.

— Você pode contar-nos quando e, por favor, relate-nos da melhor maneira possível, o que foi dito nessa conversa?

— Dez dias depois, telefonei para ela e perguntei se gostaria de ir a uma festa na república.

— Você queria contratá-la para outra dança exótica?

— Não. — Notei Flynn engolir em seco, os olhos um pouco marejados de lágrimas. — Chamei-a como convidada.

Deixei as palavras ecoarem no ar. Olhei para Jerry Flynn. Deixei os jurados olharem-no. Havia algo no rosto dele. Ele gostara mesmo de Chamique Johnson? Permiti que os segundos se arrastassem. Porque eu estava confuso. Pensara que Jerry Flynn tomara parte naquela armação — que convidara Chamique, fazendo-a cair na cilada. Tentei analisar a coisa mentalmente.

— Dr. Copeland — pressionou o juiz.

— A Sra. Johnson aceitou o seu convite?

— Sim.

— Quando você disse que a considerava uma "convidada" — abri aspas com os dedos —, na realidade via-a como o seu "par"?

— Sim.

Conduzi-o pela narrativa do encontro até chegar ao ponche.

— Você avisou-a de que o ponche continha álcool? — indaguei.

— Sim.

Tratava-se de uma mentira. E soava como tal, porém eu queria enfatizar o ridículo daquela declaração.

— Conte-me como decorreu a conversa.

— Não entendi a pergunta.

— Você perguntou à Sra. Johnson se ela queria beber alguma coisa?

— Sim.

— E ela respondeu sim?

— Sim.

— Então, o que você disse?

— Perguntei se ela queria um pouco de ponche.

— O que ela respondeu?

— Disse que sim.

— E depois?

Ele remexeu-se na cadeira. — Eu falei que tinha álcool.

Arqueei a sobrancelha. — Simplesmente assim?

— Objecção! — Pubin levantou-se. — Simplesmente assim o quê? Ele disse que havia álcool na bebida. Perguntado e respondido.

Pubin tinha razão. Que ficassem com a mentira evidente. Acenei para o juiz, mostrando que eu deixaria passar. Conduzi o depoente pela noite em questão. Flynn insistiu na história que já havia contado, sobre como Chamique ficara bêbada, como começara a insinuar-se com Edward Jenrette.

— Como reagiu você ?

Ele encolheu os ombros. — Edward é veterano, eu sou calouro. Essas coisas acontecem.

— Então você acha que Chamique se impressionou porque o Sr. Jenrette é mais velho?

— Não sei. Talvez.

— Ah, a propósito, alguma vez você já esteve no quarto do Sr. Marantz e do Sr. Jenrette?

— Claro.

— Quantas vezes?

— Não sei exatamente. Muitas.

— Sério? Mas você é apenas um calouro.

— Mesmo assim, eles são meus amigos.

Adotei a minha expressão céptica. — Você já esteve naquele quarto mais de uma vez?

— Sim.

— Mais de dez vezes?

— Sim.

Reforcei o cepticismo do semblante. — Ok, então diga-me: que tipo de sistema de som eles têm no quarto?

Flynn respondeu imediatamente. — Alto-falantes Bose e um sistema iPod.

Eu já o sabia. Havíamos revistado o quarto. Tínhamos fotografias.

— E a televisão? É de quantas polegadas?

Ele sorriu, como se houvesse percebido a minha cilada. — Eles não têm TV no quarto.

— Nenhum aparelho de TV?

— Nenhum.

— Ok, voltando à noite do incidente...

Flynn continuou tecendo a história dele. Começara a divertir-se com os amigos. Vira Chamique subir a escada de mãos dadas com Jenrette. Não sabia o que acontecera depois, claro. Então, mais tarde,

tornara a encontrar-se com Chamique e acompanhara-a até à paragem do autocarro.

— Ela parecia perturbada? — indaguei.

— Não, muito pelo contrário — disse Flynn. Chamique estava "sorrindo", "feliz" e leve como uma pluma. Aquela atitude de Pollyanna soou arrasadora.

— Então, quando Chamique Johnson contou ter ido até ao barril de cerveja com você e, depois, subido a escada e sido agarrada no corredor, tudo não passou de uma mentira?

Flynn revelou-se esperto demais para morder a isca.

— Estou contando o que vi.

— Você conhece alguém chamado Cal ou Jim?

Ele refletiu por um instante. — Conheço alguns rapazes chamados Jim. Não creio que conheça algum Cal.

— Você está ciente de que a Sra. Johnson declarou que os homens que a violaram chamavam-se — eu não queria que Flair objetasse usando o seu joguinho de semântica, mas revirei os olhos quando pronunciei o termo *chamavam-se* — Cal e Jim?

O rapaz estava ponderando sobre como lidar com essa questão. — Sim.

— Havia alguém com um desses nomes na festa?

— Não, que eu saiba.

— Entendo. E você saberia de algum motivo por que o Sr. Jenrette e o Sr. Marantz se chamariam assim?

— Não.

— Alguma vez você já escutou esses dois nomes juntos? Isto é, antes do suposta violação?

— Não, que me recorde.

— Então, você não pode lançar uma luz sobre por que a Sra. Johnson afirmaria que os homens que a atacaram se chamavam Cal e Jim?

Pubin berrou sua objeção. — Como poderia ele possivelmente

saber por que essa mulher louca e embriagada mentiria?

Mantive os olhos fixos no depoente. — Nada lhe venha à mente, Sr. Flynn?

— Nada — respondeu ele, firme.

Olhei para Loren Muse. Ela estava de cabeça baixa, remexendo o seu smartphone. Então lançou-me uma olhadela. Inclinei a cabeça de leve.

— Meritíssimo — disse —, tenho mais perguntas para a testemunha, mas talvez seja uma boa hora para o intervalo de almoço.

O juiz Pierce concordou.

Tentei não correr para junto de Loren Muse.

— Temos a coisa — anunciou ela com um sorriso largo. — O fax está no seu escritório.

Capítulo 19

Por sorte, Lucy não tinha aulas de manhã. Devido à quantidade de bebida que ingerira e à conversa tardia com Sylvia Potter, ficara na cama um pouco mais. Ao levantar-se, ligou para uma das conselheiras da universidade, Katherine Lucas, terapeuta que sempre julgara competente. Explicou a situação de Sylvia. Sem dúvida, Katherine saberia melhor o que fazer.

Pensou no texto autobiográfico que desencadeara tudo aquilo. A floresta. Os gritos. O sangue. Não fora Sylvia Potter quem o enviara. Então quem fora?

Nenhuma pista.

Na noite anterior, decidira telefonar para Paul. Ele precisava ficar ciente dessa história, concluíra. Será que havia sido a bebida a falar? Agora, sóbria, e em plena luz do dia, ainda lhe parecia uma boa ideia procurá-lo?

Uma hora depois, descobriu o telefone do trabalho de Paul pela internet. Ele era promotor do condado de Essex e — ai, céus! — viúvo. Jane morrera de cancro. Paul criara uma fundação beneficente em memória da falecida esposa. Lucy perguntou-se como se sentia a respeito do que acabara de saber, porém, de maneira nenhuma, tinha condições de refletir sobre o assunto naquele momento.

Trêmula, ligou para o tal número. A chamada caiu na central. Pediu para falar com Paul Copeland. Doeu dizer isso. Então deu-se conta de que não havia pronunciado o nome dele em voz alta nos últimos 20 anos.

Paul Copeland.

Uma mulher atendeu ao telefone: — Promotoria.

— Eu gostaria de falar com Paul Copeland, por favor.

— Quem está a falar, por favor?

— Uma velha amiga. — Disse.

Nada.

— Meu nome é Lucy. Diga-lhe que é Lucy. De há 20 anos atrás.

— Qual o sobrenome, Lucy?

— Diga-lhe apenas isso, ok?

— O Dr. Copeland não se encontra no escritório, de momento. Você gostaria de deixar um telefone de contato para que ele ligasse de volta?

Lucy forneceu os números de casa, do trabalho e do telemóvel.

— Posso explicar-lhe do que se trata?

— Somente diga que é Lucy. E que é importante.

Muse e eu estávamos no escritório, as portas fechadas. Havíamos pedido sanduíches para o almoço. Eu escolhera salpicão de frango em pão integral. Muse devorava uma sanduíche de almôndegas, aproximadamente do tamanho de uma prancha de *surf*.

Dei uma olhadela no fax que segurava numa das mãos.

— Onde está a sua detective particular? Cingle alguma coisa?

— Shaker. Cingle Shaker. Ela estará aqui.

Consultei as minhas anotações.

— Você quer conversar a esse respeito? — indagou ela.

— Não.

Um sorriso enorme iluminou-lhe as faces.

— O que é? — perguntei.

— Odeio dizer isso, Cope, você sendo meu chefe e tudo o mais, mas você é um gênio.

— É. Suponho que sim. — Retomei as minhas anotações.

— Você quer que eu o deixe sozinho?

— Não. Posso pensar em algo que você precise fazer.

Ela ergueu a sanduíche. Surpreendeu-me que conseguisse suspendê-la sem o auxílio de um guindaste.

— O seu antecessor — comentou Muse, antes de enfiar os dentes no pão —, quando tinha grandes causas, às vezes sentava-se aí e olhava para o nada. Dizia que era para se preparar psicologicamente. Como se fosse o Michael Jordan se concentrando antes de um jogo. Você é assim?

— Não.

— Então — mais mastigação e deglutição —, será que eu o distrairia se abordasse outro assunto?

— Você refere-se a algo que não envolva este caso?

— Sim.

— Na realidade, um pouco de distração seria bom. Diga.

Muse desviou o olhar por um instante.

— Andei conversando com os meus amigos do Departamento de Homicídios em Manhattan.

Eu já imaginava onde essa conversa ia dar. Dei uma mordida pequena na minha sanduíche.

— Seco — disse.

— O quê?

— O salpicão de frango. Está seco. — Larguei-o no prato e limpei os dedos num guardanapo. — Deixe-me adivinhar. Um dos seus amigos do Departamento de Homicídios contou-lhe sobre o assassinato de Manolo Santiago?

— Sim.

— Falaram da minha teoria?

— Sobre a vítima ser um dos rapazes assassinados pelo Talhante do Verão naquele acampamento, embora os pais afirmem não se tratar do filho?

— Isso mesmo.

— É, contaram, sim.

— E?

— E eles acham que você é doido.

Sorri. — E o que você acha?

— Eu o teria achado doido. Só que agora — ela apontou para o fax — vejo do que você é capaz. Portanto, quero dizer-lhe que estou dentro.

— Dentro do quê?

— Você sabe do quê. Você vai investigar, correto? Vai ver se consegue descobrir o que realmente aconteceu naquela floresta?

— Sim.

Muse estendeu as mãos.

— Quero participar.

— Não posso permitir que você use o tempo do escritório para cuidar dos meus assuntos pessoais.

— Em primeiro lugar, apesar de ninguém duvidar de que Wayne Steubens matou todos eles, o caso, tecnicamente, continua aberto. Na verdade, quando se pensa a esse respeito, esse homicídio quádruplo ainda não foi resolvido.

— O crime não ocorreu na nossa jurisdição.

— Não sabemos disso. Sabemos apenas onde os corpos foram encontrados. E uma das vítimas, a sua irmã, morava aqui, nesta cidade.

— É um pouco exagerado.

— Em segundo lugar, sou contratada para trabalhar quarenta horas semanais. Trabalho quase oitenta. Foi por isso que você me promoveu. Portanto, o que eu faço fora dessas quarenta horas diz-me respeito apenas a mim. Ou aumento a carga para cem horas, não me importo. E, antes que você pergunte, não, não é apenas um favor para o meu chefe. Vamos encarar os fatos. Resolver esse caso seria algo do qual eu me orgulharia. Então, o que você diz?

Encolhi os ombros. — Que seja.

— Estou dentro?

— Você está dentro.

Muse parecia satisfeita. — Qual é o primeiro passo?

Havia uma coisa que eu precisava fazer. Estivera evitando. Não podia mais evitar.

— Wayne Steubens — disse.

— O Talhante do Verão.

— Preciso vê-lo.

— Você conhecia-o, não é?

Assenti. — Éramos orientadores naquele acampamento.

— Acho que li que ele não permite visitantes.

— Temos que fazê-lo mudar de ideia — afirmei.

— Ele está numa prisão de segurança máxima na Virgínia — disse Muse. — Posso fazer alguns telefonemas.

Ela já sabia onde Steubens estava preso. Incrível. Uma batida à porta, e a minha secretária, Jocelyn Dureis, apareceu, com algumas folhas de papel.

— Recados. Você quer que eu os coloque sobre a sua secretária?

Sinalizei para que os entregasse a mim. — Alguma coisa importante?

— Não. Muitos telefonemas de jornalistas. Em tese, deveriam saber que você está no fórum, mas continuam ligando.

Apanhei os recados e comecei a ordená-los. Muse olhava ao redor. Não havia quase nada de pessoal neste escritório. Quando passara a ocupá-lo, pusera uma foto da Cara na estante. Dois dias depois, prendêramos um pedófilo que fizera coisas inimagináveis a uma menina da idade da Cara. Conversáramos sobre o caso neste escritório, e eu não conseguira parar de olhar para a foto da minha filha. Por fim, tivera que virar o porta-retratos para a parede. Naquela noite, levara a fotografia de volta para casa.

Esse não era um lugar para Cara. Não era sequer um lugar para um retrato dela.

Eu estava passando os olhos pelos recados quando algo me

chamou a atenção.

A minha secretária costuma anotá-los à maneira antiga, com papel-químico, para manter uma cópia na sua agenda. As mensagens são escritas à mão. A caligrafia dela é impecável.

Quem telefonara, de acordo com a minha cópia, fora:

Lucy??

Fitei o nome por um momento. Lucy. Não podia ser.

Ali estavam os números do trabalho, da casa e do telemóvel dela. Todos os códigos da área indicavam que Lucy *Dois-Pontos-de-Interrogação* morava e trabalhava em Nova Jersey.

Pressionei o botão do intercomunicador. — Jocelyn?

— Sim?

— Estou vendo um recado de uma pessoa chamada Lucy — disse.

— Sim. Ela ligou mais ou menos há uma hora atrás.

— Você não anotou o sobrenome.

— Ela não quis fornecê-lo. Por isso coloquei os pontos de interrogação.

— Não entendo. Você perguntou o sobrenome e ela recusou-se a dizer?

— Isso mesmo.

— Que mais ela falou?

— Está ao pé da página.

— O quê?

— Você leu a minha anotação ao pé da página?

— Não.

Jocelyn simplesmente aguardou, não comentando o óbvio.

Diz ela ser uma velha amiga de há 20 anos atrás.

Li as palavras outra vez. E outra vez.

— Terra chamando major Cope.

Era Muse. Ela não falara as palavras — cantara-as, usando uma melodia de David Bowie. Espantei-me.

— Você canta tão bem quanto escolhe os seus sapatos.

— Muito engraçado. — Muse apontou para os meus recados, arqueou uma sobrancelha. — Então, quem é essa Lucy, grandalhão? Uma amante antiga?

Nada respondi.

— Ah, droga. — A sobrancelha arqueada descaiu. — Eu só estava brincando. Não pretendia...

— Não se preocupe.

— Não se preocupe você também, Cope. Pelo menos não agora.

O olhar da investigadora pousou sobre o relógio nas minhas costas. Olhei as horas. Muse tinha razão. O almoço terminara. Lucy teria de esperar. Eu não sabia o que ela queria. Ou talvez soubesse. O passado estava voltando. Todo ele. Os mortos, pelo visto, estavam escavando o caminho deles para fora da terra.

Porém essa era uma questão para depois. Apanhei o fax e me levantei.

— Hora do show — disse Muse, levantando-se também.

Assenti. Na realidade, seria mais do que um *show*. Eu ia destruir aqueles dois filhos-da-mãe. E tentaria ferreamente não me divertir muito no processo.

No banco de testemunhas, após o almoço, Jerry Flynn parecia razoavelmente tranquilo. Eu causara pouco estrago naquela manhã. Portanto, não havia motivo para alguém pensar que à tarde seria diferente.

— Sr. Flynn — comecei —, você gosta de pornografia?

Nem sequer esperei pelo óbvio. Virei-me para Mort Pubin e fiz um gesto sarcástico com a mão, como se tivesse acabado de apresentá-lo e o chamasse ao palco.

— Objecção!

Pubin nem precisou de se manifestar. O juiz lançou-me um olhar desaprovador. Encolhi os ombros, dizendo:

— Prova dezoito. — Mostrei uma folha de papel. — Esta é a conta da república para despesas on-line. Você reconhece-a?

Flynn observou o papel.

— Não pago as contas. É tarefa do tesoureiro.

— Sim, o Sr. Rich Devin, que declarou ser esta realmente uma conta da república.

O juiz olhou para Flair e Mort. — Alguma objeção?

— Estipularemos que é uma conta da república — retorquiu Flair.

— Você está vendo esse lançamento aqui, Sr. Flynn? — Mostrei a linha ao alto.

— Sim.

— Pode ler o que está escrito?

— Netflix.

— E com um *x* no final. — Soletrei "*Netflix*" em voz alta. — O que é Netflix, você sabe?

— É um serviço de aluguel de DVDs pelo correio. Você pode ficar com três filmes ao mesmo tempo. Quando você devolve um, outro é enviado.

— Bom. Obrigado. — Deslizei o dedo até algumas linhas abaixo. — Você poderia ler isto para mim? Sr. Flynn... — chamei-o, vendo-o hesitar.

O rapaz pigarreou antes de responder.

— HotFlixxx.

— Com três letras *x* no final, correto? — Novamente soletrei a palavra em voz alta.

— Sim.

Flynn parecia a ponto de vomitar.

— Você pode-me dizer o que é *HotFlixxx*?

— É semelhante à Netflix.

— É um serviço de aluguel de DVDs?

— Sim.

Qual é a diferença em relação à Netflix, caso você saiba?

— São... ah, tipos diferentes de filmes. — Uma vermelhidão intensa cobriu-lhe as faces.

— Que tipo?

— Hum, bem, filmes para adultos.

— Entendo. Antes eu perguntei se você gosta de pornografia. Talvez teria sido melhor perguntar se você costuma assistir a filmes pornográficos?

Ele remexeu-se no banco. — Às vezes.

— Não há nada de errado com isso, filho. — Sem olhar para trás, mas sabendo que Mort já se levantara, apontei para a mesa da defesa. — E aposto que o Sr. Pubin está em pé para nos dizer que gosta desses filmes também, especialmente das histórias.

— Objecção! — falou Pubin.

— Retirado — devolvi, virando-me para Flynn. — Há algum filme pornográfico em particular de que você goste?

A cor fugiu-lhe do rosto. Era como se a pergunta lhe tivesse drenado o sangue. A cabeça de Flynn girou na direção da mesa da defesa. Movi-me o suficiente para bloquear a visão dele. O rapaz tossiu ao de leve e indagou:

— Posso invocar a Quinta Emenda?

— Para quê? — devolvi.

Flair Hickory levantou-se. — A testemunha solicitou aconselhar-se com o seu advogado.

— Meritíssimo — intervim —, quando eu estava na faculdade de direito, aprendi que a Quinta Emenda é usada para evitar

autoincriminação. Corrija-me se eu estiver errado, mas existe alguma lei contra ter um filme pornográfico favorito?

— Podemos ter um intervalo de dez minutos? — pediu Flair.

— De jeito nenhum, Meritíssimo.

— A testemunha solicitou consultar-se com o seu advogado — insistiu Flair.

— Não, não solicitou. O Sr. Flynn pediu para invocar a Quinta Emenda. E digo-lhe uma coisa, Sr. Flynn: eu lhe concederei imunidade.

— Imunidade de quê? — indagou Flair.

— Do que ele desejar. Não quero essa testemunha fora do banco.

O juiz fitou Flair Hickory, sem demonstrar pressa. Se Flair conseguisse convencê-lo, eu estaria numa encrenca. Eles viriam com alguma sugestão. Olhei nas minhas costas para Jenrette e Marantz. Os dois não se tinham se mexido, não haviam requerido aconselhar-se com o seu advogado.

— Sem intervalo — decidiu o juiz.

Flair Hickory pareceu murchar na cadeira. Voltei-me para Jerry Flynn.

— Você tem um filme pornográfico favorito?

— Não.

— Por acaso você já ouviu falar de um filme chamado... — fingi consultar uma folha de papel, embora soubesse o nome de cor –... um filme chamado *Romancing His Bone*[1]?

O rapaz deveria ter pressentido o que aí vinha, porém, ainda assim, a pergunta liquidou-o com um golpe certeiro.

— Hum, você poderia repetir o título?

Atendi-o. — Você já assistiu a esse filme ou ouviu falar dele?

— Acho que não.

— Acho que não — repeti. — Então, é possível que já tenha

ouvido falar?

— Não tenho a certeza. Não sou bom com títulos de filmes.

— Bem, vejamos se consigo refrescar a sua memória.

Passei uma cópia do fax que Muse me dera para a mesa da defesa e apresentei-a como prova.

— De acordo com a *HotFlixxx*, uma cópia desse DVD esteve de posse da república de estudantes durante os últimos seis meses. E, ainda de acordo com os registos da HotFlixxx, o filme foi devolvido um dia *depois* de a Sra. Johnson ter apresentado a queixa da violação à polícia.

Silêncio.

Pubin dava a impressão de ter engolido a língua. Flair era bom demais para demonstrar qualquer coisa. Ele leu o fax como se fosse uma tira de história aos quadrinhos.

Aproximei-me de Flynn.

— Isso refresca a sua memória?

[1] "Polindo o Pau Duro". (N. da T.)

— Não sei.

— Você não sabe? Então vamos tentar algo diferente.

Olhei para o fundo da sala. Loren Muse aguardava junto à porta, sorrindo. Inclinei a cabeça. Ela abriu a porta, e uma mulher que se assemelhava a uma amazona deslumbrante de um filme B surgiu.

A detective particular de Muse, Cingle Shaker, entrou a sala como se estivesse numa passarela. A audiência ficou boquiaberta ante a visão.

— Você reconhece a mulher que acabou de entrar? — perguntei.

Ele não respondeu.

O juiz o inquiriu. — Sr. Flynn?

— Sim. — Flynn pigarreou para ganhar tempo. — Eu reconheço-a.

— Como você a conheceu?

— Num bar ontem à noite.

— Entendo. E vocês dois conversaram sobre *Romancing His Bone*.

Cingle fingira ser uma ex-atriz porno. Conseguira que vários dos rapazes da república abrissem o bico rapidamente. Conforme Muse mencionara, deve ter sido realmente difícil, uma mulher com aquele corpo, merecedor de reverência, levar meninos da república estudantil a revelarem o que pensam.

— Talvez tenhamos falado alguma coisa sobre isso.

— "Isso" seria o filme?

— Sim.

— Hum. — Tornei a murmurar, como se a coisa estivesse progredindo de uma maneira curiosa. — Então agora, com a Sra. Shaker como catalisadora, você recorda-se do filme *Romancing His Bone*!

Ele tentou não baixar a cabeça, mas os seus ombros desabaram.

— É. Acho que me lembro.

— Fico feliz por ter podido ajudar — retorqui.

Pubin levantou-se para objetar, porém o juiz dispensou-o com um gesto de mão.

— Na realidade — continuei —, você contou à Sra. Shaker que esse era o filme preferido da república inteira, correto?

O rapaz hesitou.

— Tudo bem, Jerry. Três dos seus amigos disseram o mesmo à Sra. Shaker.

Mort Pubin: — Objecção!

Voltei o olhar para Cingle Shaker. O mesmo fez todo mundo. Cingle sorriu e acenou como se fosse uma celebridade que tivesse sido apresentada à plateia. Empurrei o aparelho de TV para o meio da sala,

o filme escandaloso inserido no *DVD player*. Muse já o tinha avançado até à cena que nos interessava.

— Meritíssimo, ontem à noite um dos meus investigadores esteve numa *sex shop*, em Nova York. — Encarei o júri. — O lugar está aberto 24 horas, embora por que alguém precisaria ir lá, digamos, às três da manhã, esteja além da minha compreensão...

— Dr. Copeland.

Acertadamente, o juiz calou-me com um olhar desaprovador, entretanto os jurados haviam sorrido. Bom sinal. Eu queria um clima relaxado. Quando o contraste viesse, quando vissem o que estava naquele DVD, eu queria que se sentissem golpeados.

— De qualquer modo, esse meu investigador comprou todos os filmes pornos alugados pelos rapazes da república nos últimos seis meses, inclusive *Romancing His Bone*. Gostaria agora de lhes mostrar uma cena que creio ser relevante.

Tudo parou. Todos os olhares se convergiram para o juiz. Arnold Pierce não se conformou. Esfregou o queixo. Prendi a respiração. Não se escutava um pio. Todos se inclinaram para a frente. Pierce tornou a esfregar o queixo. Eu queria arrancar a resposta do sujeito.

Então, ele simplesmente assentiu. — Prossiga. Vou permitir.

— Espere! — Mort Pubin objetou, fez tudo o que podia, insistiu num interrogatório para determinar a competência dos jurados e tudo o mais. Flair Hickory uniu-se ao colega. Total desperdício de energia. Por fim, as cortinas da sala foram fechadas, de forma que cortasse qualquer claridade. E então, sem explicar o que eles estavam para ver, apertei o botão *play*.

O cenário era um quarto comum. Com uma cama de casal. Três participantes. A cena abria-se com pouquíssimos preliminares. Iniciou-se um *ménage à trois* brutal. Dois homens. Uma garota.

Os dois homens eram brancos. A garota, negra.

Os homens brancos atiravam-na de lá para cá, como se fosse

um brinquedo. Zombavam, riam e conversavam um com o outro o tempo inteiro:

— *Vire-a assim, Cal... Isso, Jim... Jogue-a para cá, Cal...*

Observei mais a reação dos jurados do que o que se passava na tela. Crianças desempenhando um papel. Minha filha e minha sobrinha atuando como Dom, a Aventureira e o macaco Botas. Jenrette e Marantz, de forma doentia, haviam representado uma cena de um filme pornográfico. Um silêncio sepulcral pairava sobre a sala. Vi o rosto das pessoas desmoronar, mesmo o daquelas sentadas atrás de Jenrette e Marantz, enquanto a menina no filme gritava, enquanto os dois homens brancos se chamavam por seus nomes e riam cruelmente.

— *Faça-a curvar-se, Jim... Uau, Cal, a cadela está adorando isso... Foda-a, Jim, é, com mais força...*

Assim. Cal e Jim. Sem parar. As vozes soavam vis, terríveis, vomitadas do inferno. Olhei para o fundo da sala. Chamique Johnson tinha os ombros erectos. A cabeça erguida.

— *Aí, Jim... É a minha vez agora...*

O olhar de Chamique encontrou-se com o meu. Ela assentiu de leve. Havia lágrimas nas suas faces.

Eu não tinha a certeza, mas acho que dos meus olhos brilhavam lágrimas também.

Capítulo 20

Flair Hickory e Mort Pubin conseguiram um intervalo de meia hora.

Quando o juiz se levantou para se retirar, o tribunal explodiu. Rumei para o meu escritório, negando-me a dar qualquer declaração. Muse seguiu-me. Ela era aquela coisinha pequenina e, no entanto, procedia como se fosse o meu guarda-costas.

Ao fecharmos a porta, Muse ergueu a mão no ar.

— Bate aqui!

Apenas a fitei. Ela baixou a mão.

— Fatura liquidada, Cope.

— Ainda não.

–Dentro de meia hora?

— Aí, sim, estará liquidada. Enquanto isso, temos trabalho a fazer.

Andei ao redor da mesa. A mensagem de Lucy continuava lá. Eu conseguira valer-me daquele negócio de compartimentar durante o interrogatório de Flynn. Mantivera Lucy de fora. Porém agora, por mais que desejasse passar alguns minutos deleitando-me com a glória do momento, a mensagem chamava-me aos brados.

Percebendo-me olhar a nota, Muse comentou:

— Uma amiga de há 20 anos atrás. Foi quando ocorreu o incidente no Acampamento VAP.

Encarei-a.

— O telefonema tem ligação com isso, não?

— Não sei — respondi. — Mas é provável que sim.

— Qual é o sobrenome dela?

— Silverstein. Lucy Silverstein.

— Certo. — Muse recostou-se no espaldar da cadeira e cruzou os braços. — Foi o que eu imaginei.

— Como você deduziu?

— Vamos, Cope. Você me conhece.

— E sei que você é abelhuda demais para o seu próprio bem?

— É parte do que me torna tão atraente.

— Bisbilhotice e, talvez, os seus sapatos. Então, quando você se informou sobre mim?

— Assim que ouvi falar que você ocuparia o cargo de promotor público.

Não me surpreendi.

— Ah, e revi o caso antes de dizer-lhe que gostaria de estar dentro.

Olhei para o recado novamente.

— Vocês namoraram.

— Romance de Verão — respondi. — Éramos adolescentes.

— Quando foi a última vez que você teve notícias dela?

— Há muito tempo.

Permanecemos em silêncio durante alguns instantes. Podia-se escutar o tumulto lá fora. Ignorei-o. Muse também. Nada falamos. Simplesmente ficamos sentados, com a mensagem sobre a mesa.

Por fim, Muse levantou-se. — Tenho trabalho a fazer.

— Vá — disse eu.

— Você será capaz de voltar ao fórum sem mim?

— Darei um jeito.

Ao chegar à porta, Muse virou-se. — Você vai ligar para ela?

— Mais tarde.

— Quer que eu pesquise o nome dela na internet? Ver o que surge?

Reflecti um pouco. — Ainda não.

— Por que não?

— Porque Lucy significava algo para mim. Não me sinto à vontade com você escarafunchando a vida dela.

Muse ergueu as mãos. — Ok, ok, calma, não precisa de me cortar a cabeça. Eu não estava a falar em arrastá-la até aqui, algemada. Só levantando a possibilidade de uma pesquisa rotineira.

— Não faça isso, ok? Ainda não.

— Então, vou cuidar da sua visita a Wayne Steubens na prisão.

— Obrigado.

— Esse negócio de Cal e Jim. Você não vai deixar a coisa escapar-lhe, vai?

— De jeito nenhum.

Minha preocupação era a defesa alegar que Chamique Johnson assistira ao filme também e inventara a sua história baseando-se nele, ou que se iludira, convencendo-se de que o filme fora real. Entretanto, vários fatores me auxiliaram. Um, a facilidade em determinar que o filme não estivera a passar na TV da sala da república. Várias testemunhas sustentariam isso. Dois, eu provara, por intermédio de Jerry Flynn e das fotografias tiradas pela polícia, que Marantz e Jenrette não tinham TV no quarto.

Todavia, existia uma saída. Pode-se assistir a um DVD pelo computador. Argumento frágil, é verdade, porém eu realmente não queria deixar-lhes essa escapatória. Jerry Flynn era o que eu costumava chamar de testemunha "tourada". Numa tourada, o touro entra na arena e um bando de homens — não o toureiro — agita capas por toda a parte. O touro ataca até à exaustão. Então, surgem picadores com bandarilhas compridas e enterram-nas numa glândula atrás do músculo do pescoço do touro, arrancando sangue e provocando o inchaço do pescoço, de forma que o animal já não consegue virar muito a cabeça. Na sequência, outros homens aparecem e atiram bandarilhas — adagas decoradas com fitas coloridas — nos flancos do touro, perto das espáduas. Mais sangue. O

touro já está meio morto.

Após tudo isso, o toureiro entra em cena e termina o trabalho com uma espada.

Esse era o meu trabalho agora. Fizera a minha testemunha correr até a exaustão, enterrara uma lança no pescoço dela e espetara-a com dardos coloridos. Agora, chegara o momento de desembainhar a espada.

Flair Hickory fez tudo o que podia para evitar isso. Pediu um intervalo, alegando que jamais tínhamos apresentado esse filme antes: que era injusto, e que o filme deveria ter sido entregue à defesa ao ter descoberto e blá-blá-blá. Eu opus-me a cada um dos argumentos. Afinal, os clientes dele estavam de posse do filme. A promotoria só conseguira uma cópia na noite anterior. A testemunha confirmara que o filme fora visto na república. Se o Sr. Hickory desejava provar que os clientes dele jamais haviam assistido a tal filme, que os pusesse no banco de testemunhas.

Flair ganhou tempo discutindo. Procrastinou, pediu e obteve algumas conferências com o juiz. Tentou, com algum sucesso, dar a Jerry Flynn oportunidade de se recuperar.

Mas de nada adiantou.

Percebi-o no momento em que Flynn se sentou na cadeira. Ele fora seriamente ferido por aqueles dardos e aquela lança. O filme havia sido o golpe final. O rapaz fechara os olhos quando a cena fora mostrada; fechara-os tão apertados que achei que estivesse a tentar fechar os ouvidos também.

Eu poderia dizer que Flynn, provavelmente, não era um mau rapaz. Na verdade, de acordo com o testemunho dele, gostara de Chamique. Convidara-a, legitimamente, para um encontro. Mas quando os veteranos farejaram isso e o pressionaram para que concordasse com aquele plano doentio de "encenar o filme", Flynn, o Calouro, curvara-se.

— Odiei-me por fazer isso — disse ele. — Mas você tem de

entender.

Não, não tenho, desejei responder. Mas calei-me. Apenas o encarei até que baixasse o olhar. Então, virei-me para os jurados, com um leve ar desafiador. Segundos se passaram.

Por fim, voltei-me para Flair Hickory. — A testemunha é sua.

Demorou um pouco até que eu ficasse sozinho.

Depois da minha indignação ridícula para cima de Muse, decidi lançar-me numa investigação amadora. Acessei à internet e digitei os números de telefone de Lucy. Dois não deram em nada. O terceiro, o número do trabalho, revelou-se a linha direta para uma professora da Reston University chamada Lucy Gold.

De prata, "Silverstein", para ouro, "Gold". Bonitinho.

Desde o primeiro instante, soubera tratar-se da "minha" Lucy, mas essa informação confirmava a suspeita inicial. Eis a questão agora: o que eu faria a esse respeito? A resposta parecia-me razoavelmente simples. Telefonar de volta. Descobrir o que ela queria.

Eu não acreditava em coincidências. Não ouvira uma só palavra dessa mulher nos últimos 20 anos. Então, de repente, ela telefona e não deixa o sobrenome. Só podia ser algo relacionado à morte de Gil Perez. Tinha de estar relacionado com o incidente do Acampamento VAP.

Era óbvio.

Compartimentar a vida. Deveria ter sido fácil deixá-la para trás. Uma paixoneta de Verão, mesmo intensa, é só isso — uma paixoneta. Talvez eu a tivesse amado, provavelmente sim, entretanto eu não passava de um garoto. Amor juvenil não sobrevive a sangue e cadáveres. Existiam portas na vida. Eu fechara aquela. Lucy se fora. Levara-me muito tempo para aceitar isso. Mas aceitara e mantivera essa maldita porta fechada.

Agora ela teria de ser reaberta.

Muse desejava fazer uma pesquisa rotineira. Eu deveria ter

respondido sim. Permiti que a emoção ditasse a minha decisão. Deveria ter esperado um pouco. Ver o nome dela foi um golpe. Não deveria ter-me apressado, deveria ter lidado com o impacto, enxergado as coisas com mais clareza. Porém não o fiz.

Talvez eu não devesse telefonar já.

Não, disse a mim mesmo. Bastava de protelar.

Peguei no telefone e liguei para o número residencial. Ao quarto toque, uma voz de mulher disse: "*Não estou em casa, deixe a sua mensagem após o sinal*".

O bipe soou depressa demais. Não estava pronto para aquilo. Assim, desliguei.

Uma reação muito madura.

Minha cabeça girou. 20 anos. 20 anos decorridos. Lucy teria 37. Perguntei-me se continuaria tão linda. Olhando para trás, penso que ela possuía aquele tipo de beleza que vai bem com a maturidade. Algumas mulheres são assim.

Ponha a cabeça no lugar, Cope.

Estava a tentar. Contudo, ouvir a voz dela, exatamente a mesma... era o equivalente a reencontrar-se com o seu velho colega de quarto da república de estudantes: depois de dez segundos, os anos se desvanecem e é como estar de volta ao antigo dormitório, onde nada mudou. Foi assim que me senti. Ela soava a mesma. Eu tinha 18 anos outra vez.

Inspirei profundamente. Uma batida à porta.

— Entre.

Muse meteu a cabeça dentro da sala.

— Você já ligou para ela?

— Tentei o número residencial. Ninguém atende.

— Provavelmente você não conseguirá contatá-la agora. Ela está dando aula.

— E como você sabe disso?

— Porque sou a investigadora chefe. Não tenho de dar ouvidos

a tudo o que você diz.

Muse sentou-se e atirou os pés confortavelmente calçados sobre a mesinha. Observou-me o rosto, em silêncio. Também fiquei calado. Por fim, ela indagou:

— Você quer que eu saia?

— Primeiro conte-me o que você descobriu.

Ela esforçou-se para não sorrir. — Lucy mudou o sobrenome há 17 anos atrás. É Gold, agora.

Assenti. — Logo depois do acordo, então.

— Que acordo? Ah, espere, vocês processaram o acampamento, não?

— As famílias das vítimas.

— E o pai de Lucy era dono do acampamento?

— Certo.

— A coisa foi sórdida?

— Não sei. Eu não estava assim tão envolvido.

— Mas vocês venceram?

— Claro. Era um acampamento sem praticamente segurança alguma. — Contorci-me na cadeira ao dizê-lo. — As famílias tomaram posse do maior bem de Silverstein.

— O próprio acampamento.

— Sim. Vendemos a terra para um promotor imobiliário.

— Toda a terra?

— Havia uma cláusula envolvendo a mata. É uma terra relativamente imprestável, portanto é mantida numa espécie de custódia comunitária. Não se pode construir nada.

— O acampamento continua lá?

Meneei a cabeça.

— O promotor imobiliário deitou as cabanas abaixo e construiu um condomínio fechado.

— Quanto vocês receberam?

— Depois de pagos os honorários dos advogados, cada família

ficou com mais de oitocentos mil dólares.

Os olhos dela arregalaram-se. — Uau.

— É. Perder um filho é um negócio rentável.

— Não era a minha intenção...

Calei-a com um gesto. — Eu sei. Só estou sendo um idiota.

Muse não discutiu. — O dinheiro deve ter mudado as coisas.

Não respondi de imediato. O dinheiro ficara numa conta conjunta. Minha mãe retirou-se com cem mil. Deixara o resto para nós. Generoso da parte dela, suponho. O meu pai e eu saímos de Newark, mudamos para um lugar decente em Montclair. Eu já havia conseguido uma bolsa de estudos para a Rutgers, mas então passei a dar prioridade à faculdade de direito da Columbia University, em Nova York. Conhecera a Jane lá.

— É — retorqui. — Mudou as coisas.

— Você quer saber mais sobre a sua velha paixão?

Inclinei a cabeça ao de leve.

— Ela estudou na UCLA. Formou-se em psicologia. Fez um mestrado na USC em psicologia e outro em literatura inglesa, em Stanford. Ainda não tenho todo o currículo, mas desde o ano passado ela trabalha aqui perto, na Reston University. Ela, hum, foi presa duas vezes por dirigir embriagada quando morava na Califórnia. Uma, em 2001; outra, em 2003. Acabou libertada ambas as vezes após pagamento de fiança. Fora esses acontecimentos, a ficha dela está limpa.

Fiquei lá sentado. Dirigir embriagada. Não parecia a Lucy. O pai dela, Ira, o orientador chefe, fora um grande consumidor de drogas — tanto que a Lucy nunca tivera qualquer interesse em substâncias que a deixassem drogada. Duas prisões por dirigir bêbada. Difícil entender. Mas claro, a garota que eu conhecera outrora nem sequer tinha idade legal para beber. Fora uma menina feliz, um pouco ingênua, bem ajustada. A família possuía dinheiro, e o pai dava a impressão de ser um espírito livre e inofensivo.

E tudo aquilo havia morrido naquela noite também, na floresta.

— Um outro detalhe — prosseguiu Muse, remexendo-se na cadeira, procurando demonstrar desinteresse. — Lucy Silverstein, também conhecida como Gold, não é casada. Ainda não terminei a pesquisa , porém, pelos vistos, nunca se casou.

Eu não sabia o que fazer com a informação. Certamente era algo que não tinha nenhuma influência sobre o que estava acontecendo. Entretanto, me afetou. Lucy fora uma criatura tão vivaz, tão radiante e cheia de energia, tão fácil de amar. Como pudera ter permanecido solteira todos esses anos? E havia aquelas duas detenções.

— A que horas acaba a aula dela? — perguntei.

–Dentro de vinte minutos.

— Ok. Ligarei daqui a vinte minutos. Algo mais?

— Wayne Steubens não permite visitantes, exceto familiares mais próximos e advogados. Estou trabalhando para resolver esse impasse. Tenho outras coisas em andamento, mas por enquanto é só.

— Não gaste muito do seu tempo nisso.

— Não estou gastando.

Olhei o relógio. Vinte minutos.

— É melhor eu ir andando — disse Muse.

— É.

A investigadora levantou-se. — Ah, mais uma coisa.

— O quê?

— Você quer ver uma foto dela?

Levantei a cabeça.

— A Reston tem uma página do corpo docente no site da universidade, com fotografias de todos os professores. — Ela mostrou-me um pedaço de papel. — Aqui está a morada do site.

Muse não me esperou responder. Atirou o pedaço de papel sobre a mesa e deixou-me sozinho.

Eu tinha vinte minutos. Por que não?

Acessei à internet e abri a página da Reston University.

E lá estava ela.

Não era a fotografia mais lisonjeira da Lucy. Sorriso tenso, uma expressão austera. Ela posara para a foto, entretanto estava claro que não fora de boa vontade. Os cabelos loiros haviam sumido. Isso acontece com a idade, eu sei, contudo tive a sensação de que se tratava de uma mudança intencional. A nova cor dos fios não lhe caía bem. Ela estava mais velha — óbvio —, e, conforme eu suspeitara, a passagem dos anos favorecera-a. O rosto, mais fino; as maçãs das faces, mais proeminentes.

E, maldição, continuava bela.

Fitando-lhe o rosto, alguma coisa há muito entorpecida ganhou vida e começou a contorcer-se nas minhas entranhas. Não queria isso. Já tinha uma quota suficiente de problemas. Não precisava daqueles velhos sentimentos vindo à tona. Li a curta biografia que acompanhava a foto. Nada descobri. Os estudantes de hoje classificam aulas e professores e, frequentemente, tal informação encontra-se disponível *on-line*. Lucy era amada pelos alunos, ocupava posições incríveis nos *rankings*. Li alguns comentários dos estudantes. Passavam a impressão de que as aulas dela modificavam vidas. Sorri, dominado por um estranho orgulho.

Os vinte minutos esgotaram-se.

Aguardei mais cinco, imaginando-a despedindo-se dos alunos, conversando com uns poucos que sempre ficavam para trás, guardando o material e *itens* diversos numa pasta surrada de couro falso.

Falei pelo intercomunicador para Jocelyn.

— Sim?

— Não transfira ligações — avisei-a. — Sem interrupções.

— Ok.

Liguei para o telemóvel da Lucy. Ao terceiro toque, ouvi-a dizer: — Alo?

Meu coração parou na boca, mas consegui falar: — Sou eu, Lucy.

E então, segundos depois, escutei-a a começar a chorar.

Capítulo 21

— Lucy? — disse ao telefone. — Você está bem?

— Estou. É só...

— Sim, eu sei.

— Não acredito que fiz isso.

— Você sempre foi chorona. — Arrependi-me no momento em que as palavras saíram da minha boca. Entretanto, ela emitiu uma espécie de risada.

— Não mais — retorquiu ela.

Silêncio.

— Onde você está? — indaguei.

— Leciono na Reston University. Estou atravessando o campus.

— Ah — respondi, porque não sabia o que dizer.

— Desculpe-me por ter deixado uma mensagem tão enigmática. O meu sobrenome não é mais Silverstein.

Não queria demonstrar que já o sabia. Tampouco queria mentir. Assim, apelei novamente para o descomprometido "ah".

Silêncio novamente.

Ela rompeu-o. — Caramba, esta é uma situação meio esquisita.

— Sorri. — Eu sei.

— Sinto-me como uma boba. Como se tivesse 17 anos outra vez, cheia de preocupação por causa de uma espinha no rosto.

— Eu também — respondi.

— Na verdade, nós nunca mudamos, não é? Por dentro, somos sempre adolescentes assustados, imaginando o que vamos ser quando crescermos.

Eu ainda sorria, embora pensasse no fato de ela jamais ter-se

casado e nos incidentes envolvendo álcool. Nós não mudamos, suponho, porém o nosso caminho, sem dúvida, sim.

— É bom ouvir a sua voz, Lucy.

— A sua também.

Silêncio.

— Telefonei porque... — Pausa. Então: — Nem sei como falar, portanto farei uma pergunta. Alguma coisa estranha aconteceu com você ultimamente?

— Estranha como?

— Estranha como aquela noite estranha.

Em tese, deveria esperar que Lucy fosse dizer algo nesse sentido; eu sabia o que estava para vir. Mas o sorriso fugiu-me dos lábios, como se tivesse levado um soco.

— Sim.

Silêncio.

— O que está acontecendo, Paul?

— Não sei.

— Acho que precisamos descobrir.

— Concordo.

— Você quer que nos encontremos?

— Sim.

— Vai ser esquisito.

— Eu sei.

— Não quero que seja esquisito. E não foi essa a razão por que lhe telefonei. Para vê-lo. Mas creio que deveríamos encontrar-nos para discutir o assunto, você não acha?

— Acho — devolvi.

— Estou tagarelando. Tagarelo quando fico nervosa.

— Lembro-me disso. — E, outra vez, arrependi-me de tê-lo dito. Assim, continuei rapidamente: — Onde devemos encontrar-nos?

— Você sabe onde a Reston fica?

— Sim.

–Tenho outra aula e, depois, reunião com alunos até as 19h30. Você quer vir à minha sala? Fica no edifício Armstrong. Às 20 horas, o que acha?

— Estarei lá.

Chegando em casa, surpreendi-me ao descobrir a imprensa acampada no meu jardim. Frequentemente ouve-se isso — sobre a imprensa agir dessa maneira —, porém era a minha primeira experiência na área. A polícia local pusera-se a postos, evidentemente excitada por estar fazendo algo bastante importante. Os polícias organizaram-se numa espécie de corredor para que eu conseguisse chegar à garagem. Os jornalistas não tentaram impedi-los. Na realidade, quando entrei na garagem, a imprensa mal pareceu notar.

Greta deu-me as boas-vindas dignas de um herói conquistador. Muitos beijos, abraços ligeiros e parabéns. Amo Greta. Algumas pessoas são pura bondade, estão sempre do seu lado. Não existem muitas delas. Mas existem algumas. Greta seria capaz de levar um tiro por mim. E isso impelia-me a querer protegê-la.

De certo modo, lembrava-me minha irmã.

— Onde está Cara? — perguntei.

— Bob levou Cara e Madison para jantar no Baumgarts. Estelle estava na lavandaria, cuidando da roupa.

— Vou precisar sair hoje à noite — avisei-a.

— Tudo bem.

— A Cara pode dormir na minha casa — sugeriu Greta.

— Obrigado, mas creio que ela deve dormir aqui hoje.

A porta da frente abriu-se e Bob entrou, com as duas meninas. Novamente imaginei a minha filha pulando nos meus braços e gritando "Papai! Você está em casa!". Isso não aconteceu. Entretanto, Cara sorriu e veio ao meu encontro. Arrebatei-a nos braços e beijei-a vigorosamente. Ela conservou o sorriso, porém limpou a bochecha. Por mim, tudo bem.

Bob deu-me um palmada no ombro. — Parabéns pelo

julgamento.

— Ainda não está concluído.

— Não é o que a mídia anda dizendo. De qualquer jeito, isso deve tirar aquele Jenrette do nosso pé.

— Ou o deixará ainda mais desesperado.

Bob empalideceu um pouco. Se você o fosse escalar para um papel num filme, seria o do homem rico e mau. Tez corada, queixo duplo, dedos curtos e grossos. Mais um exemplo de como as aparências podem ser enganosas. O histórico de Bob era totalmente de operariado. Ele estudara e trabalhara duro. Nada jamais lhe fora dado de bandeja.

Cara voltou à sala com um DVD, segurando-o à sua frente como uma oferta. Fechei os olhos para lembrar qual era o dia da semana. Amaldiçoei-me. Então, disse à minha filhinha:

— É a noite de cinema.

Ela continuou com o DVD erguido no ar, os olhos arregalados. Estava sorrindo. Era algum desenho animado, ou computorizado, com carros falantes, ou talvez animais de fazenda ou de zoológico, algum filme da Pixar, ou da Disney, algo a que eu já assistira uma centena de vezes.

— Isso mesmo. Você vai fazer pipoca?

Ajoelhei-me, segurei-a pelos ombros. — Querida, o papai tem de sair esta noite.

Nenhuma reação.

— Sinto muito, Moranguinho.

Esperei pelas lágrimas.

— A Estelle pode assistir comigo?

— Claro, querida.

— E ela pode fazer pipoca?

— Lógico que pode.

— Ótimo.

Eu tinha esperado um pouco de desapontamento. Nada. Cara

afastou-se, saltitante. Olhei para Bob. Ele olhou para mim com uma expressão de: *crianças — o que se há de fazer*?

— No fundo — disse, apontando para a minha filha —, lá no fundo, ela está decepcionadíssima.

Bob riu. O meu telemóvel tocou. O código de área apenas indicava Nova Jersey, todavia reconheci o número e senti um solavanco.

— Ótimo trabalho hoje.

— Sr. governador — retorqui.

— Não é correto.

— Como é que é?

— Sr. governador. Quando nos dirigimos ao presidente dos Estados Unidos, dizemos Sr. presidente. Mas governadores são chamados ou de governador, ou pelo sobrenome. Como governador Garanhão, por exemplo, ou governador Imã de Mulher.

— Ou — devolvi —, que tal governador Fixação Anal?

— É isso aí.

Sorri. Durante o meu primeiro ano na Rutgers, conhecera Dave Markie (agora governador) numa festa. Ele me intimidara. Eu era filho de imigrantes. O pai do Dave, um senador. Mas essa é a beleza da faculdade. Reúne os mais estranhos colegas de quarto. Acabamos tornando-nos verdadeiros amigos.

Os opositores do Dave não puderam deixar de noticiar essa amizade quando fui nomeado para o meu cargo atual, o de promotor do condado de Essex. O governador forçara e fizera com que me aceitassem. Eu já fora bem recebido pela crítica e, correndo o perigo de me importar com o que não devia, os acontecimentos daquele dia deveriam ajudar a minha possível indicação para uma cadeira no Congresso.

— Grande dia, não? Você é o homem. É isso aí, Cope, vá em frente. Você está com tudo.

— Tentando agradar ao seu eleitorado hip-hop?

— Tentando entender a minha filha adolescente. De qualquer modo, parabéns.

— Obrigado.

— Ainda estou me recusando a fazer comentários sobre esse caso.

— Nunca o ouvi dizer "sem comentários" em toda a sua vida.

— Claro que já, só que de maneiras criativas: "acredito no nosso sistema judicial", "todos os cidadãos são inocentes até que provados culpados", "as rodas da Justiça vão girar", "não sou juiz nem jurado", "deveríamos esperar todos os fatos virem à luz".

— Clichés no lugar de "sem comentários".

— Clichés no lugar de "sem comentários" e de todo o comentário — corrigiu ele. — Então, como vão as coisas, Cope?

— Bem.

— Você tem saído para namorar?

— Um pouco.

–Homem, você é solteiro. Você é bonito. Você tem algum dinheiro no banco. Você percebe aonde quero chegar?

— Você é subtil, Dave, mas acho que consigo entender.

Dave Markie sempre fora um conquistador. Era um tipo comum, porém tinha um dom para seduzir que beirava o excecional. Possuía carisma, fazia toda a mulher sentir-se como se fosse a criatura mais bela e fascinante do mundo. Tudo encenação. Ele só queria levá-las para a cama. Nada além disso. Ainda assim, nunca conheci ninguém melhor na arte da sedução.

Dave estava casado, claro, além de pai de dois filhos bem-educados. Todavia, não duvidava de que continuasse a dar as suas escapadas. Alguns homens simplesmente não resistem. É algo instintivo e primitivo. A ideia de Dave Markie não indo para a cama com um monte de mulheres pareceria um anátema.

— Boas notícias — disse ele. — Vou a Newark.

— Para quê?

— Newark é a maior cidade do meu estado, eis o porquê. E valorizo todos os meus eleitores.

— Ha ha.

— E quero vê-lo. Faz muito tempo que não nos vemos.

— Estou um pouco ocupado com esse caso.

— Você não pode arranjar tempo para o seu governador?

— O que está havendo, Dave?

— Envolve aquilo sobre o que conversamos anteriormente. A minha possível candidatura ao Congresso.

— Boas notícias? — perguntei.

— Não.

Silêncio.

— Acho que há um problema — disse Dave.

— Que espécie de problema?

A voz dele tornou a soar jovial. — Pode não ser nada, Cope. Conversamos depois. No seu escritório. Na hora do almoço?

— Ok.

— Peça aqueles sanduíches. Daquele lugar em Brandford.

— Hobbys.

— Exatamente. Sanduíche de peito de peru temperado em pão de centeio. Peça um para você também. Até mais.

O escritório de Lucy Gold ficava num prédio horroroso, no meio de um quarteirão que teria sido lindo se não fosse essa estrutura "extravagante" da década de 1970 que deveria ter aparência futurista, mas que, de alguma forma, parecera datada três anos após o término da obra. O restante dos edifícios era de tijolos aparentes que imploravam por mais hera. Parei num canto do estacionamento. Inclinei o espelho retrovisor e, então, parafraseando Bruce Springsteen, olhei-me no espelho e quis mudar a minha roupa, o meu cabelo, o meu rosto.

Saí do estacionamento, cruzei-me com uma dúzia de estudantes. As meninas pareciam-me muito mais bonitas do que eu

me lembrava, mas, provavelmente, isso tinha a ver com o meu envelhecimento. Cumprimentei-os com uma inclinação de cabeça. Ninguém correspondeu. Quando entrei na faculdade, havia um rapaz de 38 anos na minha classe. Ele havia-se alistado no Exército e deixara de fazer o curso superior. Lembro-me de como se destacava no campus por ser tão velho. Essa era a minha idade. Duro de entender. Eu tinha a mesma idade daquele jovem velho.

Prossegui com esses pensamentos fúteis porque me ajudavam a ignorar o local para onde me dirigia. Eu estava vestindo camisa branca por fora das calças de jeans, blazer azul-marinho, mocassins Ferragamo sem meias. O Sr. *Chique-Casual*.

Ao aproximar-me do prédio, podia, literalmente, sentir o corpo tremer. Repreendi-me. Era um homem adulto. Fora casado. Era pai e viúvo. E vira essa mulher pela última vez uma eternidade atrás.

Quando superamos essas coisas?

Conferi o morada, embora Lucy tivesse dito que a sala dela ficava no terceiro andar, porta B. Lá estava. Professora Lucille Gold. 3-B. Consegui apertar o botão certo no elevador. Virei à esquerda no corredor do terceiro andar, apesar da placa com uma seta apontando para a direita e as letras A-E.

Encontrei a porta. Reparei numa tabela com as horas de expediente. A maioria já reservada pelos alunos. Também havia um horário de aulas e algo sobre a data de entrega dos trabalhos. Quase respirei na minha mão em concha para sentir o hálito, porém estivera comendo uma pastilha de hortelã.

Bati, duas pancadas curtas com os nós dos dedos. Confiante, pensei. Másculo.

Deus, sou patético.

— Entre.

A voz dela fez o meu coração vir à boca. Abri a porta e entrei. Ela estava junto à janela. Os últimos raios de sol lançavam uma sombra no rosto da Lucy. Ela continuava terrivelmente linda. Senti o

impacto e fiquei onde estava. Por um momento, permanecemos imóveis, a três metros de distância.

— Como está a luz? — perguntou ela.

— Como é que é?

— Estava a tentar decidir onde me posicionar. Quando você bateu à porta. Devo atender? Não, vou ser vista perto demais. Devo sentar-me à escrivaninha e segurar um lápis? Devo olhá-lo por cima dos meus óculos de leitura? Bem, um amigo me ajudou a testar todos os ângulos. Ele achou que me favoreceria mais ficar assim: do outro lado da sala, à meia-luz.

Sorri. — Você está ótima.

— Você também. Quantas roupas você experimentou?

— Só essa. Mas anos atrás me disseram que este é o visual que me cai melhor. E Você?

— Experimentei três blusas.

— Gosto dessa. Você sempre fica bem de verde.

— Na época eu era loira.

— Sim, mas os seus olhos continuam verdes — disse. — Posso entrar?

— Feche a porta.

— Será que nos deveríamos abraçar, ou algo assim?

— Ainda não.

Lucy sentou-se à escrivaninha. Sentei-me à frente dela.

— Isso é tão complicado — disse ela.

— Eu sei.

— Há um milhão de coisas que lhe quero perguntar.

— Eu também.

— Li na internet sobre a sua esposa. Sinto muito.

Assenti. — Como vai o seu pai?

— Não muito bem.

— Lamento.

— Todo aquele amor livre e aquelas drogas... uma hora a conta

ia ser enviada. Ira também... nunca superou o que aconteceu, sabia?

Sim, suponho que eu soubesse.

— E os seus pais? — indagou ela.

— O meu pai morreu há alguns meses atrás.

— Lamento. Lembro-me claramente dele, naquele Verão.

— A última vez que o meu pai foi feliz.

— Por causa da sua irmã?

— Por causa de várias coisas. O seu pai deu-lhe a hipótese de ser médico outra vez. Ele amava o exercício da medicina. Nunca pôde voltar a praticá-la.

— Sinto muito.

— Meu pai realmente não queria tomar parte da ação judicial...ele adorava Ira... mas precisava culpar alguém, e minha mãe pressionou-o. Todas as outras famílias estavam de acordo.

— Você não precisa explicar.

Calei-me. Lucy tinha razão.

— E a sua mãe?

— O casamento dos dois não sobreviveu.

A resposta não pareceu surpreendê-la.

— Você importa-se se eu falar como profissional?

— Absolutamente.

— Perder um filho é uma pressão absurda sobre um casamento. A maioria das pessoas acha que apenas os casamentos mais fortes sobrevivem a esse tipo de golpe. Não é verdade. Tenho estudado esses casos. Tenho visto casamentos que poderiam ser descritos como "medíocres" resistirem e até melhorarem. Outros, que pareciam destinados a durar para sempre, quebram como galho seco. Vocês os dois têm um bom relacionamento?

— Minha mãe e eu?

— Sim.

— Não a vejo faz 18 anos.

Ficamos estáticos.

— Você tem tido muitas perdas, Paul.

— Você não me vai analisar, vai?

— Não, nada do gênero. — Ela recostou-se no espaldar da cadeira, o olhar distante. Era um olhar que me devolvia ao passado. Costumávamos passear no velho campo de beisebol do acampamento, onde a relva era alta. Eu abraçava-a, e o seu olhar perdia-se na distância. — Quando eu estava na faculdade, uma amiga tinha uma irmã gêmea fraterna, não idêntica. Eu acho que não faz muita diferença, mas com o idêntico, parece haver um vínculo mais forte. Quando estávamos no segundo ano, a irmã dela morreu num acidente de carro. Minha amiga teve a mais estranha das reações. Ficou devastada, claro. Mas uma parte dela sentiu-se quase aliviada. Ela pensou: bem, é isso aí. Deus apanhou-me. Era a minha vez. Por enquanto, estou bem. Você perde uma irmã gêmea desse jeito e está meio segura para o resto da vida. Uma tragédia por pessoa. Entende o que eu quero dizer?

— Sim.

— Mas a vida não é assim. Alguns conseguem um salvo-conduto. Outros, como você, levam mais do que a quota devida. Muito mais. E, o pior, isso não o imuniza de passar por outra tragédia.

— A vida não é justa — disse.

— Ámen. — Então, ela sorriu para mim. — Esquisito, não é?

— Sim.

— Sei que ficamos juntos umas... seis semanas?

— Por aí.

— E foi apenas uma paixão de Verão, quando se pensa a esse respeito. Você, provavelmente, teve dúzias de garotas desde então.

— Dúzias? — repeti.

— O que, seriam centenas?

— No mínimo.

Silêncio. Senti algo a avolumar-se no meu peito.

— Mas você foi especial, Lucy. Você foi...

Calei-me.

— Sim, eu sei. E você também. Por isso é que é esquisito. Quero saber tudo a seu respeito. Mas não sei se agora é o momento.

Era como se um cirurgião estivesse operando, um cirurgião plástico, talvez, capaz de distorcer o tempo. Ele cortara fora os últimos 20 anos, esticara o meu velho eu de 18 e o colocara ao meu eu de 38, quase sem dar pontos.

— Então, o que a levou a telefonar-me? — perguntei.

— A coisa estranha?

— Sim.

— Você falou que algo lhe aconteceu também.

Assenti com a cabeça.

— Você importar-se-ia de me contar primeiro? — pediu ela. — Sabe, como quando estávamos a namorar?

— Ai!

— Desculpe. — Ela calou-se, cruzou os braços sobre o peito, como se estivesse com frio. — Estou tagarelando feito uma tola. Não consigo evitá-lo.

— Você não mudou nada, Lucy.

— Sim, Cope. Mudei. Você não acreditaria no quanto mudei.

Os nossos olhares encontraram-se pela primeira vez desde que eu entrara na sala. Não sou bom em ler os olhos das pessoas. Tenho deparado com grandes e ótimos mentirosos para acreditar tanto assim no que vejo. Porém ela estava-me contando uma história através do olhar, uma história cheia de dor.

Eu não queria nenhuma mentira entre nós.

— Você sabe o que eu faço agora? — indaguei.

— Você é promotor do condado. Li na internet também.

— Certo. O que me possibilita acesso a informações. Um dos meus investigadores fez um levantamento rápido da sua ficha.

— Então você sabe do meu problema de conduzir embriagada.

Fiquei em silêncio.

— Eu bebia demais, Cope. Ainda bebo. Mas não conduzo mais.

— Não é da minha conta.

— Não, não é. Mas estou feliz que você me tenha me dito — Ela cruzou as mãos sobre o colo. — Conte-me o que aconteceu, Cope.

— Alguns dias atrás, dois investigadores do Departamento de Homicídios de Manhattan mostraram-me uma vítima não identificada. Acho que o homem, que me disseram ter uns trinta e tantos anos, era Gil Perez.

O queixo dela caiu.

— O nosso Gil?

— Sim.

— Mas como é isso possível?

— Não sei.

— Ele estava vivo esse tempo todo?

— Aparentemente, sim.

Ela calou-se por um instante. Meneou a cabeça.

— Você contou aos pais dele?

— A polícia chamou-os para identificarem o corpo.

— E o que eles disseram?

— Disseram que não era o Gil. Que o Gil morrera 20 anos atrás.

Lucy desmoronou na cadeira.

— Uau. — Ela mordeu o lábio inferior enquanto matutava. Outro gesto saído direto dos nossos dias de acampamento. — Então, o que o Gil andou a fazer durante todo esse tempo?

— Ei, você não me vai perguntar se estou certo de que era ele?

— Claro que você está certo de que era ele. Não teria dito nada se não estivesse. Portanto, ou os Perez estão mentindo, ou, o mais provável, estão em negação.

— Sim.

— Em qual das duas possibilidades você apostaria?

— Não tenho muita certeza, mas apostaria mais na mentira.

— Nós deveríamos confrontá-los.

— Nós?

— Sim. O que mais você descobriu sobre o Gil?

— Não muito. — Remexi-me na cadeira. — E no seu caso? O que houve?

— Os meus alunos escrevem textos autobiográficos anonimamente. Recebi um trabalho que praticamente descreve tudo o que nos aconteceu naquela noite.

Pensei que tivesse entendido errado.

— O trabalho de um estudante?

— Sim. Boa parte da descrição corresponde à verdade. Como nós os dois fomos para a floresta. O jeito como estávamos a namorar. Como ouvimos o grito.

Eu ainda encontrava dificuldade para entender.

— Um texto escrito por um dos seus alunos?

— Sim.

— E você não faz ideia de quem o escreveu?

— Nenhuma.

Reflecti por alguns segundos.

— Quem conhece a sua verdadeira identidade?

— Não sei. Não mudei de identidade, apenas de sobrenome. Não seria assim tão complicado descobrir coisas a meu respeito.

— Quando recebeu você esse texto?

— Na Segunda-feira.

— O dia seguinte ao assassinato do Gil.

Permanecemos em silêncio, absorvendo as informações.

— Você tem o texto aqui? — indaguei.

— Fiz uma cópia para você.

Ela entregou-me as folhas de papel. As palavras trouxeram tudo de volta. Doeu-me ler o que estava escrito. Demorei-me sobre as questões do coração, sobre nunca superar a perda do misterioso "P". Ao terminar a leitura, disse apenas:

— Não é o que aconteceu.

— Eu sei.

— Mas chega bem perto da verdade.

Lucy concordou.

— Conheci uma moça que era amiga do Gil. Ela afirmou tê-lo ouvido falar com alguém sobre nós. Ele disse que nós tínhamos mentido.

Lucy continuou em silêncio por alguns instantes. Virou a cadeira, ficando de perfil para mim. — Nós mentimos.

— Não a respeito de qualquer coisa que tivesse importância — rebati.

— Estávamos a fazer amor enquanto eles estavam sendo assassinados.

Calei-me. Novamente eu compartimentava. Assim atravessava os dias. Porque, se não compartimentasse, lembraria que era o orientador de plantão naquela noite. Lembraria que não deveria ter-me esgueirado para a floresta com a minha namorada. Que deveria ter vigiado os outros melhor. Que, se tivesse sido um garoto responsável, se tivesse cumprido a minha obrigação, não teria afirmado haver contado os meninos no alojamento quando, na realidade, não contara. Não teria mentido sobre isso na manhã seguinte. Então, teríamos sabido que havia gente fora do acampamento desde a noite anterior, e não apenas pela manhã. Assim, talvez, enquanto eu dava a inspeção dos alojamentos por encerrada — inspeção que não fizera naquela noite —, minha irmã estava tendo a garganta cortada.

— Éramos apenas adolescentes, Cope.

Nada respondi.

— Eles escapuliram do acampamento. E teriam escapulido mesmo que estivéssemos por perto.

Provavelmente não, pensei. Eu teria estado de plantão. Teria avistado. Ou teria descoberto as camas vazias durante a minha ronda. Não fizera nada daquilo. Ausentara-me e passara bons momentos na companhia da minha namorada. E, na manhã seguinte, quando eles

não apareceram, imaginei que estivessem simplesmente se divertindo. Gil estava a namorar Margot, embora eu achasse que tivessem rompido. Camille namorava Doug Billingham, apesar de não ser sério. Os quatro tinham escapado, estavam-se a divertir.

Assim, eu mentira. Afirmara ter verificado o alojamento e visto todos seguros nas suas camas. Porque, até então, eu não entendera a extensão do perigo. Afirmara estar sozinho naquela noite — agarrara-me àquela mentira por tempo demais — porque desejara proteger Lucy. Não é estranho? Eu desconhecia todos os danos. Portanto, sim, mentira. Quando Margot Green fora encontrada, admiti a maior parte da verdade — que eu fora negligente durante o meu plantão. Porém, deixara a participação da Lucy de fora. E, logo bloqueara naquela mentira, ficara com medo de voltar atrás e contar toda a verdade. Eles já suspeitavam de mim — ainda me recordo da expressão céptica do delegado Lowell —, e, se eu admitisse certas coisas mais tarde, a polícia perguntaria por que eu mentira em primeiro lugar. De qualquer maneira, era irrelevante.

Que diferença teria feito eu estar sozinho ou acompanhado? O fato é que não cuidara dos outros.

Durante o processo, os defensores de Ira Silverstein tentaram jogar parte da culpa em mim. Mas eu não passava de um garoto. Só no lado masculino do acampamento havia doze cabanas. Ainda que eu não tivesse abandonado o meu posto, teria sido impossível impedir uma escapadela. A segurança era inadequada. Eis a pura verdade. Legalmente, a culpa não fora minha. Legalmente.

— Meu pai costumava voltar àquela mata — comentei. Lucy virou-se para mim. Prossegui: — Ele ia cavar o chão.

— Para quê?

— Tentava encontrar a minha irmã. Dizia-nos que ia pescar. Mas eu sabia. Ele fez isso durante 2 anos.

— O que o levou a parar?

— Minha mãe abandonou-nos. Acho que, então, o meu pai

entendeu que essa obsessão já lhe tinha custado muito. Ele contratou detectives particulares. Convocou alguns dos velhos amigos dele. Mas não creio que tenha voltado a cavar a terra. — Olhei a escrivaninha. Uma bagunça. Papéis espalhados, alguns quase caindo no chão, como cascatas congeladas, livros abertos. — Esse é o problema quando não se tem um corpo — continuei. — Presumo que você tenha estudado os estágios do luto.

— Sim. O primeiro deles é a negação.

— Exatamente. De uma certa maneira, nunca superamos essa fase.

— Nenhum corpo; por conseguinte, negação. É necessária alguma prova para seguir em frente.

— Meu pai sentia-se assim. Eu estava certo de que o Wayne a matara. Mas então via meu pai...

— E ficava cheio de dúvidas.

— Digamos que ele mantinha a possibilidade viva na minha mente.

— E a sua mãe?

— Ela foi ficando cada vez mais distante. Meus pais nunca tiveram o melhor dos casamentos. Já existiam fraturas. Quando a minha irmã morreu, ou qualquer coisa que tenha acontecido, minha mãe afastou-se totalmente dele.

Ficamos em silêncio. Os últimos resquícios de sol desvaneciam-se, o céu tingindo-se de púrpura. Olhei pela janela à minha esquerda. Lucy também olhou. Ficamos lá sentados, o mais próximo que havíamos estado um do outro em 20 anos.

Falei, anteriormente, que os anos tinham sido cirurgicamente removidos. Pois pareciam retornar agora. A tristeza estava de volta. Eu podia vê-la na Lucy. A destruição permanente da minha família a partir daquela noite era óbvia. Esperara que Lucy tivesse sido capaz de superar. Mas não. Tampouco para ela houvera encerramento. Também não sei o que mais lhe acontecera ao longo dos últimos 20

anos. Culpar aquele único incidente pela tristeza que eu via nos olhos dela seria por demais conveniente. Porém eu podia enxergar naquele instante. Podia enxergar-me afastando-me dela naquela mesma noite.

O texto escrito pelo estudante falara sobre como ela jamais me esquecera. Não vou gabar-me de mim mesmo. Mas ela nunca superara aquela noite. O que aquela noite causara ao pai dela. À infância dela.

— Paul?

Lucy continuava olhando pela janela.

— Sim?

— O que vamos fazer agora?

— Vamos descobrir o que realmente aconteceu naquela floresta.

Capítulo 22

Durante uma viagem a Itália, vi um tipo de tapeçaria que parecia mudar de perspectiva dependendo do ponto do qual você a olhasse. Caso se movesse para a direita, o painel parecia virado para a direita. Se fosse para a esquerda, o painel acompanhava-o.

O governador Dave Markie era a personificação humana disso. Quando entrava numa sala, tinha a habilidade de fazer cada pessoa sentir-se como se ele lhe estivesse dando atenção. Quando jovem, seduzira inúmeras mulheres, e insisto, não por causa da aparência, mas porque dava a impressão de estar de fato interessado nelas. Havia uma intensidade hipnótica no olhar dele. Recordo-me de uma amiga lésbica da faculdade dizer: "Quando Dave Markie olha para você daquele jeito, caramba, eu até mudaria de *equipa* por uma noite".

Ele trouxe esse dom para o meu escritório. Jocelyn Dureis, minha secretária, sufocou um risinho nervoso. Loren Muse enrubesceu. Até Joan Thurston, da Procuradoria do Estado, tinha um sorriso no rosto que mostrava como deveria ter reagido ao ser beijada pela primeira vez na sétima série.

A maioria diria tratar-se do poder do cargo. Porém eu conhecera-o antes de ocupar tal posição. O cargo acentua o poder, não o cria.

Cumprimentamo-nos com um abraço. Eu percebera que os homens agiam assim agora — abraçavam-se ao cumprimentarem-se. Agradava-me isso, o contato humano verdadeiro. Não possuo muitos amigos; portanto, os que tenho são-me imensamente importantes. Foram escolhidos cuidadosamente, e amo-os a cada um.

— Você não quer toda essa gente aqui — murmurou Dave ao

meu ouvido.

Afastamo-nos. Dave trazia um sorriso nos lábios, mas eu entendera a mensagem. Despachei os presentes. Joan Thurston permaneceu. Eu conhecia-a muito bem. O escritório da Procuradoria ficava naquela mesma rua, alguns quarteirões abaixo. Tentávamos cooperar um com o outro, ajudar-nos mutuamente. Tínhamos jurisdições similares — aconteciam muitos crimes no condado de Essex —, entretanto ela interessava-se apenas pelos casos grandes. No momento, isso significava principalmente terrorismo e corrupção política. Quando o escritório dela tropeçava em outros crimes, passava-os para nós.

Assim que a porta se fechou, deixando nós três sozinhos, o sorriso do Dave desapareceu. Sentamo-nos à minha mesa de reuniões. Sentei-me de um lado. Os dois, do outro.

— Ruim? — indaguei.

— Muito.

Estendi as mãos, mandando-lhes expor a coisa. Dave olhou para Joan Thurston. Ela pigarreou.

— Neste momento, enquanto conversamos, os meus investigadores estão entrando nos escritórios de uma instituição conhecida como Jane Care, com um mandado de busca. Vamos levar arquivos e fichas. Eu esperava conduzir a operação discretamente, mas os mídia já sabe.

Senti o meu pulso acelerar.

— Isso é besteira.

Os dois ficaram em silêncio.

— O responsável é Jenrette. Ele está-me pressionando a pegar leve com o filho dele.

— Nós sabemos — disse Dave.

— E então?

Ele fitou Thurston.

— Isso não invalida as acusações.

— Do que, afinal, vocês estão a falar?

— Os Detectives de Jenrette investigaram assuntos que jamais teríamos esmiuçado. Descobriram impropriedades. Levaram-nas até um dos meus melhores homens. Este escarafunchou um pouco mais. Fizemos um esforço para agir com discrição. Sabemos o que acusações causam a instituições de beneficência.

Eu não estava a gostar do rumo da conversa.

— Vocês descobriram algo?

— O seu cunhado tem desviado dinheiro.

— O Bob? De jeito nenhum.

— Ele desviou pelo menos cem mil dólares.

— Com que finalidade?

Thurston mostrou-me duas folhas de papel. Esquadrinhei-as.

— O seu cunhado está construindo uma piscina, certo?

Não respondi.

— Cinquenta mil foram passados a Piscinas Marston em vários pagamentos e registados aqui como expansão do prédio. Houve expansão do prédio da Jane Care?

Nada falei.

— Quase trinta mil foram pagos ao paisagista Barry. Despesa lançada como embelezamento das áreas adjacentes.

O nosso escritório ocupava uma casa geminada no centro de Newark. Não existiam planos de expansão nem embelezamento. Não precisávamos de mais espaço. Concentrávamo-nos em levantar dinheiro para tratamentos e pesquisas de cura. Esse vinha sendo o nosso projeto. Eu percebera muitos abusos no sistema das instituições de beneficência: despesas e angariação de fundos maiores do que o dinheiro reservado aos trabalhos caritativos. Bob e eu conversáramos sobre a questão. Ambos tínhamos o mesmo modo de pensar.

Senti-me nauseado.

— Não podemos favorecer ninguém. Você sabe disso — falou Dave.

— Sim, eu sei.

— E, mesmo que quiséssemos atuar discretamente, em nome da nossa amizade, não poderíamos. Os mídia foram avisados. Joan deverá dar uma entrevista colectiva.

— Vocês vão prendê-lo?

— Sim.

— Quando?

Thruston olhou para o governador.

— Ele está sob custódia agora. Foi detido faz uma hora.

Pensei na Greta. Pensei na Madison. Uma piscina. Bob roubara da Jane, a minha falecida mulher, para construir uma maldita piscina.

— Ele foi poupado à exposição pública?

— Não. Daqui a dez minutos vai aparecer algemado. Estou aqui como amiga, mas nós concordamos que seríamos duros em casos como este. Não posso proteger ninguém.

Assenti. Havíamos concordado. Eu não sabia o que pensar. Dave levantou-se. Joan Thurston imitou-o. — Arrume-lhe um bom advogado, Cope. A coisa vai ser feia, acho.

Liguei a TV e vi Bob exibido aos olhos do público. Não, ele não estava sendo mostrado ao vivo pela CNN ou pela Fox, mas pelo canal 12 de Nova Jersey, o canal 24 horas de notícias locais. Apareceriam fotos em todos os grandes jornais do Estado, como o Star-Ledger e o Bergen Record. Algumas das maiores redes afiliadas talvez publicassem algo, porém eu duvidava.

A exposição de Bob durou segundos. Ele estava algemado. Não baixou a cabeça. Parecia, como tantos outros, pasmado e inocente. Nauseado, liguei para Greta, para o telefone fixo e para o telemóvel. Nenhuma resposta. Deixei mensagem em ambos.

Muse permaneceu do meu lado.

— Que droga — disse ela, assim que outra notícia entrou no ar.

— Sim.

— Você deveria pedir a Flair que o defendesse.

— Conflito de interesses.

— Por quê? O caso de Chamique?

— Sim.

— Não vejo como. Os casos não têm ligação.

— O pai do cliente dele, E. J. Jenrette, começou a investigação na Jane Care.

— Ah, certo. — Muse se recostou na cadeira. — Droga.

Fiquei calado.

— Você está com ânimo para conversar sobre Gil Perez e a sua irmã?

— Sim.

— Como você sabe, há 20 anos atrás foram encontradas roupas rasgadas e sangue na floresta.

Nada respondi. Ela prosseguiu.

— Todo o sangue encontrado era O positivo. O mesmo tipo sanguíneo das duas pessoas desaparecidas. Quatro em dez pessoas são O positivo, portanto não é algo tão surpreendente assim. Naquela época, não existiam exames de DNA, então não havia como saber com exatidão. Mesmo se nos apressarmos, só teremos os resultados dos exames dentro de umas três semanas. Provavelmente mais.

Eu mal a ouvia, o rosto de Bob, durante a exposição pública, vindo à minha mente sem cessar. Pensei na Greta, doce, gentil Greta, e em como isso a destruiria. Pensei na minha Jane, em como a instituição que levava o nome dela estava à beira de ser arrasada. Eu fundara-a como um memorial em honra à mulher com quem eu falhara em vida. E falhava, agora, novamente.

— Além dos exames de DNA, vamos precisar de algo para fazer a comparação. Poderíamos usar uma amostra do seu sangue para comparar com o da sua irmã. Também precisaremos de uma amostra da família Perez — continuou Muse.

— O que mais?

— Na verdade, os exames de DNA dos Perez são desnecessários.

— Por quê?

— Farrell Lynch terminou o desenho progressivo de envelhecimento.

Ela entregou-me duas fotografias. A primeira, um instantâneo de Manolo Santiago na morgue. A segunda, do desenho progressivo feito em cima da foto que eu fornecera de Gil Perez. Combinação perfeita.

— Uau — exclamei.

— Consegui o morada dos Perez. — Muse deu-me uma folha de papel. Eles moravam em Park Ridge. A menos de uma hora dali. — Você pretende confrontá-los? — perguntou ela.

— Sim.

— Quer que eu vá junto?

Fiz que não com a cabeça. Lucy insistira em me acompanhar. Já bastava.

— Pensei em algo.

— No quê? — indaguei.

— A tecnologia para encontrar corpos enterrados é muito melhor hoje do que era 20 anos atrás. Você lembra-se de Andrew Barrett?

— O homem do laboratório da John Jay? Falante e esquisito?

— É um gênio. Sim, o próprio. De qualquer maneira, ele provavelmente é o maior especialista do país no uso de uma nova máquina de radar de solo. Praticamente inventou-a e afirma que ela é capaz de vasculhar uma área extensa em pouco tempo.

— A mata é grande demais.

— Mas podemos tentar, pelo menos, cobrir parte da área, certo? Ouça, Barrett está louco para testar o novo brinquedinho dele. Diz que precisa de trabalho de campo.

— Você já conversou com ele?

— Claro, por que não?

Encolhi os ombros. — É você a investigadora.

Olhei para a TV. Já repetiam a cena da prisão de Bob. Ele parecia ainda mais patético desta vez. Minhas mãos fecharam-se em punhos.

— Cope?

Fitei-a.

— Temos que ir para o fórum.

Concordei. Levantei-me sem uma palavra. Ela abriu a porta. Minutos depois, avistei E. J. Jenrette no saguão. Ele estava, propositadamente, parado no meio do meu caminho. Sorrindo para mim.

Segurando-me pelo braço, Muse tentou controlar-me.

— Vamos pela esquerda. Podemos...

— Não.

Segui adiante. A raiva consumia-me. Muse apressou-se para acompanhar as minhas passadas. E. J. permanecia imóvel, observando a minha aproximação.

Muse segurou-me pelos ombros.

— Cope...

Não diminuí o ritmo.

— Tudo bem, Muse.

E. J. continuava sorrindo. Os nossos olhares encontraram-se. Ele, plantado no meu caminho. Parei bem à frente dele, os nossos rostos a centímetros de distância. O idiota insistia em sorrir, debochado.

— Eu avisei-o — disse E. J.

Sorri-lhe também e aproximei-me ainda mais.

— A notícia já foi espalhada — disse.

— Que notícia?

— Qualquer pretensão de colocar o Pequeno Edward ao seu serviço receberá tratamento preferencial. O seu filhinho será a puta do

pavilhão.

Afastei-me sem esperar pela reação dele. Muse tropeçando atrás de mim.

— Isso foi um absurdo — murmurou ela.

Continuei andando. Tratara-se de uma ameaça falsa, claro — os pecados do pai nunca deveriam recair sobre o filho —, mas, se essa imagem inundasse a mente de E. J. quando ele pusesse a cabeça no seu travesseiro de plumas, que assim fosse.

— Você precisa acalmar-se, Cope.

— Eu esqueci-me, Muse. Você é a minha investigadora ou a minha terapeuta?

Ela ergueu as mãos, num gesto de rendição, e deixou-me passar. Sentei-me à minha mesa e aguardei a entrada do juiz.

O que droga do diabo estava Bob pensando?

Há dias em que o tribunal mais parece um enredo absurdo contado por tolos. Hoje era um desses dias. Flair e Mort sabiam estar com sérios problemas. Queriam excluir o DVD porno porque não o tínhamos apresentado mais cedo. Tentaram invalidar o julgamento. Apresentaram argumentos e precedentes, pesquisas e papeladas. Os estagiários e secretárias deviam ter passado a noite em claro.

O juiz Pierce escutou tudo, as sobrancelhas espessas caídas. Apoiava o queixo na mão e parecia muito, digamos, judicioso. Não fez comentários. Usou termos como "sob deliberação". Eu não estava preocupado. Eles não tinham nada. Entretanto, um pensamento começou a infiltrar-se e a corroer-me por dentro. Eles tinham vindo atrás de mim. Implacáveis.

E se tivessem feito o mesmo em relação ao juiz?

Observei-lhe o rosto. Nada. Observei-lhe os olhos, em busca de sinais de que não havia conseguido dormir. Nada. Porém, isso tampouco significava algo.

Terminamos por volta das quinze horas. Voltei ao meu escritório e verifiquei as mensagens. Nenhum recado da Greta. Liguei

para ela. Ainda nenhuma resposta. Tentei o telemóvel de Bob também. Em vão. Deixei mensagem.

Olhei para aquelas duas fotografias — Gil Perez envelhecido e o falecido Manolo Santiago. Então, telefonei para Lucy. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Oi. — Ao contrário de ontem à noite, havia leveza na voz dela. Fui lançado de volta ao passado outra vez.

— Oi.

Uma pausa esquisita, quase feliz.

— Estou com o morada dos Perez — disse. — Quero tentar de novo com eles.

— Quando?

— Agora. Eles não moram longe de você. Posso apanhá-la no caminho.

— Estarei pronta.

Capítulo 23

Lucy estava linda.

Vestia um pulôver verde justo, colado exatamente nos lugares certos, os cabelos presos num rabo-de-cavalo. Ela ajeitou alguns fios atrás da orelha. Usava óculos nesta noite, e gostei de como ficavam nela.

Mal entrou no carro, pesquisou os CDs disponíveis.

— *Counting Crows* — comentou. — *August and Everything After*.

— Você gosta?

— O melhor álbum de estreia de uma banda nas duas últimas décadas.

Concordei.

Lucy colocou-o para tocar. Entrou Round Here. Ouvimos a canção em silêncio. Quando Adam Duritz começou a cantar sobre uma mulher, dizendo que ela deveria tentar fazer algo porque tudo estava desmoronando, arrisquei uma olhadela. Os olhos de Lucy marejavam-se.

— Você está bem?

— Que outros CDs você tem aqui?

— O que você quer escutar?

— Algo quente e sexy.

— Meat Loaf. — Apontei o CD. — Vamos de *Bat Out of HelP*.

— Ah, puxa. Você lembra-se?

— Raramente ando de carro sem ele.

— Deus, você sempre foi um romântico incurável.

— Que tal um pouco de *Paradise by The Dashboard Light*.

— Sim, mas pule aquela parte quando ela o faz prometer amá-

la para sempre antes que se ponha a cantar.

— Ponha-se a cantar — repeti. — Adoro esse verso.

Ela encarou-me.

— Que cantada você passou em mim?

— Provavelmente a minha básica de sedução.

— E qual é?

Falei num tom choroso: — Por favor? Vamos, por favor.

Lucy riu. — Ei, funcionou com você.

— Mas eu sou fácil.

— Certo, esqueça isso.

Ela deu-me uma palmadinha ao de leve no braço. Sorri. Ouvimos Meat Loaf em silêncio durante algum tempo.

— Cope?

— Sim.

— Você foi o meu primeiro.

Quase pisei o travão.

— Sei que fingi o contrário. Meu pai, e eu, e todo aquele estilo de vida maluco de amor livre. Mas eu nunca me entreguei a ninguém.

O silêncio tornou-se pesado.

— Claro, depois de você, transei com todo mundo.

Meneei a cabeça, olhei para a direita. Ela sorria novamente. Fiz a curva certa por puro instinto.

Os Perez moravam num condomínio em Park Ridge.

— Eles estão-nos esperando? — indagou ela.

— Não.

— Como sabe você que estarão em casa?

— Telefonei para lá um pouco antes de apanhá-la. O meu número aparece como *PRIVADO* no identificador de chamadas. Quando a Sra. Perez atendeu, disfarcei a voz e perguntei por Harold. Ela respondeu dizendo que eu ligara para o número errado. Desculpei-me e desliguei.

— Uau, você é bom nisso.

— Tento manter a modéstia.

Descemos do carro. Jardins bem cuidados cercavam a propriedade, o ar carregado de perfume. Impossível distinguir o aroma. Lilases, talvez. O cheiro era forte demais, sufocante, como se alguém tivesse derramado um frasco de champô barato.

Antes que eu batesse à porta, esta abriu-se. A Sra. Perez não disse "oi" nem esboçou qualquer gesto de cumprimento. Fitou-me com olhos semicerrados e esperou.

— Precisamos conversar — disse.

O olhar dela fixou-se em Lucy. — Quem é você?

— Lucy Silverstein.

A Sra. Perez fechou os olhos. — A filha de Ira.

— Sim.

O olhar dela pareceu perder o brilho.

— Podemos entrar? — indaguei.

— E se eu disser não?

Encarei-a. — Não vou permitir que isso continue.

— Que continue o quê? Aquele homem não era o meu filho.

— Por favor — pedi. — Cinco minutos.

Suspirando, a Sra. Perez deu um passo para trás. Entramos, o cheiro de champô ainda mais forte lá dentro. Forte demais. Depois de fechar a porta, ela conduziu-nos ao sofá.

— O Sr. Perez está em casa?

— Não.

Ruídos ecoavam de um dos quartos. Num canto da sala, algumas caixas de papelão, as inscrições nas laterais indicando tratar-se de suprimentos médicos. Olhei ao redor. Tudo, exceto aquelas caixas, estava tão exatamente no lugar, tão coordenado, que era possível jurar que haviam comprado o mobiliário modelo.

Uma lareira completava a decoração. Parei ao lado da cornija. Observei as fotografias da família. Nenhuma foto do Sr. e da Sra. Perez. Nenhuma foto de Gil. E muitas fotos de pessoas que presumi

serem os dois irmãos e a irmã de Gil.

Um dos irmãos estava numa cadeira de rodas.

— Esse é o Tomás — falou a Sra. Perez, apontando para o retrato de um rapaz sorridente na cadeira de rodas, no dia da formatura na Kean University. — Ele tem PC. Você sabe o que é?

— Paralisia cerebral.

— Sim.

— Quantos anos ele tem?

— Tomás tem 33 agora.

— E quem é esse?

— Eduardo. — A expressão do rosto dela deixava claro que o assunto não deveria ser levado adiante. Eduardo parecia um caso perdido. Lembro-me de Gil contando-me que o irmão pertencia a um gangue, ou algo semelhante, porém não acreditei na história.

Mostrei a garota.

— Lembro que Gil falava dela — comentei. — Ela era, o quê, uns dois anos mais velha? Gil contou-me que a irmã estava a tentar entrar numa faculdade.

— Glenda é advogada. — O peito da Sra. Perez se insuflou. — Formou-se na faculdade de direito da Columbia University.

— É mesmo? Eu também — disse.

A Sra. Perez sorriu, dirigiu-se ao sofá.

— Tomás mora na casa ao lado. Derrubamos uma parede que dividia as casas.

— Ele consegue viver sozinho?

— Eu cuido dele. E também temos um enfermeiro.

— Ele está em casa agora?

— Sim.

Sentei-me, perguntando-me por que me importava com isso. Tomás saberia sobre o irmão, sobre o que lhe acontecera, sobre o paradeiro dele nos últimos 20 anos?

Lucy não saíra de onde se sentara. Permanecia quieta,

deixando-me conduzir a situação. Entretanto, tudo absorvia, analisava a casa, provavelmente envergando o papel de psicóloga.

— Por que vocês estão aqui? — interrogou-me a Sra. Perez.

— O corpo que eles encontraram é do Gil.

— Já disse que...

Peguei um envelope de papel de embrulho.

Tirei uma das fotografias. Aquela antiga, do acampamento. Coloquei-a sobre a mesinha de centro. Ela olhou fixamente a imagem do filho. Observei-lhe o rosto, em busca de alguma reação. Nada pareceu mover-se, nem mudar, ou talvez as alterações estivessem acontecendo de forma tão subtil que eu não conseguia perceber a transformação. Num momento, ela parecia bem. Então, num ápice, tudo desmoronou. A máscara caiu, desnudando a devastação.

Ela fechou os olhos.

— Por que você está me mostrando isso?

— A cicatriz.

Os olhos dela continuaram fechados.

— A senhora disse que a cicatriz do Gil era no braço direito. Mas olhe esse retrato. A cicatriz era no esquerdo.

Silêncio.

— Sra. Perez?

— Aquele homem não era o meu filho. Meu filho foi assassinando por Wayne Steubens, 20 anos atrás.

— Não.

Tirei outra foto do envelope. Lucy inclinou-se para frente, pois ainda não a tinha visto.

— Este é Manolo Santiago, o homem da morgue.

Lucy sobressaltou-se. — Qual é o nome dele?

— Manolo Santiago — repeti.

Ela estava pasmada.

— O que foi? — indaguei-lhe, porém Lucy fez sinal para que eu seguisse em frente. — E isto — continuei, tirando a última

fotografia — é um desenho computorizado usando um *software* para envelhecimento progressivo. Por outras palavras, o sujeito do meu laboratório apanhou o retrato antigo do Gil e envelheceu-o 20 anos. Então, copiou a cabeça rapada e os pelos faciais de Manolo Santiago.

Pus as fotografias junto daquela primeira.

— Dê uma olhada, Sra. Perez.

Ela o fez. Fitou as fotos por um longo tempo.

— Talvez ele pareça o meu filho. Só isso. Ou talvez você ache que todos os latinos sejam parecidos.

— Sra. Perez?

Era Lucy, dirigindo-se diretamente à mãe de Gil pela primeira vez desde que havíamos entrado.

— Por que a senhora não mantém nenhuma foto de Gil ali?

Lucy apontou para a cornija da lareira. A Sra. Perez limitou-se a encará-la.

— Você tem filhos, Sra. Silverstein?

— Não.

— Então não entenderia.

— Com todo o respeito, Sra. Perez, isso é asneira.

A expressão da Sra. Perez era a de alguém que fora esbofeteada.

— Ali a senhora tem retratos dos seus filhos ainda jovens, de quando Gil ainda estava vivo. E nenhuma fotografia do Gil? Já tratei de muitos pais de luto. Todos eles conservaram alguma foto exposta. Todos eles. E a senhora mentiu sobre em qual braço ficava a cicatriz. A senhora não se esqueceu. Uma mãe não comete esse tipo de erro. As fotografias estão aqui, à sua frente. Elas não mentem. E o Paul ainda nem apresentou o argumento final.

Eu não tinha ideia de qual era esse argumento final. Assim, permaneci calado. Lucy prosseguiu.

— O teste de DNA, Sra. Perez. Recebemos as informações a caminho daqui. São apenas resultados preliminares, mas a

compatibilidade é inegável. Ele é o seu filho.

Caramba, ela é boa, pensei.

— DNA? — gritou a Sra. Perez. — Não dei permissão a ninguém para fazer um teste de DNA.

— A polícia não precisa de permissão. Afinal, Manolo Santiago não é o seu filho.

— Mas... Como eles conseguiram uma amostra do meu DNA?

Essa eu encarreguei-me de responder. — Não temos licença para dizê-lo.

— Vocês... Vocês podem fazer isso?

— Sim, podemos.

A Sra. Perez sentou-se, os braços cruzados. Por longos minutos, ficou em silêncio. Aguardei.

— Vocês estão mentindo.

— O quê?

— O teste de DNA está errado, ou vocês estão mentindo. Aquele homem não é o meu filho. Meu filho foi assassinado há 20 anos atrás. E sua irmã, também. Eles morreram no acampamento de Verão do seu pai porque ninguém os vigiou. Vocês dois estão perseguindo fantasmas, essa é a verdade.

Olhei para a Lucy, na esperança de que ela tivesse alguma ideia.

A Sra. Perez levantou-se.

— Quero que vocês saiam agora.

— Por favor — insisti. — Minha irmã também desapareceu naquela noite.

— Não posso ajudá-lo.

Eu ia falar mais alguma coisa, mas Lucy dissuadiu-me da ideia. Concluí que talvez fosse mesmo melhor reagruparmos as nossas forças, sabermos o que ela pensava e o que tinha a dizer antes de continuarmos exercendo pressão.

Quando estávamos na rua, a Sra. Perez avisou: — Não voltem.

Deixem-me sofrer a minha dor em paz.

— Pensei que o seu filho tivesse morrido há 20 anos atrás.

— Você nunca supera a dor — devolveu a Sra. Perez.

— Não — disse Lucy. — Mas, em algum ponto, a senhora não quer ser deixada em paz para sofrer a sua dor.

Lucy calou-se.

— E então? — perguntei-lhe, depois de entrarmos no carro.

— A Sra. Perez, definitivamente, está mentindo.

— Belo blefe — comentei.

— O teste de DNA?

— Sim.

— Lá dentro você mencionou o nome Manolo Santiago.

— O pseudônimo do Gil.

Ela absorveu a informação devagar. Esperei alguns segundos antes de perguntar:

— O que foi?

— Estive visitando o meu pai no, hum... domicílio dele. Verifiquei o livro de registos. Ele recebeu uma única visita além de mim no mês passado. Um homem chamado Manolo Santiago.

— Ops! — exclamei.

— Isso mesmo.

Levei alguns instantes para processar o fato.

— Por que Gil Perez visitaria o seu pai?

— Ótima pergunta.

Reflecti sobre o que Raya Singh falara, sobre a Lucy e eu termos mentido.

— Você pode perguntar a Ira?

— Vou tentar. Ele não está bem. Às vezes, começa a divagar.

— Vale a pena tentar.

Ela concordou. Virei à direita, resolvi mudar de assunto.

— Por que você tem tanta certeza de que a Sra. Perez está

mentindo?

— Para começar, o sofrimento dela. Aquele cheiro? Velas. Ela estava toda vestida de preto. Tinha os olhos vermelhos, os ombros caídos. Demonstrava todos os sinais de dor. E, depois, as fotografias.

— O que há de errado com as fotos?

— Eu não estava mentindo. É bastante incomum exibir retratos de infância dos filhos e deixar o de um filho morto de fora. Esse detalhe, sozinho, não teria muito significado, mas você não reparou no espaçamento esquisito entre as fotografias? Parecia que faltavam alguns retratos na cornija da lareira. Aposto que a Sra. Perez retirou aqueles em que o Gil aparecia. Caso surgisse uma situação como a de hoje.

— Você está dizendo, caso alguém aparecesse na casa dela?

— Não sei exatamente. Mas acho que a Sra. Perez está-se a livrar de provas. Ela imaginou que seria a única pessoa que possuísse fotografias que pudessem ser usadas para a identificação do corpo. Não lhe passou pela cabeça que você ainda guardasse algumas daquele Verão.

Reflecti sobre essa possibilidade.

— As reações dela estavam todas erradas, Cope. Como se estivesse representando um papel. A Sra. Perez está mentindo.

— Eis a pergunta: a respeito do que ela estava mentindo?

— Quando em dúvida, escolha a hipótese mais óbvia.

— E qual é essa hipótese?

Lucy encolheu os ombros. — Gil ajudou Wayne a matá-los. Isso explicaria tudo. As pessoas sempre presumiram que Steubens tinha um cúmplice. De outra forma, como poderia ter enterrado os corpos tão rápido? Mas talvez tivesse sido apenas um único corpo.

— O da minha irmã.

— Certo. Então, Wayne e Gil arrumaram o cenário de modo que fizesse parecer que Gil também morrera. Talvez Gil tenha estado sempre ajudando Wayne. Quem vai saber?

Permaneci calado por alguns segundos. — Se for assim, então minha irmã está morta.

— Sim.

Silenciei-me.

— Cope?

— O quê?

— A culpa não é sua.

Nada respondi.

— Se a culpa é de alguém, é minha.

Parei o carro.

— Como chegou você a essa conclusão?

— Você queria ficar no seu posto naquela noite. Você queria montar a guarda. Fui eu quem o atraiu para a mata.

— Atraiu?

Ela ficou quieta.

— Você está brincando, não é? — perguntei.

— Não.

— Eu tinha consciência das minhas atitudes, Lucy. Você não me obrigou a nada.

O silêncio estendeu-se por vários minutos.

— Você ainda se culpa — disse ela.

Agarrei o volante com força. — Não, não me culpo.

— Sim, Cope, você culpa-se, sim. Ora, vamos. Apesar dessa revelação recente, você sabia que a sua irmã tinha de estar morta. Você esperava uma nova hipótese. Esperava alcançar, ainda, a redenção.

— Esse seu diploma de psicologia realmente está pagando dividendos, não?

— Eu não pretendia...

— E você, Lucy? — A minha voz soou mais mordaz do que eu pretendia. — Você culpa-se? E a razão de beber tanto?

Silêncio.

— Eu não deveria ter dito isso — disse.

— Você não sabe nada da minha vida. — A voz dela era suave.

— É verdade. Sinto muito. Não é da minha conta.

— Aquelas detenções por dirigir bêbada aconteceram há muito tempo.

Nada retorqui. Ela virou-se para a janela. Avançamos em silêncio.

— É possível que você esteja certa — admiti.

Ela continuou olhando pela janela.

— Vou lhe dizer uma coisa que nunca disse a ninguém. — Senti-me enrubescer e as lágrimas virem-me aos olhos. — Depois daquela noite na floresta, o meu pai nunca mais me olhou da mesma maneira.

Lucy encarou-me.

–Talvez eu estivesse projetando. Sim, você está certa. Em parte, realmente culpei-me pelo que aconteceu. E se nós não nos tivéssemos ausentado? E se eu tivesse ficado onde deveria ficar? E, talvez, a expressão do rosto dele fosse apenas aquela de desolação de um pai que perde um filho. Mas sempre pensei que havia alguma coisa mais. Alguma coisa quase acusatória.

Lucy pousou a mão no meu braço.

— Oh, Cope.

Continuei dirigindo.

— Então talvez você esteja certa. Talvez eu realmente precise reconciliar-me com o passado. E você?

— Eu o quê?

— Por que você está escarafunchando isso? O que espera ganhar, depois de todos esses anos?

— Você está brincando, não é?

— Não. Você está exatamente atrás de quê?

— A vida que eu conhecia acabou naquela noite. Você não entende?

Não respondi.

— As famílias, inclusive a sua, arrastaram o meu pai para os tribunais. Vocês tomaram tudo o que possuíamos. Ira não tinha estofo para aguentar esse tipo de golpe. Não foi capaz de suportar o estresse.

Esperei-a prosseguir. Em vão.

— Compreendo — disse. — Mas do que você está atrás agora? Como você disse, estou a tentar resgatar a minha irmã. Em resumo, estou a tentar descobrir o que realmente lhe aconteceu. E você? Está atrás de quê?

Lucy ficou em silêncio. Vencemos mais alguns quilômetros. Começava a escurecer.

–Você não sabe como me sinto vulnerável estando aqui — disse ela.

Incerto sobre o que responder, disse: — Eu nunca a magoaria.

Silêncio.

— É como se eu tivesse vivido duas vidas. Uma, antes daquela noite, quando as coisas iam muito bem. E outra, depois, quando nada ia bem. Sim, reconheço que soa patético. Às vezes sinto-me como se me tivessem empurrado colina abaixo naquela noite; como se, desde então, estivesse sempre tropeçando. Às vezes quase consigo aprumar-me, mas o declive é tão acentuado que não sou capaz de recuperar o equilíbrio de fato e recomeço a tropeçar. Então, talvez, não sei, mas, se eu puder entender o que realmente aconteceu naquela noite, se eu puder fazer algo de bom de todo aquele mal, então, talvez, eu pare de cair.

Lucy era tão maravilhosa quando a conheci. Desejei lembrá-la disso. Desejei dizer-lhe que estava sendo excessivamente melodramática, que continuava linda e bem-sucedida, que ainda tinha muita coisa a seu favor. Mas concluí que pareceria condescendente demais.

De modo que disse apenas: — E tão bom vê-la outra vez, Lucy.

Ela fechou os olhos com força, como se eu a houvesse

golpeado. Pensei no que dissera, sobre não querer sentir-se tão vulnerável. Pensei no tal texto autobiográfico, em toda aquela história de nunca mais viver um amor igual. Desejei estender o braço e pegar a mão dela, mas sabia que para nós dois, naquele momento, tudo estava muito em carne viva, e que mesmo um gesto como esse seria demais, e não o suficiente.

Capítulo 24

Levei Lucy de volta à universidade.

— Amanhã de manhã vou visitar Ira e verei o que ele pode contar-me sobre Manolo Santiago.

— Ok — respondi.

Ela abriu a porta do carro.

— Tenho um monte de trabalhos para corrigir.

— Vou acompanhá-la até a entrada do prédio.

— Não precisa.

Observei-a a caminhar rumo ao prédio, o meu estômago contraído. Tentei entender o que sentia naquele exato momento, porém as emoções precipitavam-se. Difícil distinguir o que era o quê.

O telemóvel tocou. Verifiquei o número. Muse.

— Como foi com a mãe Perez? — perguntou ela.

— Creio que a Sra. Perez esteja mentindo.

— Soube de algo que você poderá achar interessante.

— Estou escutando.

— O Sr. Perez costuma frequentar um bar chamado Smith Brothers. Gosta de se encontrar com os amigos, jogar dardos, esse tipo de coisa. Pelo que ouvi, sempre bebe com moderação. Mas nas últimas duas noites ficou embriagado de verdade. Começou a chorar e a arrumar brigas.

— Sofrendo.

Na morgue, a Sra. Perez manteve-se forte, e o marido apoiara-se nela. Lembro-me de como notei os sinais de fraqueza.

— E, de qualquer modo, a bebida solta a língua — disse Muse.

— É verdade.

— A propósito, Perez está lá agora. No bar. Poderia ser um

bom lugar para pressioná-lo.

— Estou a caminho.

— Há mais uma coisa.

— Estou escutando.

— Wayne Steubens concordou em vê-lo.

Durante um segundo parei de respirar.

— Quando?

— Amanhã. Ele está cumprindo pena na penitenciária Redention, na Virginia. Também agendei um encontro entre você e Geoff Bedford, no escritório do FBI, para depois. Ele foi o agente encarregado do caso de Steubens.

— Não posso. Terei de ir ao fórum.

— Pode sim. Um dos seus colegas poderá resolver as questões ao fórum por um dia. Marquei o seu voo para amanhã cedo.

Não sei o que eu esperava que o bar fosse. Um lugar de valentões, suponho. Pois o local poderia ser de uma cadeia de restaurantes como T.G.I. Friday's, ou Bennigan's, ou algo do gênero. O bar era maior do que a maioria dos restaurantes familiares, e a área reservada às refeições, evidentemente menor. Paredes forradas de madeira, máquinas de pipocas grátis e música dos anos de 1980 tocando alto. No momento, *Tears for Fears* cantava Head Over Heels.

Nos meus tempos, este seria chamado de um bar de *yuppie*. Homens jovens com o nó das gravatas afrouxados e mulheres esforçando-se tenazmente para adotar um ar de executivas. Os homens bebiam cerveja pelo gargalo, a tentar dar a impressão de que se divertiam com os amigos enquanto azaravam as mulheres. As mulheres bebiam vinho ou Martini e olhavam os homens mais subtilmente. Meneei a cabeça. O Discovery Channel deveria filmar um especial sobre acasalamento ali.

Não me parecia um lugar frequentado por alguém como Jorge Perez. Todavia, encontrei-o no fundo do bar, na companhia de quatro

ou cinco velhos companheiros, homens que sabiam como beber, que se debruçavam sobre os seus copos como se fosse uma menininha precisando de proteção. Eles observavam os *yuppies* do século vinte e um correndo de lá para cá com olhos semicerrados.

Aproximei-me do Sr. Perez por trás e pus a mão sobre o ombro dele. Ele virou-se devagar. Assim como os camaradas dele. Os olhos estavam vermelhos e úmidos. Decidi-me pela abordagem direta.

— Os meus pêsames — disse.

Ele se mostrou intrigado. Os outros sujeitos, todos latinos e a rondar os 60 anos, fitaram-se como se eu estivesse comendo as filhas deles com os olhos. Todos vestiam roupas de trabalho. O Sr. Perez usava camisa polo e calça caqui. Perguntei-me se isso significaria algo, mas não consegui imaginar o quê.

— O que é que você quer? — perguntou ele.

— Conversar.

— Como me encontrou aqui?

Ignorei a pergunta.

— Vi a sua expressão na morgue. Por que o senhor está mentindo sobre o Gil?

Os olhos dele estreitaram-se.

— A quem você está chamando de mentiroso?

Os outros indivíduos fitaram-me um pouco mais sombriamente.

— Talvez pudéssemos conversar em particular.

Ele meneou a cabeça. — Não.

— O senhor sabe que a minha irmã desapareceu naquela noite, certo?

Jorge Perez virou-me as costas e agarrou a cerveja antes de responder:

— Sim, eu sei.

— Aquele na morgue era o seu filho.

Ele continuou de costas para mim.

— Sr. Perez?

— Saia daqui.

— Não vou a lugar nenhum.

Os outros fulanos, tipos durões, homens que haviam passado a vida desempenhando trabalho braçal ao ar livre, encararam-me. Um levantou-se do banco.

— Sente-se — disse-lhe eu.

O sujeito não se mexeu. Olhei-o fixamente. Outro levantou-se e cruzou os braços sobre o peito.

— Vocês sabem quem eu sou? — indaguei.

Tirei a minha credencial de promotor do bolso. Sim, tenho uma. A verdade é que sou a autoridade mais graduada no exercício da lei no município de Essex. Não gostei de ser ameaçado. Machões enchem-me a paciência. Você conhece aquela velhota ter de enfrentar um valentão? Pois só é verdadeira se você puder aguentar a bronca. Eu podia.

— É bom que vocês todos estejam legalmente no país — disse. — É bom que as suas famílias estejam com a situação legalizada, que os seus amigos não sejam imigrantes ilegais, que as pessoas com quem vocês cruzam por acaso nas ruas... é bom que todos estejam em dia com o Departamento de Imigração.

Os olhos semicerrados abriram-se um pouco.

— Deixe-me ver as identidades de vocês. De todos vocês.

Aquele que se levantara primeiro ergueu as mãos.

— Ei, nós não queremos problemas.

— Então sumam.

Eles jogaram algumas notas sobre o balcão e saíram. Não correram, não se apressaram, porém tampouco queriam demorar-se ali. Normalmente eu ter-me-ia sentido mal por fazer ameaças vãs, por esse quase abuso de poder, entretanto os sujeitos praticamente haviam pedido por isso.

Perez virou-se para mim, nitidamente infeliz.

— Ei — reagi —, de que adianta carregar credenciais se não vou usá-las?

— Você já não fez bastante estrago?

O banco ao lado estava desocupado. Sentei-me. Sinalizei para o barmen, apontando para o caneco de Jorge Perez, pedi "*qualquer coisa que ele estivesse bebendo*".

— Aquele na morgue era o seu filho — repeti. — Eu poderia mostrar-lhe a prova, mas nós dois sabemos que não há necessidade disso.

Perez engoliu o resto da cerveja e pediu outra, que chegou com a minha. Ergui o meu caneco, como se fosse um brinde. Ele apenas me olhou e manteve o seu sobre o balcão. Sorvi um longo gole da bebida.

O primeiro gole de cerveja num dia quente é como o primeiro bocado do seu doce favorito. Um verdadeiro néctar dos deuses.

— Existem duas maneiras de lidarmos com isso — prossegui. — O senhor continua fingindo que não é ele. Já dei ordens para a realização de um teste de DNA. O senhor conhece esses testes, não, Sr. Perez?

Ele passeou o olhar pela a multidão.

— E quem não conhece?

— Sim, eu sei. CSI e todas aquelas outras séries de TV. Então o senhor sabe que não será nenhum problema para nós provarmos que Manolo Santiago era o Gil.

Perez sorveu outro trago, a mão trêmula, uma expressão de culpa no rosto. Pressionei-o.

— Portanto, eis a questão: uma vez provado que é o seu filho, o que acontece? O meu palpite é de que o senhor e a sua esposa tentarão sair-se com algo do tipo "*Opa, nós não tínhamos a menor ideia*". Mas essa história não vai colar. O senhor e a sua esposa começarão a aparecer como mentirosos. Então, a minha equipa iniciará uma investigação de verdade. Verificaremos todos os seus registos telefônicos, as contas bancárias, bateremos em portas, interrogaremos amigos e vizinhos a

respeito do senhor e da sua esposa, faremos perguntas sobre os seus filhos...

— Deixe os meus filhos fora disso.

— De jeito nenhum — retorqui.

— Isso não é certo.

— O que não é certo é o senhor mentir sobre o seu filho.

— Você não compreende.

— O diabo que não. Minha irmã estava naquela floresta também.

Lágrimas vieram aos olhos do Sr. Perez. Prossegui.

— Vou atrás do senhor, da sua esposa, dos seus filhos. Vou fuçar e, acredite, descobrirei alguma coisa.

Ele olhou para a cerveja, lágrimas escorrendo-lhe pelas faces. Ele não as secou.

— Maldição.

— O que aconteceu, Sr. Perez?

— Nada.

Ele baixou a cabeça. Aproximei-me alguns centímetros.

— O seu filho matou a minha irmã?

Perez fitou-me, os olhos esquadrinhando o meu rosto como se buscassem desesperadamente encontrar algum tipo de consolo que nunca estaria ali. Permaneci firme.

— Não vou mais conversar com você — disse ele.

— Gil matou a minha irmã? É isso que o senhor está a tentar encobrir?

— Não estamos encobrindo nada.

— Não estou fazendo ameaças em vão, Sr. Perez. Irei atrás do senhor. Irei atrás dos seus filhos.

As mãos dele moveram-se tão depressa que não tive tempo de reagir. Ele me agarrou pelas lapelas com ambas as mãos, puxando-me para perto. Perez era mais de 20 anos mais velho do que eu, porém eu sentia a força dele. Reaprumei-me rapidamente e, lembrando-me de

um dos poucos movimentos de artes marciais que aprendi quando garoto, dei-lhe um golpe num antebraço.

Ele soltou-me. Não sei se pela força do meu golpe ou se por livre e espontânea vontade. Mas ele soltou-me e levantou-se. Levantei-me também. O *barmen* observava-nos agora.

— Precisando de ajuda, Sr. Perez? — perguntou o rapaz.

Lá estava eu com a minha credencial outra vez. — Você declara todas as suas gorjetas às Finanças?

O sujeito retraiu-se. Todo o mundo mente. Todo o mundo mantém certas coisas enterradas. Todo o mundo infringe leis e guarda segredos.

Perez e eu encaramo-nos. Então, ele disse: — Vou simplificar a situação.

Aguardei.

— Se você for atrás dos meus filhos, irei atrás dos seus.

Senti o meu sangue gelar.

— E o que significa isso?

— Significa que eu não me importo com as credenciais que você carrega. Não se ameaça ir atrás dos filhos de um homem.

Ele caminhou até a porta. Pensei nas palavras que acabara de ouvir. Não gostei delas. Peguei no telemóvel e liguei para Muse.

— Investigue tudo sobre os Perez — ordenei.

Capítulo 25

Greta finalmente telefonou-me.

Estava a voltar para casa, no carro, e pelejei para acessar ao maldito voz alta, de modo que o promotor de Essex não acabasse apanhado infringindo a lei.

— Onde está você? — perguntou Greta.

Eu podia ouvir as lágrimas na voz dela.

— A caminho de casa.

— Você importa-se se eu for para lá, encontrá-lo?

— Claro que não. Telefonei antes...

— Eu estava no Tribunal de Justiça.

— O Bob conseguiu fiança?

— Sim. Ele está lá em cima, colocando a Madison na cama.

— Ele contou-lhe...

— A que horas você estará em casa?

— Em quinze, vinte minutos no máximo.

— Vejo-o daqui a uma hora, ok?

Greta desligou antes que eu pudesse responder.

Cara estava acordada quando cheguei a casa. Fiquei feliz por isso. Coloquei-a na cama e divertimo-nos com a nova brincadeira favorita dela, chamada "*Fantasma*". Fantasma é basicamente uma combinação de esconde-esconde com pega-pega. Uma pessoa esconde-se. Quando é descoberta, tenta chegar ao pico antes que aquela que a encontrou a agarre. O que faz da nossa versão um jogo extratolo é que brincamos na cama da Cara. Naturalmente, as opções de esconderijos e a hipótese de alcançar o pico são terrivelmente limitadas. Cara esconde-se debaixo das cobertas e finjo não conseguir encontrá-la.

Então, ela fecha os olhos e eu ponho a cabeça sob o travesseiro. Cara é tão boa no faz de conta quanto eu. Às vezes ponho o meu rosto bem diante dela, para que me enxergue no instante em que abrir os olhos. Ambos rimos como... crianças. É uma brincadeira boba e idiota, que para Cara não tardará a perder a graça, e eu queria que isso nunca acontecesse.

Quando Greta chegou, usando uma cópia da chave que eu lhe dera anos atrás, eu estava tão imerso na alegria da minha filha que quase me esquecera de tudo — rapazes que violam, moças que desaparecem na floresta, *serial killers* que cortam gargantas, cunhados que traem a sua confiança, pais enlutados que ameaçam garotinhas. Mas o ruído da porta trouxe tudo de volta para mim.

— Tenho de ir — disse para a minha filha.

— Só mais uma vez — implorou ela.

— A tia Greta está aqui. Preciso conversar com ela, ok?

— Só mais uma? Por favor?

Crianças sempre suplicarão por mais uma vez. E, se você ceder, pedirão de novo, e de novo. Basta ceder uma vez e a ladainha não para mais. Continuarão pedindo mais. Então, respondi:

— Ok, só mais uma vez.

Cara sorriu e escondeu-se, encontrei-a, ela apanhou-me antes que eu chegasse ao pico, e aí disse que precisava descer. Ela implorou por mais uma vez, e, como posso não ser nada, mas sou firme, beijei-a no rosto e deixei-a suplicante, à beira das lágrimas.

Greta aguardava-me ao pé da escada. Não estava pálida. Tinha os olhos secos. Os lábios, cerrados, acentuando a mandíbula já proeminente.

— O Bob não veio?

— Ele está tomando conta da Madison. E a advogada passará por casa.

— Quem contratou ele?

— Hester Crimstein.

Eu conhecia-a. Ela era boa.

Desci os degraus. Habitualmente, beijo-a no rosto. Não o fiz. Não estava seguro sobre o que fazer exatamente. E também não sabia o que dizer. Greta rumou para a sala. Acompanhei-a. Sentamo-nos no sofá. Tomei-lhe as mãos entre as minhas. Fitei-a, contemplei aquele rosto comum e, como sempre, enxerguei a face de um anjo. Eu adorava a Greta. Realmente adorava-a. Sofri por ela naquele momento.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Você precisa ajudar o Bob. Precisa ajudar-nos.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance. Você sabe.

As mãos dela estavam geladas. Greta baixou a cabeça. Depois encarou-me.

— Você tem de dizer que nos emprestou o dinheiro. — A voz dela soava monocórdica. — Tem de dizer que sabia de tudo. Que nós concordamos pagar-lhe com juros.

Fiquei sentado, imóvel.

— Paul?

— Você quer que eu minta?

— Você acabou de dizer que faria o que estivesse ao seu alcance.

— Você está dizendo... — tive de fazer uma pausa — ... você está dizendo que o Bob tirou o dinheiro? Que ele roubou uma instituição de caridade?

— O Bob tomou o dinheiro emprestado — retorquiu ela, a voz firme.

— Você está brincando, não é?

Greta afastou as mãos das minhas.

— Você não compreende.

— Então explique-me.

— Ele vai para a cadeia. O meu marido. O pai da Madison. O Bob vai para a cadeia. Você consegue entender? As nossas vidas

ficarão completamente arruinadas.

— O Bob deveria ter pensado nisso antes de roubar o dinheiro de uma instituição de caridade.

— Ele não roubou. Tomou emprestado. Tem sido uma dureza para o Bob no trabalho. Você sabia que ele perdeu dois dos maiores clientes?

— Não. Por que ele não me contou?

— O que diria você?

— Então o Bob achou que a solução para o problema seria roubar?

— Ele não... — Greta parou no meio da frase, meneou a cabeça. — Não é tão simples assim. Nós tínhamos assinado o contrato e nos comprometido com a construção da piscina. Cometemos um erro. Ultrapassamos o limite de crédito.

— E o dinheiro da sua família?

— Depois da morte da Jane, os meus pais acharam melhor deixar todo o dinheiro entregue à administração de um banco. Não posso tocá-lo.

Meneei a cabeça.

— E por isso ele roubou?

— Você quer parar de dizer isso? — Greta entregou-me algumas folhas fotocopiadas. — Bob estava mantendo o controle de cada centavo recebido emprestado, com uma taxa de juros de seis por cento. E devolveria assim que se recuperasse dos reveses. Era só uma maneira de nos ajudar a atravessar essa fase difícil.

Analisei a papelada, tentei descobrir alguma coisa que pudesse ajudá-los, algo que me mostrasse que Bob realmente não fizera aquilo de que o acusavam. Mas não havia nada ali. Apenas anotações escritas à mão que poderiam ter sido feitas a qualquer momento. O meu coração apertou-se.

— Você sabia disso? — perguntei-lhe.

— Não é um detalhe relevante.

— Ao diabo que não. Você sabia?

— Não — disse ela. — O Bob não me contou de onde vinha o dinheiro. Mas ouça, você sabe quantas horas de trabalho ele dedicava à fundação? O Bob era diretor. Um homem nessa posição deveria ganhar um salário compatível. No mínimo de cinco dígitos.

— Por favor, diga-me que você não vai justificar o fato desse jeito.

–Vou justificá-lo do jeito que for possível. Amo o meu marido. Você conhece-o. O Bob é um homem bom. Ele tomou o dinheiro emprestado e o devolveria antes que qualquer pessoa percebesse. Esse tipo de arranjo é feito a todo o tempo. Você sabe. Mas, por causa de quem você é e desse maldito caso de violação, a polícia tropeçou na coisa. E por causa de você ser quem é, vão querer fazer do Bob um caso exemplar. Vão destruir o homem que eu amo. E, se o destruírem, destruirão a mim e à minha família. Você consegue entender, Paul?

Sim, eu entendia. Já vira isso antes. Greta estava certa. A família inteira seria triturada. Tentei ir além da minha raiva. Tentei enxergar a situação à maneira de Greta, tentei aceitar as justificações dela.

— Não sei o que você quer que eu faça — disse.

— É sobre a minha vida que estamos a falar.

Retraí-me ao escutá-la.

— Salve-nos. Por favor.

— Mentindo?

— Era um empréstimo. O Bob só não teve tempo de falar com você.

Fechei os olhos, meneei a cabeça.

— Ele roubou uma instituição de caridade. Roubou da fundação da sua irmã.

— Da minha irmã, não — rebateu ela. — Sua.

Deixei passar.

— Quisera eu poder ajudá-la, Greta.

— Você está-nos virando as costas?

— Não lhes estou virando as costas. Mas não posso mentir por vocês.

Ela encarou-me. Fora-se a face de anjo.

— Eu faria isso por você. Você sabe.

Nada respondi.

— Você fracassou com todos na sua vida. Você não cuidou da sua irmã naquele acampamento. E, no final, quando a minha irmã mais estava sofrendo... — Ela calou-se.

A temperatura da sala desceu dez graus. Algo adormecido dentro de mim acordou, insidioso. Olhei-a fixamente.

— Diga. Vá em frente, diga.

— A Jane Care não existe por causa da Jane. Mas por sua causa. É fruto da sua culpa. Minha irmã estava morrendo. Cheia de dores. Eu estava lá, do lado da cama dela. Você, não.

O sofrimento infindável. Os dias transformaram-se em semanas; as semanas, em meses. Eu estava presente. Assisti àquilo tudo. À maior parte, pelo menos. Assisti à mulher que eu adorava, o meu pilar de sustentação, definhar. Vi a luz dos olhos dela extinguir-se lentamente. Senti o cheiro da morte nela, na mulher cujo perfume de lilases me inebriara quando eu a tinha amado ao ar livre certa vez, numa tarde chuvosa. E, já bem no fim, eu não conseguia suportar a assistir ao apagar-se a derradeira luz. Eu desabara. O pior momento da minha vida. Eu desabara, correra, e a minha Jane morrera sem mim. Greta tinha razão. Eu fracassara na vigília. Outra vez. Jamais conseguirei superar isso — e a culpa realmente impelira-me a afundar a Jane Care.

Greta sabia o que eu fizera, claro. E, conforme acabara de salientar, ficara sozinha ao lado da irmã até ao fim. Entretanto, nunca havíamos conversado sobre isso. Numa única vez ela jogara a minha maior vergonha na minha cara. Eu sempre quisera saber se, no fim, Jane perguntara por mim. Se tivera consciência de que eu não estava

presente. Mas nunca perguntara. Pensei em indagar naquele instante, mas que diferença faria? Que resposta me satisfaria? Que resposta eu merecia ouvir?

Greta levantou-se.

— Você não vai ajudar-nos?

— Ajudarei. Só não mentirei.

— Se pudesse salvar a Jane, você teria mentido?

Nada respondi.

— Se mentir tivesse salvado á vida da Jane... se mentir pudesse trazer a minha irmã de volta... você fá-lo-ia?

— Isso é para lá de hipotético.

— Não, não é. Porque é da minha vida que estamos a falar. Você não vai mentir para salvá-la. Uma atitude bastante típica sua, Cope. Você está disposto a fazer qualquer coisa pelos mortos. É para com os vivos que lhe falta misericórdia.

Capítulo 26

Muse enviara-me, por fax, um resumo de três páginas sobre Wayne Steubens.

Conte com Muse. Ela não me encaminhara a ficha completa. Leu-a e mandou-me os pontos principais. A maioria, já do meu conhecimento. Lembro-me, quando Wayne foi preso, como muitos perguntaram por que o rapaz decidira matar os campistas. Teria tido alguma experiência ruim num acampamento de Verão? Um psiquiatra explicara que, embora o assassino não se tivesse manifestado a esse respeito, ele suspeitava que Steubens tivesse sido molestado sexualmente na infância, num acampamento de Verão. Outro psiquiatra, contudo, conjecturava que fora simplesmente a facilidade da matança: Steubens trucidara as suas primeiras quatro vítimas no Acampamento VAP e safara-se. Associara aquele ímpeto, aquela excitação, a acampamentos. E continuara o padrão.

Wayne não trabalhara noutros acampamentos. Naturalmente, teria sido evidente demais. Mas as circunstâncias determinaram a queda dele. Um especialista em perfis psicológicos do FBI, Geoff Bedford, apanhou-o assim. Wayne sempre suscitara alguma desconfiança em relação àquelas quatro primeiras mortes. Então, quando um menino apareceu brutalmente assassinado em Indiana, Bedford passou a olhar com mais atenção para quem pudesse ter estado em todos esses lugares. E os orientadores do acampamento eram o caminho mais óbvio pelo qual começar.

O que me incluíra.

No início, Bedford nada encontrara em Indiana, o local do segundo assassinato. Entretanto, ocorrera um levantamento numa

caixa multibanco em nome de Wayne Steubens a duas cidades de distância de onde acontecera a morte do outro garoto, na Virgínia. Bedford partira para uma investigação mais séria. Wayne Steubens não fizera nenhum levantamento em caixas multibanco de Indiana, mas em Everett, Pensilvânia, e em Columbus, Ohio, num padrão que sugeria uma viagem de carro da casa dele, em Nova York, na direção daqueles estados. Steubens não tinha álibi, e acabaram encontrando um proprietário de um hotel de beira de estrada, perto de Muncie, que reconhecera o rapaz. Bedford investigara um pouco mais e conseguira um mandado de busca.

Foram encontrados objetos das vítimas enterrados no quintal de Steubens. Nenhum deles pertencia às daquele primeiro grupo de assassinatos. Porém, segundo a teoria vigente, tratava-se das primeiras mortes, e, ou ele não tivera tempo de pegar os objetos, ou não pensara em colectá-los.

Wayne recusara-se a falar. Declarara ser inocente. Afirmara ter caído numa cilada.

Acabara condenado pelos crimes na Virgínia e em Indiana, onde havia mais provas. Não existiam provas suficientes para condená-lo pelos assassinatos no Acampamento VAP. E o caso apresentava problemas. Steubens usara apenas uma faca. Como conseguira matar os quatro? Como os atraíra até à mata? Como dispusera de dois dos corpos? Tudo isso podia ser explicado — ele só tivera tempo de se livrar de dois cadáveres, perseguira as vítimas mata adentro —, mas o caso tinha falhas. Já em relação aos homicídios em Indiana e na Virgínia, fora tudo completamente resolvido.

Lucy telefonou-me por volta da meia-noite.

— Como foi com Jorge Perez? — perguntou.

— Você tem razão. Os Perez estão mentindo. Ele também se recusou a conversar.

— Então, qual é o próximo passo?

— Vou visitar Wayne Steubens.

— Sério?

— Sim.

— Quando?

— Amanhã de manhã.

Silêncio.

— Lucy?

— Sim?

— Logo que Wayne foi preso, qual foi a primeira coisa em que você pensou?

— Como assim?

— Wayne teria uns 20 anos naquele Verão?

— Sim.

— Eu era orientador do alojamento vermelho — continuei.— Ele, do amarelo, alguns metros adiante do meu. Nós víamo-nos todos os dias. Jogamos basquete naquela quadra durante uma semana inteira, só nós dois. E, sim, eu o achava um pouco estranho. Mas assassino?

— Não é que fosse necessário exibir uma tatuagem ou algum sinal exterior. Você trabalha com criminosos. Sabe disso.

— Imagino que sim. Você também o conhecia, não?

— Sim.

— O que achava dele?

— Que era um idiota, um inepto.

Sorri, a despeito de mim mesmo.

— Você pensou que Wayne seria capaz disso? — perguntei.

— De quê? De cortar gargantas e enterrar gente viva? Não, Cope. Não pensei.

— Ele não matou Gil Perez.

— Mas matou aquelas outras pessoas. Você sabe.

— É, suponho que sim.

–Vamos, você sabe que tinha de ser ele quem matou a Margot e o Doug. Que outra teoria existe? Que, por acaso, Wayne era

orientador no acampamento onde ocorreram esses crimes e, então, resolveu começar a matar também?

— Não é impossível — respondi.

— Hein?

— Talvez aquelas mortes tenham, de algum modo, induzido Wayne. Talvez ele possuísse esse potencial e, naquele Verão, trabalhando como orientador num acampamento onde gargantas apareceram cortadas... talvez tenha sido o elemento catalisador.

— Sinceramente, você acredita nessa teoria?

— Creio que não, mas quem sabe?

— De uma coisa me recordo muito bem — disse ela.

— Do quê?

— Wayne era um mentiroso patológico. Como psicóloga, agora sei o termo técnico para esse comportamento. Você lembra-se? Ele mentia sobre qualquer coisa. Apenas por mentir. Era a reação natural dele. Mentia até sobre o que tinha comido ao pequeno-almoço.

Refleti por um instante.

— Sim, estou lembrado. Em parte, acho que só para se gabar, coisa normal num acampamento. Um garoto rico que tentava entrosar-se connosco, os menos favorecidos. Ele dizia que era traficante de drogas. Que pertencia a um gangue. Falava da namorada que tinha posado para a Playboy. Um monte de besteiras.

— Lembre-se disso quando conversar com ele.

— Eu lembrar-me-ei.

Silêncio. Aquela coisa insidiosa que às vezes me corroía por dentro fora-se. Agora, outras sensações, outrora entorpecidas, despertavam. Continuava existindo algo em relação à Lucy. Não sei se era real, ou fruto da nostalgia, ou o resultado de todo esse stresse, porém eu sentia-o e não queria ignorá-lo, embora soubesse que teria de fazê-lo.

— Você ainda está na linha? — perguntou ela.

— Sim.

— É um pouco esquisito, não? Nós dois.

— Sim.

— Então, saiba que você não está sozinho — disse Lucy. — Estou sentindo isso tudo também, ok?

— Ok.

— Ajuda-o saber?

— Sim. E ajuda você?

— Sim. Seria uma droga se apenas eu me estivesse sentindo assim.

Sorri.

— Boa noite, Cope.

— Boa noite, Lucy.

Assassinos em série — ou, pelo menos, uma consciência extremamente pesada — devem ser bastante livres de stresse, porque Wayne Steubens pouco envelhecera em 20 anos. Ele fora um rapaz bonito quando eu o conhecera. Ainda era. Usava os cabelos bem curtos agora, muito diferente daquela cabeleira ondulante e revolta, porém o corte caía-lhe bem. Eu sabia que lhe era permitida uma única hora por dia fora da cela, mas não havia dúvidas de que costumava passá-la sob o sol, pois nada tinha da típica palidez da cadeia.

Wayne Steubens brindou-me com um sorriso vitorioso, quase perfeito.

— Você veio aqui para me convidar para uma reunião de acampamento?

— Vamos realizá-la no Salão Rainbow, em Manhattan. Espero bem que você possa comparecer.

Ele deu uma boa gargalhada, como se eu tivesse contado a piada mais engraçada do mundo. Embora não se tratasse realmente de um interrogatório, essa conversa seria uma troca, um dar e receber. Wayne tinha sido interrogado pelos melhores agentes federais do planeta. Fora esquadrinhado por psiquiatras que conheciam todos os

truques contidos no *Manual do Psicopata*. Abordagens normais não funcionariam aqui. Nós tínhamos um passado. Tínhamos sido até, de algum modo, amigos. Eu precisava usar isso.

A gargalhada transformou-se num riso à socapa, e, então, o sorriso desapareceu.

— Ainda o chamam de Cope?

— Sim.

— Então, como vai você, Cope?

— Tudo azul — respondi.

— Tudo azul — repetiu ele. — Você fala como o tio Ira.

No acampamento, nós costumávamos chamar os mais velhos de tio e tia.

— Ira era um homem doidão, não, Cope?

— Era maluco mesmo.

— É verdade. — Wayne desviou o olhar. Tentei fitar os olhos azul-claros, porém ele os dardejava de lá para cá. Perguntei-me se estaria sob efeito de medicação. Provavelmente, sim. Perguntei-me por que eu não verificara isso antes.

— Então — continuou ele —, você vai dizer-me por que realmente está aqui? — Antes que eu pudesse responder, Wayne levantou a mão. — Não, espere, não me diga. Ainda não.

Eu esperara algo diferente. Não sei o quê, exatamente. Esperara que apresentasse sinais exteriores de loucura, ou algum comportamento típico. Por louco, refiro-me aos lunáticos delirantes que costumamos imaginar quando pensamos em *serial killers* — o olhar penetrante, a intensidade, o lamber dos beiços, o abrir e fechar dos punhos, a fúria palpável logo abaixo da superfície. Mas não percebi nada disso em Wayne. Por comportamento típico, refiro-me ao tipo de sociopata com quem cruzamos todos os dias, o sujeito polido que sabemos estar mentindo e que é capaz das coisas mais horripilantes. Eu tampouco percebia tal vibração.

O que percebi em Wayne foi algo muito mais assustador.

Sentado ali, conversando — o homem que, muito provavelmente, matara a minha irmã e, pelo menos, mais outras sete pessoas —, parecia-me normal. Ok, até.

— Passaram-se 20 anos, Wayne. Preciso saber o que aconteceu naquela floresta.

— Por quê?

— Porque a minha irmã continua lá.

— Não, Cope, não foi isso o que eu perguntei. — Ele inclinou-se um pouco para a frente. — Porquê agora? Como você mesmo disse, passaram-se 20 anos. Então, porquê, velho amigo, precisa você saber agora?

Os olhos dele fixaram-se nos meus. Procurei permanecer firme. Reversão de papéis: o psicótico estava a tentar descobrir se eu mentia.

— Interessante o *timing*.

— Por que você diz isso?

— Porque você não é a minha única visita surpresa recente.

Assenti devagar, esforçando-me para não me mostrar ansioso demais.

— Quem mais veio vê-lo?

— Por que eu deveria dizer-lhe?

— Por que não?

Wayne Steubens recostou-se na cadeira.

— Você ainda é um homem boa-pinta, Cope.

— Você também — retorqui. — Mas creio que namoro esteja fora de cogitação.

— Na verdade, eu deveria estar chateado com você.

— É mesmo?

— Você estragou aquele Verão para mim.

Compartimentar. Falei sobre isso antes. Sei que o meu rosto nada demonstrava, mas era como se uma navalha me cortasse por dentro. Eu estava de conversa fiada com um assassino em série. Olhei as mãos dele. Imaginei o sangue. Imaginei a lâmina contra a garganta

exposta. Aquelas mãos. Aquelas mãos aparentemente inócuas agora cruzadas sobre o tampo da mesa de metal. O que essas mãos haviam feito? Conservei a respiração regular.

— Como estraguei o seu Verão? — indaguei.

— Ela teria sido minha.

— Quem teria sido sua?

— A Lucy. Ela estava pronta para namorar alguém naquele Verão. Se você não estivesse lá, eu teria mais do que uma hipótese, se é que me entende.

Apesar de não ter a certeza sobre o que dizer, embarquei nessa.

— Pensei que você estivesse interessado na Margot Green.

Ele sorriu. — Ela tinha um corpão, hein?

— De fato.

— Era uma provocadora de marca maior. Você lembra daquela vez quando estávamos na quadra de basquete?

Lembrei-me. Instantaneamente. Engraçado como a coisa funciona. Margot era a boazona do acampamento. E sabia disso. Vivia usando uma blusa de frente única cujo único propósito era ser mais indecente do que a nudez real. Naquele dia, uma menina se feriu muito jogando vôlei. Não me lembro do nome da garota. Acho que partira a perna, mas quem ainda se recorda disso? O que todos nós lembrávamos — a imagem que eu partilhava agora com esse pervertido — era Margot Green, em pânico, correndo pela quadra de basquete metida naquela maldita frente única, tudo balançando, gritando por ajuda, e todos nós, talvez uns trinta, quarenta meninos, simplesmente parando e encarando-a, boquiabertos.

Sim, homens são porcos. Mas os adolescentes também o são. É um mundo estranho. A natureza exige que machos entre, digamos, 14 e 17 anos, se mexam, movidos por hormônios, ereções ambulantes.

Não se pode evitá-lo. Entretanto, de acordo com a sociedade, você é jovem demais para fazer qualquer coisa a esse respeito, exceto sofrer. E esse sofrimento é elevado à potência máxima quando perto

de uma Margot Green.

— Deus tem um sentido de humor e tanto, você não acha?

— Eu lembro-me — disse.

— Que provocadora — comentou Wayne. — Você sabe que ela dispensou o Gil?

— Margot?

— Sim. Pouco antes do assassinato. — Um arquear de sobrancelhas. — Faz a gente pensar, não?

Não me mexi. Permiti-lhe que falasse, na esperança de que dissesse mais. Ele disse.

— Eu a tive, sabe. A Margot. Mas ela não era tão boa quanto a Lucy. — Wayne levou a mão à boca, como se houvesse deixado escapar mais do que pretendia. Uma performance e tanto. Permaneci muito quieto.

— Você sabia que nós tínhamos vivido uma paixão antes da sua chegada ao acampamento, não? A Lucy e eu.

— Ha ha.

— Você parece um pouco pálido, Cope. Não está com ciúmes, está?

— Isso aconteceu há 20 anos.

— Sim, eu sei. E, para ser sincero, não consegui ir muito longe. Aposto que você conseguiu ir mais longe, Cope. Aposto que você colheu aquela flor, não é?

Ele estava a tentar tirar-me do sério. Eu não faria aquele jogo.

— Um cavalheiro nunca conta segredos de alcova — respondi.

— Certo, claro. E não me entenda mal. Com vocês os dois era diferente. Até um cego poderia enxergar o que estava acontecendo. Você e a Lucy gostavam-se de verdade. Era muito especial, não?

Ele sorriu-me e piscou rapidamente.

— Sim — concordei —, mas muito tempo atrás.

— Você realmente não acredita nisso, acredita? Envelhecemos, claro, mas, de muitas maneiras, ainda somos os mesmos de antes.

Você não acha?

— Na verdade, não, Wayne.

— Bem, suponho que a vida continue. Eles permitem-nos acesso à internet aqui. Nada de sites pornográficos, ou algo parecido, e também vistoriam os nossos levantamentos de informações. Fiz uma pesquisa na rede sobre você. Sei que é viúvo e que tem uma filha de 6 anos. Mas não consegui encontrar o nome da menina. Como se chama ela?

Desta vez, não consegui evitar — o efeito foi visceral. Ouvir esse psicopata mencionar a minha filha era pior do que ter a fotografia da Cara no meu escritório. Engoli a sensação e fui direto ao assunto.

— O que aconteceu naquela mata, Wayne?

— Pessoas morreram.

— Não faça joguinhos comigo.

— Apenas um de nós está escondendo o jogo, Cope. Se quer a verdade, comecemos por você. Por que está aqui, agora? Hoje? Porque o *timing* não é pura coincidência. Nós dois sabemos disso.

Olhei para trás. Eu sabia que estávamos sendo observados de fora. Eu requisitara uma entrevista sem escuta. Sinalizei para que alguém entrasse. Um carcereiro abriu a porta.

— Sim, senhor?

— O Sr. Steubens recebeu alguma visita nas últimas duas semanas?

— Sim. Uma.

— De quem?

— Posso informar-me sobre o nome, se o senhor quiser.

— Por favor, faça-o.

O carcereiro retirou-se. Voltei-me para Wayne. Ele não se mostrou aborrecido.

— *Touché*. Mas não havia necessidade de pedir ajuda ao carcereiro. Eu mesmo lhe direi. Um homem chamado Curt Smith.

— Não reconheço esse nome.

— Ah, mas Curt Smith conhece-o. Ele trabalha para uma agência, a AIV.

— Detective particular?

— Sim.

— E Curt Smith veio aqui porque queria — agora eu entendia, aqueles malditos filhos-da-mãe — levantar os podres da minha vida.

Wayne Steubens tocou de leve o nariz e, então, apontou para mim.

— O que o sujeito lhe ofereceu? — indaguei.

— O patrão dele é um importante ex-agente federal. Smith disse que ele poderia conseguir que eu recebesse um tratamento melhor aqui dentro.

— Você contou-lhe algo?

— Não. Por dois motivos. Um, a oferta era uma completa besteira. Um ex-agente federal não pode fazer nada por mim.

— E dois?

Wayne Steubens inclinou-se para a frente. Certificou-se de que eu o olhava dentro dos olhos.

— Quero que você preste atenção, Cope. Quero que preste muita atenção.

Enfrentei o olhar dele.

— Fiz muita coisa ruim na vida. Não vou entrar em detalhes. Não há necessidade. Cometi erros. Estou aqui há 18 anos, neste buraco, pagando por eles. O meu lugar não é aqui. Não é mesmo. Não vou falar sobre Indiana, ou Virgínia, nem de nada daquilo. As pessoas que morreram lá... não as conhecia. Eram estranhos.

Ele parou, fechou os olhos, esfregou o rosto. O rosto de Steubens era quadrado, e a tez, brilhante, quase cerosa. Abriu os olhos, tornou a certificar-se de que eu o continuava fitando. Eu continuava. Não poderia desviar o olhar mesmo se quisesse. Ele prosseguiu.

— Mas... E esse é o motivo número dois, Cope... Não faço ideia

do que aconteceu naquela floresta há 20 anos atrás. Porque eu não estava lá. Não sei o que aconteceu com os meus amigos... não estranhos, Cope, amigos... Margot Green, Doug Billingham, Gil Perez e a sua irmã.

Silêncio.

— Você matou aqueles meninos em Indiana e na Virgínia? — perguntei.

— Você acreditaria se eu dissesse não?

— As provas eram muitas.

— Sim, eram.

— Mas você insiste em declarar inocência.

— Sim.

— Você é inocente, Wayne?

— Vamos focar uma coisa de cada vez, está bem? Estou-lhe a falar sobre aquele Verão. Estou-lhe a falar sobre aquele acampamento. Não matei ninguém lá. Não sei o que aconteceu naquela mata.

Permaneci em silêncio.

— Você é promotor agora, certo?

Assenti.

— As pessoas estão remexendo no seu passado. Entendo isso. Eu realmente não daria muito importância ao fato. Mas agora você está aqui também. O que significa que algo aconteceu. Algo novo. Algo envolvendo aquela noite?

— Aonde você quer chegar, Wayne?

— Você sempre pensou que eu os matei. Mas agora, pela primeira vez, não tem tanta certeza assim, não é?

Nada respondi.

— Alguma coisa mudou. Posso ver no seu rosto. Pela primeira vez você se pergunta seriamente se eu tive mesmo algo a ver com aquela noite. E, se você descobriu alguma coisa nova, tem obrigação de me contar.

— Não tenho obrigação nenhuma, Wayne. Você não foi

julgado por aqueles crimes. Você foi julgado e condenado pelos homicídios em Indiana e na Virgínia.

Ele abriu os braços.

— Então, que mal faz em contar-me o que descobriu?

Reflecti por alguns segundos. Wayne não deixava de ter uma certa razão. Se eu lhe dissesse que Gil Perez ainda estava vivo, isso não subverteria as condenações dele — porque ele não fora condenado pela morte de Gil —, mas serviria para lançar uma sombra de longo alcance. Um caso envolvendo um *serial killer* é um pouco como um prédio de cadáveres: se você descobre que uma vítima não foi assassinada — pelo menos não naquela ocasião, e não pelo seu *serial killer* —, o prédio de cadáveres pode ser facilmente implodido.

Decidi-me pela prudência, até então. Até obtermos uma identificação positiva de Gil Perez, não havia razão para dizer alguma coisa. Fitei-o. Ele seria louco? Eu achava que sim. Entretanto, como poderia ter a certeza? De qualquer maneira, já descobrira tudo o que podia naquela entrevista. Assim, levantei-me.

— Adeus, Wayne.

— Adeus, Cope.

Caminhei para a porta.

— Cope?

Virei-me.

— Você sabe que eu não os matei, não sabe?

Não respondi.

— E, se eu não os matei, você tem de se perguntar sobre tudo o que aconteceu naquela noite. E não apenas sobre o que aconteceu com a Margot, o Doug, o Gil e a Camille. Mas também sobre o que aconteceu comigo. E com você.

Capítulo 27

— Ira, olhe para mim um instante.

Lucy esperou até o pai estar num momento de maior lucidez. Sentou-se à frente dele, no quarto. Ira havia desenterrado os velhos discos de vinil. Viam-se capas com um James Taylor cabeludo em *Sweet Baby James*, outra dos Beatles atravessando *Abbey Road* (com Paul descalço e, portanto, "morto"). Marvin Gaye usava uma echarpe na foto do *Whats Going On* e Jim Morrison exalava sexualidade na capa do álbum original dos *Doors*.

— Ira?

Ele sorria para uma foto antiga, dos tempos de acampamento. O Fusca amarelo tinha sido decorado pelas meninas mais velhas do alojamento. Elas haviam coberto o carro de flores e símbolos de paz e amor. Ira estava no meio da turma, os braços cruzados. As garotas, rodeando o Fusca. Todo o mundo usando short, camiseta, sorrisos luminosos no rosto. Lucy lembrava-se desse dia. Fora um dia bom, um daqueles que você guarda numa caixa, no fundo da gaveta, e tira para olhar quando se está sentindo particularmente melancólico.

— Ira?

Ele virou-se para encará-la.

— Estou ouvindo.

No gira-discos, o hino contra a guerra, um clássico de Barry McGuire de 1965, *Eve of Destruction*. Apesar de inquietante, essa canção sempre confortara Lucy. A letra pinta um painel devastadoramente sombrio do mundo. McGuire canta sobre o mundo explodindo, sobre corpos no rio Jordão, sobre o medo da deflagração de um conflito nuclear, sobre o ódio na China comunista e em Selma,

Alabama (uma rima forçada, mas que funcionou), sobre toda a hipocrisia e todo o ódio no mundo — e, no refrão, ele quase desbocadamente pergunta como o ouvinte pode ser tão ingênuo para pensar que não estamos nas vésperas da destruição.

Então, por que a música a confortava?

Por expressar a verdade. O mundo era esse lugar terrível, pavoroso. O planeta estivera, então, à beira da destruição. Mas sobrevivera — alguns poderiam até dizer que prosperara. O mundo parece bastante horrível hoje também. Não se pode acreditar que sobreviveremos. O mundo de McGuire fora assim, igualmente assustador. Talvez mais. Bastou voltar 20 anos atrás: Segunda Guerra Mundial, nazismo. O que deveria ter feito os anos 1960 se assemelharem à Disneylândia. Sobrevivemos àquilo também.

Sempre parecemos estar nas vésperas da destruição. E sempre parecemos capazes de superá-la.

Talvez todos nós sobrevivamos à destruição que temos forjado.

Ela meneou a cabeça. Tão ingênuo. Não deveria cair nessa.

A barba de Ira fora aparada. Mas os cabelos continuavam revoltos, o grisalho adquirindo uma coloração quase azulada. As mãos tremiam, e Lucy se perguntou se talvez o mal de Parkinson se avizinhava. Os derradeiros anos do pai, ela sabia, não seriam bons. Mas a verdade era que tinha havido poucos anos bons nas duas últimas décadas.

— O que foi, querida?

A preocupação dele era visível. Esse fora um dos maiores e mais verdadeiros encantos de Ira — ele importava-se sinceramente com as pessoas. Sempre fora um grande ouvinte. Percebia a dor dos outros e queria encontrar um meio de suavizá-la. Todo o mundo notava essa empatia em Ira — cada campista, cada pai, cada amigo. E, sendo você a única filha dele, a pessoa a quem ele amava acima de tudo o mais, era como ser aquecida pela manta mais quente no mais frio dos dias.

Deus, ele havia sido um pai tão espetacular. Sentia tanta falta daquele homem.

— De acordo com o livro de registos, um tal de Manolo Santiago veio visitá-lo. — Ela inclinou a cabeça. — Você lembra-se disso, Ira?

O sorriso dele desapareceu.

— Ira?

— Sim. Eu lembro-me.

— O que queria Manolo Santiago?

— Conversar.

— Conversar sobre o quê?

Ele cerrou os lábios, selando-os.

— Ira?

Um meneio de cabeça.

— Por favor, conte- me.

Ira abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Quando, por fim, falou, a voz não passava de um sussurro.

— Você sabe a respeito do que ele queria falar?

Lucy olhou de soslaio. Estavam sozinhos no quarto. *Eve of Destruction* terminara. Os Mamas and the Papas tinham vindo dizer-lhes que todas as folhas estavam escuras.

— O acampamento? — indagou ela.

Ele assentiu.

— O que Manolo Santiago queria saber?

Ele começou a chorar.

— Ira?

— Eu não queria voltar lá.

— Eu sei que não.

— Ele ficava-me perguntando.

— Perguntando o que, Ira? Ele fez perguntas a respeito de quê?

— Por favor... — Ira cobriu o rosto com as mãos.

— Por favor o quê?

— Não posso mais voltar lá. Você entende? Não posso voltar.

— Nada mais pode feri-lo.

Ira continuou cobrindo o rosto com as mãos. Os ombros trêmulos.

— Aqueles pobres garotos.

— Ira? — Ele parecia terrivelmente aterrorizado. — Pai?

— Decepcionei a todos.

— Não, não decepcionou.

Os soluços eram incontroláveis. Lucy ajoelhou-se à frente dele, lágrimas vindo-lhe aos olhos também.

— Por favor, pai, olhe para mim.

Ele recusou-se. A enfermeira, Rebecca, pôs a cabeça no vão da porta.

— Vou buscar algo para ele tomar.

Lucy levantou a mão.

— Não. — Mais choro.

— Acho que o Sr. Silverstein precisa de medicação para se acalmar.

— Ainda não. Estamos apenas... por favor, deixe-nos sozinhos.

— Tenho as minhas responsabilidades.

— Ele está bem. É uma conversa particular. Ele está ficando emotivo, é só isso.

— Vou chamar o médico.

Antes que Lucy pudesse dizer não, a enfermeira afastou-se.

— Ira, por favor, escute.

— Não...

— O que você falou com Manolo Santiago?

— Eu não podia proteger todo mundo. Você entende?

Não, não entendia. Lucy tomou o rosto do pai nas mãos e tentou erguê-lo. O grito dele quase a fez cair de costas. Ela soltou-o. Ira atirou-se contra o encosto da cadeira, derrubando-a no chão.

Então, encolheu-se num canto do quarto.

— Não...!

— Está tudo bem, pai. Está...

— Não!

A enfermeira Rebecca entrou na companhia de duas mulheres. Lucy reconheceu uma delas, a médica. A outra, provavelmente também enfermeira, tinha uma seringa nas mãos.

— Está tudo bem, Ira — falou Rebecca.

As três começaram a avançar. Lucy postou-se no meio do caminho.

— Saiam.

A médica — o crachá identificava-a como Julie Contrucci — pigarreou.

— O Sr. Silverstein está muito agitado.

— Eu também — retorquiu Lucy.

— O quê?

— Você disse que ele está agitado. Grande coisa. Estar agitado faz parte da vida. Às vezes também me sinto agitada. Você sente-se agitada às vezes, não se sente? Por que ele não pode?

— Porque o Sr. Silverstein não está bem.

— Ele está bem. Preciso que fique lúcido por mais alguns instantes.

Ira deixou escapar outro soluço.

— Você chama isso de lúcido?

— Preciso de tempo com ele.

A Dra. Contrucci cruzou os braços sobre o peito.

— Não cabe a você decidir.

— Sou a filha dele.

— O seu pai está aqui voluntariamente. Ele pode ir e vir quando quiser. Nenhum juiz o declarou incapacitado. Cabe a ele resolver.

Contrucci fitou Ira.

— O senhor quer um sedativo, Sr. Silverstein?

Os olhos de Ira dardejavam de lá para cá, como os de um animal encurralado.

— Sr. Silverstein?

Ele olhou para a filha. Recomeçou a chorar.

— Eu não disse nada, Lucy. O que poderia dizer-lhe?

Novamente os soluços. A médica fitou Lucy.

Lucy olhou para o pai. — Está tudo bem, Ira.

— Eu amo-a, Lucy.

— Eu também o amo.

As enfermeiras aproximaram-se. Ira estendeu o braço, sorrindo sonhadoramente quando a agulha o espetou. A cena fez Lucy lembrar-se da infância. O pai sempre fumara maconha na frente dela, sem a menor preocupação. Lembrava-se de observá-lo tragar profundamente, aquele sorriso sonhador nos lábios. E, agora, perguntava-se por que ele precisara daquilo. Recordava-se de como a coisa piorara depois do incidente no acampamento. Durante toda a sua infância as drogas haviam sido apenas uma parte dele — uma parte do "movimento". Mas agora tinha as suas dúvidas. Assim como acontecia em relação ao seu problema com o álcool. Será que algum gene que induzia ao vício estava em ação? Ou estaria Ira, assim como ela, valendo-se de agentes exteriores — drogas, bebida — para escapar, para se anestesiar, para não encarar a verdade?

Capítulo 28

— Por favor, diga que você está brincando.

Geoff Bedford, agente especial do FBI, e eu estávamos numa dessas pastelarias típicas, com folhas de alumínio por fora e as paredes interiores cobertas de fotos autografadas de apresentadores das emissoras locais de TV. Em boa forma física, Bedford ostentava um bigodão com as pontas duras de gel. Eu tinha a certeza de já haver visto um daqueles na vida real antes, só não conseguia lembrar-me onde. Fiquei o tempo inteiro esperando que mais uns três outros personagens se reunissem a ele, para que o quarteto funcionasse em pleno.

— Não estou — respondi.

A empregada apareceu. Não nos chamou de queridos. Odeio isso. Bedford estive a ler o menu, mas pediu apenas café. Entendi a mensagem e pedi o mesmo. Devolvemos os cardápios à empregada. Bedford esperou até que ela se afastasse.

— Steubens cometeu aqueles crimes, isso está fora de discussão. Ele assassinou aqueles garotos. Nunca houve nenhuma dúvida no passado. Não há nenhuma dúvida agora. E não estou simplesmente a referir-me à possibilidade de uma dúvida razoável. Não há, absolutamente, dúvida nenhuma.

— As primeiras mortes. As quatro na mata.

— O quê acerca delas?

— Não nenhuma prova que as ligassem às mortes em Indiana e na Virgínia — comentei.

— Não, nenhuma prova física.

— Quatro vítimas — disse. — Duas das vítimas, mulheres

jovens. Margot Green e a minha irmã.

— Isso mesmo.

— Mas nenhuma das outras vítimas de Steubens era do sexo feminino.

— Correto.

— Todos os outros eram rapazes entre 16 e 18 anos. Você não acha estranho?

Ele olhou-me como se, de repente, eu tivesse duas cabeças.

— Ouça, Dr. Copeland, concordei em vê-lo porque, primeiro, você é promotor e, depois, porque a sua própria irmã morreu nas mãos daquele monstro. Mas essa linha de interrogatório...

— Acabei de fazer uma visita a Wayne Steubens.

— Estou ciente disso. E deixe-me dizer algo: aquele psicopata é um mentiroso dos mais talentosos.

Lembrei-me de que Lucy dissera o mesmo. Também me lembrei de Wayne ter dito que ele e Lucy haviam vivido uma paixoneta antes da minha chegada ao acampamento.

— Eu sei — respondi.

— Não tenho a certeza de que você realmente saiba. Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Faz 20 anos que Wayne Steubens tem feito parte da minha vida. Pense nisso. Sou testemunha de como esse mentiroso pode ser convincente.

Incerto sobre qual o curso de ação a adotar, comecei com cautela.

— Uma nova prova veio à luz — disse.

Bedford franziu o cenho. As pontas dos bigodes caíram com os lábios.

— Do que está você a falar?

— Você sabe quem é Gil Perez?

— Claro que sim. Conheço tudo e todos envolvidos nesse caso.

— Você nunca encontrou o corpo dele.

— De fato. E também não encontramos o corpo da sua irmã.

— Como se explica isso?

— Você esteve naquele acampamento. Conhece a área.

— Sim.

— Sabe quantos hectares tem aquela mata?

— Sim.

Ele ergueu a mão direita e olhou para ela.

— Sra. Agulha? — disse, levantando a mão esquerda. — Quero que conheça o meu amigo, o Sr. Palheiro.

— Wayne Steubens é um homem relativamente pequeno.

— E daí?

— E daí que o Doug tinha mais de um metro e oitenta. Gil era um garoto forte. Como acha você que Wayne conseguiu surpreender ou dominar todos os quatro?

— Ele tinha uma faca, foi assim que aconteceu. Margot Green estava amarrada. Steubens simplesmente cortou a garganta dela. Não temos a certeza quanto à ordem dos outros. Talvez eles também estivessem amarrados. Em lugares diferentes da mata. Não sabemos exatamente. Steubens perseguiu Doug Billingham. O corpo de Billingham estava numa cova rasa, a uns oitocentos metros do de Margot. Ele levou diversas facadas e também apresentava alguns ferimentos defensivos nas mãos. Encontramos sangue e roupas que pertenciam à sua irmã e a Gil Perez. Você sabe de tudo isso.

— Sim, eu sei.

Bedford inclinou a cadeira para trás, de modo que apenas a ponta dos seus pés tocava o chão.

— Então, diga-me, Dr. Copeland, qual é a nova prova que repentinamente veio à luz?

— Gil Perez.

— O que tem ele?

— Gil não morreu naquela noite. Ele morreu esta semana.

A cadeira desabou para a frente. — Como é que é?

Contei-lhe sobre Manolo Santiago ser Gil Perez. Eu diria que

ele parecia céptico, mas isso conta mais a meu favor do que a realidade. Na realidade, o agente Bedford fitava-me como se eu estivesse a tentar convencê-lo de que o Coelhinho da Páscoa existia.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse ele, quando terminei o relato. A empregada voltou com os nossos cafés. Bedford esperou, levou a xícara à boca cuidadosamente e conseguiu não mergulhar o bigode. — Os pais de Perez negam que seja o filho. Os investigadores de Manhattan não acreditam que seja ele. E você está a dizer-me...

— É ele.

Bedford deu uma risadinha.

— Acho que você já tomou o suficiente do meu tempo, dr.Copeland.

Ele depositou a xícara na mesa e começou a levantar-se.

— Sei que é o Gil. É só uma questão de tempo até eu o provar.

Bedford deteve-se. — Sabe de uma coisa — disse ele. — Vamos jogar o seu jogo. Digamos que o sujeito seja realmente Gil Perez. Que ele sobreviveu àquela noite.

— Ok.

— Isso não salva Wayne Steubens de nada. Absolutamente. Existe muita gente — ele olhou duramente para mim naquele instante — que acredita que talvez Steubens tenha tido um cúmplice nos primeiros assassinatos. Você mesmo perguntou como ele poderia matar tantos. Bem, se havia dois assassinos e apenas três vítimas, é bem mais fácil, você não acha?

— Então agora você pensa que talvez Gil fosse cúmplice?

— Não. Diabo, eu nem acredito que ele tenha sobrevivido. Estou apenas levantando hipóteses. Caso aquele corpo na morgue de Manhattan acabe sendo o de Gil Perez.

Adicionei um pacote de adoçante e um pouco de leite ao meu café.

— Você conhece Sir Arthur Conan Doyle? — indaguei.

— O sujeito que escreveu Sherlock Holmes.

— Exatamente. Um dos axiomas de Sherlock é mais ou menos assim: "*É um grande erro teorizar antes de ter os dados, porque se começam a distorcer os fatos para encaixá-los nas teorias, em vez de as teorias se encaixarem nos fatos*".

— Você está começando a encher-me a paciência, Dr. Copeland.

— Eu apresentei-lhe um fato novo. Em vez de tentar repensar o que aconteceu, você de imediato encontrou um jeito de distorcer aquele fato para encaixá-lo na sua teoria.

Ele encarou-me. Não o culpei. Eu estava agindo pesado, mas tinha de pressioná-lo.

— Você sabe alguma coisa do passado de Wayne Steubens? — perguntou Bedford.

— Um pouco.

— Ele encaixa-se perfeitamente no perfil psicológico.

— Perfis não são provas — retorqui.

— Mas ajudam. Por exemplo, você sabe que os animais da vizinhança começaram a sumir quando Steubens era adolescente?

— Sério? Bem, é toda a prova de que preciso.

— Posso dar-lhe um exemplo para ilustrar?

— Por favor.

— Temos uma testemunha ocular disso. Um garoto chamado Charlie Kadison, que não falou nada na época porque estava apavorado demais. Quando Wayne Steubens tinha 16 anos, ele enterrou um pequeno cachorro branco. A raça tem um nome em francês...

— *Bichon Frise*?

— É isso. Steubens enterrou o cachorro até o pescoço, de um modo que somente a cabeça ficasse para fora. O bicho não se podia mexer.

— Comportamento doentio.

— Não, a coisa é bem pior.

Bedford sorveu, cuidadosamente, outro gole do café. Devolveu a xícara à mesa e secou os lábios ao de leve com um guardanapo. Prosseguiu:

— Então, depois de enterrar o cão, o seu velho companheiro de acampamento foi até à casa desse menino, Kadison. A família tinha um daqueles carrinhos de cortar relva. Pediu o carrinho emprestado e... — Ele parou, olhou para mim e inclinou a cabeça.

— Aaaah. — disse.

— Tenho outros casos iguais. Talvez uma dúzia.

— E, ainda assim, Wayne Steubens conseguiu arranjar trabalho num acampamento...

— Que surpresa. Aquele Ira Silverstein parecia tão empenhado em verificar antecedentes...

— E ninguém pensou em Wayne quando os primeiros assassinatos aconteceram?

— Não sabíamos de nada disso. Em primeiro lugar, a polícia local assumiu a investigação dos homicídios no Acampamento VAP, não nós. Não se tratava de um crime que acionasse o FBI. Não a princípio. E as pessoas estavam apavoradas demais para se apresentarem. Pessoas como Charlie Kadison. Você deve lembrar-se que Steubens vinha de uma família rica. O pai morreu quando ele era bem novo, mas a mãe sempre lhe deu cobertura, subornava as pessoas, fazia qualquer coisa. Uma mulher superprotetora. Muito conservadora. Muito rígida.

— Mais um item conferido no seu pequeno kit do perfil de *serial killers*!

— Não se trata apenas do perfil, Dr. Copeland. Você conhece os fatos. Steubens mora em Nova York, mas, de alguma maneira, conseguiu estar em todas essas três áreas, Virgínia, Indiana, Pensilvânia, quando os assassinatos aconteceram. Quais são as hipóteses de ser puro acaso? É a gota d'água, claro. Com o mandado

de busca, encontramos objetos de todas as vítimas na propriedade dele.

— Não de todas as vítimas — disse.

— De vítimas suficientes.

— Mas nada que pertencesse aos primeiros quatro campistas.

— Correto.

— Por que não?

— O meu palpite? Steubens provavelmente estava com pressa. Ainda devia estar a descartar-se dos corpos. Não tinha mais tempo.

— Mais uma vez, parece-me uma pequena distorção dos fatos — insisti.

Bedford recostou-se na cadeira e fitou-me atentamente.

— Então, qual é a sua teoria, Dr. Copeland? Porque estou morrendo de curiosidade em ouvi-la.

Nada disse.

Ele abriu os braços. — Que o *serial killer* que cortava gargantas de campistas em Indiana e na Virgínia também vinha a ser orientador num acampamento de Verão onde pelo menos duas outras vítimas tiveram as gargantas cortadas?

Bedford não deixava de ter razão. Eu estivera analisando o caso de início e não era capaz de tentar outra abordagem.

— Você conhece os fatos, distorcidos ou não. Você é promotor. Diga-me o que acha que aconteceu.

Pensei um pouco. Ele aguardou. Pensei um pouco mais.

— Ainda não sei — disse. — Talvez seja cedo demais para teorizar. Talvez precisemos de reunir mais fatos.

— E, enquanto você faz isso — devolveu Bedford —, um psicopata como Wayne Steubens mata mais alguns campistas.

Ele tinha razão. Pensei nas provas de violação contra Jenrette e Marantz. Se você olhasse a coisa objetivamente, veria que havia diversas — e provavelmente mais — provas contra Wayne Steubens.

Ou, pelo menos, tinha havido.

— Ele não matou Gil Perez — afirmei.

— Eu ouvi-o. Ok, tire esse detalhe da equação, para o bem desta nossa conversa. Digamos que Steubens não tenha matado o garoto Perez. — Bedford ergueu ambas as mãos para o alto. — Como é que você fica, então?

Reflecti um pouco. Fico, pensei, perguntando-me o que diabo realmente aconteceu com a minha irmã.

Capítulo 29

Uma hora depois eu estava no avião. A porta nem sequer tinha sido fechada quando Muse me ligou.

— Como foi com Steubens? — perguntou ela.

— Conto-lhe mais tarde. Como foi no fórum?

— Moções e inutilidades, pelo que eu soube. Eles usaram muito a frase "sob deliberação". Ser advogado parece-me o cúmulo do tédio. Como você aguenta dias assim?

— Requer esforço. Então, nada aconteceu?

— Nada, mas você tem o dia livre amanhã. O juiz quer reunir-se, no gabinete dele, com todos os advogados na quinta-feira bem cedo.

— Para quê?

— Falaram daquele negócio de "sob deliberação", mas, segundo o seu assistente que não sei como se chama, não é coisa de grande importância. Ouça, tenho outra informação para lhe dar.

— Diga.

— Pus o nosso melhor perito em informática para esquadrinhar aqueles textos enviados à sua amiga Lucy.

— E?

— Os resultados conferem com o que você já sabia. Pelo menos inicialmente.

— O que quer dizer inicialmente?

— Peguei nas informações levantadas pelo perito e fiz alguns telefonemas, desenvolvi um pouco mais. Descobri uma coisa interessante.

— O quê?

— Acho que sei quem enviou aqueles textos.

— Quem?

— Você está com o seu smartphone!

— Sim.

— Tenho uma tonelada de informações. Talvez seja mais fácil mandar todos os detalhes por e-mail.

— Ok.

— Não quero falar mais nada. Prefiro ver se você chega à mesma conclusão a que eu cheguei.

Reflecti sobre a observação de Muse e escutei os ecos da minha conversa com Geoff Bedford.

— Você não quer que eu distorça os fatos para encaixá-los nas suas teorias, não é?

— Hein?

— Deixa para lá, Muse. Estou esperando o e-mail.

Quatro horas depois do meu encontro com Geoff Bedford, eu estava num escritório adjacente ao da Lucy, em geral ocupado por um professor de inglês, atualmente de licença. Lucy tinha a chave.

Ela olhava pela janela quando o professor assistente dela, um sujeito chamado Lonnie Berger, entrou sem bater. Engraçado. Lonnie lembrava-me um pouco o pai da Lucy. Possuía aquele ar de Peter Pan, aquele empenho em parecer um pária. Não estou criticando hippies, ou extremo-esquerdistas, ou seja lá como você queira denominá-los. Precisamos deles. Acredito piamente que sejam tipos necessários em ambos os extremos da política, mesmo aqueles (ou talvez ainda mais) de quem você discorda e a quem deseja odiar. Seria enfadonho sem eles. Os seus argumentos não seriam tão afiados. Pense na questão no seu âmago: não se pode ter uma esquerda sem uma direita. E não se pode ter um centro sem ambas.

— O que foi, Lucy? Tenho um encontro importante com a minha empregada boazona... — Ao avistar-me, a voz de Lonnie

esmoreceu. — Quem é esse?

Lucy ainda olhava pela janela.

— E por que estamos no escritório do professor Mitnick?

— Sou Paul Copeland — disse. Estendi a mão. Ele apertou-a.

— Uau. Você é o personagem da história, certo? Sr. P ou sei lá o quê. Quero dizer, li sobre o caso na internet e...

— Sim, a Lucy colocou-me a par da sua investigação amadora. Como você provavelmente sabe, tenho alguns Detectives genuínos... na verdade, investigadores profissionais... que trabalham para mim.

O fulano soltou a minha mão.

— Existe alguma coisa que você queira partilhar connosco? — indaguei.

— Do que está você a falar?

— A propósito, você estava certo. O e-mail de fato foi enviado do banco de computadores da Biblioteca Frost às 18h42. Mas Sylvia Potter não esteve lá entre as 18 e as 19 horas.

Berger começou a recuar.

Envergou um sorriso falso e meneou a cabeça, procurando ganhar tempo.

— Isso é uma enorme asneira. Ei, um momento... — O sorriso apagou-se enquanto ele se fingia de ofendido. — Vamos, Lucy, você não pode acreditar que eu...

Finalmente, Lucy virou-se para fitá-lo. Nada disse.

Lonnie apontou para mim. — Você não acredita nesse cara, acredita? Ele é...

— Sou o quê?

Nenhuma resposta. Lucy simplesmente o encarou. Não pronunciou uma única palavra. Continuou encarando-o até que o sujeito se foi intimidando e acabou desabando numa cadeira.

— Droga — resmungou ele.

Aguardamos. Lonnie abaixou a cabeça.

— Vocês não entendem.

— Conte-nos — disse.

Ele olhou para a Lucy. — Você realmente confia nesse homem?

— Muito mais do que confio em você — devolveu ela.

— Eu não confiaria. Ele não é flor que se cheire, Lucy.

— Obrigado pela recomendação elogiosa — retorqui. — Então, por que você enviou aqueles textos à Lucy?

Ele pôs-se a remexer num dos brincos.

— Não tenho de dizer-lhe coisa nenhuma.

— Claro que tem. Sou o promotor do condado.

— E daí?

— E daí, Lonnie, que posso mandar prendê-lo por assédio.

— Não, não pode. Em primeiro lugar, você não pode provar que mandei nada.

— Claro que posso. Você julga-se entendido em computadores e provavelmente possui alguns conhecimentos para impressionar os alunos. Mas os peritos do meu escritório... Bem, eles são o que se chama de profissionais especializados e experientes. Já sabemos que você enviou o material. Já temos a prova.

Lonnie refletiu um pouco, perguntando-se se deveria continuar negando ou adoptar uma nova abordagem. Decidiu-se pela nova abordagem.

— E daí? Mesmo que eu tenha mandado o material, por que seria considerado assédio? Desde quando é ilegal enviar uma história fictícia para um colega professor?

Um argumento sólido.

— Posso fazer com que você seja demitido — falou Lucy.

–Talvez sim, talvez não. Mas só para registar, Lucy, você teria muito mais a explicar do que eu. É você quem está mentindo sobre o seu histórico. Foi você quem mudou o sobrenome para esconder o passado.

Lonnie gostou daquele raciocínio. Aprumou-se na cadeira e cruzou os braços, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. Desejei

ardentemente dar-lhe um soco na cara. Lucy continuou fitando-o. Ele encontrava dificuldade para encará-la. Afastei-me um pouco, concedendo espaço a Lucy.

— Pensei que fôssemos amigos — disse ela.

— E somos.

— É mesmo?

Ele meneou a cabeça.

— Você não entende.

— Então explique-me.

Outra vez Lonnie remexeu nervosamente num dos brincos.

— Não na frente dele.

— Sim, na minha frente, Lonnie. Eis a recompensa por ceder espaço.

Dei-lhe um palmada no ombro. — Sou o seu mais novo melhor amigo. Sabe por quê?

— Não.

— Porque sou um funcionário poderoso e, de momento, também furioso. E o meu palpite é de que, se os meus investigadores começarem a vasculhar o seu passado, vão achar alguma coisa.

— De jeito nenhum.

— Sério? Você quer exemplos?

Ele ficou quieto.

Tirei o meu smartphone. — Tenho a sua ficha policial aqui. Você quer que eu comece a listar as detenções?

Aquilo fez desaparecer o seu ar de presunção.

— Tenho tudo aqui, amigão. Até aquilo que os tribunais mandaram lacrar. Foi isso o que eu quis dizer quando disse que eu era um funcionário poderoso e furioso. Posso ferrar você de toda a maneira possível e imaginável. Portanto, chega de idiotice, e fale por que enviou aqueles textos.

Fitei Lucy. Ela inclinou a cabeça ao de leve. Talvez houvesse compreendido. Tínhamos conversado sobre a estratégia antes de

Lonnie chegar. Se ela ficasse sozinha com o colega, ele voltaria a ser Lonnie — mentiria, contaria histórias, faria gracinhas e tentaria usar o relacionamento dos dois contra ela. Conheço o tipo. O sujeito assumiria uma postura indiferente, daria uma de bonzão, apelando para o charme daquele sorriso distorcido. Porém, pressionados o suficiente, fulanos como Lonnie sempre desabam. Mais ainda, o medo produz uma reação mais rápida e honesta com os Lonnies da vida do que supostas tentativas de ganhar a sua simpatia.

Ele olhou para Lucy. — Eu não tive escolha — disse.

Começando a jorrar desculpas. Bom.

— A verdade é que fiz isso por você, Lucy. Para protegê-la. E, ok, por mim também. Entenda, eu não mencionei aquelas detenções quando participei da seleção para entrar na Reston. Se a universidade descobrisse, eu não teria sido admitido. Simplesmente assim. Foi o que ele me disse.

— Quem? — perguntei.

— Não sei os nomes.

— Lonnie...

— Estou a falar a sério. Eles não disseram.

— Então, o que eles disseram?

— Prometeram-me que isso não prejudicaria Lucy. Não tinham nenhum interesse nela. Insistiram que o que eu estava a fazer seria bom para ela também, explicaram que... — Lonnie ensaiou virar-se para mim — ... que estavam a tentar apanhar um assassino.

Ele olhou para mim da forma mais dura que conseguiu, que não era tão dura assim. Esperei que ele gritasse *j'accuse*!. Como não gritou, adiantei-me.

— Então você já sabe: estou a tremer por dentro.

— Eles acham que talvez você tenha algo a ver com aqueles assassinatos.

— Maravilhoso, obrigado. E depois, Lonnie, o que aconteceu? Eles mandaram-lhe colocar aqueles textos, certo?

— Sim.

— Quem os escreveu?

— Não sei. Acho que eles.

— Você insiste em dizer "*eles*". Quantos eram?

— Dois.

— E como se chamavam?

— Não sei. Eram Detectives particulares. Disseram que tinham sido contratados por uma das famílias das vítimas.

Uma das famílias das vítimas. Mentira. Mentira deslavada. Fora uma ação da AIV, a empresa de Detectives particulares de Newark. De repente, tudo começava a fazer muito sentido. Tudo.

— Eles mencionaram o nome do cliente?

— Não. Disseram que era confidencial.

— Tenho a certeza de que sim. O que mais disseram?

— Contaram-me que a empresa deles estava investigando aqueles quatro primeiros homicídios. Que não acreditavam na versão oficial, que atribuíam os crimes ao Talhante do Verão.

Fitei Lucy. Eu colocara-a a par do meu encontro com Wayne Steubens e com Geoff Bedford. Conversamos sobre o assunto na noite anterior, sobre o nosso próprio papel no incidente, os erros que havíamos cometido, a antiga certeza de que todos os quatro estavam mortos e que Wayne Steubens os matara.

Naquele momento, já não sabíamos o que pensar.

— Algo mais?

— É só.

— Ah, para com isso, Lonnie.

— E tudo o que eu sei. Juro.

— Não, creio que não. Aqueles homens enviaram os textos à Lucy para provocar uma reação, certo?

Ele nada respondeu.

— Você deveria vigiá-la. Deveria reportar tudo o que Lucy dissesse e fizesse. Foi por esse motivo que você veio aqui no outro dia

e disse que tinha descoberto detalhes do passado dela na internet. Você esperava que Lucy se abrisse em confidências. Era parte da sua tarefa, não era? Você deveria explorar essa confiança e insinuar-se cada vez mais.

— Não foi assim.

— Claro que foi. Eles ofereceram-lhe um bônus, caso você descobrisse os podres?

— Um bônus?

— Sim, Lonnie, um bônus. Mais dinheiro, por exemplo.

— Não fiz isso por dinheiro.

Meneei a cabeça. — Seria uma mentira.

— O quê?

— Não vamos fingir que você agiu por medo de ser desmascarado, ou por altruísmo, empenhado em descobrir um assassino. Eles pagaram-lhe, não?

Lonnie abriu a boca para negar. Fechei-a antes que o fulano se desse ao trabalho de falar.

— Os mesmos investigadores que desenterraram as suas antigas detenções — continuei — têm acesso a contas bancárias. Podem descobrir, por exemplo, depósitos de cinco mil dólares em dinheiro vivo. Como aquele que você há fez cinco dias atrás, numa agência do Chase em West Orange.

A boca fechou-se. Eu tinha de reconhecer as habilidades investigativas de Muse. Ela realmente era incrível.

— Não fiz nada ilegal — disse Lonnie.

— É uma afirmação discutível, mas não estou com disposição para isso agora. Quem escreveu os textos?

— Não sei. Eles deram-me as folhas de papel e instruíram-me a enviá-las aos poucos.

— E não lhe contaram como tinham obtido aquelas informações?

— Não.

— Você não faz ideia?

— Disseram que tinham as fontes deles. Olhe, eles sabiam tudo a meu respeito. Sabiam tudo sobre a Lucy. Mas eles queriam você, companheiro. Só se importavam com isso. Qualquer coisa que eu conseguisse fazê-la falar sobre Paul Copeland. Era isso que eles queriam. Eles acham que talvez você seja um assassino.

— Não, não acham, Lonnie. Eles acham que talvez você seja um idiota que possa enlamear o meu nome.

Perplexo. Lonnie empenhou-se ferreamente em parecer perplexo.

Olhou para a Lucy. — Eu sinto muito, de verdade. Jamais faria qualquer coisa para magoá-la. Você sabe disso.

— Faça-me um favor, Lonnie. Suma da minha frente.

Capítulo 30

Alexander "Sosh" Siekierky encontrava-se sozinho na sua cobertura. O homem acomoda-se ao meio ambiente. É assim que funciona. Ele sentia-se confortável. À vontade demais para um homem com as suas origens. Era o esperado diante desse estilo de vida. Perguntava-se se ainda seria tão durão quanto outrora, se ainda seria capaz de andar por aqueles antros, aqueles covis, e devastá-los sem medo. A resposta, estava convencido, era não. E não porque a idade o houvesse enfraquecido. Fora o conforto.

Quando criança, a família de Sosh fora apanhada no horrível cerco a Leninegrado. Os nazis rodearam a cidade e causaram um sofrimento atroz. Sosh completara 5 anos a 21 de Outubro de 1941, um mês depois do início do bloqueio. Completaria 6 e 7 com a cidade ainda sitiada. Em Janeiro de 1942, com as rações reduzidas a uma libra por trimestre para o pão de cada dia, o irmão de Sosh, Gavrel, de 12 anos, e a irmã, Aline, de 8, morreram de fome. Sosh sobrevivera comendo animais desgarrados. Gatos, principalmente. As pessoas ouvem as histórias, mas não podem imaginar o terror, a agonia. Você está impotente. Simplesmente aceita.

Porém, mesmo àquilo, mesmo àquele horror, você se acostuma. Assim como o conforto, é possível o sofrimento tornar-se a regra.

Sosh lembrava-se de quando chegou aos Estados Unidos. Podia-se comprar comida em qualquer lugar. Não havia filas compridas. Não havia escassez. Lembrava-se de ter comprado um frango. Mantivera-o no congelador. Não conseguia acreditar. Um

frango. Levantava-se à noite, com suores frios. Corria para o congelador e abria-o, apenas para olhar o frango. E sentia-se seguro.

Ainda fazia isso.

A maioria dos seus camaradas soviéticos sentiam falta dos velhos tempos. Sentiam falta do poder. Uns poucos tinham regressado ao antigo país, contudo a maioria permaneceu nos Estados Unidos. Eram homens amargos. Sosh contratara alguns porque confiava neles e queria ajudá-los. Essa gente tinha história. E, quando surgiam tempos difíceis e os velhos amigos da KGB sentiam pena de si mesmos, Sosh sabia que eles também abriam as geladeiras deles e se maravilhavam ao ver quão longe haviam chegado.

Você não se preocupa com felicidade e realizações quando está morrendo de fome.

É bom lembrar-se disso.

Quando se vive no meio dessa riqueza absurda, você perde-se. Preocupa-se com minudências como espiritualidade, saúde interior, satisfação e relacionamentos. Não tem ideia de quão afortunado é. Não tem ideia de como é passar fome, de ver-se a si mesmo transformar-se em ossos, de estar desesperadamente apático enquanto alguém que você ama, alguém antes jovem e saudável, morre lentamente, e uma parte sua, aquela parte sua horrivelmente instintiva, está quase feliz porque agora você terá uma mordida e meia de pão, em vez de apenas uma mordida.

Aqueles que acreditam que somos qualquer outra coisa que não animais estão cegos. Todos os humanos são selvagens. Os bem alimentados são apenas mais preguiçosos. Não precisam matar para conseguir comida. Assim, vestem-se com elegância e encontram ocupações supostamente mais elevadas que os façam acreditar estar, de alguma maneira, acima disso tudo. Mentira. Selvagens estão somente mais famintos. É isso.

Você faz coisas terríveis para sobreviver. Qualquer um que acredita estar acima disso está iludido.

A mensagem chegou pelo computador.

Atualmente, funcionava assim. Não por telefone, não pessoalmente. Computadores. *E-mails*. Era tão fácil comunicar-se dessa forma e não ser seguido. Perguntava-se como o velho regime soviético teria lidado com a internet. Controlar informações fora uma parte vasta do que haviam feito. Porém, como controlar informações existindo algo feito a internet? Ou, talvez, a diferença não fosse tão grande assim. No final, a maneira de arrebanhar os seus inimigos fora por meio de delações. As pessoas falavam. As pessoas vendiam-se umas às outras. As pessoas traíam vizinhos e entes queridos. Às vezes, por um naco de pão. Às vezes, por uma passagem para a liberdade. Tudo dependia de quão faminto você estivesse.

Sosh releu a mensagem. Curta e simples, e ele não sabia o que fazer a esse respeito. Eles tinham um telefone. Uma morada. Entretanto, era a primeira linha do *e-mail* que continuava relendo. Tão simplesmente escrita.

Tornou a ler.

NÓS A ENCONTRAMOS.

E, então, indagava-se sobre qual a atitude a tomar a esse respeito.

Liguei para Muse.

— Você consegue localizar Cingle Shaker?

— Acho que sim. Por quê? Algum problema?

— Quero fazer- lhe algumas perguntas sobre o modo de operar da AIV.

— Estou dentro.

Desliguei e virei-me para Lucy. Ela ainda olhava pela janela.

— Você está bem?

— Eu confiava nele.

Eu ia dizer lamento, ou algo igualmente banal, mas resolvi

guardar para mim mesmo.

— Você tinha razão.

— Sobre o quê? — perguntei.

— Lonnie Berger provavelmente era o meu amigo mais próximo. Eu confiava nele mais do que em qualquer outra pessoa. A não ser Ira, que já está com os braços enfiados numa camisa de força.

Procurei sorrir.

— A propósito, como está a minha cena de autopiedade? Bastante atraente, não?

— Na realidade, sim.

Ela virou-se e olhou-me.

— Vamos tentar de novo, Cope? Quero dizer, depois disto tudo terminado e de entendermos o que aconteceu com a sua irmã. Vamos voltar para as nossas vidas ou vamos tentar descobrir o que poderia acontecer entre nós?

— Adoro quando você faz rodeios.

Lucy não estava sorrindo.

— Sim — disse. — Quero tentar.

— Boa resposta. Muito boa.

— Obrigado.

— Não quero ser sempre eu quem arrisca o coração.

— Você não. Estou arriscando o meu também.

— Então, quem matou a Margot e o Doug? — perguntou ela.

— Uau, uma guinada rápida.

— Quanto mais depressa descobrirmos o que aconteceu...

— Sabe de uma coisa? — disse.

— O quê?

— É tão fácil lembrar por que me apaixonei por você...

Lucy afastou-se. — Não vou chorar, não vou chorar, não vou chorar...

— Já não sei mais quem os matou — disse.

— Ok. E Wayne Steubens? Você ainda acha que ele matou os

quatro?

— Não sei. Mas sabemos que não matou Gil Perez.

— Você acredita que ele lhe contou a verdade?

— Ele disse que namorou você.

— Que nojo.

— Mas que não foi muito longe. Só deu para passar a mão no seu seio.

— Se ele se refere à ocasião em que, intencionalmente, esbarrou em mim durante um jogo de softbol, então, tecnicamente, está a falar verdade. O Wayne realmente disse-lhe isso?

— Sim. E também que dormiu com a Margot.

— Provavelmente é verdade. Muitos rapazes dormiram com a Margot.

— Eu, não.

— Porque eu o agarrei assim que você chegou.

— Você fez isso mesmo. O Wayne também disse que o Gil e a Margot tinham rompido.

— E daí?

— Você acha que é verdade?

— Não sei. Mas você sabe como eram os acampamentos. O ciclo de vida em sete semanas. As pessoas estavam sempre a namorar, rompendo e arranjando alguém novo.

— Verdade.

— Porém?

— Porém a teoria mais aceite é de que os dois casais foram até à mata para, hum, dar umas apalpadelas.

— Assim como nós.

— Certo. E a minha irmã e o Doug ainda namoravam. Não estavam apaixonados, ou algo assim, mas você entende o que eu quero dizer. A questão é a seguinte: se o Gil e a Margot não estavam mais juntos, por que se embrenhariam na floresta?

— Portanto, se ela e o Gil tinham rompido... e sabemos que o

Gil não morreu naquela mata...

Pensei no que Raya Singh sugerira — uma mulher que evidentemente conhecera Gil Perez, também chamado Manolo Santiago, e até fora próxima dele.

— Talvez o Gil tenha matado a Margot. Talvez a Camille e o Doug apenas tropeçaram na coisa.

— Então, o Gil os silenciou.

— Certo. Daí ele estava numa encrenca. Pense nisso. Um garoto pobre, com um irmão com registo criminal. Seria considerado logo um suspeito.

— Por isso, o Gil finge ter morrido também — completou ela.

Ficamos em silêncio durante alguns instantes.

— Algo nos está escapando — disse ela.

— Eu sei.

— Talvez estejamos chegando perto.

— Ou talvez estejamos muito distante.

— É. Um dos dois. Caramba, era bom estar com ela.

— Há mais uma coisa — comentei.

— O quê?

— Aqueles textos. Do que eles estavam a falar? Você encontrando-me coberto de sangue e dizendo-me que não podíamos contar nada a ninguém.

— Não sei.

— Vamos começar com a primeira parte. A parte que eles acertaram. Sobre nós dois irmos para a floresta.

— Ok.

— Como saberiam disso?

— Não sei — respondeu ela.

— Como saberiam que você me atraiu para lá?

— Ou — ela parou, engoliu em seco — como eu me senti-a em relação a você?

Silêncio.

Lucy encolheu os ombros.

— Talvez fosse óbvio para qualquer um que reparasse no jeito como eu o olhava.

— Estou fazendo um esforço danado para me concentrar, não me distraia.

— Não faça tanto esforço. De qualquer modo, analisamos a primeira parte do texto. Vamos para a parte dois.

— Aquele negócio sobre eu estar coberto de sangue. De onde diabo eles tiraram isso?

— Não faço ideia. Mas sabe o que realmente me causa arrepios?

— O quê?

— O fato de saberem que nós dois nos separamos. Que nos perdemos de vista na floresta.

Eu fizera a mesma pergunta a mim mesmo.

— Quem saberia desse detalhe?

— Nunca contei a uma única alma viva — afirmou ela.

— Eu também não.

— Alguém poderia ter suposto. — Ela se calou, olhou para o tecto. — Ou...

— Ou o quê?

— Você nunca contou a alguém sobre nós dois nos termos separado, certo?

— Certo.

— Eu nunca contei a ninguém sobre nós nos separarmos.

— E então?

— Então, existe uma única explicação — concluiu ela.

— Qual é?

Ela encarou-me. — Alguém nos viu naquela noite.

Silêncio.

— O Gil, talvez — disse. — Ou o Wayne.

— Eles são os nossos dois suspeitos de homicídio, correto?

— Correto.

— Então, quem matou o Gil?

Detive-me.

— O Gil não se suicidou e depois moveu o corpo dele para outro lugar — continuou ela. — E o Wayne está numa penitenciária de segurança máxima na Virgínia.

Reflecti por um instante.

— Portanto, se o assassino não era o Wayne nem o Gil, quem mais está metido nisso?

— Encontrei-a — anunciou Muse, entrando no meu escritório. Cingle Shaker surgiu em seguida. Cingle sabia como fazer uma entrada, entretanto eu não tinha a certeza de que fosse um esforço consciente. Havia algo de impetuoso nos movimentos dela, como se o próprio ar lhe desse passagem. Muse estava longe de ser uma figura apagada, porém sumia perto de Cingle Shaker. Ambas se sentaram. Cingle cruzou as longas pernas.

— Então, a AIV está realmente atrás de você — disse ela.

— Parece que sim.

— Parece e é. Levantei informações. É uma operação arrasadora. Sem limite de despesa. Sem vidas poupadas. Eles já destruíram o seu cunhado. Mandaram um sujeito para a Rússia. Puseram muitos investigadores na rua, não sei quantos. Enviaram alguém para tentar subornar o seu velho amigo, Wayne Steubens. Em resumo, vão tentar arrancar um naco do seu traseiro de qualquer jeito.

— Alguma notícia sobre o que descobriram até agora?

— Não, ainda não. Apenas aquilo que você já sabe.

Contei-lhe sobre os textos que a Lucy recebera. Cingle assentiu enquanto eu falava.

— Não é a primeira vez que agem assim. O conteúdo dos textos é preciso?

— Há muita coisa errada. Eu nunca deparei com sangue nem

disse que deveríamos manter aquilo em segredo, ou algo semelhante. Mas eles sabem como a Lucy e eu nos sentíamos a respeito um do outro. Sabem que estávamos escondidos na mata e até em todo o resto.

— Interessante.

— Como obteriam essas informações?

— Difícil dizer.

— Alguma ideia?

Cingle Refletiu por alguns segundos.

— Conforme eu disse, é assim que eles operam. Querem provocar agitação. Não importa que seja verdade ou não. As vezes é necessário alterar a realidade. Você entende?

— Não, honestamente, não.

— Como posso explicar...? — Cingle calou-se por um instante. — Quando comecei a trabalhar na AIV, você sabe para o que fui contratada?

Fiz que não com a cabeça.

— Para apanhar maridos e esposas infiéis. É um grande negócio. Adultério. A minha própria agência atua nessa área também. Casos de adultério representavam quarenta por cento do volume de trabalho, talvez mais. E a AIV é a melhor na especialidade, embora os seus métodos sejam um tanto heterodoxos.

— Como?

— Depende do caso, mas o primeiro passo é sempre o mesmo: decifrar o cliente. Por outras palavras, perceber o que o cliente realmente quer. Querem a verdade? Querem que lhe mintam? Desejam ser reassegurados? Será uma maneira de obter o divórcio? Ou o quê?

— Não estou entendendo. Todos eles não querem a verdade?

— Sim e não. Eu detestava aquela parte do trabalho. Não me importava de me encarregar da vigilância, de investigar o passado da pessoa... Você sabe, seguir um marido ou uma esposa, verificar as

despesas com cartões de crédito, registos telefônicos, esse tipo de coisas. É tudo um pouco sórdido, mas eu levo em frente. Faz sentido. Mas existe um outro lado da moeda.

— Que outro lado?

— O lado que quer que haja um problema. Algumas esposas, por exemplo, querem que os maridos as estejam traindo.

Fitei Muse.

— Estou perdido.

— Não, não está. Espera-se que um homem seja fiel para sempre, certo? Conheço um fulano. Estamos a falar ao telefone, isso sem nunca nos encontrarmos cara a cara, e ele está me dizendo como nunca, jamais, trairia a mulher, blá-blá-blá. Mas o homem é um grosseirão, feio, trabalha como assistente da gerência num lugar qualquer, e eu estou pensando comigo mesma: "Quem vai dar em cima dele?". Certo?

— Ainda não estou entendendo.

— É mais fácil ser um homem do bem, honrado, quando não há nenhuma tentação. Mas, em casos assim, a AIV alterava a realidade. Usando-me como isca.

— Para quê?

— Para o que você acha? Se a esposa queria apanhar o marido por traição, a minha tarefa seria seduzi-lo. É assim que a AIV opera. O marido estaria num bar, ou num lugar do gênero. Eu seria enviada para lá como — ela abriu aspas com os dedos — um "teste de fidelidade".

— E então?

— E, então, detesto não parecer modesta, mas dê uma olhadela. — Cingle abriu os braços. Apesar de vestir um pulôver largo, compunha uma visão impressionante. — Se isto não é uma cilada traiçoeira, não sei o que é.

— Porque você é atraente?

Encolhi os ombros.

— Se o sujeito estiver realmente comprometido, não importa quão atraente a isca seja.

Cingle Shaker fez uma careta.

— Por favor.

— Por favor o quê?

— Você está sendo intencionalmente obtuso? Você acha que seria muito difícil fazer o Sr. Assistente de Gerência, por exemplo, olhar para mim?

— Olhar é uma coisa. Ir além é outra.

Cingle fitou Muse. — Ele é de verdade?

Muse encolheu os ombros.

— Deixe-me explicar da seguinte maneira — continuou Cingle. — Devo ter feito uns trinta ou quarenta desses "testes de fidelidade". Adivinhe quantos homens casados me rejeitaram?

— Não faço a menor ideia.

— Dois.

— Não é um número expressivo, admito...

— Espere, ainda não terminei. Os dois que me rejeitaram. Sabe por quê?

— Não.

— Eles entenderam o que estava acontecendo. Imaginaram que devia haver algo. Pensaram mais ou menos assim: "*Ei, por que uma mulher dessas está dando em cima de mim*?". Perceberam a armação. Foi por esse motivo que não levaram a coisa adiante. Isso torna-os melhores do que os outros?

— Sim.

— Como?

— Não levaram a coisa adiante.

— O porquê não deveria ser levado em conta? Um homem poderia dizer não por estar com medo de ser apanhado. Isso faz com que tenha mais moral que o fulano que não tem medo? Talvez o fulano que não está apavorado ame mais a esposa. Talvez seja um

marido melhor e mais comprometido. Talvez o outro homem quisesse pular a cerca feito um doido, mas é tão dócil e tímido que não consegue ir até o fim.

— E daí?

— E daí que o medo, não o amor, não os votos matrimoniais, não o comprometimento, o medo é a única coisa que o mantém fiel. Portanto, qual sujeito é melhor? A questão é o ato em si ou o que está no coração?

— Uma questão complicada, Cingle.

— Qual é a sua escolha, Sr. Promotor?

— Exatamente. Sou promotor. Tudo gira à volta das ações.

— As ações definem-nos?

— Em termos legais, sim.

— Então, o cara apavorado demais para ir até o fim... Ele é honesto?

— Sim. Não foi até o fim. O porquê é irrelevante. Ninguém diz que ele tem de honrar os votos dele por amor. O medo pode ser um motivo tão bom quanto outro qualquer.

— Uau — exclamou ela. — Discordo.

— É justo. Mas há uma razão para isso?

— A razão é a seguinte: a AIV quer podres. Não importa a maneira de consegui-los. Se a realidade atual não está proporcionando nenhum, ou seja, se o marido não está traindo, eles darão um jeito de alterar a realidade. Arrumam alguém como eu para pressionar o marido. Você compreende agora?

— Acho que sim. Eu não tenho apenas de ter cuidado em relação ao que eu possa ter feito como também ao que dou a impressão de estar fazendo, ou pareço estar fazendo, ou possa ser induzido a fazer.

— No alvo.

— E você não tem ideia de quem forneceu aquelas informações contidas nos textos?

— Ainda não. Mas calma, você agora contratou-me para serviços de contraespionagem. Quem sabe o que vou descobrir? — Ela levantou-se. — Alguma coisa mais em que eu possa ajudá-lo?

— Não, Cingle, creio que é só.

— Ótimo. A propósito, trouxe a minha conta do caso Jenrette-Marantz. A quem devo entregá-la?

— A mim — adiantou-se Muse.

Cingle entregou a fatura a Muse e sorriu-me.

— Gostei da sua atuação no tribunal, Cope. Você apanhou aqueles filhos-da-mãe de uma vez por todas.

— Não teria conseguido se não fosse você — respondi.

— Não. Já vi muitos promotores em ação. Você é "o" homem.

— Obrigado. Mas fico-me perguntando. Baseado na sua definição, nós, hum, empregamos uma alteração da realidade?

— Não. Você pediu-me que obtivesse informações genuínas. Sem ciladas. Sim, usei a minha aparência para extrair a verdade. Mas não há nada de errado nisso.

— Concordo — disse.

— Ótimo. Devemos parar por aí, então. — Entrelacei as mãos atrás da cabeça.

— A AIV deve sentir a sua falta.

— Ouvi falar que eles estão com uma nova garota bonita. Uma boa profissional, ao que parece.

— Tenho a certeza de que ela não é como você.

— Não conte com isso. Em todo caso, é possível que eu tente roubá-la deles. Haveria lugar na minha agência para uma segunda mulher sedutora, e ela atrai uma parcela um pouco diferente da população.

— Como assim?

— Sou loura. A nova garota da AIV tem a pele escura.

— Negra?

— Não.

E, então, senti o chão abrir-se sob os meus pés ao escutar Cingle Shaker comentar: — Parece que ela é da Índia.

Capítulo 31

Liguei para o telemóvel de Raya Singh. Cingle Shaker fora embora, mas Muse ficou para trás.

Raya atendeu ao terceiro toque.

— Alo?

— Talvez você esteja certa — disse.

— Dr. Copeland?

O sotaque era tão rasca. Como eu o engolira? Ou parte de mim sabia-o o tempo todo?

— Chame-me de Cope.

— Ok, hum... Cope. — Voz cálida, tom de deliberada provocação. — A respeito de que talvez eu esteja certa?

— Como sei eu que você não é ela? Como sei eu que você não me faria delirar de felicidade?

Muse revirou os olhos; fez aquela mímica de meter o dedo na garganta e vomitar, para mostrar o quão enjoado era aquela conversa.

Tentei marcar um encontro para aquela mesma noite. Raya não concordou. Não insisti. Se insistisse, ela poderia suspeitar de algo. Combinamos para a manhã seguinte.

Desliguei e olhei para Muse. Muse meneou a cabeça.

— Não comece.

— Ela realmente usou essa frase? "Delirar de felicidade"?

— Já disse, não comece.

Muse tornou a menear a cabeça. Consultei o relógio. Oito e meia da noite.

— Acho que vou para casa.

— Ok.

— E você, Muse?

–Tenho algumas coisas a fazer.

— Já é tarde. Vá para casa.

Ela ignorou a sugestão.

— Jenrette e Marantz realmente vieram com tudo para cima de você.

— Posso lidar com isso.

— Sei que pode. Mas é espantoso o que os pais fazem para proteger os filhos.

Eu ia dizer que entendia, que tinha uma filha, que faria qualquer coisa para protegê-la de qualquer mal. Porém pareceria condescendente demais.

— Nada me espanta, Muse. Você trabalha aqui. Vê do que as pessoas são capazes.

— É exatamente aonde quero chegar.

— Como assim?

— Jenrette e Marantz ficam a saber das suas ambições políticas. Concluem que esse é o seu ponto fraco. Vão atrás de você, fazem tudo o que podem para intimidá-lo. Foi uma jogada inteligente. Muitos teriam desmoronado. Afinal, o seu caso era de meia-tigela. Imaginaram que você cederia.

— Imaginaram errado. E então?

— E então você acredita que eles vão desistir? Acha que iriam apenas atrás de você? Ou será que existe algum motivo para o juiz Pierce ter marcado uma audiência com você amanhã à tarde?

Quando cheguei a casa, havia um *e-mail* da Lucy.

Lembra-se de como nos costumávamos fazer um ao outro ouvir certas canções? Não sei se você já escutou essa, mas aí vai. Não serei tão ousada a ponto de dizer que pense em mim quando a escutar.

Beijo,
Lucy.

Baixei a canção anexa. Um clássico relativamente raro de Bruce Springsteen, chamado *Back in Your Arms*. Sentei-me ao computador e a ouvi. Bruce falava de indiferença e arrependimentos, de tudo o que ele havia jogado fora e perdido e pelo qual novamente ansiava, e então, dolorosamente, implorava para estar de volta aos braços dela outra vez.

Comecei a chorar.

Sentado lá, sozinho, escutando aquela música, pensando na Lucy, pensando naquela noite, chorei verdadeiramente pela primeira vez desde a morte da minha mulher.

Passei a canção para o meu iPod e fui para o quarto. Escutei-a de novo. E, então, mais uma vez. E, depois de algum tempo, o sono por fim chegou.

Na manhã seguinte, Raya aguardava-me defronte ao Bistrô Janice, em Ho-Ho-Kus, uma cidadezinha no nordeste de Nova Jersey. Ninguém sabe com certeza se é Hohokus, ou Ho Ho Kus, ou HoHoKus. Algumas pessoas afirmam que o nome vem de uma palavra indígena usada pelos Lenni Lenape, a tribo que controlava esse pedaço de terra até os holandeses começarem a instalar-se, em 1698. Porém não existe nenhuma prova definitiva nem a favor nem contra, o que não impede os mais velhos de continuarem discutindo a questão.

Raya vestia calça jeans escuras e blusa branca, desabotoada no pescoço. Arrasadora. Totalmente arrasadora. A beleza tem um efeito absurdo, apesar de eu agora saber quais eram as intenções dela. Estava furioso e fora enganado, entretanto não podia evitar a atração e odiar-me por isso.

Por outro lado, embora tão bela e jovem, ela não estava à altura

da Lucy. A sensação agradou-me. Agarrei-me a isso. Ao pensar na Lucy, um sorriso ridículo insinuou-se nos meus lábios. A minha respiração acelerou. Sempre havia sido assim perto da Lucy. E voltara a ser.

Vá entender-se o amor.

— Fiquei muito feliz por você me ter telefonado — disse Raya.

— Eu também.

Raya beijou o meu rosto, exalando um subtil perfume de lavanda. Caminhamos até uma mesa ao fundo do bistrô. Um impressionante mural retratando comensais, em tamanho natural, pintado pela filha do dono, ocupava uma parede inteira. Todos os olhos pintados pareciam seguir-nos. A nossa mesa era a última, sob um relógio gigante. Eu vinha fazendo as refeições no Bistrô Janice havia quatro anos e nunca vira aquele relógio marcar a hora certa. Uma piadinha do proprietário, imagino.

Sentamo-nos. Raya ofereceu-me o seu sorriso mais derretido. Pensei na Lucy. O sorriso perdeu o efeito.

— Então — disse —, você é Detective particular.

Subtileza não ia funcionar ali. Eu não tinha tempo nem paciência para isso. Segui em frente, antes que começassem as desculpas.

–Você trabalha para a Agência Investigação Valiosa, de Newark, Nova Jersey. Você não trabalha naquele restaurante indiano. Eu deveria ter percebido quando a anfitriã não soube quem você era.

Apesar da hesitação, o sorriso dela continuou em alta voltagem. Raya encolheu os ombros.

— Como você descobriu a meu respeito?

— Conto-lhe depois. Quanto do que você me disse era mentira?

— Na verdade, não muito.

— Você pretende manter aquela versão de que não sabia quem era Manolo Santiago?

— Essa parte era verdade. Eu não sabia que se tratava de Gil Perez até você me contar.

O comentário confundiu-me.

— Como vocês dois realmente se encontraram?

Raya encostou-se no espaldar da cadeira, cruzou os braços.

— Não sou obrigada a conversar com você. Este assunto é privativo do advogado que me contratou.

— Se Jenrette a tivesse contratado por intermédio de Mort ou de Flair, você poderia usar esse argumento. Mas eis o seu problema. Você está-me investigando. Não há como você alegar que Gil Perez poderia ser um assunto de Jenrette ou Marantz.

Ela nada respondeu.

— E, uma vez que você não teve nenhum escrúpulo em vir atrás de mim, também não o terei em relação a você. A minha sugestão é: você não foi desmascarada. Não existe razão para a AIV saber o que houve. Você ajuda-me, eu ajudo-a, todo mundo sai a ganhar. Por favor, escolha o seu próprio *cliché*.

Raya sorriu ao escutar-me.

— Eu encontrei-o na rua. Exatamente como lhe contei.

— Mas não por acidente.

— Não, não por acidente. O meu trabalho era aproximar-me dele.

— Por quê ele?

John, o proprietário do Bistrô Janice — Janice era esposa dele e a chef —, apareceu à nossa mesa. Apertou a minha mão. Perguntou quem era a linda dama. Apresentei-a. John beijou-lhe a mão. Franzi o cenho. Ele afastou-se.

— Manolo dizia que tinha informações sobre você.

— Não entendo. Gil Perez procurou a AIV...

— Para nós, tratava-se de Manolo Santiago.

— Certo, ok, Manolo Santiago procura-os e diz ser capaz de ajudá-los a descobrir podres a meu respeito.

— Podres é um pouco forte, Paul.

— Chame-me de promotor Copeland — devolvi. — Era essa a sua incumbência, correto? Encontrar alguma coisa que me incriminasse? Tentar fazer com que eu recuasse?

Raya não retorquiu. Não precisava.

— E você não desfruta sequer do direito ao sigilo das conversas entre advogado e cliente, não é? É por isso que está respondendo às minhas perguntas. Porque Flair jamais permitiria que um cliente dele o fizesse. Até o Mort, que é um chato de marca maior, não seria tão antiético. E. J. Jenrette contratou vocês por conta própria.

— Não tenho autorização para falar. E, francamente, não estou em posição de saber algo. Faço o trabalho de campo. Não lido como cliente.

Não me interessava o funcionamento anormal da agência, mas pareceu-me que ela estava confirmando o que eu dissera.

— Então, Manolo Santiago procurou-os, afirma possuir informações sobre mim. E depois?

— Ele não diz exatamente quais as informações que possui. Mostra-se reservado. Quer dinheiro, muito dinheiro.

— E você leva essa mensagem a Jenrette.

Ela encolheu os ombros.

— Jenrette dispõe-se a pagar. Prossiga então.

— Insistimos em provas. Manolo vem com uma conversa de que ainda necessita acertar detalhes. Mas de uma coisa temos certeza. Nós o investigamos. Agora sabemos que o nome verdadeiro dele não era Manolo Santiago. E também sabemos que ele tinha algum trunfo. Um trunfo grande. Enorme, eu diria.

— Como o quê?

O empregado trouxe a nossa água. Raya sorveu um pequeno gole.

— Manolo contou que sabia o que realmente aconteceu na noite em que aqueles quatro adolescentes morreram na floresta. Disse

que podia provar que você tinha mentido.

— E como é que ele descobriu? — indaguei.

— O que quer dizer com isso?

Reflecti por alguns instantes. — Vocês foram à Rússia para desenterrar informações sobre os meus pais.

— Não eu.

— Estou a falar de algum detective da AIV. E vocês também estavam a par daqueles homicídios, sabiam que o delegado chegou até a interrogar-me. Portanto... — Eu começava a enxergar tudo agora. — Portanto, vocês entraram em contato com todos os envolvidos naquele caso. Sei que mandaram um sujeito visitar Wayne Steubens. O que significa que também procuraram a família Perez, certo?

— Não sei, mas faz sentido.

— E foi assim que Gil soube do que estava acontecendo. Vocês visitaram os Perez. O pai ou a mãe dele, ou alguém, contou ao Gil. Ele viu aí uma oportunidade de levantar dinheiro. Então, foi à agência. Não revelou a verdadeira identidade. Mas tinha informações suficientes para deixá-los curiosos. Por isso, eles mandaram-na...o quê? Seduzi-lo?

— Aproximar-me dele. Não o seduzir.

— Você diz berinjela, eu digo brinjela. Dá no mesmo. E ele mordeu a isca?

— Homens geralmente mordem.

Pensei no que Cingle dissera. Não era um caminho que eu quisesse trilhar novamente.

— E o que o Gil lhe contou?

— Quase nada. Contou-nos que você estava com uma garota naquela noite. Chamada Lucy. E só soube disso... e contei a você. No dia seguinte ao que conheci Manolo, liguei para o telemóvel dele. O investigador York atendeu. O resto da história, você conhece.

— Então, o Gil estava a tentar arrumar provas? Para faturar um dinheiro alto?

— Sim.

Reflecti sobre isso. Gil visitara Ira Silverstein. Por quê? O que Ira poderia ter dito?

— Ele disse algo sobre a minha irmã?

— Não.

— Disse alguma coisa sobre, bem, sobre Gil Perez? Ou qualquer uma das vítimas?

— Nada. Ele era reservado, como lhe disse. Mas estava claro que possuía um trunfo escondido.

— E aí ele aparece morto.

Raya sorriu. — Imagine o que nós pensamos.

O empregado apareceu. Anotou os nossos pedidos. Escolhi a salada especial. Raya, um *cheeseburger*. Malpassado.

— Estou ouvindo — disse.

— Um homem afirma saber podres a seu respeito. Está disposto a dar-nos as provas por um determinado preço. E, então, antes de poder contar-nos tudo o que sabe, acaba morto. — Raya partiu um pedaço minúsculo de pão e mergulhou-o no azeite. — O que você teria pensado?

Omiti a resposta óbvia.

— Então, quando o Gil apareceu morto, a sua incumbência mudou.

— Sim.

— Você deveria aproximar-se de mim.

— Sim. Achei que a minha história de rapariga desamparada de Calcutá o afetaria. Você parecia-me o tipo.

— Que tipo?

— Apenas um tipo, não sei. Mas você não me telefonou. E, então, eu liguei para você.

— Aquele quarto no hotel em Ramsey. O tal onde, nas suas palavras, o Gil morava...

— Nós alugamos aquele quarto. Eu estava a tentar fazer você

admitir alguma coisa.

— E eu realmente lhe contei algumas coisas.

— Sim. Mas não sabíamos, com certeza, se você estava sendo cuidadoso ou sincero. Ninguém realmente acreditou que Manolo Santiago era Gil Perez. Supusemos que fosse, provavelmente, um parente.

— E você?

— Na verdade, acreditei em você.

— Eu também lhe disse que a Lucy tinha sido minha namorada.

— Já sabíamos disso. Para falar verdade, nós já a havíamos localizado.

— Como?

— Somos uma agência de detectives, foi assim que a localizamos. Mas, de acordo com Santiago, Lucy também estava mentindo sobre algo que acontecera naquela noite. Então, concluímos que um interrogatório direto não funcionaria.

— E decidiram enviar os textos autobiográficos.

— Sim.

— Como vocês conseguiram aquelas informações?

— Isso eu não sei.

— E, então, coube a Lonnie Berger o trabalho de espioná-la.

Raya não se deu ao incômodo de responder.

— Mais alguma coisa? — perguntei.

— Não. Na verdade, é até um alívio você ter descoberto tudo. Eu encarava o meu serviço como uma coisa ok, quando pensava que você poderia ser um assassino. Agora parece-me sórdido, só isso.

Levantei-me.

— Talvez eu possa querer que você preste depoimento.

— Não farei isso.

— É — retorqui. — Ouço isso o tempo todo.

Capítulo 32

Loren Muse estava fazendo uma pesquisa sobre a família Perez.

Uma coisa engraçada chamou-lhe a atenção imediatamente. Os Perez eram donos daquele bar, aquele onde Cope se encontrara com Jorge Perez. Muse achou o fato interessante. Uma família de imigrantes pobres agora valia mais de quatro milhões de dólares. Claro, se 20 anos atrás você começa com quase um milhão, mesmo que tenha investido o dinheiro apenas razoavelmente, esse valor faz sentido.

Ela ponderava sobre o possível significado disso, se é que existia algum, quando o telefone tocou. Encaixou o telefone entre o ombro e a orelha.

— Fala Muse.

— Oi, queridinha . É Andrew.

Andrew Barrett, a sua conexão com a Faculdade John Jay, o homem do laboratório. Em tese, ele foi para a região do velho acampamento logo pela manhã e iniciou as buscas ao corpo com a nova máquina que estava a testar.

— Queridinha?

— Trabalho só com máquinas. Não sou bom com pessoas.

— Percebe-se. Algum problema?

— Hum, na verdade, não.

O "hum" soou esquisito.

— Você já chegou ao local? — indagou Muse.

— Você está brincando, não é? Claro que sim. Assim que você deu o sinal verde, já estávamos praticamente lá. Fomos ontem à noite, dormimos num hotel da beira da estrada e começamos a trabalhar

assim que amanheceu.

— E então estamos na mata, certo? E começamos as buscas. A XRJ... esse é o nome da máquina, a XRJ... estava a agir um pouco estranha, mas a revisamos. Ah, eu trouxe alguns estudantes comigo. Tudo bem, não é?

— Não me importo.

— Não achei que você se incomodaria. Você não os conhece, porque se importaria? São bons garotos, animados com a possibilidade de fazer um trabalho de campo. Você lembra como era. Um caso de verdade. Eles pesquisaram esse caso na internet a noite inteira, leram tudo sobre o acampamento e...

— Andrew?

— Ok, desculpe. Como disse, sou bom com máquinas, não tão bom com as pessoas. Claro, não dou aulas para máquinas... Quero dizer, os alunos são pessoas, de carne e osso, mas ainda assim... — Ele pigarreou. — Bem, de qualquer maneira, você lembra-se do que eu disse? Que a XRJ opera maravilhas?

— Sim.

— Pois eu estava certo.

Muse trocou o telefone de mão.

— Você está dizendo...?

— Estou a dizer que você deveria vir já para cá. O médico-legista está a caminho, mas você vai querer ver por si mesma.

O telefone do investigador York tocou. Ele atendeu. — York.

— Oi, é Max, do laboratório.

Max Reynolds, o seu contato neste caso. Esse era o novo esquema do laboratório. Um elemento de ligação. Sempre que surgia um caso de homicídio, um novo contato era designado. York gostava desse rapaz. Além de inteligente, sabia como simplesmente lhe passar a informação. Alguns dos rapazes novos do laboratório assistiam a curriculums de TV demais e pensavam que algum monólogo explicativo fosse obrigatório.

— Quais as novidades, Max?

— Recebi o resultado do exame das fibras da carpete. Aquelas encontradas no cadáver de Manolo Santiago.

— Ok.

Normalmente o contato apenas mandava um relatório.

— Algo incomum?

— Sim.

— O que foi?

— As fibras são velhas.

— Não sei se estou a entender.

— Esse teste geralmente é simples. Todos os fabricantes de carros usam as mesmas fibras originais da carpete. Então, às vezes, é possível descobrir que o fabricante é a General Motors, por exemplo, num período que cobre 5 anos. Às vezes, por sorte, uma cor específica foi usada só num modelo e somente durante um ano. Assim, no relatório estará escrito "carro fabricado pela Ford, interior cinza, de 1999 a 2004". Alguma coisa do gênero.

— Certo.

— Essa fibra da carpete é antiga.

–Talvez não seja de um carro. Talvez alguém o tenha envolvido numa carpete velha.

— Foi o que pensamos no início. Mas verificamos um pouco mais. É de carro, sim. Mas esse carro tem mais de 30 anos.

— Uau.

— Essa carpete em particular foi usado entre 1968 e 1974.

— Algo mais?

— O fabricante — falou Reynolds — era alemão.

— Mercedes-Benz?

— Não tão luxuoso assim. O meu palpite? Provavelmente, Volkswagen.

Lucy decidiu tentar mais uma vez com o pai.

Ira estava a pintar quando chegou, a enfermeira Rebecca

fazendo-lhe companhia. Esta lançou-lhe um olhar significativo ao vê-la entrar no quarto. O pai estava de costas.

— Ira?

Quando ele se virou, Lucy quase deu um passo para trás. Ira tinha um aspecto horrível. Rosto descorado. Barba malfeita, tufos de pelos espetados nas faces e no pescoço. Os cabelos revoltos sempre lhe haviam caído bem. Não hoje. Os cabelos desgrenhados pareciam os de alguém que passou anos vivendo entre os sem abrigo.

— Como você está se sentindo? — perguntou Lucy.

A enfermeira fitou-a no melhor estilo "*eu avisei*".

— Não muito bem — respondeu ele.

— No que está você a trabalhar?

Lucy caminhou até ao cavalete. Deteve-se ao contemplar o que estava na tela.

Uma floresta.

A visão levou-a ao passado. Era a floresta do velho acampamento, claro. Sabia exatamente qual o trecho. Ira retratou cada detalhe corretamente. Impressionante. Sabia que o pai já não possuía nenhuma fotografia, e, na realidade, ninguém tiraria uma foto daquele ângulo. Ira lembrou-se. O cenário permanecia fechado na mente dele.

A pintura mostrava uma paisagem noturna. A lua iluminando o topo das árvores.

Lucy olhou para o pai. O pai olhou para ela.

— Gostaríamos de ficar sozinhos — Lucy informou Rebecca.

— Não creio que seja uma boa ideia.

A enfermeira achava que conversar o deixaria pior. A verdade era exatamente o contrário. Algo estava trancado lá dentro, na cabeça de Ira. Tinham de confrontá-lo agora, finalmente, depois de todos esses anos.

— Rebecca? — disse Ira.

— Sim?

— Saia.

Simplesmente assim. A voz não soou fria, tampouco convidativa. A enfermeira não se apressou. Alisou a saia, suspirou, levantou-se.

— Se você precisar de mim, é só chamar-me. Ok, Ira?

Ira nada respondeu, e Rebecca retirou-se, sem fechar a porta. Não havia música tocando naquele dia. O fato surpreendeu-a.

— Você quer que eu ponha um disco? Jimi Hendrix, talvez?

Ira meneou a cabeça. — Não, agora não.

Ele fechou os olhos. Lucy sentou-se ao seu lado, tomou-lhe as mãos entre as suas e disse:

— Eu amo-o.

— Eu também a amo. Mais do que qualquer coisa. Sempre. Eternamente.

Lucy aguardou. O pai ainda de olhos fechados.

— Está você a pensar naquele Verão — disse ela.

Os olhos dele permaneceram fechados.

— Quando Manolo Santiago veio vê-lo...

Ele apertou os olhos com força.

— Ira?

— Como você sabia?

— Sabia o quê?

— Que ele veio visitar-me.

— Constava do livro de registos.

— Mas... — Por fim, Ira abriu os olhos. — Há mais alguma coisa, não é?

— Como assim?

— Ele visitou você também?

— Não.

A resposta pareceu intrigá-lo. Lucy resolveu experimentar outra abordagem.

— Você lembra-se do Paul Copeland? — indagou.

Ira tornou a fechar os olhos, como se aquilo o ferisse.

— Claro.

— Eu vi-o.

Os olhos arregalaram-se.

— O quê?

— O Paul foi visitar-me.

O queixo de Ira caiu. Ela prosseguiu:

— Alguma coisa está acontecendo. Alguma coisa está trazendo isso tudo de volta depois de todos esses anos. Preciso descobrir o que é.

— Não, Lucy, não precisa.

— Preciso, sim. Ajude-me, ok?

— Por quê...? — A voz faltou-lhe. — Por que o Paul Copeland foi vê-la?

— Porque ele quer saber o que realmente aconteceu naquela noite. — Ela inclinou a cabeça de leve. — O que você contou a Manolo Santiago?

— Nada! — gritou Ira. — Absolutamente nada!

— Tudo bem, Ira. Mas eu preciso saber...

— Não.

— Não o quê? O que você disse a Manolo Santiago, Ira?

— Paul Copeland.

— O quê?

— Paul Copeland.

— Eu ouvi. O que tem o Paul?

Os olhos de Ira estavam quase límpidos.

— Quero vê-lo.

— Ok.

— Agora. Quero vê-lo agora.

Ira ficava mais agitado a cada instante. Lucy suavizou o tom de voz.

— Vou ligar para ele, ok? Posso trazê-lo...

— Não!

Ira virou-se e encarou a tela, lágrimas vindo-lhe aos olhos. Então, estendeu a mão para a floresta, como se pudesse desaparecer no meio das árvores.

— Ira, qual é o problema?

— Sozinho — disse. — Quero ver o Paul Copeland sozinho.

— Você não quer que eu venha também?

Ele meneou a cabeça, ainda olhando para a mata.

— Não posso contar-lhe essas coisas, Lucy. Eu quero. Mas não posso. O Paul. Diga-lhe que venha. Sozinho. Contar-lhe-ei o que precisa ouvir. Aí, talvez, os fantasmas voltem a dormir.

De volta ao meu escritório, um outro choque.

— Glenda Perez está aqui — anunciou Jocelyn Durels.

— Quem?

— Ela é advogada. Mas diz que você a conhece mais como a irmã de Gil Perez.

O nome escapulira da minha mente. Dirigi-me à sala de espera e avistei-a de imediato. Glenda Perez era exatamente igual àquelas fotos sobre a cornija da lareira.

— Sra. Perez?

Ela levantou-se e apertou-me a mão mecanicamente.

— Presumo que você tenha tempo para falar comigo.

— Sim, tenho.

Glenda Perez não esperou que eu lhe mostrasse o caminho. Marchou de cabeça erguida para a minha sala. Segui-a e fechei a porta. Eu teria ligado pelo intercomunicador para Jocelyn e dito "sem interrupções", mas creio que a minha linguagem corporal e a de Glenda foram suficientes para a secretária entender o recado.

Fiz sinal para que a Sra. Perez se sentasse. Ela não se mexeu. Contornei a minha mesa e sentei-me. Glenda Perez pôs as mãos nos quadris e encarou-me de cima a baixo.

— Diga-me, Dr. Copeland, você gosta de ameaçar pessoas idosas?

— Não, em princípio, não. Mas, uma vez que você toma o jeito, sim, é até divertido.

As mãos caíram ao longo do corpo.

— Você acha isso engraçado?

— Por que a menina não se senta?

— Você ameaçou os meus pais?

— Não. Espere, sim. O seu pai. Realmente disse que, se ele não me contasse a verdade, eu destruiria o mundo dele e iria atrás dele e dos filhos. Se a menina chama isso de ameaça, então, sim, eu fi-lo.

Sorri-lhe. Glenda Perez havia esperado negativas, desculpas, explicações. Eu não lhe ofereci nada disso. Ela abriu a boca, fechou-a, sentou-se. Prossegui.

— De maneira que vamos deixar de lado a encenação. O seu irmão saiu vivo daquela mata há 20 anos atrás. Preciso saber o que aconteceu.

Glenda Perez usava um fato cinza, meias de seda brancas. Ela cruzou as pernas e tentou parecer relaxada. Não se estava saindo muito bem. Aguardei.

— Não é verdade. Meu irmão foi assassinado com a sua irmã.

— Pensei que deixaríamos a encenação de lado.

Ela bateu de leve nos lábios com a ponta dos dedos.

— Você realmente vai perseguir a minha família?

— É sobre o assassinato da minha irmã que estamos a falar. A menina deveria ser capaz de entender isso.

— Vou interpretar a sua resposta como um sim.

— Um sim muito grande, muito asqueroso.

Ela deu mais uma pancadinha nos lábios. Aguardei um pouco mais.

— Que tal se eu lhe expuser um caso hipotético?

Abri as mãos. — Estou aberto a hipóteses.

— Suponha — começou Glenda Perez — que esse homem morto, esse Manolo Santiago, fosse realmente o meu irmão.

Novamente, só em termos hipotéticos.

— Ok, estou supondo.

— O que você pensa que isso significaria para a minha família?

— Que ela mentiu para mim.

— Não apenas para você.

Recostei-me na cadeira.

— Para quem mais?

— Para todo o mundo.

Mais pancadinhas nos lábios.

— Como você sabe, as famílias entraram com uma ação conjunta. Ganhamos muito dinheiro. Agora seria um caso de fraude, não? Hipoteticamente falando.

Nada respondi.

— Usamos aquele dinheiro para adquirir negócios, para investir, para custear a minha educação, para a saúde do meu irmão. O Tomás estaria morto, ou numa instituição, se não tivéssemos ganho aquele dinheiro. Você compreende?

— Sim.

— E, hipoteticamente a falando, se o Gil estivesse vivo e soubéssemos disso, todo o caso estaria fundamentado numa mentira. Ficaríamos sujeitos a multas... a um processo, talvez. Mais ainda, a polícia investigou um homicídio quádruplo. Basearam o caso na crença de que todos os quatro adolescentes morreram. Mas se o Gil sobreviveu, nós poderíamos também ser acusados de obstruir a investigação em curso. Você percebe?

Fitamo-nos. Agora era ela quem esperava.

— Existe um outro problema com a sua hipótese — disse.

— Qual é?

— Quatro jovens entram na floresta. Um sai vivo. Ele mantém o fato de que está vivo em segredo. Alguém seria levado a concluir, apoiado na sua hipótese, que ele matou os outros três.

Pancadinha nos lábios.

— Posso ver aonde o seu raciocínio vai.

— Mas?

— Ele não matou.

— Simplesmente aceito a sua palavra?

— E importa?

— Claro que sim.

— Se o meu irmão os matou, então está encerrado, não? Ele está morto. Você não pode trazê-lo de volta e levá-lo a julgamento.

— A menina não deixa de ter razão.

— Obrigada.

— O seu irmão matou a minha irmã?

— Não, não matou.

— Quem matou? — Glenda Perez levantou-se.

— Durante muito tempo, eu não soube. No nosso caso hipotético, eu não sabia que o meu irmão estava vivo.

— E os seus pais?

— Não estou aqui para falar deles.

— Preciso saber...

— Quem matou a sua irmã. Já entendi.

— E então?

— E então vou contar-lhe mais uma única coisa. E é só. E contar-lhe-ei sob uma condição.

— Qual?

— Que permaneça sempre uma hipótese. Que você pare de falar às autoridades que Manolo Santiago é o meu irmão. Que prometa deixar os meus pais em paz.

— Não posso prometer isso.

— Então não posso contar-lhe o que sei sobre a sua irmã.

Silêncio. Ali estava. O impasse. Glenda Perez levantou-se para sair.

— A menina é advogada — disse. — Se eu for atrás, a menina terá a licença cassada.

— Basta de ameaças, Dr. Copeland. — Parei.

— Sei de uma coisa a respeito do que aconteceu com a sua irmã naquela noite. Se você quiser saber o quê, fará o acordo.

— E a minha palavra será o suficiente?

— Não. Redigi um documento.

— Sério?

Glenda Perez tirou alguns papéis do bolso do casaco. Desdobrou-os. Era um termo de confidencialidade, basicamente. Também tornava claro que eu não diria nada e não faria nada a respeito do fato de Manolo Santiago ser Gil Perez e que os pais dela estariam imunes a qualquer processo.

— Você sabe que isso não tem força legal.

Ela encolheu os ombros.

— Foi o melhor em que consegui pensar.

— Eu não direi nada — disse —, a menos que seja absolutamente necessário. Não tenho nenhum interesse em prejudicar você ou a sua família. Também não vou mais dizer a York ou a qualquer outra pessoa que acho que Manolo Santiago é o seu irmão. Prometo empenhar-me ao máximo para isso. Mas nós dois sabemos que é só o que posso fazer.

Glenda Perez hesitou. Então, dobrou os papéis, enfiou-os no bolso e caminhou para a porta. Pôs a mão na maçaneta e olhou para mim.

— Ainda hipoteticamente falando? — perguntou.

— Sim.

— Se o meu irmão saiu daquela mata, ele não saiu sozinho.

O meu corpo inteiro gelou. Não conseguia mover-me. Não conseguia falar. Tentei dizer algo, porém nada saiu. Olhei Glenda Perez nos olhos. Ela olhou nos meus. Ela assentiu, e vi lágrimas nos olhos dela. Ela girou a maçaneta.

— Não brinque comigo, Glenda.

— Não estou brincando, Paul. É tudo o que sei. Meu irmão

sobreviveu àquela noite. E a sua irmã, também.

Capítulo 33

O dia rendia-se às sombras quando Loren Muse chegou ao velho acampamento.

Na placa, lia-se o nome do condomínio em que a área se transformara, "Lake Charmaine". O local era imenso, ela sabia, estendendo-se para além do rio Delaware, que separa Nova Jersey e Pensilvânia. O lago e as residências ficavam no lado da Pensilvânia. A maior parte da mata, em Nova Jersey.

Muse odiava mato. Amava desportos, porém detestava a natureza que tantos supostamente acham maravilhosa. Abominava insectos, pescaria, umidade, longas caminhadas, descobertas de antiguidades de araque e lama, lojinhas rascas, feiras de agropecuária e tudo o mais que considerasse "rural".

Ela parou junto à guarita, mostrou as credenciais ao segurança, esperou que o portão fosse aberto — o que não aconteceu. O segurança, entroncado, tipo halterofilista, apanhou a identidade de Muse e voltou para dentro da guarita, onde ficava o telefone.

— Ei, estou com pressa.

— Calminha, irmã.

— Calminha...? — Bufou ela.

Havia luzes de faróis alguns metros adiante. Várias viaturas estacionadas, supunha. Provavelmente todo o investigador, num raio de oitenta quilômetros, queria estar nessa zona.

O segurança desligou o telefone. Acomodou-se no posto dele. Não regressou ao carro.

— Ei! — chamou Muse.

Ele nada respondeu.

— Ei, amigo, estou a falar com você aí.

O sujeito virou-se devagar. Droga, pensou Muse, observando-o. Jovem e macho. Isso era um problema. Se um segurança particular já é mais velho, bem, em geral trata de alguém bem-intencionado, aposentado e entediado. Uma mulher nessa posição? Na maioria das vezes é mãe de família, a tentar ganhar um dinheiro extra. Mas um homem no auge da juventude? Sete em dez desses aspirantes a polícias costumam ser os otários mais perigosos. Por algum motivo, não foram capazes de entrar na corporação. Não que pretendesse criticar a sua profissão, porém, se um fulano tem como objetivo tornar-se polícia e não o consegue, frequentemente existe uma razão, e não seria alguma coisa da qual você desejaria ficar por perto.

E que melhor maneira de compensar a própria vida imprestável do que manter uma investigadora chefe — uma investigadora chefe mulher — esperando?

— Desculpe-me? — tentou Muse, a voz uma oitava mais suave.

— Você ainda não pode entrar — devolveu o segurança.

— Por que não?

— Você tem de esperar.

— Por quem?

— Delegado Lowell.

— Delegado Lobo?

— Lowell. E ele disse que ninguém entra sem o ok dele.

O segurança literalmente levantou a calça pelo cós.

— Sou a investigadora chefe do município de Essex.

Um sorriso desdenhoso. — Isto aqui parece o município de Essex para você?

— Aquela é a minha gente trabalhando ali. Preciso entrar.

— Calminha, irmã.

— Boa.

— O quê?

— Essa de "*calminha, irmã*". Você já disse isso duas vezes. É muito, muito engraçada. Posso usá-la algum dia, quando realmente quiser rebaixar alguém? Prometo que lhe darei o crédito.

Ele apanhou um jornal, ignorou-a. Muse cogitou seguir em frente e derrubar o portão.

— Você possui uma arma? — perguntou-lhe.

O fulano baixou o jornal.

— O quê?

— Uma arma. Você tem uma arma? Sabe, talvez para compensar outras deficiências.

— Cala a boca.

— Eu transporto uma arma. Sabe de uma coisa? Você abre o portão e eu deixá-lo-ei tocá-la.

Ao diabo com tocá-la. Talvez, simplesmente, lhe desse um tiro.

O segurança fuzilou-a com o olhar. Muse coçou o rosto, apontando o mindinho afetadamente na direção dele. Pela expressão do sujeito, percebeu que o gesto o atingira em cheio.

— Você está dando uma de provocação para cima de mim?

— Ei — retorquiu Muse, pondo ambas as mãos de volta sobre o volante —, calminha, irmão.

Muse reconhecia que aquilo tudo era estúpido, mas, também, terrivelmente divertido. A adrenalina fervilhava agora. Estava ansiosa para saber o que Andrew Barrett descobrira. A julgar pelo número de holofotes, devia ser algo em grande.

Como um corpo.

Dois minutos se passaram. Muse estava prestes a sacar a arma e obrigá-lo a abrir o portão quando um homem fardado se aproximou sem pressa do carro dela. Ele usava um chapéu de cowboy e ostentava a insígnia de delegado. No crachá, o nome LOWELL.

— Posso ajudá-la, menina?

— Menina? Ele contou-lhe quem sou?

— Hum, não, desculpe, apenas disse...

— Sou Loren Muse, a investigadora chefe de Essex. — Ela apontou para a guarita. — O *Bolas-Pequenas* ali está com as minhas credenciais.

— Ei, do que você me chamou?

Lowell suspirou e assoou o nariz. O nariz era bulboso e enorme. Assim como todas as feições dele — compridas e caídas, como se alguém tivesse desenhado uma caricatura e deixado que esta derretesse ao sol. Ainda segurando o lenço, o delegado acenou para o segurança.

— Tudo bem, Sandy.

— Sandy — repetiu Muse, olhando para a guarita. — Não é nome de menina?

O delegado virou o nariz imenso para ela. Provavelmente, desaprovando-a. Não podia culpá-lo.

— Sandy, devolva as credenciais da senhora.

Irmã, depois menina, agora senhora. Muse fazia força para não se enfurecer. Ali estava, a menos de duas horas de Newark e de Nova York, e era como se estivesse onde o diabo perdera as botas.

Sandy entregou as credenciais a Lowell. Este assoou o nariz com força — a pele tão dependurada que Muse quase temeu vê-la despencar. O delegado examinou a identidade, suspirou e disse:

— Você deveria ter-me dito quem ela era, Sandy.

— Mas o senhor falou que ninguém podia entrar sem a sua aprovação.

— Se você me tivesse informado ao telefone de quem se tratava, eu teria dado permissão.

— Mas...

— Ouçam, colegas — interrompeu-os Muse —, façam-me um favor. Discutam esses seus hábitos menores na próxima reunião do clubinho, ok? Preciso entrar aí.

— Estacione à direita — instruiu-a Lowell, calmo. — Temos de andar. Eu a levarei até ao local.

O delegado inclinou a cabeça. Sandy apertou um botão e o portão abriu-se. Enquanto passava, Muse coçou o rosto com o dedinho em riste. Sandy espumou de raiva, impotente. O que Muse achou bastante apropriado.

Ela estacionou o carro. Lowell aproximou-se com duas lanternas e entregou-lhe uma. A paciência de Muse estava por um fio.

— Ok — disse ela, agarrando a lanterna. — Por onde?

— Você tem um jeito realmente simpático com as pessoas.

— Obrigada, delegado.

— Pela direita. Vamos.

Muse morava numa porcaria de apartamento com relvado na frente de um prédio absolutamente sem graça, portanto não estava em posição de emitir julgamentos, todavia, para o seu olhar leigo, esse condomínio parecia exatamente igual a qualquer outro, não fosse o fato de que o arquitecto tentara criar um clima meio rústico e errara por completo. As paredes externas das residências, de alumínio, imitavam toros de madeira, um visual para lá de ridículo num empreendimento que se estendia em três planos. Lowell saiu da calçada e entrou num trilho de terra batida.

— Sandy mandou-a ficar calminha? — indagou o delegado.

— Sim.

— Não se ofenda. Ele fala assim com todo o mundo. Até com os rapazes.

— Ele deve ser a alma do seu clubinho.

Muse contou sete viaturas e três veículos de emergência, de um tipo ou de outro. Todos com as luzes cintilando. Por que precisavam das luzes acesas, não fazia ideia. Os moradores do condomínio, uma mescla de pessoas idosas e famílias jovens, tinham-se juntado ali, atraídos pelos holofotes desnecessários.

— É muito longe? — perguntou Muse.

— Uns dois quilômetros e meio, talvez. Você quer dar uma volta enquanto prosseguimos?

— Uma volta por onde?

— Pelo velho local dos assassinatos. Passaremos perto do lugar onde um dos corpos foi encontrado há 20 anos atrás.

— Você estava no caso?

— Tangencialmente.

— O que significa isso?

— Tangencialmente. Envolvido em aspectos relativamente secundários, ou irrelevantes. Lidando com detalhes periféricos. Tangencialmente.

Muse fitou-o.

Lowell poderia ter sorrido, porém era difícil saber com todas aquelas rugas.

— Nada mal para um caipira do mato, hein?

— Estou deslumbrada.

— Talvez você queira ser um pouquinho mais gentil comigo.

— Por quê?

— Primeiro, você mandou homens procurarem um cadáver no meu município sem me informar. Segundo, essa é a minha cena do crime. Você está aqui como convidada e num gesto de gentileza.

— Você não vai vir com esse negócio de jurisdição para cima de mim, vai?

— Não. Mas gosto de parecer durão. Como me saí?

— É. Então, continuamos o nosso passeio?

— Claro.

O caminho estreitava-se até praticamente desaparecer. Eles subiram a pedras e contornaram árvores. Muse sempre fora uma criança impetuosa. Sempre apreciara atividades físicas. E — Flair Hickory que se danasse — os sapatos dela podiam aguentar o esforço.

— Espere — disse Lowell. O sol continuava a pôr-se, iluminando o perfil do delegado. Ele tirou o chapéu e assoou o nariz outra vez.— Foi aqui que encontraram o garoto Billingham.

Doug Billingham.

A floresta pareceu silenciar-se às suas palavras, e então o vento sussurrou uma velha canção. Muse olhou para o chão. Um garoto. Billingham tinha 17 anos. Fora encontrado com oito punhaladas — a maioria, ferimentos defensivos. Ele lutara com o agressor. Ela fitou Lowell. O delegado estava de cabeça baixa, de olhos fechados.

Muse lembrou-se de algo. Algo que lera no arquivo. Lowell. Aquele nome.

— Tangencialmente o diabo — disse ela. — Você conduziu a investigação.

Lowell não respondeu.

— Não entendo. Por que não me contou?

O delegado encolheu os ombros.

— Por que não me contou que estavam reabrindo o meu caso?

— Não estávamos, de fato. Quero dizer, eu não achava que tivéssemos um motivo para isso.

— Então o seu pessoal acertou em cheio. Puro golpe de sorte?

Muse não gostou do rumo da conversa.

— Margot Green foi encontrada a que distância daqui? — indagou.

— Uns oitocentos metros a sul.

— Margot Green foi a primeira a ser encontrada, certo?

— Sim. Você sabe de onde viemos? Os chalés do condomínio? Lá ficava o antigo alojamento das meninas. O dos meninos ficava a sul. A garota Green foi encontrada perto de lá.

— Quanto tempo depois de achar Margot Green você localizou Billingham?

— 36 horas.

— Bastante tempo.

— Muito chão a cobrir.

— Mesmo assim. Ele estava ao relento?

— Não, numa cova rasa. Provavelmente por isso demoramos mais para localizá-lo. Você sabe como é. As pessoas ouvem falar de

crianças desaparecidas e, querendo ser boas cidadãs, vêm ajudar nas buscas. Passaram por cima do garoto. Ninguém percebeu que estava lá.

Muse olhou para o chão. Nada digno de nota. Havia uma cruz como aquelas usadas em memoriais improvisados para mortos em acidentes de carro. Porém a cruz era velha e gasta. Não havia nenhuma foto de Billingham. Nenhuma lembrança, ou flores, ou ursinhos de peluche. Apenas a cruz velha e gasta. Solitária no meio da mata. Muse quase estremeceu.

— O assassino, provavelmente você sabe disso, chamava-se Wayne Steubens. Como se constatou depois, ele era um dos orientadores do acampamento. Existem várias teorias sobre o que aconteceu naquela noite, mas o consenso geral é de que Steubens deu cabo dos dois adolescentes sumidos primeiro — Perez e Copeland. Enterrou-os. Tinha começado a cavar uma cova para Douglas Billingham quando Margot Green foi encontrada. Então, ele desapareceu. De acordo com o perito de Quântico, enterrar os corpos era uma parte que mais o excitava. Você sabe que Steubens enterrou todas as outras vítimas dele, não sabe? Aquelas em outros estados?

— Sim, eu sei.

— Sabe que duas delas ainda estavam vivas quando foram enterradas?

Ela também o sabia.

— Você chegou a interrogar Wayne Steubens? — indagou Muse.

— Conversamos com todos os do acampamento.

Lowell falou devagar, cuidadosamente. O alarme soou na cabeça de Muse.

— E, sim — prosseguiu o delegado —, o garoto Steubens causava-me arrepios. Pelo menos é o que penso agora. Mas talvez eu esteja pensando em retrospectiva. Já não sei bem. Não existia nenhuma prova ligando Steubens aos homicídios. Na verdade, não

existia nada que ligasse alguém ao crime. Além do mais, Steubens era rico. A família contratou um bom advogado. E, como você pode imaginar, o acampamento acabou logo depois. Todos os adolescentes foram para casa. Steubens foi mandado para o exterior no semestre seguinte. Acho que para uma escola na Suíça.

Muse continuava com os olhos fixos na cruz.

— Você está pronta para continuarmos?

Ela assentiu. Retomaram a caminhada.

— Há quanto tempo você é investigadora chefe? — perguntou Lowell.

— Alguns meses.

— E antes?

— Trabalhei no Departamento de Homicídios durante três anos.

Ele tornou a assoar o nariz enorme.

— Nunca fica mais fácil, não é?

A pergunta parecia retórica, de forma que ela permaneceu calada.

— Não é o ultraje — disse o delegado. — Muito menos, os mortos. Não há nada que se possa fazer a esse respeito. É o que é deixado para trás. O eco. Esta mata que você está atravessando. Os mais velhos acreditam que o som ecoa aqui para sempre. Faz sentido, quando se pensa nisso. O garoto Billingham. Tenho a certeza de que ele gritou. Ele grita, o som ecoa, repercute para a frente e para trás, o som diminuindo, diminuindo, mas nunca desaparecendo por completo. Como se uma parte dele ainda estivesse gritando, mesmo agora. Assassinato ecoa assim.

Muse conservou a cabeça baixa, atenta aos pés naquele terreno acidentado.

— Você conheceu algum membro das famílias das vítimas?

— Na verdade, um deles é meu chefe — comentou Muse.

— Paul Copeland.

— Você lembra-se dele?

— Como lhe disse, interroguei todo o mundo naquele acampamento.

Outra vez soou o alarme na cabeça de Muse.

— Foi ele quem a mandou examinar o caso? — perguntou Lowell.

Ela não retorquiu.

— Assassinato é injusto — prosseguiu o delegado. — É como se Deus tivesse um plano, existisse uma ordem natural das coisas. Ele inicia algo, e então alguém se intromete e faz a maior confusão. Se você solucionar o caso, isso ajuda, claro. Mas é como amassar um pedaço de papel-alumínio. Descobrir o assassino auxilia-o a esticar o pedaço de papel novamente. Mas, para a família, aquilo nunca mais recupera a forma antiga.

— Papel-alumínio?

Lowell encolheu os ombros.

— Você realmente é um filósofo, delegado.

— Olhe nos olhos do seu chefe de vez em quando. Qualquer coisa que tenha acontecido nesta mata naquela noite continua lá. Ainda ecoa, não?

— Não sei.

— E eu não sei se você deveria estar aqui.

— Por que não?

— Porque interroguei o seu chefe naquela noite.

Muse deteve-se.

— Você está dizendo que existe uma espécie de conflito de interesses?

— Talvez seja exatamente o que estou a dizer.

— Paul Copeland foi considerado suspeito?

— Esse caso permanece aberto. E ainda é, apesar da sua interferência, o meu caso. Portanto, não responderei à sua pergunta. Mas digo-lhe uma coisa: Copeland mentiu sobre o que aconteceu.

— Ele era um garoto desempenhando a função de sentinela. Não sabia quanto isso era sério.

— Isso não é desculpa.

— Ele foi descartado como suspeito depois, certo?

Lowell não respondeu.

— Li os arquivos. Paul Copeland relaxou na responsabilidade dele e não cumpriu as obrigações de sentinela. Você fala sobre desolação. E a culpa que ele deve sentir? Tem saudade da irmã, claro. Mas acho que a culpa o corrói mais.

— Interessante.

— O quê?

— Você disse que a culpa o corrói — observou Lowell. — Que tipo de culpa?

Ela continuou andando.

— E é curioso, você não acha?

— O quê?

— Que ele tenha abandonado o posto naquela noite. Pense um pouco. Lá estava ele, um menino responsável. Todos disseram isso. E, de repente, na noite em que os campistas vão para a mata, na noite em que Wayne Steubens planeia cometer homicídio, Paul Copeland decide ser negligente.

Muse nada disse.

— Isso, minha jovem colega, sempre me pareceu uma coincidência e tanto. — Lowell sorriu e virou-se. — Vamos, está ficando escuro, e você vai querer ver o que o seu amigo Barrett descobriu.

Depois que Glenda Perez saiu, não chorei, porém cheguei terrivelmente perto disso.

Permaneci na minha sala, sozinho, aturdido, inseguro sobre o que fazer, pensar, sentir. O meu corpo tremia. Assim como as minhas mãos. Perguntei-me se eu não estaria sonhando. Certifiquei-me disso.

A coisa era real.

Camille estava viva.

Minha irmã saiu daquela floresta. Exatamente como Gil Perez.

Liguei para o telemóvel da Lucy.

— Oi — disse ela.

— Você não vai acreditar no que a irmã de Gil Perez me acabou de contar.

— O quê?

Coloquei-a a par. Quando cheguei à parte sobre Camille ter escapado da floresta, Lucy arfou.

— Você acredita nela?

— Em relação à minha irmã?

— Sim.

— Por que é que Glenda diria isso se não fosse verdade?

Lucy não respondeu.

— O que foi? Você acredita que Glenda está mentindo? Porquê?

— Não sei, Paul. Mas há muita coisa nos escapando.

— Entendo. Mas pense um pouco. Glenda Perez não tem nenhum motivo para mentir sobre a minha irmã.

Silêncio.

— É estranho, só isso. Se sua irmã está viva, onde diabo ela está metida?

— Não sei.

— O que você vai fazer agora?

Reflecti por um instante, tentei clarear a mente. Uma boa pergunta. O que fazer agora? Aonde iria a partir dali?

— Falei com o meu pai novamente — disse ela.

— E então?

— Ele lembra-se de algo sobre aquela noite.

— O quê?

— Recusa-se a falar para mim. Disse que só contará a você.

— A mim?

— É. Ira quer vê-lo.

— Agora?

— Se você quiser.

— Quero, sim. Devo passar aí para apanhá-la?

Lucy hesitou.

— O que foi?

— Ele deixou claro que quer vê-lo sozinho. Que não dirá nada na minha frente.

— Ok.

Mais hesitação.

— Paul?

— Sim?

— Venha-me buscar assim mesmo. Fico no carro enquanto vocês conversam.

Os investigadores York e Dillon estavam na "sala de tecnologia", comendo pizza. Na realidade, tratava-se de um espaço destinado a reuniões para onde levavam televisores, videocassetes e coisas do gênero.

Max Reynolds entrou.

— Como vão vocês, rapazes?

— Essa pizza é horrível — disse Dillon.

— Lamento.

— Estamos em Nova York, pelo amor de Deus. A Big Apple. O lar da pizza. Isso aqui tem gosto de borracha.

Reynolds ligou a TV.

— Sinto muito que a cozinha não esteja à altura do padrão de vocês.

— Estou exagerando? — Dillon virou-se para York. — Falando a sério, isso tem gosto de borracha ou o problema é comigo?

— Você está no seu terceiro pedaço — comentou York.

— E provavelmente o último. Só para mostrar que falo a sério.

— O que você tem para nós? — indagou York a Max Reynolds.

— Creio que achamos o nosso homem. Ou, pelo menos, o carro. Dillon deu mais uma mordida enorme.

— Menos conversa, mais dados.

— Existe uma loja de conveniência numa esquina, a dois quarteirões de onde vocês encontraram o corpo — começou Reynolds. — O dono tem tido problemas com ladrões que roubam a mercadoria exposta do lado de fora e colocou uma câmera direcionada para a rua.

— Coreano? — interveio Dillon.

— Como é que é?

— O dono da loja de conveniência. É coreano, não?

— Não sei. E o que isso tem a ver?

— Aposto que o sujeito é coreano. Ele aponta uma câmera para a rua porque algum imbecil está roubando laranjas. Então, começa a reclamar dos impostos que paga, quando provavelmente há uns dez imigrantes ilegais trabalhando naquele lugar, e de que alguém deveria fazer algo a esse respeito, como se os polícias tivessem de assistir àquelas fitas vagabundas, com as imagens todas borradas, para encontrar o Sr. Ladrão de Frutas.

Dillon calou-se. York olhou para Max Reynolds.

— Continue.

— De qualquer maneira, sim, a câmera dá-nos uma visão parcial da rua. Então, começamos a procurar carros daquela época, de uns 30 anos atrás, e vejam o que descobrimos aqui.

Reynolds apertou o botão "pausa" quando surgiu um Fusca na tela da TV.

— Esse é o nosso carro? — indagou York.

— Um Fusca 1971. Um dos nossos peritos diz que dá para saber pela suspensão e pela bagageira na frente. E o mais importante: esse tipo de carro é compatível com as fibras da carpete encontradas nas roupas do Sr. Santiago.

— Com os diabos! — exclamou Dillon.

— Dá para decifrar o número da placa? — perguntou York.

— Não. Só temos uma visão lateral da placa. Não dá para ver nem o nome do Estado.

— Mas quantos fuscas amarelos originais pode haver rodando por aí? — ponderou York. — Vamos iniciar a busca com os registos de carros de Nova York. Depois, pesquisaremos os de Nova Jersey e de Connecticut.

Dillon concordou, a falar enquanto mastigava.

— Vamos acabar por ter algum retorno positivo.

York virou-se novamente para Reynolds.

— Mais alguma coisa?

— Dillon tem razão, a qualidade da fita não é boa. Mas se eu ampliar isso, conseguimos uma imagem parcial do sujeito.

— Ele parece o Jerry Garcia — observou Dillon, estreitando os olhos.

— Cabelos compridos e grisalhos, barba comprida e grisalha — concordou Reynolds.

— É só?

— É só.

— Vamos começar pesquisando os registos de veículos — disse York a Dillon. — Não pode ser assim tão difícil encontrar esse carro.

Capítulo 34

As acusações do delegado Lowell ecoaram no silêncio da floresta.

Lowell, que de bobo não tinha nada, achava que Paul Copeland mentira a respeito dos assassinatos.

Ele mentira? Isso importava?

Muse Refletiu sobre a questão. Sem dúvida, gostava de Cope. Ótimo chefe e muito bom promotor. Mas as palavras do delegado haviam-na feito recuperar a diretriz. Lembraram-na do que já sabia: tratava-se de um caso de homicídio. Como qualquer outro. E as investigações conduzi-la-iam pelo caminho que tivesse de percorrer, mesmo que isso a levasse ao seu chefe.

Sem favorecimentos.

Minutos depois, ruídos vindos da mata. Muse avistou Andrew Barrett. Barrett fazia da magreza uma forma de arte, com seus membros compridos, cotovelos ossudos, movimentos bruscos e desengonçados. Ele arrastava algo semelhante a um carrinho de bebé atrás de si. Só podia ser a XRJ. Muse chamou-o. Barrett ergueu o olhar, visivelmente irritado com a interrupção. Entretanto, ao constatar quem era, o seu rosto iluminou-se.

— Oi, Muse!

— Andrew.

— Que bom ver você.

— Ha ha. O que você está a fazer?

— Como assim, o que eu estou a fazer? — Ele parou de arrastar o carrinho. Havia três jovens, vestindo camisetas da John Jay,

andando ao lado dele. Estudantes, supôs ela . — Estou procurando covas.

— Pensei que você tivesse descoberto alguma coisa.

— E descobri. Está a uns cem metros daqui. Como são dois os corpos desaparecidos, pensei que ainda não era hora de cantar vitória.

Muse engoliu em seco.

— Você encontrou um corpo?

O rosto de Barrett tinha um fervor geralmente reservado a cultos religiosos.

— Muse, esta máquina. Oh, puxa, ela é simplesmente incrível. Tivemos sorte, claro. Não chove nesta área.... há quanto tempo mesmo, delegado?

— Duas, três semanas — respondeu Lowell.

— Isso ajuda. E muito. Terra seca. Você sabe como funciona um radar de solo? Cravei uns 800 MHz nesta belezinha aqui. O que me permite vasculhar uma profundidade de apenas um metro e trinta. Mas que metro e trinta! Na maioria das vezes, as máquinas esquadrinham fundo demais. Mas pouquíssimos assassinos cavam além de um metro, um metro e dez. O outro problema é que as máquinas atuais não conseguem diferenciar itens de tamanhos semelhantes. Por exemplo, um cano, raízes profundas ou o que queremos: ossos. A XRJ não só fornece imagens subterrâneas mais límpidas como também, com o novo dispositivo em 3-D...

— Barrett? — interrompeu Muse.

Ele empurrou os óculos para cima. — O quê?

— Eu pareço interessada em saber como o seu brinquedinho funciona?

Barrett tornou a ajeitar os óculos. — Ah...

— Apenas me interessa que o seu brinquedo funcione. Portanto, por favor, diga-me o que você encontrou antes que eu atire em alguém?

— Ossos, Muse — respondeu Barrett, com um sorriso. —

Encontramos ossos.

— Humanos, não é?

— Sem dúvida. Na verdade, a primeira coisa que achamos foi um crânio. Então, paramos de procurar. Os peritos estão a desenterrá-los agora.

— Qual é a idade deles?

— Do quê? Dos ossos?

— Não, Barrett, daquele carvalho ali. Sim, dos ossos.

— Como é que eu vou saber? A médica-legista talvez tenha uma ideia. Ela já está no local.

Muse apressou-se. Lowell seguiu-a. Logo adiante, as luzes dos holofotes brilhavam, quase como numa gravação de cinema. Equipas de escavação costumam trabalhar sob luzes fortes, mesmo quando diretamente expostas à claridade do sol. Certa vez, um dos investigadores de cenas de crimes explicou-lhe que luzes brilhantes ajudam a diferenciar detritos de ouro: "Sem essas luzes, é como julgar se uma garota é boazona estando bêbada num bar escuro. Você acha que está com uma top model, mas, de manhã, quer acabar consigo".

Lowell apontou para uma mulher atraente, com luvas de borracha. Muse imaginou tratar-se de outra estudante. A mulher — de cabelos compridos e negros presos num coque, como uma dançarina de flamengo — não devia ter nem 30 anos.

— Aquela é a Dra. O'Neill — explicou Lowell.

— Ela é a sua médica-legista?

— Sim. Você sabia que, aqui, as pessoas são eleitas para esse cargo?

— Você quer dizer que os candidatos fazem campanha, coisas assim? Tipo, oi, sou a Dra. O'Neill, sou realmente boa com os mortos?

— Eu até daria uma resposta mordaz, mas vocês, espertinhos da cidade, são inteligentes demais para nós, caipiras.

Ao aproximar-se, Muse constatou que "atraente" não chegava nem de perto para definir a doutora. Tara O'Neill era deslumbrante. E

a aparência dela, obviamente, provocava alguma distração na equipa. O médico-legista não está no comando de uma cena de crime. A polícia, sim. Entretanto, todos os presentes lançavam olhares de esguelha para O'Neill.

— Sou Loren Muse, investigadora chefe de Essex.

A outra estendeu-lhe a mão enluvada.

— Tara O'Neill, legista.

— O que você me pode dizer sobre o corpo?

O'Neill pareceu acautelar-se, porém Lowell inclinou a cabeça, dando-lhe permissão para seguir em frente.

— Foi você quem mandou o Sr. Barrett aqui?

— Sim.

— Uma figura interessante.

— Sei disso.

— Mas aquela máquina funciona. Não sei como ele encontrou esses ossos, mas o Sr. Barrett é bom. Creio que deparar com o crânio primeiro ajudou bastante. — A médica desviou o olhar.

— Algum problema? — indagou Muse.

Ela meneou a cabeça.

— Cresci nesta área. Costumava brincar mesmo aqui, exatamente neste lugar. A gente pensa que, talvez, deveria ter sentido um arrepio, ou algo assim. Mas não, nada.

Mure mexeu-se os pés, esperou.

O'Neill continuou: — Eu tinha 10 anos quando os adolescentes sumiram. Os meus amigos e eu costumávamos passear pela mata, sabia? Acendíamos fogueiras. Inventávamos histórias sobre os dois adolescentes que nunca tinham sido encontrados, dizíamos que continuavam aqui, observando-nos, que eram mortos-vivos, coisas assim, que nos apanhariam e nos matariam. Uma loucura. Apenas uma maneira de fazer o seu namorado emprestar-lhe a jaqueta e ganhar um abraço de proteção dele. — Tara O'Neill sorriu e meneou a cabeça.

— Dra. O'Neill?

— Sim?

— Por favor, conte-me o que você descobriu.

— Ainda estamos a trabalhar, mas, pelo que posso ver, temos um esqueleto razoavelmente completo. Foi encontrado a um metro de profundidade. Preciso de levar os ossos para o laboratório para conseguir uma identificação positiva.

— O que você me pode adiantar agora?

— Venha por aqui.

A médica conduziu Muse até ao outro lado da cova. Os ossos estavam etiquetados e dispostos sobre uma lona azul.

— Nenhuma peça de roupa? — perguntou Muse.

— Nenhuma.

— Elas desintegraram-se ou o corpo foi enterrado nu?

— Não posso afirmar com certeza absoluta. Mas como não há nenhuma moeda, joia, botões, fechos ou até sapatos, que geralmente duram muito tempo, o meu palpite é de que o corpo teria sido enterrado nu.

Muse fitou o crânio escurecido.

— Causa da morte?

— Cedo demais para dizer. Mas sabemos algumas coisas.

— Como...?

— Os ossos estão em péssimo estado. Muito tempo numa cova rasa.

— Muito tempo quanto?

— Difícil estabelecer com precisão. Participei de um seminário no ano passado sobre amostragem de solo em cenas de crime. É possível estimar quando o buraco foi cavado pela maneira como a terra está remexida. Mas é uma estimativa bastante primária.

— Você teria um palpite? Qualquer palpite?

— A ossada está aqui já há algum tempo. Pelo menos uns 15 anos, creio. Em resumo, e para responder à pergunta que você tem em

mente, é coerente, muito coerente, com o período em que os assassinatos ocorreram aqui, nesta mata.

Engolindo em seco, Muse fez a verdadeira pergunta que desejara fazer desde o início.

— É possível identificar o sexo? Se os ossos pertencem a um homem ou a uma mulher?

Uma voz profunda interrompeu-as.

— Doutora?

Era um dos membros da equipa, usando até o colete que o identificava como tal. Musculado, barba cerrada e torso compacto. Segurava uma pequena pá, a respiração alterada de quem está fora de forma.

— O que foi, Terry? — perguntou O'Neill.

— Acho que terminamos.

— Você quer encerrar?

— Por hoje, sim. Talvez queiramos voltar amanhã, verificar se há algo mais. Mas gostaríamos de transportar o corpo agora.

— Dê-me dois minutos.

Terry assentiu e afastou-se. Tara O'Neill manteve os olhos fixos na ossada.

— Você tem conhecimentos sobre o esqueleto humano, investigadora Muse?

— Algum.

— Sem um exame completo, pode ser bastante difícil diferenciar o esqueleto masculino do feminino. Costumamos usar, como referência, o tamanho e a densidade dos ossos. Ossos de homens tendem a ser maiores e mais grossos, claro. Às vezes, a altura da vítima ajuda. Os homens geralmente são mais altos. Mas frequentemente essas coisas não são decisivas.

— Você está a dizer-me que não sabe?

— Não estou, absolutamente, dizendo isso. — O'Neill sorriu. — Deixe-me mostrar-lhe.

Tara O'Neill agachou-se. Muse, também. O'Neill tinha uma lanterna fina na mão, o tipo que lança um feixe de luz estreito, porém potente.

— Eu disse que era bastante difícil. Não impossível. Dê uma olhada.

Ela direcionou a lanterna para o crânio.

— Você sabe para o que estamos olhando?

— Não — retorquiu Muse.

— Em primeiro lugar, os ossos parecem ser mais leves. Em segundo, repare no ponto logo abaixo de onde as sobrancelhas devem ter estado.

— Ok.

— Essa região é conhecida como sulco supraorbitário. É mais pronunciada nos homens. Mulheres têm testa mais recta. Esse crânio está delapidado, mas é possível ver que o sulco não é pronunciado. Mas o ponto-chave, o que realmente quero mostrar-lhe aqui, é a área da pélvis, mais especificamente a cavidade pélvica. — Ela apontou o feixe de luz. — Você está vendo ali?

— Sim, acho que sim. E então?

— É bastante larga.

— Isso significa?

Tara O'Neill desligou a lanterna e levantou-se.

— Isso significa que a vítima é caucasiana, com mais ou menos um metro e sessenta e sete de altura, a propósito, a mesma altura de Camille Copeland, e, sim, é do sexo feminino.

Dillon disse: — Você não vai acreditar.

York levantou o olhar. — O quê?

— A busca pelo Fusca no computador foi um sucesso. Só existem catorze fuscas, na área de três estados, que se encaixam na descrição. E aqui vai o melhor. Um deles está registado no nome de Ira Silverstein. Esse nome diz-lhe algo?

— Não é o dono do velho acampamento?

— Exatamente.

— Você está insinuando que aquele Copeland estava certo o tempo todo?

— Consegui o morada de onde vive esse Ira Silverstein — disse Dillon. — É uma espécie de clínica de reabilitação.

— Então, de que estamos à espera? — reagiu York. — Vamos embora.

Capítulo 35

Quando Lucy entrou no carro, liguei o CD. *Back in Your Arms*, de Bruce Springsteen começou a tocar. Ela sorriu.

— Você já gravou?

— Sim.

— Você gosta?

— Muito. Acrescentei algumas outras canções, de uma cópia pirata de um dos shows a solo de Springsteen. *Drive All Night*.

— Essa música faz-me sempre chorar.

— Todas as músicas a fazem chorar — respondi.

— Não *Super Freak*, de Rick James.

— Admito o meu erro.

— E *Promiscuous*. Essa não me faz chorar.

— Nem mesmo quando Nelly canta "o seu jogo se destaca como Steve Nash"?

— Nossa, você me conhece mesmo.

Sorri.

–Você parece calmo para um homem que acabou de saber que a irmã morta talvez esteja viva.

— Compartimentando.

— Isso é uma técnica?

— É o que faço. Ponho as coisas em compartimentos diferentes. É como enfrento a loucura dos dias. Apenas coloco a coisa em algum outro lugar durante algum tempo.

— Compartimentando — disse ela.

— Exatamente.

— Na psicologia, nós temos um outro termo para isso. Chamamos de "*negação bem-sucedida*".

Percorremos alguns quilômetros.

— Do que o seu pai se poderia ter lembrado? — perguntei.

— Não sei. Mas sabemos que Gil Perez o visitou. O meu palpite é de que essa visita despertou algo na cabeça de Ira. O quê, não sei. É possível que não seja nada. Ele não anda bem. Talvez seja a imaginação de Ira, invenção até.

Estacionamos atrás do Fusca de Ira. Esquisito deparar com esse carro velho. A visão deveria ter-me arrastado ao passado. Ira costumava passear pelo acampamento naquele Fusca o tempo todo. Metia a cabeça pela janela, sorria, efetuava pequenas entregas. Permitia que as campistas o decorassem e fingia estar liderando um desfile. Mas, neste momento, o velho Fusca não mexeu nem um pouco comigo.

Compartimentar não estava funcionando.

Porque eu tinha esperança.

Eu tinha esperança de encontrar a minha irmã. Tinha esperança de estar realmente ligando-me a uma mulher pela primeira vez desde que Jane morrera, esperança de poder sentir o meu coração bater junto do de alguém.

Tentei advertir-me. Tentei lembrar-me de que a esperança era a mais cruel de todas as amantes, capaz de triturar a sua alma como se ela fosse uma folha seca. Todavia, neste exato instante, não queria pensar nisso. Eu queria a esperança. Queria agarrar-me a ela e simplesmente permitir que ela me fizesse sentir leve durante algum tempo.

Fitei Lucy. Ela sorriu, o sorriso rasgando-me o peito. Havia muito tempo que eu não experimentava essa sensação avassaladora. Então, surpreendi-me a mim mesmo. Tomei-lhe o rosto em ambas as mãos. O sorriso dela desapareceu. Os olhos buscaram os meus. Inclinei a cabeça e beijei-a tão de leve que chegou a doer. Um solavanco me sacudiu. Escutei-a arfar. Ela retribuiu o beijo.

Senti-me totalmente abalado.

Lucy encostou a cabeça no meu peito. Ouvi-a chorar suavemente. Deixei-a. Acariciei-lhe os cabelos e lutei contra o turbilhão. Não sei por quanto tempo permanecemos assim, abraçados. Poderiam ter sido cinco minutos, quinze. Simplesmente não sei.

— É melhor você entrar — disse ela.

— Você vai ficar aqui?

— Ira foi claro. É você, sozinho. Vou aproveitar para ligar o carro dele, ver se a bateria continua carregada.

Não tornei a beijá-la. Saí do veículo e segui pela vereda. A paisagem verdejante transmitia tranquilidade. A mansão, em estilo georgiano, era quase perfeitamente retangular, com colunas brancas na frente. Recordava-me prédios de agremiações estudantis da alta classe.

Havia uma mulher na recepção. Dei-lhe o meu nome. Ela pediu-me que assinasse o livro de visitantes. Fez uma ligação e falou num sussurro. Aguardei, escutando uma versão de elevador para uma música de Neil Sedaka.

Uma ruiva, trajando roupas comuns, apareceu no corredor, vindo ao meu encontro. Ela vestia saia e blusa, os óculos dependurados no peito. Parecia uma enfermeira a tentar não parecer uma enfermeira.

— Sou Rebecca.

— Paul Copeland.

— Vou levá-lo ao Sr. Silverstein.

— Obrigado.

Eu imaginei que seguiríamos pelo corredor, porém saímos da casa por uma porta dos fundos. Os jardins eram bem cuidados, e, embora ainda fosse um pouco cedo, as luzes externas já estavam acesas. Sebes cercavam a propriedade como cães de guarda.

Avistei Ira imediatamente.

Ele tinha mudado e, todavia, não mudara nada. Você conhece pessoas assim. Envelhecem, ficam grisalhas, ganham peso, os ombros

caem e, no entanto, continuam exatamente iguais. Assim como Ira.

— Ira?

No acampamento, ninguém se dirigia aos outros pelo sobrenome. Chamávamos os adultos de tia e tio, mas eu simplesmente já não podia mais dizer "tio Ira".

Ele usava um poncho que eu vira pela última vez num documentário sobre Woodstock e calçava sandálias. Ira levantou-se devagar e abriu os braços para mim. Era assim no acampamento também. Todo o mundo se abraçava. Todos gostavam um do outro. Tudo muito ao estilo Kumbaya.[1]

Abracei-o. Ele segurou-me apertado, com toda a força que tinha. Senti a barba roçar o meu rosto.

Depois de me soltar, Ira virou-se para a enfermeira. — Deixe-nos sozinhos.

Rebecca afastou-se. Ira conduziu-me até um banco de cimento e madeira pintada de verde. Sentamo-nos.

— Você está a mesma coisa, Cope.

Ele lembrar-se a do meu apelido.

— Você também.

— Seria de esperar que os anos difíceis deixassem mais marcas nos nossos rostos, não?

— Imagino que sim.

— Então, o que faz agora?

— Sou promotor.

— É mesmo?

— Sim.

Ira franziu o cenho.

— Trabalhando para o sistema.

Ainda o Ira de sempre.

— Não estou processando quem protesta contra a guerra — disse. — Vou atrás de assassinos e violadores. Gente assim.

— É por esse motivo que você está aqui?

— O quê?

— Você está a tentar encontrar assassinos e violadores?

Sem saber o que fazer em relação ao comentário, segui o andamento.

— De certa forma, suponho. Estou a tentar descobrir o que aconteceu naquela noite, na mata.

Ira fechou os olhos.

[1] Música possivelmente escrita pelo reverendo Marvin V. Frey nos anos de 1930, que desfrutou de renovada popularidade nos anos de 1960, associada ao Movimento pelos Direitos Civis daquela década. (N. da T.)

— A Lucy disse-me que você me queria ver.

— Sim.

— Por quê?

— Quero saber por que você voltou.

— Nunca fui a lugar nenhum.

— Você sabe que magoou a Lucy.

— Escrevi para ela. Telefonei. Ela não ligava de volta.

— Mesmo assim. Ela sofreu.

— Nunca quis que isso acontecesse.

— Então, por que você está de volta agora?

— Quero descobrir o que aconteceu com a minha irmã.

— Ela foi assassinada. Como os outros.

— Não, não foi.

Ele nada respondeu. Decidi pressionar um pouco.

— Você sabe disso. Gil Perez veio visitá-lo, não?

Ira estalou os lábios. — Seco.

— O quê?

— Estou seco. Eu tinha um amigo de Caims. Uma cidade da

Austrália. O homem mais legal que conheci. Ele costumava dizer: "Um homem não é um camelo, companheiro". Era o jeito dele de pedir um drink.

Ira sorriu.

— Não creio que você possa conseguir um drink aqui.

— Sei disso. De qualquer maneira, nunca fui chegado à bebida. O que agora chamam de "drogas recreativas" era mais a minha praia. Mas estou a falar de água. Eles têm algumas garrafas naquela caixa térmica ali.

Ira levantou-se e rumou, aos tropeções, para a direita. Havia uma caixa grande, em forma de baú, com um adesivo do New York Rangers na tampa. Ira abriu-a, tirou uma garrafa, entregou-a a mim, apanhou outra. Desenroscou a tampa da garrafa e bebeu. O líquido escorreu-lhe pelas faces, transformando o branco da barba num cinza escuro.

— Ahhh — murmurou ele ao terminar.

Procurei colocá-lo de volta ao assunto.

— Você disse à Lucy que queria ver-me.

— Sim.

— Por quê?

— Porque você está aqui. Esperei demais.

— Estou aqui — disse vagarosamente — porque você pediu para me ver.

— Não aqui. Aqui, de volta às nossas vidas.

— Eu disse-lhe. Estou a tentar descobrir...

— Por quê agora?

Aquela pergunta de novo.

— Porque — respondi — Gil Perez não morreu naquela noite. Ele voltou. Ele visitou-o, não?

Os olhos de Ira perderam-se ao longe. Ele começou a andar. Acompanhei as passadas dele.

— Ele esteve aqui, Ira?

— Ele não usou esse nome.

Ira continuou andando. Percebi que mancava, o rosto contraído de dor.

— Você está bem? — perguntei.

— Preciso caminhar.

— Onde?

— Há umas trilhas. No bosque. Venha.

— Ira, não estou aqui para...

— Ele disse que se chamava Manolo alguma coisa. Mas eu sabia quem ele era. O pequeno Gilly Perez. Você lembra-se dele? Daqueles velhos tempos?

— Sim.

— Bom menino. — Ira meneou a cabeça. — Mas muito manipulável.

— O que ele queria?

— Não me disse quem era. Não no início. Ele realmente não parecia o mesmo, mas havia algo nos trejeitos, sabe? Você consegue esconder coisas. Você pode engordar. Mas Gil ainda tinha aquele receio. Ainda se movimentava da mesma maneira. Como se estivesse alerta o tempo todo. Você entende o que estou a dizer?

— Sim.

Eu pensara que a área fosse cercada, porém não. Ira passou por uma abertura nas sebes. Segui-o. À nossa frente, uma colina arborizada. Ira embrenhou-se no trilho.

— Você tem permissão para sair?

— Claro. Não estou internado. Posso ir e vir de acordo com a minha vontade.

Ele continuou andando.

— O que Gil lhe disse? — perguntei.

— Queria saber o que aconteceu naquela noite.

— Ele não sabia?

— Sabia alguma coisa. Queria saber mais.

— Não compreendo.

— Você não tem de compreender.

— Sim, Ira, tenho.

— Está tudo acabado. Wayne está na prisão.

— Wayne não matou o Gil Perez.

— Eu achava que sim.

Não entendi aquele último comentário. Ira estava-se movendo mais depressa agora, mancando e, visivelmente, sentindo dor. Quis dizer-lhe que parasse, mas a boca dele também se estava movendo.

— Gil mencionou a minha irmã?

Ira parou por um instante. O sorriso era triste.

— Camille.

— Sim.

— Pobrezinha.

— Ele mencionou-a?

— Eu gostava muito do seu pai, você sabe. Um homem tão doce, tão machucado pela vida.

— Gil mencionou o que aconteceu com a minha irmã?

— Pobre Camille.

— Sim. Camille. Ele disse alguma coisa sobre ela?

Ira retomou a subida.

— Tanto sangue naquela noite.

— Por favor, Ira, preciso que você mantenha o rumo. Gil falou alguma coisa, qualquer coisa, sobre Camille?

— Não.

— Então, o que queria ele?

— O mesmo que você.

— E o que é?

Ele virou-se. — Respostas.

— Para quais perguntas?

— As mesmas que as suas. O que aconteceu naquela noite. Ele não entendia, Cope. Está tudo acabado. Eles estão mortos. O assassino

está na cadeia. Você deveria deixar os mortos descansarem.

— Gil não estava morto.

— Até aquele dia, o dia em que veio visitar-me, ele estava. Você entende?

— Não.

— Está acabado. Os mortos foram-se. Os vivos estão em segurança.

Estendi a mão e agarrei-lhe o braço.

— Ira, o que o Gil Perez lhe disse?

— Você não entende.

Paramos. Ira olhou colina abaixo. Acompanhei o olhar dele. Enxergávamos apenas o telhado da mansão agora. Estávamos no meio do bosque denso. Ambos tínhamos a respiração mais alterada do que deveríamos. O rosto de Ira estava muito pálido.

— Tem de ficar enterrado.

— O quê? — perguntei.

— Foi o que disse para o Gil. Está acabado. Siga em frente. Foi há muito tempo. Ele estava morto. Aí, não estava mais. Mas deveria ter estado.

— Ira, ouça-me. O que o Gil lhe disse?

— Você não vai deixar a coisa em paz, vai?

— Não — retorqui. — Não vou.

Ira assentiu. Parecia muito triste. Então, pôs a mão sob o poncho e tirou uma arma, apontou-a para mim e, sem uma palavra, atirou.

Capítulo 36

O que temos aqui é um problema.

O delegado Lowell assoou o nariz num lenço grande o suficiente para parecer um acessório de palhaço. A delegacia era mais moderna do que Muse imaginava, porém, mais uma vez, as suas expectativas não tinham sido elevadas. Prédio novo, Projecto simples e limpo, cheio de monitores de computadores e cubículos. Muito branco e cinza.

— O que você tem aqui — replicou Muse — é um corpo.

— Não me estou referindo a isso. — Lowell apontou para a xícara que a investigadora segurava. — Como está o café?

— Excelente.

— Costumava ser uma porcaria. Alguns faziam-no forte demais; outros, fraco demais. Deixavam-no ferver uma eternidade. No ano passado, um dos moradores doou uma dessas máquinas de café expresso para a delegacia. Você já fez café com os grãos moídos na hora?

— Delegado?

— Sim?

— É uma tentativa de me cortejar com o seu charme menor?

Ele sorriu. — Um pouco.

— Considere-me cortejada. Qual é o nosso problema?

— Acabamos de descobrir um corpo que esteve enterrado na mata, de acordo com estimativas iniciais, durante um longo tempo. Temos algumas informações: caucasiana, sexo feminino, aproximadamente um metro e sessenta e sete de altura. É tudo o que sabemos por enquanto. Pesquisei os registos. Não existe nenhuma

moça desaparecida num raio de oitenta quilômetros que corresponda a essa descrição.

— Ambos sabemos de quem se trata — afirmou Muse.

— Não, ainda não.

— O que você acha, então? Que outra garota de um metro e sessenta e sete foi assassinada nas proximidades do acampamento na mesma época e enterrada perto dos outros dois corpos?

— Eu não disse isso.

— O que disse você?

— Que ainda não temos uma identificação definitiva. A Dra. O'Neill está trabalhando nisso. Pedimos a ficha dentária de Camille Copeland. Deveremos saber com certeza dentro de um, dois dias. Sem pressa. Temos outros casos.

— Sem pressa?

— Foi o que eu disse.

— Então, não estou entendendo.

— Veja, é neste ponto que tenho de perguntar, investigadora Muse. O que você é, em primeiro lugar e principalmente? Agente da lei ou apadrinhada política?

— O que você quer dizer com isso?

— Você é a investigadora chefe do município — retorquiu Lowell. — Eu gostaria de acreditar que uma pessoa, especialmente uma dama da sua idade, chegou a esse cargo devido ao próprio talento e habilidade. Mas também circulo no mundo real. Entendo de suborno, de favoritismo, de bajulação. Então estou perguntando...

— Ganhei a promoção por merecimento.

— Não tenho dúvida disso.

— Não acredito que preciso justificar-me a você.

— Mas lamentavelmente, minha cara, precisa, sim. Porque se esse caso fosse seu e eu me intrometesse, e você soubesse que eu despejaria tudo nos ouvidos do meu chefe, alguém que, no mínimo, estava envolvido com a coisa, o que faria você?

— Você acha que eu varreria o envolvimento dele para debaixo do tapete?

Lowell encolheu os ombros.

— Repito: se eu estivesse, digamos, substituindo o delegado titular daqui, por indicação dele mesmo, que, aliás, está envolvido no seu caso de assassinato, o que pensaria você?

— É um argumento justo — concedeu Muse, recostando-se na cadeira. — Então, o que posso fazer para tranquilizá-lo?

— Deixe-me cuidar da questão da identificação do corpo.

— Você não quer que Copeland saiba o que descobrimos?

— Ele esperou 20 anos. O que são mais um ou dois dias?

Muse entendeu onde aquela conversa ia dar.

— Quero acompanhar a investigação de perto, mas não me agrada mentir para um homem em quem confio e de quem gosto.

— A vida é dura, investigadora Muse.

Ela franziu o cenho.

— Mais uma coisa — continuou Lowell. — Quero que você me diga por que Barrett estava aqui com aquele brinquedinho, procurando corpos decompostos há tanto tempo.

— Já lhe disse. Eles queriam testar a máquina numa situação real.

— Você trabalha em Newark, Nova Jersey. Por acaso está a falar-me que não existia nenhum terreno lá onde fosse possível encontrar cadáveres? Era preciso vir até aqui?

Naturalmente, o delegado estava com a razão. Chegara o momento de abrir o jogo.

— O corpo de um homem assassinado foi descoberto em Nova Jersey — contou Muse. — O meu chefe acha que é Gil Perez.

As feições de Lowell descaíram.

— Como é que é?

Ela ia explicar, quando Tara O'Neill entrou, apressada. Embora parecesse irritado com a interrupção, o delegado manteve a voz

neutra.

— O que foi, doutora?

— Descobri algo sobre o corpo. Algo importante, creio eu.

Depois que Cope saiu do carro, Lucy permaneceu dentro do veículo por uns bons cinco minutos, vestígios de um sorriso nos lábios. Ainda estava aérea por causa do beijo. Nunca experimentara nada assim antes, o modo como as mãos grandes lhe tinham segurado o rosto, o jeito como ele a fitara... era como se o seu coração não apenas houvesse recomeçado a bater como também levantara voo.

Fora maravilhoso. Era amedrontador.

Após dar uma olhadela na coleção de CDs, encontrou um de Ben Folds. Selecionou a canção *Brick*. Nunca entendera muito bem do que falava a música — de uma overdose, um aborto, um colapso mental? —, mas, no fim, a mulher é um tijolo e o está arrastando para baixo, está afogando-o.

Música triste era melhor do que bebida, supunha. Porém não muito.

Ao desligar o motor, Lucy viu um carro verde, um Ford com placa de Nova York, parar bem em frente da clínica, no local onde havia uma placa de *PROIBIDO ESTACIONAR*. Dois homens saíram do veículo — um, alto; outro, atarracado — e entraram no prédio. Lucy não sabia do que se tratava. Provavelmente não seria nada.

Ela remexeu no interior da bolsa e apanhou a chave do Fusca de Ira. Meteu um pedaço de chiclete na boca. Se Cope tornasse a beijá-la, estava garantida de que o mau hálito não seria um problema.

O que Ira diria a Cope? Perguntava-se do que o pai se lembraria. Os dois, pai e filha, jamais haviam conversado sobre aquela noite. Uma única vez. Talvez se falasse pudesse ter mudado tudo. Ou não mudado nada. Os mortos teria continuado mortos, e os vivos, vivos. Longe de ser um pensamento particularmente profundo, mas, paciência.

Lucy saiu do carro e caminhou na direção do velho Fusca. Ergueu a chave e apontou para o veículo. É estranho o que nos acostumamos a fazer. Dificilmente um carro é destrancado com chave atualmente. A maioria tem controle remoto. O Fusca, não, claro. Ela pôs a chave na fechadura, no lado do motorista. A coisa estava enferrujada e precisou girar com força, mas conseguiu destravar a porta.

Pensou sobre como vivera a sua vida, nos erros que cometera. Conversara com Cope sobre a sensação de ter sido empurrada naquela noite, de descair colina abaixo e não saber como parar. Era verdade. Cope tentara encontrá-la ao longo dos anos, mas permanecera escondida. Talvez devesse tê-lo contatado mais cedo. Talvez devesse ter tentado lidar com o que aconteceu naquela noite logo depois da tragédia. Em vez disso, enterra-se o assunto. Recusava-se a encará-lo. Ficava-se tão apavorado com o confronto que se descobrem outras maneiras de se esconder — a escolhida por Lucy, a mais comum: o fundo de uma garrafa. As pessoas não procuram a garrafa para fugir. Mas para se esconderem.

Ao sentar-se à frente do volante, logo percebeu alguma coisa de errada. A primeira pista visual foi algo caído junto ao banco do passageiro.

Uma lata de refrigerante.

Diet Coke, para ser mais exata.

Ela apanhou-a. Ainda havia um resto de líquido na lata. Quando fora a última vez que entrara no Fusca? Não se lembrava de nenhuma lata. Ou será que não reparara nela? Existia essa possibilidade.

Então, o cheiro atingiu-a.

Lembrou-se de um incidente na floresta, nas imediações do acampamento, quando tinha uns 12 anos. Ira levou-a para dar um passeio. Tinham ouvido tiros e Ira escutara. Caçadores tinham invadido as terras dele. O pai descobriu-os e começou a gritar,

dizendo que ali era propriedade particular. Um dos caçadores pusera-se a berrar também. Aproximou-se, enfrentou Ira, e Lucy recordava-se de que o fulano cheirava horrivelmente.

Sentia aquele cheiro agora.

Ela virou-se e olhou para o banco de trás.

Havia sangue no chão.

E então, à distância, ouviu o som de tiros.

A ossada estava sobre uma mesa de alumínio, com pequenos orifícios. Os orifícios serviam para facilitar a limpeza, feita com a mangueira. O soalho ladrilhado, com uma leve inclinação para o ralo, ao centro, assemelhava-se ao chão dos vestiários de academias e também auxiliava ao escoamento dos resíduos. Muse não queria pensar no que escoava por aquele ralo e no que usavam para limpá-lo. Será que detergente normal funcionava ou tinham de apelar para algo mais forte?

Lowell postou-se num dos lados da mesa. Muse no outro, com Tara O'Neill.

— Então, o que há? — indagou Lowell.

— Em primeiro lugar, estão faltando alguns ossos. Voltarei ao local depois e darei uma olhada. Mas são coisas pequenas, não é o principal. Isso é normal em casos assim. Eu pretendia tirar algumas radiografias, verificar os centros de ossificação, especialmente na região da clavícula.

— O que é que isso nos pode dizer?

— Uma ideia da idade. Os ossos param de crescer à medida que ficamos mais velhos. O último lugar a ossificar é aqui em cima, praticamente no ponto em que a clavícula se junta ao esfato. O processo cessa por volta dos 21 anos. Mas não é um detalhe importante no momento.

Lowell fitou Muse. Muse encolheu os ombros.

— Então, qual é a sua grande descoberta?

— Isto.

O'Neill apontou para a pélvis.

— Você mostrou-me antes — comentou Muse. É a prova de que se trata do esqueleto de uma mulher.

— Bem, sim. A pélvis é mais larga, como disse antes. Também temos o sulco menos proeminente e a menor densidade dos ossos. Todos os sinais de que a ossada é de uma mulher. Não tenho dúvida quanto a isso. Estamos diante dos restos mortais de uma mulher.

— Então o que você nos está mostrando?

— O osso púbico.

— Sim?

— Você está vendo aqui? Chamamos de sulco. Ou melhor, de fenda dos ossos púbicos.

— Ok.

— A cartilagem mantém esses ossos juntos. É anatomia básica. Você provavelmente sabe disso. Geralmente pensamos em cartilagem em termos de joelhos, ou cotovelos. Ela é elástica. Estica-se. Mas você vê aqui? As marcas na face do osso púbico? Estão formadas na superfície cartilaginosa em que os ossos antes se encontravam e então separaram-se.

O'Neill fitou-os. O rosto, radiante.

— Vocês estão me acompanhando?

— Não — retorquiu Muse.

— Os sulcos são formados quando a cartilagem é esticada. Quando os ossos púbicos se separaram.

Muse olhou para Lowell. O delegado encolheu os ombros.

— E o que é que isso significa? — arriscou-se Muse.

— Significa que, em algum momento da vida dessa mulher, os ossos se separaram. E isso significa, investigadora Muse, que a vítima deu à luz.

Capítulo 37

As coisas não desaceleram quando há uma arma apontada para você.

Pelo contrário, apressam-se. Quando Ira apontou a arma para mim, eu esperava ter tempo para reagir. Comecei a levantar as mãos, gesto primitivo de que era inofensivo. Minha boca ensaiou abrir-se para tentar tirar-me da encrenca, para dizer que eu cooperaria e faria o que ele quisesse. Meu coração disparou, minha respiração estancou, e os meus olhos enxergavam apenas a arma, nada além da abertura daquele cano, o buraco grande e negro agora me encarando.

Mas não tive tempo para nada daquilo. Não tive tempo de perguntar a Ira por quê. Não tive tempo de perguntar o que havia acontecido com a minha irmã, se ela estava viva ou morta, como Gil escapara da mata naquela noite, se Wayne Steubens estava envolvido ou não. Não tive tempo de dizer a Ira que ele estava certo, que eu deveria ter deixado a coisa em paz, que a deixaria em paz agora e todos nós poderíamos voltar para as nossas vidas.

Não tive tempo para nada disso.

Porque Ira já estava puxando o gatilho.

Um ano atrás, eu li um livro chamado Blink, de Malcolm Gladwell. Não ouso simplificar os argumentos dele, mas ele diz que precisamos confiar mais nos nossos instintos — a porção animal do nosso cérebro que automaticamente nos impele a sair do caminho se um camião vem desgovernado na nossa direção. Ele também atenta para o fato de que fazemos julgamentos instantâneos, às vezes, baseados em poucas evidências — aquilo a que chamamos de palpites —, e que estes geralmente estão certos. Talvez isso estivesse

acontecendo ali. Talvez algo na postura de Ira, ou no modo como ele sacou a arma, ou sei lá o quê, me fez compreender que não haveria hipótese de tentar uma conversa; que Ira ia atirar e eu ia morrer.

Alguma coisa me fez saltar para o lado imediatamente.

Entretanto, ainda assim, a bala atingiu-me.

Ele apontou para o centro do meu peito. A bala apanhou-me de lado, varando a minha cintura como uma lança incandescente. Desabei e tentei rolar para trás de uma árvore. Ira tornou a atirar. Errou desta vez. Continuei rolando.

A minha mão encontrou uma pedra. Não raciocinei. Simplesmente agarrei-a e, ainda rolando no chão, atirei-a. Um lance patético, nascido do desespero, que mais parecia fruto dos esforços de uma criança deitada de bruços.

Um arremesso destituído de força. A pedra acertou-o, mas não creio que tenha surtido nenhum efeito. Eu percebia agora que esse fora o plano de Ira todo o tempo. A razão de querer falar comigo a sós. O porquê de me levar ao bosque. Ele queria matar-me.

Ira, aquele espírito aparentemente manso, era um homicida.

Olhei para trás. Ele estava perto demais. A cena de um filme veio-me à cabeça, *Um Casamento de Alto Risco*, comédia em que explicam a Alan Arkin que a maneira de evitar balas é correr em ziguezague. Aquilo não ia funcionar ali. O homem estava apenas a uns dois metros de distância. Ele empunhava uma arma. Eu já fora atingido, sentia o sangue escorrer.

Eu ia morrer.

Descíamos a colina aos trambolhões, eu ainda rolando, Ira pelejando para não cair, a tentar manter equilíbrio suficiente para tentar outro tiro. Eu sabia que ele tornaria a atirar. Sabia que me restavam poucos segundos.

A minha única hipótese seria reverter a situação.

Estanquei de súbito. Ira hesitou, procurou desacelerar. Agarrei o tronco de uma árvore com ambas as mãos e atirei as minhas pernas

para a frente, com a intenção de atingi-lo. Isto, também, um movimento patético, pensei, de um ginasta ruim sobre um cavalo com alças. Entretanto, Ira encontrava-se relativamente perto e com o equilíbrio vacilante. Os meus pés golpearam-no no tornozelo direito. Não com tanta força assim. Mas com força suficiente.

Ele gritou e caiu.

"A arma", pensei. "Pega na arma."

Arrastei-me no chão. Eu era maior. Mais jovem. Encontrava-me em melhores condições físicas. Ele era um homem velho, o cérebro meio desarranjado. Podia disparar uma arma, sim. Ainda existia vigor nos seus braços e pernas. Porém a passagem dos anos e o abuso de drogas haviam diminuído a velocidade dos reflexos.

Trepei em cima dele, procurando a arma que o vira segurar com a mão direita. Tentei pegar-lhe o braço. Concentre-se no braço. Só no braço. Agarrei-lhe o braço com ambas as mãos, rolei o meu corpo, imobilizei-o.

A mão estava vazia.

Eu estive tão preocupado com a mão direita, que não reparei no movimento da esquerda. A arma devia ter-lhe escapado dos dedos quando ele caiu. Mas Ira segurava-a agora na mão esquerda, como se fosse uma pedra. E esmagou a minha testa com a coronha.

Foi como se uma descarga eléctrica me atravessasse o crânio. Senti o cérebro dar um solavanco, como se arrancado do seu ancoradouro, e começar a chocalhar. O meu corpo em convulsões.

Soltei-o.

Fitei-o. Ele tinha a arma apontada para mim.

–Alto! Polícia!

Reconheci a voz. York.

O ar estagnou. Crepitou. O meu olhar passou da arma para os olhos de Ira. Estávamos tão perto assim, a arma apontada diretamente para o meu rosto. E enxerguei com clareza. Ele ia puxar o gatilho e matar-me. Não seria impedido a tempo. A polícia estava ali agora.

Estava tudo acabado para ele. Ira tinha que saber disso. Entretanto, ia atirar em mim.

— Pai! Não!

Lucy. Ao ouvir aquela voz, alguma coisa nos olhos de Ira mudou.

— Largue a arma! Largue! Agora!

Novamente York. Os meus olhos continuavam fixos nos de Ira. Ira não desviou o olhar.

— A sua irmã está morta — disse.

Então, afastou a arma do meu rosto, colocou-a na própria boca e puxou o gatilho.

Capítulo 38

Desmaiei.

Foi o que me disseram. Entretanto, tenho algumas lembranças turvas. Lembro-me de Ira a cair sobre mim, a parte posterior da cabeça dele destruída. Lembro-me de ouvir Lucy gritar. Lembro-me de olhar para cima, ver o céu azul, observar as nuvens esvoaçarem. Presumi estar deitado de costas, numa maca, sendo levado para a ambulância. As lembranças encerravam-se aí. Como o céu azul. As nuvens brancas.

E, então, quando comecei a sentir-me quase sereno e sossegado, recordei-me das palavras de Ira.

A sua irmã está morta...

Meneei a cabeça. Não. Glenda Perez contou-me que Camille saíra viva daquela mata. Ira não o saberia. Não poderia sabê-lo.

— Dr. Copeland?

Abri os olhos devagar. Eu estava numa cama. Num quarto de hospital.

— Meu nome é Dr. McFadden.

O meu olhar passeou pelo quarto. Vi York atrás do médico.

— Você levou um tiro no lado. Demos pontos. Vai ficar bem, apesar da dor...

— Doutor?

McFadden estive entregue à melhor cantilena médica dele e não esperava uma interrupção tão precoce. Ele franziu o cenho.

— Sim?

— Estou bem, certo?

— Sim.

— Então, podemos conversar sobre isso depois? Eu realmente preciso falar com aquele polícia.

York disfarçou um sorriso. Esperei alguma discussão. Médicos são até mais arrogantes do que advogados. Mas McFadden encolheu os ombros.

— Claro. Diga à enfermeira que me contate quando você terminar.

— Obrigado, doutor.

Ele retirou-se sem mais uma palavra. York aproximou-se da cama.

— Como você sabia sobre Ira? — indaguei.

— Os homens do laboratório compararam as fibras encontradas no corpo de, hum... — A voz de York esmoreceu. — Bem, ainda não temos uma identificação, mas, se você quiser, podemos chamá-lo de Gil Perez.

— Seria bom.

— De qualquer maneira, os peritos encontraram essas fibras no corpo dele. Sabíamos que eram provenientes de um carro velho. Também descobrimos uma câmera de segurança perto do local onde o corpo foi encontrado. Na fita, apareceu um Fusca amarelo, igual ao de Silverstein. Por isso, corremos para lá.

— Onde está Lucy?

— Dillon está a fazer-lhe mais algumas perguntas.

— Não estou entendendo. Ira matou Gil Perez?

— Sim.

— Não há dúvidas?

— Nenhuma. Em primeiro lugar, descobrimos sangue no banco traseiro do Fusca. O meu palpite é de que será compatível com o de Perez. Em segundo lugar, os funcionários da clínica confirmaram que Perez, que assinou o livro de registos como Manolo Santiago, visitou Silverstein na véspera do assassinato. Os funcionários também

disseram ter visto Silverstein sair de carro na manhã seguinte. A primeira vez nos últimos seis meses.

— E ninguém pensou em contar nada à filha?

— Os funcionários que presenciaram tudo isso não estavam de serviço na visita seguinte de Lucy Gold ao pai. E, como afirmaram várias vezes, Silverstein jamais foi declarado incapaz ou algo do gênero. Era livre para ir e vir.

— Não entendo. Por que Ira o mataria?

— Pelo mesmo motivo que quis matar você, suponho. Ambos estavam investigando o que aconteceu naquele acampamento há 20 anos atrás. O Sr. Silverstein não queria isso.

Tentei juntar as peças do quebra-cabeça.

— Então, ele matou Margot Green e Doug Billingham?

York aguardou um instante, como que esperando que eu acrescentasse a minha irmã à lista. Não o fiz.

— Pode ser.

— E Wayne Steubens?

— Provavelmente, de algum modo, os dois trabalharam juntos. Não sei. O que sei é que Ira Silverstein matou o meu homem. Ah, outra coisa: a arma com que Ira atirou em você é do mesmo calibre da disparada contra Gil Perez. Estamos fazendo testes de balística, mas já sabemos que o resultado será positivo. Então, você junta o sangue no banco traseiro do Fusca, a fita de vídeo e o veículo perto do local onde o corpo foi atirado, e as evidências são demolidoras. Mas Ira Silverstein está morto, e, como você sabe, é muito difícil processar um homem morto. Sobre o que Ira Silverstein fez, ou não fez, há 20 anos atrás — York encolheu os ombros —, caramba, estou curioso também. Mas é um mistério para outra pessoa resolver.

— Você ajudará, se precisarmos?

— Claro. Eu adoraria. E, quando você esclarecer tudo, por que não vem à cidade e levo-o para comer um churrasco?

— Combinado.

Apertamos as mãos.

— Eu deveria agradecer-lhe por ter salvo a minha vida — disse.

— Sim, deveria. Só que não acho que eu tenha feito isso.

Lembrei-me da expressão de Ira, da determinação dele em matar-me. York enxergara isso também. Ira ia atirar em mim, e as consequências que se danassem. A voz da Lucy salvou-me, mais do que a arma de York.

York retirou-se. Eu estava sozinho num quarto de hospital. Provavelmente existem lugares mais deprimentes para estar só, entretanto nenhum deles me vinha à mente. Pensei na minha Jane, em quão corajosa ela havia sido. A única coisa que realmente a apavorava, que a aterrorizava, era ser deixada sozinha num quarto de hospital. Assim, eu fiquei ali a noite inteira. Dormi numa daquelas poltronas que se podem transformar na cama mais desconfortável deste mundo de meu Deus. Não digo isso para merecer aplausos. Fora o único momento de fraqueza da Jane, a primeira noite no hospital, quando ela agarrou a minha mão e se esforçou por manter o desespero longe da voz ao pedir: "*Por favor, não me deixe sozinha aqui*".

Eu não deixei. Não naquele dia. Não até muito depois, quando ela voltou para casa, onde queria morrer, porque a ideia de regressar a um quarto como este, em que eu me encontrava agora...

Agora era a minha vez. Estava sozinho ali. O fato não me assustava muito. Pensei nisso, sobre o ponto aonde a minha vida me levara. Quem estaria ao meu lado numa crise? Quem eu poderia esperar à cabeceira da minha cama quando acordasse num hospital? Os primeiros nomes que surgiram na minha mente: Greta e Bob. Quando eu cortei a mão no ano passado, fatiando uma rosca, Bob levou-me ao pronto-socorro, Greta tomou conta da Cara. Eles eram a família — a única família que me restara. E, agora, faziam parte do passado.

Lembrei-me da última vez que tinha sido hospitalizado. Aos 12

anos, apareci com febre reumática. Uma doença bastante rara na época, e ainda mais rara hoje. Fiquei hospitalizado durante dez dias. Recordo-me da Camille indo visitar-me. Às vezes ela levava alguns dos amigos irritantes dela, porque sabia que a presença deles me distrairia. Jogávamos muito caça-palavras. Os meninos amavam Camille. Ela costumava levar as cassetes que os garotos gravavam para ela — bandas como Steely Dan, Supertramp e Doobie Brothers. Camille dizia-me quais as bandas que eram legais, quais eram as mais caretas, e eu seguia o gosto dela como se fosse bíblico.

Ela sofrera naquela floresta?

Era o que eu sempre me perguntava. O que Wayne Steubens lhe fizera? Ele a amarrara e aterrorizara como fizera com Margot Green? Ela lutara e sofrera ferimentos defensivos, como Doug Billingham? Ele a enterrara viva, como aquelas vítimas em Indiana e na Virgínia? Quanta dor Camille sofrera? Quão apavorantes haviam sido os últimos momentos dela?

E agora... a nova pergunta: Camille conseguira, de alguma maneira, sair viva daquela mata?

Voltei os meus pensamentos para Lucy. Debrucei-me sobre o que ela devia estar a passar. Assistiu ao amado pai estourar os miolos e agora estaria a debater-se entre os porquês e os comos de tudo isso. Desejei ir ao encontro dela, dizer-lhe alguma coisa, tentar, de algum modo, confortá-la um pouco.

Uma batida à minha porta.

— Entre.

Esperava deparar-me com uma enfermeira. Era Muse. Sorri-lhe. Presumi que fosse retribuir-me o sorriso. Nada. A expressão não poderia estar mais fechada.

— Não fique tão taciturna. Estou bem.

Muse aproximou-se. A expressão, imutável.

— Eu disse...

— Já falei com o médico. Ele afirmou que talvez você nem

precise passar a noite aqui.

— Então, por quê essa cara?

Muse agarrou uma cadeira, puxou-a para perto da cama.

— Precisamos de conversar.

Eu já vira Loren Muse com essa cara antes.

Era a expressão impenetrável dela. Do tipo "*vou arrancar o rabo desse canalha*", ou "*tente mentir para mim, e vou saber*". Eu já a vira direcionar esse olhar para assassinos, violadores, ladrões de carros e membros de gangues. Agora, ela estava apontando-o para mim.

— Qual é o problema?

A expressão dela não se suavizou.

— Como foi com Raya Singh?

— Aquilo que imaginávamos. — Dei-lhe uma versão resumida dos fatos, porque falar sobre Raya parecia-me quase irrelevante nesse estágio dos acontecimentos. — A grande novidade é que a irmã de Gil Perez veio ver-me. Afirmou que Camille saiu viva daquela mata.

Notei uma leve mudança no rosto dela. Muse era boa, sem dúvida, mas eu também o sou. Dizem que um verdadeiro "tique" dura menos de um décimo de segundo. Mas percebi-o. Muse não estava necessariamente surpreendida com o que lhe contei. Entretanto, apesar de tudo, a informação balançara-a.

— O que está acontecendo, Muse?

— Conversei com o delegado Lowell hoje.

Franzi o cenho. — Ele ainda não se aposentou?

— Não.

Eu ia perguntar por que ela o fora procurar, porém conhecia-a bem. Sabia o quanto era minuciosa. Seria natural que contatasse o principal responsável pela investigação daqueles assassinatos. O que também explicava, em parte, o comportamento dela em relação a mim.

— Deixe-me adivinhar. Lowell pensa que menti sobre aquela noite.

Muse não respondeu sim nem não.

— É estranho, não? Você não ter permanecido no seu posto na noite dos assassinatos.

— Você sabe por quê. Você leu aqueles textos.

— Sim, li. Você foi para a floresta com a sua namorada. E não quis colocá-la numa encrenca.

— Certo.

— Mas, de acordo com esses textos, você estava coberto de sangue. Isso é verdade também?

Fitei-a. — O que é que está acontecendo, afinal?

— Estou fingindo que você não é o meu chefe.

Tentei sentar-me. Os pontos doeram como o diabo. — Lowell falou-lhe que fui considerado suspeito?

— Ele não tem de dizer nada. E você não tem de ser um suspeito para eu lhe fazer essas perguntas. Você mentiu sobre aquela noite...

— Eu estava protegendo Lucy. Você já sabe disso.

— Sim, sei o que você já me contou. Mas ponha-se no meu lugar. Preciso lidar com esse caso sem pré-julgamentos. Se você fosse eu, não faria essas perguntas?

Reflecti um pouco. — Entendi, ok, certo, manda vir. Pergunte-me o que quiser.

— Sua irmã alguma vez esteve grávida?

Fiquei quedo, pasmo. A pergunta atingiu-me como um inesperado gancho de esquerda. Provavelmente fora a intenção dela.

— Você está a falar a sério?

— Sim, estou.

— Por que você me perguntaria uma coisa dessas?

— Apenas me responda.

— Não, minha irmã nunca esteve grávida.

— Tem a certeza?

— Acho que eu saberia disso.

— Saberia mesmo?

— Não entendo. Porque é que você me está perguntando isso?

— Há casos em que garotas escondem a gravidez da família. Você sabe. Caramba, tivemos um caso em que a própria garota não sabia até o bebé nascer. Lembra-se?

Eu lembrava-me.

— Ouça, Muse, sou o seu chefe. Por quê essas perguntas sobre a minha irmã estar grávida?

Ela esmiuçou o meu rosto, os olhos percorrendo-me como lesmas viscosas.

— Pare com isso — reagi.

— Você tem de se afastar do caso por uma questão de conflito de interesses, Cope. Você sabe que sim.

— Não tenho de fazer nada.

— Sim, tem. Lowell ainda está à frente da investigação. O show é dele.

— Lowell? Aquele caipira não tem trabalhado no caso desde que prenderam Wayne Steubens, há 18 anos atrás.

— Ainda assim. O caso é dele. É ele quem lidera a investigação. Eu não tinha muito a certeza de como lidar com a coisa.

— Lowell sabe que Gil Perez estava vivo durante todo esse tempo?

— Coloquei-o a par da sua teoria.

— Então, por que, de repente, você me está encostando à parede com essas perguntas sobre a Camille ter estado grávida?

Ela nada retorquiu.

— Certo, faça como quiser. Escute, prometi à Glenda Perez que tentaria manter a família dela fora disso. Mas conte a Lowell. Talvez ele a deixe continuar envolvida no caso. E confio muito mais em você do que naquele delegado do fim do mundo. A questão principal é: Glenda Perez disse que a minha irmã saiu viva da mata.

— E — completou Muse — Ira Silverstein afirmou que ela está

morta.

Um silêncio pesado caiu sobre o quarto. O tique nervoso era mais óbvio desta vez. Olhei-a fixamente. Muse tentou enfrentar o meu olhar, porém, por fim, rompeu o contato.

— O que é que está havendo, Muse?

Ela levantou-se. A porta abriu-se. Entrou uma enfermeira. Com um breve olá, meteu um aparelho de pressão no meu braço e um termômetro na minha boca.

— Já volto — disse Muse.

O termômetro ainda estava na minha boca. A enfermeira tomou o meu pulso. Os batimentos deviam estar na estratosfera. Tentei chamar:

— Muse!

Ela saiu do quarto. Fiquei na cama, fumegando.

Grávida? Camille poderia ter estado grávida?

Não conseguia imaginar isso. Vasculhei na memória. Ela começara a usar roupas largas? Durante quanto tempo estivera grávida? Quantos meses? Meu pai teria percebido, sendo ginecologista e obstetra. Camille não o poderia ter escondido dele.

Mas, talvez, ela não tenha escondido nada.

Eu poderia pensar que tudo isso era uma bobagem, que seria absolutamente impossível a minha irmã ter estado grávida. Excepto por um detalhe. Eu não sabia o que diabo estava acontecendo ali, mas Muse sabia mais do que aquilo que estava a dizer. Aquelas perguntas dela não tinham sido à toa. Às vezes um bom promotor precisa fazer isso com um caso. Precisa conceder a uma ideia maluca o benefício da dúvida. Apenas para ver como poderia, quem sabe, encaixar-se.

A enfermeira terminou. Peguei no telefone e liguei para casa, querendo falar com Cara. Surpreendi-me quando Greta atendeu, com um amigável "*alo*".

— Oi — disse.

Lá se foi o tom amigável.

— Soube que você vai ficar bem.

— Foi o que me disseram.

— Estou aqui, com Cara — anunciou Greta, secamente. — Posso levá-la para dormir na minha casa hoje, se você quiser.

— Seria ótimo, obrigado.

Uma pausa curta.

— Paul?

Geralmente ela me chama de Cope. Não gostei daquilo.

— Sim?

— O bem-estar da Cara é importante para mim. Ela continua sendo minha sobrinha. Continua sendo a filha da minha irmã.

— Compreendo.

— Você, por outro lado, não significa nada para mim.

Greta desligou o telefone.

Recostei-me na cama e esperei Muse regressar, a tentar repassar os eventos, passo a passo, na minha cabeça dolorida.

Glenda Perez afirmara que minha irmã saíra viva da mata.

Ira Silverstein dissera que ela estava morta.

Em quem acreditar?

Glenda Perez pareceu-me uma pessoa normal. Ira Silverstein, um lunático.

Um ponto para Glenda Perez.

Também me ocorreu que Ira falou sem cessar sobre querer que as coisas permanecessem enterradas. Ele matou Gil Perez — e quase me matou — porque desejava que parássemos de desenterrar o passado. Teria percebido que, enquanto eu pensasse que a minha irmã estava viva, eu investigaria. Eu faria o que fosse preciso, as consequências que se danassem, se achasse que existia uma hipótese de trazer Camille para casa. Evidentemente Ira não quisera isso.

O que lhe dera um motivo para mentir — para dizer que ela estava morta.

Glenda Perez, por outro lado, também queria que eu parasse

de investigar. Enquanto mantivesse a minha investigação ativa, a família dela estaria em perigo. A fraude e os outros quase-delitos que ela enumerara poderiam ser expostos. Portanto, Glenda Perez também teria dado conta de que a melhor maneira de me fazer desistir seria convencendo-me de que nada mudara em 20 anos, de que Wayne Steubens realmente matara a minha irmã. Seria do interesse dela afirmar que Camille estava morta.

Porém ela agira de maneira diferente. Outro ponto para Glenda Perez.

A esperança — lá estava aquela palavra outra vez — expandiu-se no meu peito.

Loren Muse regressou ao quarto. Fechou a porta atrás de si.

— Acabei de falar com o delegado Lowell — anunciou ela.

— É mesmo?

— Como lhe disse, o caso é dele. Eu não poderia abordar certas questões sem o consentimento dele.

— Tem a ver com as suas perguntas sobre a gravidez?

Muse sentou-se como se temesse que a cadeira pudesse quebrar. Colocou as mãos no colo. Comportamento esquisito tratando-se de Muse. Normalmente ela gesticula feito uma siciliana movida a anfetaminas. Nunca a vi tão quieta. Tinha os olhos baixos. Senti um pouco de pena. Ela estava a esforçar-se para fazer a coisa certa. Como sempre.

— Muse?

Ela ergueu o olhar. Não gostei do que enxerguei.

— O que está acontecendo?

— Você lembra-se que despachei Andrew Barrett para a área do velho acampamento?

— Claro. Ele queria testar alguma engenhoca nova com radar de solo. E daí?

Muse fitou-me. Foi tudo o que fez. Fitou-me e percebi lágrimas nos olhos dela. Então, ela inclinou a cabeça ao de leve. A aquiescência

mais triste que eu já vira.

Senti o meu mundo desabar.

Esperança. A esperança estivera gentilmente embalando o meu coração. Agora, estendia as garras e o esmagava. Eu não conseguia respirar. Meneei a cabeça, porém Muse continuou assentindo.

— Eles descobriram uma ossada não muito longe do local onde os outros dois corpos foram encontrados.

Meneei a cabeça com mais força. Não agora. Não depois de tudo.

— Mulher, um metro e sessenta e sete, provavelmente enterrada num período de 15 a 30 anos.

Meneei a cabeça mais um pouco. Muse calou-se, esperando-me recuperar a compostura. Tentei clarear as ideias, tentei não escutar o que ela estava dizendo. Tentei bloquear, tentei rebobinar. E então lembrei-me de algo.

— Você perguntou-me se Camille estava grávida. Você está dizendo que esse corpo... que eles podem detectar se ela estava grávida?

— Não apenas grávida. Ela deu à luz.

Fiquei pasmado. Tentei absorver a informação. Não consegui. Uma coisa era ouvir que a minha irmã estivera grávida. Isso poderia ter acontecido. Camille poderia ter feito um aborto, ou sei lá o quê. Mas pensar que ela levara a gravidez até o fim, que parira um filho, e que agora estava morta, depois de tudo...

— Descubra o que aconteceu, Muse.

— Vou descobrir.

— E se há um bebé lá fora...

— Vamos encontrá-lo também.

Capítulo 39

Tenho novidades.

Alexei Kokorov continuava sendo um espécimen impressionante, embora medonho. No final dos anos de 1980, pouco antes da queda do Muro de Berlim — e de as suas vidas mudarem para sempre —, Kokorov fora subordinado de Sosh na *InTourist*. Era hilariante quando se pensava a esse respeito. Ambos tinham pertencido à elite da KGB no seu país de origem. Em 1974, tinham feito parte do *Spetsgruppa* A — o Grupo Alfa —, que, supostamente, se dedicava a ações de contraterrorismo e combate ao crime. Porém, numa fria manhã de Natal, em 1979, a sua unidade invadiu o palácio Darulaman, em Cabul. Não muito depois, Sosh conseguiu o trabalho na *InTourist* e mudou-se para Nova York. Kokorov, um homem com quem Sosh nunca se dera particularmente bem, também fora. Ambos tinham deixado as famílias para trás. A coisa funcionava assim. Nova York era sedutora. Um lugar onde apenas o mais empedernido soviético recebia permissão para ir. Entretanto, mesmo o mais empedernido precisava de ser vigiado por um colega de quem, necessariamente, não gostava ou em quem confiava. Mesmo o mais empedernido precisava de ser lembrado de que deixara entes queridos para trás, a quem poderiam ser impingidos sofrimentos.

— Prossiga — disse Sosh.

Kokorov era um bêbado. Sempre fora, mas na juventude tal fato quase agira a seu favor. Forte e inteligente, a bebida fazia-o particularmente cruel. Ele obedecia-lhe, como um cão. Agora, os anos tinham-no vergado, insidiosos. Os filhos estavam crescidos e já não

viam utilidade no pai. A esposa abandonou-o tempos atrás. Ele transformou-se numa figura patética, mas representava o passado. Os dois nunca tinham gostado um do outro, é verdade; contudo, ainda existia um laço a uni-los. Kokorov tornara-se leal a Sosh. Assim, Sosh mantinha-o na folha de pagamento.

— Descobriram um corpo naquela floresta — falou Kokorov.

Sosh fechou os olhos. Não esperava por isso e, ao mesmo tempo, não estava realmente surpreso. Pavel Copeland quisera desenterrar o passado. Sosh alimentara a esperança de impedi-lo. Há coisas que é melhor um homem desconhecer. Gavrel e Aline, seu irmão e sua irmã, tinham sido enterrados numa cova comum. Sem lápide. Sem dignidade. Isso nunca o incomodara. Do pó ao pó. Mas, às vezes, detinha-se imaginando. Às vezes perguntava se Gavrel, um dia, não se ergueria das cinzas e apontaria um dedo acusador para o irmãozinho, aquele que lhe roubara uma mordidela extra de pão, há mais de 60 anos atrás. Fora só uma mordidela, Sosh sabia. Não mudara nada. E, no entanto, Sosh ainda pensava no que fizera, na mordidela de pão roubada, a cada nova manhã da sua vida.

Seria a mesma coisa agora também? Os mortos gritando por vingança?

— Como soube você disso? — perguntou Sosh.

— Desde a visita do Pavel, tenho acompanhado o noticiário local. Pela internet. A coisa foi relatada.

Sosh sorriu. Dois velhos valentões da KGB usando a internet dos Estados Unidos para arrebanhar informações. Irônico.

— O que devemos fazer? — indagou Kokorov.

— Fazer?

— Sim. O que devemos fazer?

— Nada, Alexei. Foi há muito tempo.

— Assassinato é um crime que não prescreve neste país. Eles vão investigar.

— E descobrir o quê?

Kokorov nada respondeu.

— Acabou. Não temos mais nenhuma agência ou um país para proteger.

Silêncio. Alexei coçou o queixo, desviou o olhar.

— O que foi?

— Você sente saudade daqueles tempos, Sosh?

— Sinto saudade da minha juventude. De mais nada.

— As pessoas nos temiam — continuou Kokorov. — Tremiam quando passávamos.

— E você acha que aquilo era uma coisa boa, Alexei?

O sorriso dele era horrível, os dentes pequenos demais para a boca, como os de um roedor.

— Não finja que não. Tínhamos poder. Éramos deuses.

— Não; éramos brutamontes. Não éramos deuses. Éramos os capangas sujos dos deuses. Eles tinham o poder. Estávamos assustados, então fazíamos os outros ficarem mais assustados ainda. Isso fazia com que nos sentíssemos grandes homens: aterrorizando os mais fracos.

Alexei refutou o argumento com um gesto de mão.

— Você está ficando velho, Sosh.

— Nós dois estamos.

— Não gosto dessa coisa toda voltando.

— Você também não gostou do regresso do Pavel. É porque ele lhe faz lembrar o avô, não?

— Não.

— O homem que você prendeu. Aquele homem idoso e a esposa idosa dele.

— Você pensa que era melhor do que eu, Sosh?

— Não. Eu sei que não era.

— A decisão não coube a mim. Você sabe. Eles foram denunciados, nós agimos.

— Exatamente. Os deuses o mandaram agir. E você agiu. Você

ainda se sente um grande homem?

— Não foi assim.

— Foi exatamente assim.

— Você teria feito o mesmo.

— Sim, teria.

— Estávamos ajudando uma causa maior.

— Alguma vez você realmente acreditou nisso, Alexei?

— Sim. Ainda acredito. Ainda me pergunto se estávamos tão errados. Quando vejo os perigos que a liberdade forjou. Ainda me pergunto...

— Eu, não — devolveu Sosh. — Éramos criminosos.

Silêncio. Kokorov disse:

— Então, o que acontece agora? Agora que descobriram o corpo?

— Talvez nada. Talvez outros morrerão. Ou talvez o Pavel finalmente terá a hipótese de enfrentar o passado.

— Você não lhe disse que ele deveria deixar o passado enterrado?

— Sim. Mas ele não me deu ouvidos. Quem de nós vai provar que estava certo, isso não sabemos.

Dr. McFadden entrou e explicou-me que eu tivera sorte, que a bala me furara o lado sem atingir nenhum órgão interno. Eu sempre achara insuportável essa história de o herói levar um tiro e depois continuar a vida como se nada, jamais, houvesse acontecido. Todavia, a verdade é que muitos ferimentos com bala realmente saram assim. Ficar deitado nesta cama ou descansar em casa daria no mesmo.

— Estou mais preocupado com a pancada na cabeça — falou o médico.

— Mas posso ir para casa?

— Vamos deixar você dormir um pouco, certo? Ver como se sente ao acordar. Acho que você deveria passar a noite aqui.

Eu pretendia discutir, entretanto não ganharia nada indo para casa. Estava ferido, indisposto e dorido. Provavelmente a minha aparência acabaria assustando Cara.

Eles tinham encontrado um corpo na floresta. Eu ainda não conseguia absorver o fato.

Muse enviara um fax para o hospital, com os resultados da autópsia preliminar. Embora até ao momento os peritos não soubessem muito sobre a ossada, era difícil acreditar que não se tratava da minha irmã. Lowell e Muse tinham feito uma investigação completa das mulheres desaparecidas da região, estudando a possibilidade de alguma se encaixar no perfil da vítima. A busca fora infrutífera — a única cujas caraterísticas se equiparavam às do esqueleto, de acordo com os dados no computador, era a minha irmã.

Até agora, não foi possível precisar a causa da morte. Algo nada incomum, visto o estado das ossadas. Se o assassino lhe cortou a garganta ou a enterrou viva, provavelmente ninguém nunca o saberia. Não haveria nenhuma marca no osso — a cartilagem e os órgãos internos há muito foram consumidos por alguma colônia de parasitas.

Pulei para o item seguinte. O sulco do osso púbico.

A vítima dera à luz.

Novamente me debrucei sobre a questão. Imaginei se seria possível. Em circunstâncias normais, esse detalhe poderia ter alimentado alguma esperança de que não fora a minha irmã que tinham desenterrado. Mas se não fosse ela, a que conclusão chegar? Que na mesma época uma outra garota — uma garota de quem ninguém sabia nada — tinha sido morta e enterrada na área onde aqueles adolescentes foram assassinados?

Não fazia sentido.

Algo me estava a escapar. Aliás, muita coisa me estava a escapar.

Peguei no telemóvel. Apesar da falta de sinal no hospital, usei-o para verificar o número de York. Completei a chamada pelo telefone

do quarto.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Você sabe que horas são?

Eu não sabia. Verifiquei o relógio.

— Dez e pouco — respondi. — Alguma novidade?

Ele suspirou.

— A balística confirmou o que já sabíamos. A arma com que Silverstein atirou em você é a mesma usada para matar Gil Perez. E, embora o exame de DNA só vá ficar pronto dentro de algumas semanas, o sangue encontrado no banco traseiro do Fusca é do mesmo tipo do de Perez. Em termos leigos, eu diria que o caso está fechado e encerrado.

— O que é que Lucy disse?

— Segundo Dillon, ela não foi de muita ajuda. Parece que está em choque. Disse que o pai não estava bem e que, provavelmente, imaginou ser vítima de alguma ameaça.

— Dillon acreditou nisso?

— Claro, por que não? De qualquer maneira, o nosso caso está encerrado. Como se está sentindo?

— Ótimo.

— Dillon levou um tiro uma vez.

— Só uma?

— Um tiraço. Bem, ele ainda mostra a cicatriz a toda a mulher. Acha que a visão as excita. Leve isso em conta.

— Dicas de sedução de Dillon. Obrigado.

— Adivinha que cantada ele usa depois de mostrar a cicatriz?

— Ei, gatinha, quer ver a minha arma?

— Droga, como você sabia?

— Para onde a Lucy foi depois que vocês a liberaram?

— Nós levamo-la de volta para a residência dela, no campus.

— Ok, obrigado.

Desliguei e liguei para Lucy. Caiu na caixa postal. Deixei

mensagem. Então, liguei para o telemóvel de Muse.

— Onde você está? — indaguei.

— Indo para casa. Por quê?

— Imaginei que talvez estivesse indo para a Reston, interrogar Lucy.

— Já estive lá.

— E?

— Ela não abriu a porta. Mas vi luzes acesas. Creio que esteja em casa.

— Ela está bem?

— Como posso saber?

A situação não me parecia nada boa. O pai morrera e Lucy estava sozinha em casa.

— Você está muito longe do hospital?

— A uns quinze minutos daí.

— Que tal vir apanhar-me?

— Você pode sair?

— Quem me vai impedir? E será por pouco tempo.

— Por acaso, chefe, você está a pedir-me que o leve até à casa da sua namorada?

— Não. Eu, o promotor, estou-lhe pedindo que me leve até à casa de uma pessoa de grande importância num caso recente de homicídio.

— Estou chegando aí.

Ninguém me impediu de sair do hospital.

Não me sentia bem, entretanto já me senti pior. Estava preocupado com Lucy e percebia, com crescente certeza, que esse sentimento ia além de uma preocupação normal.

Sentia falta dela.

A falta que sentimos de alguém por quem nos estamos apaixonando. Eu poderia fazer rodeios, abrandar essa declaração de

algum modo, dizer que as minhas emoções estavam exacerbadas com tudo o que aconteceu, alegar que era nostalgia de tempos melhores, quando os meus pais ainda estavam juntos e a minha irmã, viva, ou até de quando Jane ainda estava saudável, viva e feliz. Mas não se tratava disso.

Eu gostava de estar com Lucy. Gostava de como me sentia. Gostava de estar com ela como gostamos de estar com a pessoa por quem estamos apaixonado. Não há necessidade de mais explicações.

Muse dirigiu. O carro dela era pequeno e apertado. Não sou muito o tipo de homem que curte carros e não fazia ideia de que veículo seria aquele, entretanto fedia a cigarro. Ela deve ter percebido a expressão do meu rosto, porque comentou:

— A minha mãe é uma chaminé.

— Ha ha.

— Ela está a morar comigo. Temporariamente. Até encontrar o Marido Número Cinco. Enquanto isso, digo-lhe que não fume no meu carro.

— E ela ignora-a.

— Não, não, acho que o meu pedido a faz fumar mais. O mesmo acontece no meu apartamento. Chego a casa do trabalho, abro a porta e sinto-me como se estivesse engolindo cinzas.

Desejei que ela dirigisse mais rápido.

— Você está em condições de ir ao fórum amanhã?

— Creio que sim.

— O juiz Pierce quer-se encontrar com os advogados no gabinete dele.

— Alguma ideia do motivo?

— Nenhuma.

— A que horas?

— Nove horas em ponto.

— Estarei lá.

— Você quer que eu vá apanhá-lo?

— Sim.

— Posso apanhar um carro da firma?

— Não trabalhamos para uma firma. Trabalhamos para o município.

— Que tal uma viatura?

— Talvez.

— Ótimo. — Percorremos alguns quilômetros. — Sinto muito pela sua irmã.

Fiquei em silêncio. Ainda estava tendo dificuldade para lidar com isso. Talvez precisasse ouvir que a identificação fora confirmada. Ou talvez, após 20 anos de luto, já não me restasse muito a chorar. Ou talvez, e mais provavelmente, estava pondo as minhas emoções à margem.

Mais duas pessoas estavam mortas agora.

Qualquer coisa que tivesse acontecido há 20 anos atrás naquela mata... talvez a garotada local estivesse certa quando falava que um monstro os comera, ou que o bicho-papão os levara embora. Algo qualquer um que tivesse matado Margot Green, Doug Billingham e, aparentemente, Camille Copeland, ainda estava vivo, ainda respirando, ainda ceifando vidas. Talvez ele estivesse adormecido durante 20 anos. Talvez houvesse ido a um lugar novo, ou se mudado para outras matas, em outros estados. Porém, o monstro estava de volta agora — e que eu me danasse se o permitisse escapar outra vez.

A área residencial da Reston University era deprimente, com construções antigas e acotoveladas. A iluminação, deficiente, contudo pensei que até poderia ser um dado positivo.

— Você importa-se de esperar no carro? — perguntei.

— Tenho um serviço rápido para fazer — respondeu Muse.

— Volto daqui a pouco.

Apesar das luzes apagadas, escutei música. Reconheci a canção, *Somebody*, de Bonnie McKee. Depressiva como o diabo — a falar de alguém que é o amor perfeito que ela sabe estar em algum

lugar, embora tenha consciência de que nunca encontrará esse alguém. Mas essa era Lucy. Ela adorava dor de cotovelo. Bati à porta. Nenhuma resposta. Toquei à campainha, bati de novo. Nada.

— Lucy!

Nada.

— Lucy!

Tornei a bater. Seja lá o que os médicos me tinham dado, o efeito começava a passar. Podia sentir os pontos da ferida; cada movimento meu ameaçando rasgar a pele.

— Lucy!

Tentei a maçaneta. Trancada. Havia duas janelas. Tentei espiar lá dentro. Escuro demais. Tentei abri-las. Ambas trancadas.

— Vamos, sei que você está aí.

Ouvi um carro atrás de mim. Muse. Ela parou e saiu do veículo.

— Aqui — disse.

— O que é isso?

— A chave mestra. Peguei com o segurança do campus.

Muse.

Ela entregou-me a chave e voltou para o carro. Bati mais uma vez à porta, pus a chave na fechadura, girei-a. A porta abriu-se. Entrei e fechei-a atrás de mim.

— Não acenda a luz.

Era Lucy.

— Deixe-me sozinha, Cope, ok?

O iPod passou para a canção seguinte. Alejandro Escovedo indagava que tipo de amor destrói uma mãe e a lança contra um emaranhado de árvores.

— Você deveria comprar uma daquelas coleções antigas — disse.

— Como é que é?

— Como aquelas que costumavam anunciar na TV. As

Canções Mais Depressivas de Todos os Tempos.

Ouvi um resfolegar, semelhante a uma risada. Os meus olhos estavam-se ajustando à densa penumbra. Enxerguei-a sentada no sofá. Aproximei-me.

— Não.

Continuei andando. Sentei-me ao lado dela. Notei a garrafa de vodca numa das mãos. Pela metade. Olhei ao redor. Nenhum item pessoal, nada novo, nada luminoso, ou animador.

— Ira — murmurou ela.

— Lamento.

— Os polícias disseram que ele matou Gil.

— O que você acha?

— Vi o sangue no carro dele. Ele atirou em você. Então, sim, claro, acho que matou Gil.

— Por quê?

Ela não respondeu. Tomou outro demorado gole.

— Por que você não me dá isso?

— Isso é o que eu sou, Cope.

— Não, não é.

— Não sirvo para você. Você não me pode resgatar. Ocorreram-me algumas réplicas, mas cada uma delas reacendia novamente.

Fiquei quieto e em silêncio.

— Eu te amo — disse ela. — Nunca deixei de amá-lo. Estive com outros homens. Vivi relacionamentos. Mas você sempre esteve lá. No quarto, connosco. Até na cama. É uma besteira, uma idiotice, éramos apenas adolescentes, mas é assim que as coisas são.

— Entendo.

— Eles acham que talvez Ira tenha morto Margot e Doug.

— Você, não?

— Ele só queria que a coisa fosse embora. Foi tanta dor, tanta destruição. Então, ao ver Gil, deve ter sido como se um fantasma

estivesse voltando para assombrá-lo.

— Lamento — tornei a dizer.

— Vá para casa, Cope.

— Eu preferiria ficar.

— Essa decisão não é sua. Esta é a minha casa. A minha vida. Vá embora.

Mais um longo gole.

— Não gosto de deixá-la assim.

A risada dela soou áspera.

— E você acha que essa é a primeira vez?

Lucy fitou-me, desafiando-me a discutir. Não discuti.

— É isso o que faço. Bebo no escuro e escuto essas malditas músicas. Daqui a pouco cochilo, ou desmaio, ou sei lá o quê. E, amanhã, mal terei ressaca.

— Quero ficar.

— Não quero que fique.

— Não é por você. É por mim. Quero ficar com você. Esta noite especialmente.

— Não o quero aqui. Será pior.

— Mas...

— Por favor — a voz dela soou suplicante. — Por favor, deixe-me sozinha. Amanhã. Poderemos recomeçar amanhã.

Capítulo 40

A Dra. Tara O'Neill raramente dormia mais de quatro, cinco horas.

Simplesmente não precisava de sono. Às seis da manhã, estava de volta à floresta. Adorava aquela floresta — na realidade, qualquer uma. Fora estudar medicina em Filadélfia. Todo o mundo achou que ela adoraria. Você é uma moça tão linda, diziam. A cidade é tão vibrante, tão cheia de gente, com tanta coisa acontecendo.

Porém, durante os anos em que esteve na University of Pennsylvania, O'Neill voltou para casa a cada fim de semana. No fim, concorreu ao cargo de legista e ganhou um dinheiro extra trabalhando como patologista em Wilkes-Barre. Tentou entender a sua própria filosofia de vida, e algo surgira. Algo que, certa vez, escutara um astro do rock — Eric Clapton, provavelmente — falar numa entrevista, sobre não ser um grande fã de, hum, pessoas. Tampouco ela. Preferia — embora parecesse ridículo — estar consigo mesma. Gostava de ler e de assistir a filmes sem comentários. Não conseguia lidar com homens e os seus egos, a mania de se gabarem, as ferozes inseguranças deles.

Era nos ermos de uma floresta que se sentia mais feliz.

O'Neill carregava a maleta de ferramentas. Todavia, de entre todas as novas engenhocas extravagantes que o dinheiro público ajudara a pagar, a que achava mais útil era a mais simples: uma peneira. Quase exatamente igual à que possuía na sua cozinha. Apanhou-a e começou a peneirar a terra.

A função da peneira consistia em auxiliar a localizar dentes e pequenos ossos. Uma tarefa meticulosa, não muito diferente da realizada em escavações arqueológicas, conforme constatara logo após

se formar na escola. Trabalhara como aprendiz num sertão do Dakota do Sul, uma área conhecida como Escavação Porco Grande, porque, no início, tinham encontrado ali o esqueleto de um Archaeotherium, um porco primitivo enorme. Passou um bom tempo envolvida com fósseis de porcos e rinocerontes primitivos. Uma experiência maravilhosa.

E debruçava-se agora sobre essa cova com a mesma paciência — uma tarefa que a maioria consideraria mortalmente tediosa. Mas Tara O'Neill vibrava.

Uma hora depois, descobriu um pequeno pedaço de osso.

Sentiu o pulso acelerar. Esperava alguma coisa assim, percebeu essa possibilidade após as radiografias de ossificação. Mas descobrir o fragmento que faltava...

— Ah, puxa...

Tara disse alto, as palavras ecoando na quietude da mata. Não podia acreditar, mas a prova estava ali, bem na palma de sua mão enluvada.

O osso hioide.

Metade dele, de fato. Extremamente calcificado, quebradiço até. Ela retomou a busca, peneirando o mais rápido possível. Não demorou muito. Cinco minutos depois, encontrou a outra metade. Segurou ambas as partes juntas.

Mesmo depois de todos esses anos, os fragmentos do osso ainda se encaixavam perfeitamente, como peças de um quebra-cabeça.

O rosto de Tara O'Neill abriu-se num sorriso beatífico. Por um momento contemplou o próprio trabalho e meneou a cabeça, assombrada.

Apanhou o telemóvel. Sem sinal. Correu uns quinhentos metros, até surgirem duas barras no visor do aparelho. Ligou para o delegado Lowell. Ele atendeu ao segundo toque.

— É você, doutora?

— Sim.

— Onde você está?

— No local da escavação.

— Você parece animada.

— Estou.

— Por quê?

— Descobri algo na terra — disse Tara O'Neill.

— E?

— E isso muda tudo o que pensávamos sobre o caso.

Um desses ruídos de hospital acordou-me. Despertei lentamente, abri os olhos e vi a Sra. Perez perto de mim.

Ela puxara uma cadeira para junto da cama. Tinha a bolsa no colo. Os joelhos, unidos. Costas, erectas. Fitei-a. Esteve a chorar.

— Eu soube do Sr. Silverstein — disse ela.

Aguardei.

— E também soube que encontraram umas ossadas na mata.

Senti-me sedento. Olhei à direita. Aquela jarra de plástico amarelada, aquela típica de hospitais e especificamente projetada para fazer a água ter um gosto horrível, estava numa mesinha ao lado. E, antes mesmo que pudesse estender a mão, a Sra. Perez levantou-se, encheu um copo e entregou-o a mim.

— Você quer sentar-se? — perguntou ela.

— Talvez seja uma boa ideia.

A Sra. Perez apertou um botão do controle remoto, e a cabeceira da cama ergueu-se.

— Está bem assim?

— Está ótimo — respondi.

Ela sentou-se.

— Você não deixará a coisa em paz.

Não me dei ao trabalho de responder.

— Eles dizem que o Sr. Silverstein assassinou o meu Gil. Você acha que é verdade?

Meu Gil. Então o fingimento se fora. Não mais se escondendo atrás de uma mentira, ou de uma filha. Não mais no campo das hipóteses.

— Sim.

— Às vezes penso que Gil realmente morreu naquela floresta. Era assim que deveria ter sido. O tempo depois disso foi só emprestado. Quando aquele polícia me telefonou no outro dia, eu já sabia. Eu já esperava. Parte do Gil nunca escapou daquela mata.

— Conte-me o que aconteceu — disse.

— Eu pensava saber. Todos esses anos. Mas talvez jamais tenha sabido a verdade. Talvez Gil tenha mentido para mim.

— Conte-me o que sabe.

— Você estava no acampamento naquele Verão. Conhecia o meu filho.

— Sim.

— E conhecia aquela garota. A tal da Margot Green.

Assenti.

— Gil apaixonou-se perdidamente. Ele era um rapaz pobre. Morávamos na periferia de Irvington. O Sr. Silverstein oferecia uma programação em que filhos dos funcionários podiam participar. Eu trabalhava na lavandaria. Você sabe disso.

Sim, sabia.

— Eu gostava muito da sua mãe. Uma mulher tão inteligente...Conversávamos muito. A respeito de tudo. Sobre livros, sobre a vida, sobre as nossas decepções. Natasha era o que chamamos de um espírito velho. Tão linda, mas frágil. Você entende?

— Creio que sim.

— Bem, Gil apaixonou-se perdidamente por Margot Green. Uma coisa compreensível. Ele tinha 18 anos. Aos olhos dele, ela era como uma modelo de revista. É assim com os homens. São movidos pela luxúria. O meu não era diferente. Mas ela magoou-o. O que também é comum. Ele só deveria ter sofrido durante algumas

semanas e tocado a vida para a frente. Provavelmente teria feito isso.

A Sra. Perez calou-se.

— Então, o que houve? — perguntei.

— Wayne Steubens.

— O que tem o Wayne?

— Ele ficou a falar aos ouvidos do meu filho. Dizia-lhe que não deveria deixar a Margot escapar impune. Apelou para o machismo do Gil. Afirmou que a Margot ria da cara dele. Você precisa vingar-se daquela provocadora, Wayne Steubens insistia. E, depois de algum tempo, não sei quanto, Gil concordou.

Fiz uma careta.

— E cortou-lhe a garganta?

— Não. Mas a Margot vivia-se exibindo pelo acampamento inteiro. Você lembra-se disso, não?

Wayne Steubens já o dissera. Margot fora uma provocadora.

— Havia muita gente que queria fazê-la baixar a crista. Inclusive o meu filho, claro. O Doug Billingham, também. Talvez a sua irmã. Camille estava na mata, mas talvez só porque o Doug a tenha convencido. Isso não importa.

Uma enfermeira abriu a porta.

— Agora não — disse.

Eu antecipara alguma altercação, mas algo no meu tom de voz funcionou. Ela recuou e fechou a porta atrás de si. A Sra. Perez baixou o olhar e fitou a bolsa como que temendo que alguém a puxasse.

— Wayne Steubens planeou tudo cuidadosamente. Foi o que Gil me disse. Atraíram Margot para a floresta. Pretendiam pregar-lhe uma partida. A sua irmã ajudou no engodo. Camille explicou a Margot que se encontrariam com alguns meninos bonitinhos. O Gil pôs uma máscara. Agarrou a Margot. Amarrou-a. A brincadeira deveria parar por aí. Ela seria deixada lá durante alguns minutos. Ou ela se livraria da corda sozinha, ou a desamarrariam. Uma brincadeira estúpida, imatura, mas essas coisas acontecem.

Eu sabia que sim. Na época, fervilhavam brincadeiras de mau gosto no acampamento. Lembro-me de uma vez havermos levado um menino, com a cama dele e tudo, para a mata. Ele acordara na manhã seguinte sozinho, no meio do mato, apavorado. Costumávamos acender uma lanterna nos olhos de algum campista adormecido, ao mesmo tempo que imitávamos barulho de trem e o sacudíamos com força, enquanto gritávamos "Saia dos trilhos!". Ríamos enquanto o garoto pulava da cama. Lembro-me de dois metidos a valentões que gostavam de chamar os outros meninos de bichas. Certa vez, tarde da noite, quando ambos dormiam profundamente, pegamos um, tiramos a roupa dele e metemo-lo na cama do outro. Na manhã seguinte, os demais campistas viram-nos nus, na mesma cama. A intimidação cessou.

Amarrar uma exibicionista provocadora e largá-la na mata durante alguns minutos... isso não me teria surpreendido.

— Mas, então, algo deu muito errado — continuou a Sra. Perez.

Aguardei. Uma lágrima escorreu-lhe pela face. Ela tirou um maço de lenços de papel da bolsa. Secou os olhos, lutou contra o choro.

— Wayne Steubens sacou uma navalha.

Ao escutá-la, creio que os meus olhos se arregalaram um pouco. Eu quase conseguia enxergar a cena. Podia vê-los, os cinco, na mata, imaginar os rostos deles, a surpresa.

— Entenda, Margot percebeu na hora o que estava acontecendo e entrou no clima. Permitiu que Gil a amarrasse. Depois, começou a zombar do meu filho. Ridicularizou-o, disse que ele não sabia como lidar com uma mulher de verdade. Os mesmos insultos que as mulheres têm atirado nos homens ao longo da história. Mas Gil não fez nada. O que poderia fazer? De repente, Wayne tinha uma navalha nas mãos. No princípio, Gil pensou que fosse parte da encenação. Para amedrontá-la. Mas Wayne não hesitou. Aproximou-

se de Margot e cortou o pescoço dela de uma orelha à outra.

Fechei os olhos. Vi a cena novamente. Vi a lâmina deslizando pela pele jovem, o sangue jorrando, a força vital esvaindo-se dela. Reflecti sobre o ocorrido. Enquanto Margot Green morria trucidada, eu estava apenas a algumas centenas de metros de distância, fazendo amor com a minha namorada. Provavelmente haveria uma certa pungência no drama, no fato de que uma das ações mais horripilantes de um homem acontecia paralelamente à mais maravilhosa, contudo era difícil enxergar isso agora.

— Por um momento, ninguém se mexeu. Ficaram todos lá, parados. Wayne virou-se, sorriu para os outros e disse: "Obrigado pela ajuda".

Franzi o cenho, mas, talvez, começasse a entender. Camille atraíra Margot, Gil amarrou-a...

— Então, Wayne ergueu a navalha. Gil disse que estava na cara de Wayne o quanto ele tinha gostado do que havia acabado de fazer. A maneira como olhava o cadáver de Margot. Ele estava sedento. Caminhou para os outros. E eles correram. Correu cada um para uma direção. Wayne perseguiu-os. Gil correu durante quilômetros e quilômetros. Não sei o que aconteceu exatamente. Mas podemos imaginar. Wayne alcançou Doug Billingham. Matou-o. Mas Gil escapou. E sua irmã, também.

A enfermeira voltou.

— Desculpe-me, Dr. Copeland, preciso medir a sua pulsação e a pressão arterial.

Assenti. Eu precisava mesmo recuperar o fôlego. Sentia o meu coração batendo furiosamente. De novo. Se não me acalmasse, segurar-me-iam ali para sempre.

A enfermeira trabalhou rápida e silenciosamente, a Sra. Perez olhando ao redor como se tivesse acabado de entrar no quarto, como se tivesse acabado de perceber onde estava. Receei que não retomasse o assunto.

— Está tudo bem — disse.

A Sra. Perez inclinou a cabeça.

A enfermeira terminou a medição.

— O senhor terá alta ainda esta manhã.

— Ótimo.

Ela sorriu para mim, os lábios apertados, e deixou-nos a sós. Aguardei a Sra. Perez prosseguir.

— Gil estava aterrorizado, claro. Você é capaz de imaginar. E sua irmã, também. Você precisa analisar o que houve pela óptica deles. Eram jovens. Quase tinham sido mortos. Tinham visto Margot Green ser assassinada. Mas as palavras de Wayne talvez fossem o pior de tudo. "Obrigado pela ajuda". Você compreende?

— Wayne assumira que eles também faziam parte da coisa.

— Sim.

— E o que é que eles fizeram?

— Simplesmente esconderam-se. Durante mais de 24 horas. A sua mãe e eu estávamos mortas de preocupação. O meu marido estava em casa, em Irvington. O seu pai, embora se encontrasse no acampamento, estava fora, com as equipas de busca. A sua mãe e eu estávamos juntas quando ele ligou. Gil sabia o número do telefone público ao fundo da cozinha. Ele ligou em três ocasiões diferentes, mas desligava quando alguém atendia. Só depois de mais de um dia após o desaparecimento é que atendi o telefone.

— Gil contou-lhe o que aconteceu?

— Sim.

— A senhora contou à minha mãe?

A Sra. Perez assentiu. Eu começava a entender.

— A senhora procurou Wayne Steubens? — indaguei.

— Não foi preciso. Ele já tinha abordado a sua mãe.

— O que disse ele?

— Nada incriminatório. Mas deixou a situação clara. Wayne já preparara um álibi para aquela noite. E nós já sabíamos. Mães são

assim.

— Sabiam o quê?

— O irmão do Gil, o meu Eduardo, estava na cadeia. Gil tinha antecedentes. Ele e uns amigos tinham sido apanhados a roubar um carro. A sua família era pobre, a minha família era pobre. A corda estava cheia de impressões digitais. A polícia perguntava por que a sua irmã atraiu Margot Green para a floresta. Wayne livrou-se das provas contra ele. Era rico e bem relacionado, podia contratar o melhor advogado. Você é promotor, Dr. Copeland. Diga-me, se Gil e Camille se tivessem se apresentado, quem teria acreditado neles?

Fechei os olhos.

— Então, a senhora mandou que eles ficassem escondidos.

— Sim.

— Quem encontrou as roupas dos dois, sujas de sangue?

— Eu. Encontrei-me com o Gil. Ele ainda estava na floresta.

— A senhora viu a minha irmã?

— Não. O Gil deu-me as roupas da Camille. Ele cortou-se, pressionou a camisa contra o ferimento. Mandei-o continuar escondido até conseguirmos elaborar um plano. A sua mãe e eu tentamos imaginar uma maneira de reverter a situação, de fazer com que a polícia soubesse a verdade. Infelizmente nada nos ocorreu. Os dias foram passando. Eu sabia como a polícia agia. Mesmo se acreditasse em nós, Gil continuaria sendo cúmplice. E Camille, também.

Percebi uma outra coisa.

— A senhora tinha um filho portador de deficiência.

— Sim.

— E precisava de dinheiro. Para cuidar dele. E talvez para mandar a Glenda para uma boa universidade. — Os meus olhos encontraram os dela. — Quando a senhora se deu conta de que poderia lucrar com aquele processo?

— Isso não fazia parte do pensamento original. Surgiu depois,

quando o pai do Billingham começou a fazer estardalhaço, acusando o Sr. Silverstein de não ter protegido o filho dele.

— A senhora vislumbrou a oportunidade.

Ela remexeu-se na cadeira.

— O Sr. Silverstein deveria tê-los vigiado. Se tivesse feito isso, eles jamais se teriam embrenhado naquela mata. O Sr. Silverstein não estava isento de culpa. Sim, eu vi uma oportunidade. Assim como a sua mãe.

Minha cabeça girava. Tentei concentrar-me o suficiente para absorver essa nova realidade.

— A senhora está-me dizendo... — Calei-me. — A senhora está-me dizendo que os meus pais sabiam que a minha irmã estava viva?

— Não os seus pais — retorquiu a Sra. Perez.

Senti uma rajada de vento frio golpear o meu coração.

— Não...

Silêncio.

— Ela não contou ao meu pai, não é?

— Não.

— Por quê?

— Porque a sua mãe o odiava.

Fiquei rígido. Pensei nas brigas, na amargura, na infelicidade.

— Tanto assim?

— O quê?

— Uma coisa é odiar um homem — disse. — Mas ela odiava o meu pai tanto assim que deixou-o acreditar que a própria filha estivesse morta?

Silêncio.

— Fiz-lhe uma pergunta, Sra. Perez.

— Não sei a resposta. Sinto muito.

— A senhora contou ao seu marido, certo?

— Sim.

— Mas o seu marido nunca mencionou nada ao meu pai.

Nenhuma resposta.

— O meu pai costumava ir àquela floresta procurá-la. Há três meses atrás, no leito de morte, as últimas palavras dele foram um pedido para que eu continuasse a procurá-la. Minha mãe odiava-o assim tanto, Sra. Perez?

— Não sei — repetiu ela.

A coisa começou a atingir-me, como pesadas gotas de chuva. Um baque surdo.

— Ela esperou pela oportunidade adequada, não é?

Nenhuma resposta.

— Ela escondeu a minha irmã. Nunca contou a ninguém. Nem mesmo... nem mesmo a mim. Esperou até o dinheiro do acordo sair. Era esse o plano. Assim que a questão foi resolvida... minha mãe fugiu. Apanhou parte do dinheiro e fugiu para se encontrar com a minha irmã.

— Esse era... esse era o plano dela, sim.

A pergunta seguinte escapou-me impulsivamente.

— Por que ela não me levou?

A Sra. Perez apenas me fitou. Refleti durante alguns instantes. Por quê? E, então, percebi.

— Se ela me levasse, o meu pai nunca pararia de nos procurar. Colocaria o tio Sosh e todos os velhos camaradas da KGB atrás de nós. Ele poderia até deixá-la partir. Provavelmente, já não a amava mais também. Pensava que a minha irmã estivesse morta, portanto seria motivo para não procurá-la. Mas minha mãe sabia que o meu pai nunca abriria mão de mim.

Lembrei-me do que o tio Sosh dissera, sobre o regresso da minha mãe à Rússia. Ambas teriam estado lá? Estariam lá agora? Isso fazia algum sentido?

— Gil mudou de nome — prosseguiu a Sra. Perez. — Viajou por toda parte. A vida dele era menos do que espetacular. E, quando

aqueles detectives particulares começaram a rondar a nossa casa e a fazer perguntas, o Gil soube. Achou que seria uma oportunidade para ganhar dinheiro outra vez. Por alguma razão, ele culpava você também.

— A mim?

— Você não ficou no seu posto de vigia naquela noite.

Nada disse.

— Parte dele culpava-o pelo acontecido. Gil pensou que talvez fosse uma boa hora para se vingar.

Sim, as peças encaixavam-se perfeitamente com o que Raya Singh me contou. Ela levantou-se.

— É tudo o que eu sei.

— A minha irmã estava grávida?

— Não sei.

— A senhora chegou a vê-la alguma vez?

— Como é que é?

— Camille. Gil falou que ela estava viva. Minha mãe disse que ela estava viva. Mas a senhora alguma vez a viu com os seus próprios olhos?

— Não. Nunca cheguei a ver a sua irmã.

Capítulo 41

Eu não sabia o que pensar.

Tampouco havia muito tempo para isso. Cinco minutos depois de a Sra. Perez se retirar, Muse entrou.

— Você precisa ir ao fórum.

Saímos do hospital sem nenhuma pressa. Eu tinha um fato extra no escritório. Troquei de roupa. E, então, rumei para o gabinete do juiz Pierce. Flair Hickory e Mort Pubin já estavam lá. Tinham sabido do meu incidente na noite anterior, porém, caso se importassem, não pretendiam demonstrá-lo naquele momento.

— Cavalheiros — disse o juiz —, espero encontrarmos uma maneira de entrar num acordo sobre esse caso.

Eu não estava com humor para aquilo.

— É disso que essa reunião se trata?

— Sim.

Olhei para o juiz. Ele olhou para mim. Meneei a cabeça. Fazia sentido. Se haviam tentado pressionar-me procurando os podres da minha vida, o que os teria impedido de fazer o mesmo em relação ao juiz?

— A promotoria não está interessada num acordo — disse.

Levantei-me.

— Sente-se, Dr. Copeland — ordenou o juiz. — Talvez existam problemas com o seu DVD. Talvez eu tenha que excluí-lo da lista de provas.

Caminhei, em passo resoluto, para a porta.

— Dr. Copeland!

— Não vou ficar aqui — devolvi. — A responsabilidade recai

sobre mim, Sr. juiz. O senhor fez a sua parte. Lance a culpa em mim.

Flair Hickory franziu o cenho.

— Do que vocês estão a falar?

Não respondi. Estendi a mão para a maçaneta.

— Sente-se, Dr. Copeland, ou vou puni-lo por desacato.

Voltei-me e encarei Arnold Pierce. Havia um tremor no lábio inferior dele.

— Alguém pode explicar-me o que está acontecendo? — exclamou Mort Pubin.

O juiz e eu ignoramo-lo. Inclinei a cabeça para Pierce, deixando claro que o entendia. Porém eu não pretendia ceder. Girei a maçaneta e saí. Queria sentar-me e chorar. Queria sentar-me e refletir sobre o que acabara de saber sobre a minha mãe e a minha irmã.

— Eu não achei que fosse funcionar.

Virei-me e deparei com E. J. Jenrette.

— Estou apenas a tentar salvar o meu filho.

— O seu filho violou uma garota.

— Eu sei.

Parei. Ele trazia um envelope de papel de embrulho nas mãos.

— Sente-se um instante — disse Jenrette.

— Não.

— Imagine a sua filha. Cara. Imagine-a crescida. Talvez ela beba muito numa festa. Talvez ela conduza e atropele alguém. Talvez essa pessoa morra. Alguma coisa assim. Ela comete um erro.

— Violação não é erro.

— Sim, é. Você sabe que o meu filho não faria isso outra vez. Ele estragou tudo. Pensava que era invencível. Aprendeu a lição.

— Não vamos entrar nisso novamente.

— Eu sei. Mas todo o mundo tem segredos. Todo o mundo comete erros, comete crimes, faz qualquer coisa. Simplesmente algumas pessoas são melhores a enterrá-los.

Nada retorqui.

— Nunca fui atrás da sua filha — continuou Jenrette. — Fui atrás de você. Fui atrás do seu passado. Fui atrás até do seu cunhado. Mas jamais cheguei perto da sua filha. Esse é um limite pessoal que não ultrapasso.

— Você é um príncipe — respondi. — O que você tem contra o juiz Pierce?

— Isso não importa.

Ele tinha razão. Eu não precisava saber.

— O que eu posso fazer para ajudar o meu filho, Dr. Copeland?

— São águas passadas.

— Você realmente acredita nisso? Acha que a vida dele está acabada?

— O seu filho provavelmente cumprirá pena de cinco, seis anos no máximo. O que fizer enquanto estiver lá dentro e o que fizer quando sair é o que decidirá a vida dele.

E. J. Jenrette mostrou-me o envelope.

— Não sei ao certo o que fazer com isso.

Permaneci em silêncio.

— Um homem faz o que pode para proteger os filhos. Talvez essa tenha sido a minha desculpa. Talvez tenha sido a do seu pai.

— Meu pai?

— O seu pai era membro da KGB. Você sabia?

— Não tenho tempo para conversar agora.

— Este é um resumo da ficha dele. A minha gente traduziu para inglês.

— Não preciso ver coisa nenhuma.

— Creio que deveria, Dr. Copeland. — Jenrette estendeu-me o envelope. Não o apanhei. — Se você quer constatar como um pai pode ir longe para garantir uma vida melhor aos filhos, você deveria lê-lo. Talvez então me compreenda um pouco melhor.

— Não quero compreendê-lo.

E. J. Jenrette continuou a estender-me o envelope. Por fim, aceitei-o. Ele afastou-se sem mais uma palavra.

Rumei para o meu escritório e fechei a porta. Sentei-me à escrivaninha e abri o envelope. Li a primeira página. Nenhuma surpresa. Li a segunda página e, outra vez, quando pensava que simplesmente mais nada me poderia ferir, as palavras me rasgaram o peito e me dilaceraram.

Muse entrou sem bater.

— O esqueleto encontrado na mata — disse ela — não é da sua irmã.

Eu não conseguia falar.

— A tal Dra. O'Neill encontrou uma coisa chamada osso hioide. Fica na garganta, acho. Tem a forma de uma ferradura. Bem, o osso estava partido ao meio, o que significa que a vítima, provavelmente, foi estrangulada. Mas o osso hioide não é tão quebradiço em pessoas jovens — é mais como uma cartilagem. Daí a Dra. O'Neill fez mais alguns testes com raios X para verificar a ossificação. Em resumo, é muito mais provável que seja o esqueleto de uma mulher de 40, talvez até 50 anos, do que de alguém da idade da Camille.

Permaneci em silêncio. Apenas continuei encarando a folha de papel à minha frente.

— Você não entendeu? Não é a sua irmã.

Fechei os olhos. Um peso desmesurado no coração.

— Cope?

— Eu sei — respondi.

— O quê?

— Não é a minha irmã na floresta — disse. — É a minha mãe.

Capítulo 42

Sosh não se surpreendeu ao ver-me.

— Você sabia, não?

Ele estava ao telefone. Cobriu o bocal com a mão.

— Sente-se, Pavel.

— Fiz uma pergunta.

Finalizando a ligação, ele colocou o telefone no gancho. E reparou no envelope na minha mão.

— O que é isso?

— Um sumário da ficha do meu pai na KGB.

Os ombros dele caíram.

— Você não pode acreditar em tudo o que está aí — disse Sosh, entretanto as palavras dele soaram vazias, como se as tivesse lido de um teleponto.

— Na página dois — prossegui, tentando controlar o tremor da minha voz — está o que o meu pai fez.

Sosh simplesmente fitou-me.

— Ele entregou a minha avó e o meu avô, certo? Foi ele quem os denunciou, quem os traiu. O meu próprio pai.

Sosh permaneceu em silêncio.

— Responda-me, maldição!

— Você continua não compreendendo.

— Meu pai entregou os meus avós, sim ou não?

— Sim.

Detive-me.

— O seu pai tinha sido acusado de cometer uma barbaridade num parto. Não sei se teve culpa ou não. Não faz diferença. O

governo assim o queria. Já falei da pressão que eram capazes de aplicar. Teriam destruído a sua família inteira.

— Então, ele vendeu os meus avós para salvar a própria pele?

— O governo os teria apanhado de qualquer maneira. Mas sim, é isso, o Vladimir escolheu salvar os próprios filhos em vez dos sogros idosos. Ele não imaginou que a coisa desse tão errado. Pensou que o regime só adotaria algumas ações repressivas, endureceria um pouco, e pronto. Supôs que manteriam os seus avós presos durante algumas semanas, quando muito. E, em troca, a sua família teria uma segunda hipótese. O seu pai possibilitaria aos filhos, e aos filhos dos seus filhos, uma vida melhor. Você não percebe?

— Não, sinto muito, mas não.

— Porque você é rico e leva uma vida confortável.

— Não me venha com essa besteira, Sosh. As pessoas não entregam membros da própria família. Você deveria saber disso. Você sobreviveu àquele cerco. O povo de Leninegrado recusou-se a render-se. Não importou o que os nazis fizeram, vocês aguentaram e mantiveram a cabeça erguida.

— E você acha que foi inteligente? — rebateu ele, as mãos fechadas em punhos. — Meu Deus, você é tão ingênuo. Meu irmão e minha irmã morreram de fome. Você compreende isso? Se nos tivéssemos rendido, se tivéssemos entregado aquela maldita cidade àqueles canalhas, o Gavrel e a Aline ainda estariam vivos. Uma hora a maré acabar-se-ia por se virar contra os nazis. E o meu irmão e a minha irmã teriam tido uma vida, filhos, netos, teriam envelhecido. Em vez de...

Sosh afastou-se.

— Quando é que a minha mãe descobriu o que ele tinha feito? — perguntei.

— A coisa assombrava-o. Acho que, no íntimo, a sua mãe sempre soube. Acho que por isso ela o desprezava tanto. Mas na noite em que a sua irmã desapareceu, o Vladimir pensou que a Camille

estivesse morta. Ele desmoronou. E acabou confessando a verdade.

Fazia sentido. Um sentido medonho. Minha mãe ficou a saber o que o meu pai fizera. Jamais o perdoaria por ter traído os amados pais dela. Ela não se importaria de fazê-lo sofrer, de deixá-lo acreditar que a própria filha estava morta.

— Então — disse —, minha mãe escondeu a minha irmã. Esperou até ter o dinheiro do acordo. E planeou sumir com Camille.

— Sim.

— Mas isso foge à questão central, não?

— Que questão?

Estendi as mãos para a frente.

— E eu, o único filho? Como minha mãe poderia simplesmente deixar-me para trás?

Sosh não respondeu.

— A minha vida inteira — disse. — Passei a minha vida inteira pensando que a minha mãe não se importava comigo. Que simplesmente tinha fugido, sem olhar para trás. Como você pôde deixar que eu acreditasse nisso?

— Você acha que a verdade é melhor?

Pensei sobre como espiara o meu pai naquela floresta. Escavando e escavando, à procura da filha. E então, um dia, a busca cessou. Pensei que a tivesse encerrado porque a minha mãe fugira. Lembrei-me do último dia em que fora à floresta, como me disse que não o seguisse:

Hoje não, Paul. Hoje eu vou sozinho.

Ele fez a última escavação naquele dia. Não para encontrar a minha irmã. Mas para enterrar minha mãe.

Teria sido justiça poética enterrá-la no mesmo chão onde a minha irmã supostamente morreu ou existia também um elemento prático — quem pensaria em olhar um local que já fora vasculhado tão minuciosamente?

— O seu pai descobriu que ela planeava fugir.

— Sim.

— Como?

— Eu contei-lhe.

Sosh enfrentou o meu olhar. Nada falei.

— Descobri que a sua mãe tinha feito uma transferência de cem mil dólares da conta conjunta. Era procedimento comum da KGB ficarmos de olho uns nos outros. Interroguei o seu pai a esse respeito.

— E ele confrontou-a?

— Sim.

— E a minha mãe... — Minha voz soou embargada. Pigarreei, pisquei algumas vezes, tentei novamente. — Minha mãe nunca planeou abandonar-me. Ela ia-me levar também.

Sustentando o meu olhar, Sosh assentiu. A verdade deveria ter-me oferecido algum conforto. Não ofereceu.

— Você sabia que ele a matou, Sosh?

— Sim.

— Simples assim?

Novamente ele se calou.

— E você não tomou nenhuma atitude a esse respeito, não é?

— Ainda estávamos a trabalhar para o governo. Se viesse à tona que o Vladimir era um assassino, poderíamos todos acabar em perigo.

— A sua verdadeira identidade seria exposta.

— Não somente a minha. Seu pai conhecia muitos de nós.

— Portanto, você deixou-o escapar.

— Era o que fazíamos na época. Sacrificar algo ou alguém por uma causa maior. O seu pai disse que a Natasha tinha ameaçado desmascarar-nos a todos.

— Você acreditou?

— Importa se acreditei? O Vladimir nunca pretendeu matá-la. Perdeu a cabeça. Imagine a cena. A Natasha ia fugir e esconder-se. Levaria os filhos dele e desapareceria para sempre.

Lembrei-me das últimas palavras do meu pai, no leito de morte...

Temos de encontrá-la...

Estava a referir-se ao corpo da Camille? Ou à própria Camille?

— Meu pai descobriu que a minha irmã ainda estava viva — disse.

— Não é tão simples assim.

— O que você quer dizer com "não é tão simples assim"? Ele descobriu ou não? Minha mãe contou-lhe?

— A Natasha? — Sosh emitiu um ruído. — Jamais. Você fala sobre coragem, sobre ser capaz de resistir aos sofrimentos. Sua mãe recusou-se a falar, apesar de tudo a que o seu pai a submeteu.

— Sendo, inclusive, estrangulada?

Sosh não respondeu.

— Então, como descobriu ele?

— Depois de matar a sua mãe, ele vasculhou a papelada dela, examinou os registos telefônicos. Juntou as peças. Ou, pelo menos, teve suspeitas.

— Como soube ele?

— Como lhe disse, não é assim tão simples.

— Isso não está fazendo sentido. Você procurou Camille?

Sosh fechou os olhos. Parou atrás da escrivaninha.

— Antes, você questionou-me sobre o cerco de Leninegrado. Sabe o que aquilo me ensinou? Os mortos não são nada. Eles se foram. Você enterra-os e segue em frente.

— Ok, vou lembrar-me sempre disso, Sosh.

— Você lançou-se nessa busca. Recusou-se a deixar os mortos em paz. E agora, qual é a situação? Mais duas pessoas morreram. Você descobriu que seu amado pai assassinou a sua mãe. Valeu a pena, Pavel? Valeu a pena incitar os velhos fantasmas?

— Depende — devolvi.

— Do quê?

— Depende do que aconteceu à minha irmã.

Esperei.

As derradeiras palavras do meu pai ocorreram-me.

Você sabia?

Eu pensava que ele estivesse a acusar-me, que enxergava culpa no meu rosto. Porém não fora isso. Eu sabia do verdadeiro destino da minha irmã? Eu sabia o que ele fizera? Eu sabia que ele matara a minha própria mãe e enterrara-a na floresta?

— O que aconteceu com minha irmã, Sosh?

— Era a isso que eu me referia quando falei que não era tão simples assim.

Aguardei.

— Você precisa entender. Seu pai nunca teve a certeza absoluta. Ele encontrou alguns indícios, sim, mas tudo o que sabia com certeza era que a sua mãe pretendia fugir com o dinheiro e levá-lo com ela.

— E então?

— Então, o Vladimir pediu-me ajuda. Pediu-me que investigasse. Pediu-me que encontrasse a sua irmã.

Fitei-o.

— Você fez isso?

— Investiguei, sim. — Sosh deu um passo na minha direção. — E, quando terminei, disse-lhe que ele se tinha enganado.

— O quê?

— Disse ao seu pai que a sua irmã tinha morrido naquela noite, na floresta.

Eu estava confuso.

— Ela morreu?

— Não, Pavel. Ela não morreu naquela noite.

Senti o meu coração começar a expandir-se no meu peito.

— Você mentiu para o meu pai. Não queria que ele a encontrasse.

Ele não retorquiu.

— E agora? Onde está ela agora?

— Sua irmã sabia o que o seu pai tinha feito. Não podia ir à polícia, claro. Não existia nenhuma prova que o incriminasse. Também, em primeiro lugar, permanecia a questão de por que ela tinha desaparecido. E, como era de esperar, Camille tinha medo do Vladmir. Como poderia ela simplesmente voltar para o homem que tinha morto a mãe dela?

Pensei na família Perez, nas acusações de fraude, em tudo o resto. Teria sido o mesmo com a minha irmã. Mesmo antes de adicionar a minha família à equação, teria sido difícil para Camille voltar para casa.

A esperança tornou a inundar o meu peito.

— Então, você encontrou-a?

— Sim.

— E?

— E dei-lhe dinheiro.

— Você ajudou-a a esconder-se dele.

Sosh não respondeu. Não era necessário.

— Onde está ela agora? — indaguei.

— Perdemos o contato já faz alguns anos. Você precisa compreender. A Camille não queria magoá-lo. Ela pensou em levá-lo embora. Mas seria impraticável, porque ela sabia o quanto você amava o seu pai. Então, mais tarde, quando você se tornou uma figura pública, Camille teve a certeza de que, se voltasse, o escândalo o afetaria. Entenda, se ela voltasse, tudo teria de vir à tona. E, se isso acontecesse, a sua carreira estaria encerrada.

— Já está.

— Sim. Sabemos disso agora. Nós, — disse ele. — Nós.

— Então, onde está Camille?

— Ela está aqui, Pavel.

O ar abandonou-me por completo. Não conseguia respirar.

Meneei a cabeça.

— Demorei um pouco para encontrá-la depois de todos esses anos. Mas encontrei-a. Conversamos. Ela não sabia da morte de Vladimir. Contei-lhe. E isso, claro, mudou tudo.

— Espere um instante. Você... — Pausei. — Você e a Camille conversaram?

Aquela soou como a minha voz, acho.

— Sim, Pavel.

— Não entendo.

— Quando você chegou, era ela ao telefone.

O meu corpo gelou.

— A Camille está num hotel a dois quarteirões daqui. Disse-lhe que viesse para cá. — Sosh olhou para o elevador. — É ela agora. Subindo.

Lentamente virei-me e observei os números ascenderem sobre a porta do elevador. Ouvi o tinido. Dei um passo à frente. Eu não acreditava. Era mais um embuste cruel do destino. A esperança estava fazendo o que bem queria comigo outra vez.

O elevador parou. Escutei a porta a começar a abrir-se. Não deslizando. Parecia mover-se relutante, como que receosa de expor a passageira. Fiquei paralisado, o meu coração batendo descompassado. Mantive o olhar fixo na porta, na abertura.

E então, 20 anos depois de desaparecer naquela floresta, a minha irmã, Camille, regressou à minha vida.

Epílogo

Um mês depois

Lucy não quer que eu faça essa viagem.

— Finalmente está acabado — disse-me ela, pouco antes de eu seguir para o aeroporto.

— Já ouvi isso antes — devolvi.

— Você não precisa encontrar-se com ele novamente, Cope.

— Preciso, sim. Preciso de algumas respostas finais.

Lucy fechou os olhos.

— O que foi?

— É tudo tão frágil, sabe?

— Eu sei.

— Temo que você vá revirar a terra outra vez.

— Compreendo. Porém isso tem de ser feito.

Dali a uma hora, eu olhava pela janela do avião. Ao longo do último mês, a vida retomara a sua quase normalidade. O caso Jenrette-Marantz sofrera algumas reviravoltas frenéticas e esquisitas rumo ao seu glorioso final. As famílias não desistiram. Aplicaram toda a pressão possível sobre o juiz Arnold Pierce, e ele cedera. Rejeitou o DVD porno, alegando que nós não o tínhamos apresentado em tempo oportuno. Parecíamos estar numa encrenca. Mas o júri não se deixou iludir — frequentemente, não se deixa — e deu o veredito: culpados. Flair e Mort estão apelando, claro.

Quero processar o juiz Pierce, mas nunca vou apanhá-lo. Quero processar E. J. Jenrette e a AIV por chantagem. Também duvido que o consiga. Mas o processo movido por Chamique está indo bem. Dizem que eles querem resolver tudo o mais rápido possível. Um acordo na casa dos sete dígitos está sendo cozinhado. Espero que ela ponha as mãos no dinheiro. Porém, quando espio a minha bola de

cristal, ainda não vejo uma grande dose de felicidade para Chamique pela estrada fora. A vida dela tem sido problemática. De alguma maneira, sinto que aquele dinheiro não mudará isso.

O meu cunhado, Bob, está em liberdade. Declarei às autoridades federais que, embora as minhas lembranças fossem um tanto "nebulosas", acreditava realmente que Bob me informara precisar de um empréstimo e que eu aprovara. Não sei se vai colar. Não sei se estou fazendo a coisa certa ou errada (provavelmente, a errada), mas não quero Greta e a família dela destruída. Sinta-se à vontade para me chamar de hipócrita — eu sou —, mas a linha tênue entre o certo e o errado às vezes fica muito tênue e esbatida. Fica embaçada aqui fora, sob o sol brilhante do mundo real.

E, naturalmente, é nebulosa na escuridão daquela floresta.

Eis uma rápida, porém completa, atualização sobre Loren Muse: Muse continua Muse. E estou grato por isso. O governador Dave Markie ainda não pediu a minha demissão, e eu também não a ofereci. Provavelmente fá-lo-ei e provavelmente deveria fazê-lo, mas, por enquanto, estou protelando.

Raya Singh realmente saiu da AIV para ser sócia de, nada mais, nada menos, Cingle Shaker. Cingle diz que estão procurando uma terceira "*boazona*" para baptizarem a nova agência de "*As Panteras*".

O avião aterrou. Desembarco. Verifico o telemóvel. Uma mensagem curta da Camille.

Oi, mano. Cara e eu vamos almoçar na cidade e fazer compras.

Saudades. Amo-o, Camille.

Minha irmã, Camille. E fantástico tê-la de volta. Não posso acreditar na rapidez com que se tornou completa e integralmente parte das nossas vidas. Mas a verdade é que permanece um resquício de tensão entre nós. Está melhorando. Melhorará ainda mais. Mas a tensão existe e é inequívoca, e às vezes exageramos nos nossos esforços para combatê-la, tratando-nos mutuamente de "mano" e

"mana" e dizendo, o tempo inteiro, que sentimos saudades e nos amamos.

Ainda não sei de toda a história do passado de Camille. Há detalhes que ela está deixando de lado. Sei que recomeçou a vida com uma nova identidade em Moscovo, mas a estadia lá não durou muito. Então, passou alguns anos em Praga e outros em Begur, na Costa Brava, em Espanha. Voltou para os Estados Unidos, morou aqui e ali, casou-se e estabeleceu-se nos arredores de Atlanta, divorciando-se três anos depois.

Nunca teve filhos, mas já é a tia mais incrível do mundo. Ama Cara, e o sentimento é mais do que recíproco. Camille está a morar connosco. É maravilhoso — melhor do que eu poderia esperar —, e isso verdadeiramente suaviza a tensão.

Parte de mim, claro, pergunta por que Camille demorou tanto para voltar para casa — é aí que se origina o grosso da tensão, acho eu. Entendo o que Sosh falou sobre ela querendo proteger-me, proteger a minha reputação, as minhas lembranças em relação ao meu pai. E sei que, compreensivelmente, tinha medo do meu pai enquanto ele ainda respirava.

Contudo, creio que exista mais alguma coisa.

Camille escolheu guardar silêncio sobre o que aconteceu naquela floresta. Nunca contou a ninguém o que Wayne Steubens fez. A escolha dela, certa ou errada, deixou Wayne livre para matar outras pessoas. Não sei qual teria sido a coisa certa a fazer. Apresentar-se teria tornado as coisas melhores ou piores? Você poderia argumentar que Wayne ainda se teria safado, que poderia ter fugido, ou ficado na Europa, ou procurado ser mais cuidadoso na execução dos crimes dele, conseguido matar mais gente. Quem vai saber? Mas nem os polícias têm um jeito próprio de superar as mentiras. Camille pensou poder enterrar aquelas mentiras. Talvez todos nós tivéssemos pensado assim.

Entretanto, nenhum de nós saíra daquela floresta ileso.

Quanto à minha vida amorosa, bem, estou apaixonado. Simplesmente. Amo Lucy com todo o meu coração. Não estamos indo devagar — mergulhamos de cabeça, como que a tentar compensar o tempo perdido. Há, talvez, um certo desespero doentio, uma obsessão. Agarramo-nos um ao outro como que a uma tábua de salvação. Vemo-nos com frequência e, quando não estamos juntos, sinto-me perdido e à deriva e quero estar com ela novamente. Conversamos ao telefone. Trocamos e-mails e mensagens de texto sem parar.

Mas isso é o amor, não é?

Lucy é divertida, brincalhona, afetuosa, inteligente, linda e conquista-me de todas as maneiras. Parecemos concordar sobre tudo.

Excepto, naturalmente, a respeito dessa viagem.

Compreendo o temor dela. Sei muito bem como tudo isso é frágil. Mas tampouco se pode viver no fio da navalha. Portanto, ali estava eu, na penitenciária Red Onion, em Pound, Virgínia, esperando descobrir as últimas verdades remanescentes.

Wayne Steubens entra. Estamos na mesma sala do nosso último encontro. Ele senta-se no mesmo lugar.

— Caramba, você tem sido um homem atarefado, Cope.

— Você matou-os. Depois de tudo o que foi dito e feito, você, o *serial killer*, matou-os.

Wayne sorriu.

— Você planeou tudo, não?

— Há alguém escutando a nossa conversa?

— Não.

Ele levanta a mão direita.

— Você dá-me a sua palavra?

— Sim, dou a minha palavra.

— Se é assim, claro, por que não? Sim, planeei os assassinatos. Pronto.

Ele também decidira que o passado precisava de ser encarado.

— E você executou-os, exatamente como a Sra. Perez disse. Você degolou a Margot. O Gil, a Camille e o Doug correram. Você perseguiu-os. Alcançou o Doug. Matou-o também.

Ele ergueu o dedo indicador.

— Cometi um erro de cálculo. Veja, fui precipitado em relação à Margot. Eu pretendia deixá-la para último, afinal ela já estava amarrada. Mas o pescoço dela estava tão exposto, tão vulnerável...não consegui resistir.

— Havia algumas coisas que não fui capaz de entender a princípio. Mas agora acho que entendo.

— Estou escutando.

— Aqueles textos que os detectives particulares enviaram à Lucy.

— Ha ha.

— Perguntava-me quem nos teria visto na mata, mas a Lucy tinha razão. Uma única pessoa poderia ter sabido: o assassino. Você, Wayne.

Ele estendeu as mãos.

— A modéstia impede-me de dizer mais.

— Foi você quem forneceu à AIV as informações usadas naqueles textos. Foi você a fonte.

— Modéstia, Cope. Outra vez alego modéstia.

Ele está apreciando o momento.

— Como conseguiu você que Ira ajudasse? — indaguei.

— Querido tio Ira. Aquele hippie pateta.

— Sim, Wayne.

— Ele não ajudou muito. Eu só o queria fora do caminho. Você pode ficar chocado, Cope, mas Ira usava drogas. Eu tinha fotos e provas. Se a coisa viesse à tona, o precioso acampamento dele estaria arruinado. E ele, também.

Wayne alargou o sorriso.

— Então, quando o Gil ameaçou trazer tudo de volta —

ponderei —, Ira ficou apavorado. Como você mesmo disse, ele era um pouco lerdo na época e estava muito pior agora. A paranoia obscureceu o raciocínio dele. Você já estava cumprindo pena; o Gil e eu só poderíamos piorar as coisas se trouxéssemos o passado de volta. Ira entrou em pânico. Silenciou o Gil e tentou-me silenciar também.

Outro sorriso de Wayne.

Porém há algo diferente no sorriso dele.

— Wayne?

Ele não fala. Apenas sorri. A expressão desagrada-me. Repito mentalmente o que eu acabei de dizer. Não, não estou gostando disto.

Wayne continua sorrindo.

— O que foi? — pergunto.

— Uma coisa está-lhe escapando, Cope.

Aguardo.

— Ira não foi o único que me ajudou.

— Eu sei. O Gil contribuiu. Ele amarrou a Margot. E a minha irmã, também. Ela ajudou a atrair a Margot para aquela mata.

Wayne semicerra os olhos, ergue a mão, polegar e indicador separados por milímetros.

— Ainda lhe está escapando uma coisinha. Um segredo diminuto que tenho guardado todos esses anos.

Prendo a respiração. Ele apenas sorri. Rompo o silêncio.

— O quê?

Wayne inclina-se para a frente.

— Você, Cope.

Não consigo falar.

— Você está-se esquecendo da sua participação.

— Conheço a minha participação — retorqui. — Abandonei o meu posto.

— Sim, é verdade. E se não o tivesse feito?

— Eu o teria detido.

— Sim — diz Wayne, arrastando a palavra. — Exatamente isso.

Espero por mais. Nada vem.

— Era isso o que você queria ouvir, Wayne? Que me sinto parcialmente responsável?

— Não. Nada tão simples.

— O quê, então?

Ele meneia a cabeça.

— O essencial está-lhe escapando.

— Que essencial?

— Pense, Cope. É verdade, você deixou o seu posto. Mas você mesmo disse: eu planeei tudo cuidadosamente.

Wayne põe as mãos em concha ao redor da boca, a voz novamente em sussurro.

— Então, responda-me: como é que eu sabia que você não estaria no seu posto naquela noite?

Lucy e eu vamos de carro até a floresta.

Eu já recebera permissão do delegado Lowell, portanto o segurança, o tal sobre quem Muse me alertara, apenas faz sinal para entrarmos. Paramos no estacionamento do condomínio. É estranho — havia duas décadas que Lucy e eu tínhamos estado ali pela última vez. Esse loteamento não existia na época, claro. Entretanto, mesmo assim, mesmo depois de todo esse tempo, sabemos exatamente onde estamos.

O pai da Lucy fora dono de toda essa terra. Durante anos, deveria ter posto os pés aqui sentindo-se o próprio Fernão de Magalhães descobrindo um novo mundo. Ira provavelmente olhou para esse verde todo e deu-se conta do sonho da vida dele: um acampamento, uma comunidade, um *habitat* natural livre dos pecados do homem, um lugar de paz e harmonia, sei lá, qualquer coisa que preservaria os valores dele.

Pobre Ira.

Muitos crimes que vejo principiam com um pequeno incidente. Uma esposa enfurece o marido a respeito de uma trivialidade sem

importância — onde está o controle remoto, um jantar frio —, e então a questão intensifica-se. Mas neste caso foi exatamente o contrário. Algo em grande desencadeou todo o resto. No fim da história, um *serial killer* louco começou tudo. A avidez de Wayne Steubens por sangue pusera as engrenagens em movimento.

Talvez todos nós tivéssemos facilitado para ele, de uma maneira ou de outra. O medo acabou sendo o maior cúmplice de Wayne. E. J. Jenrette também me ensinara o poder desse sentimento — se você amedrontar as pessoas o bastante, elas se dobrarão. Só não funcionara no caso da violação do filho dele. Jenrette não fora capaz de assustar Chamique Johnson. Tampouco fora capaz de me assustar.

Talvez porque eu já estivesse assustado o bastante.

Lucy traz flores, não sei por quê. Na nossa religião, não colocamos flores em lápides. Colocamos pedras. Também não sei para quem são as flores — se para a minha mãe ou para o pai dela. Provavelmente, para ambos.

Seguimos pelo velho trilho — sim, ainda está lá, apesar de coberto pela vegetação — até ao local onde Barrett achou a ossada da minha mãe. A cova onde ela esteve durante todos esses anos está vazia. Os restos das fitas amarelas, que marcavam a cena do crime, agitando-se ao vento.

Lucy ajoelha-se. Presto atenção ao vento, pergunto-me se ouço os gritos no ar. Não, não ouço. Não ouço nada exceto o vácuo do meu coração.

— Por que viemos à floresta naquela noite, Lucy?

Ela não me olha.

— Eu realmente nunca pensei nisso. Todo o mundo pensou. Todo o mundo questionou como eu poderia ter sido tão irresponsável. Mas para mim era óbvio. Estava apaixonado. Escapei às escondidas com a minha namorada. O que poderia ser mais natural?

Ela deposita as flores no chão cuidadosamente. Ainda se nega a fitar-me.

— Ira não ajudou Wayne Steubens naquela noite — digo à mulher que amo. — Você ajudou-o.

Escuto o promotor na minha voz. Quero que ele se cale e vá embora. Mas ele não vai.

— Wayne contou-me. Os assassinatos foram cuidadosamente planeados. Então, como saberia ele que eu não estaria no meu posto? Porque era tarefa sua garantir que eu não estaria.

Noto que ela começa a diminuir, a definhar.

— É a razão de você nunca ter conseguido encarar-me. É a razão de se sentir como se ainda estivesse rolando desfiladeiro abaixo e não conseguir parar. Não é porque a sua família perdeu o acampamento, ou a reputação, ou todo o dinheiro. É porque você ajudou Wayne Steubens.

Aguardo. Lucy baixa a cabeça. Estou em pé, nas costas dela. Ela cobre o rosto com as mãos. Soluça. Os ombros se agitam. Escuto-lhe o pranto, e meu coração se estilhaça. Dou um passo à frente. Ao diabo com tudo isso, penso. Desta vez, o tio Sosh tem razão. Não preciso saber de tudo. Não preciso trazer tudo de volta.

Preciso apenas dela. Assim, dou aquele passo.

Lucy ergue uma mão para me deter. Recompõe-se lentamente.

— Eu não sabia o que ele ia fazer — diz. — Wayne falou que faria com que Ira fosse preso se eu não o ajudasse. Pensei... pensei que ele só ia pregar um susto na Margot. Você sabe. Uma brincadeira estúpida, de mau gosto.

Sinto um aperto na garganta.

— Wayne sabia que nós dois nos separamos.

Ela inclina a cabeça.

— Como é que ele sabia?

— Ele viu-me.

— Viu você. Não nós dois juntos.

Lucy torna a assentir.

— Você encontrou o corpo, não é? O corpo da Margot. Era esse

o sangue mencionado no texto. O Wayne não estava a falar de mim. Falava de você.

— Sim.

Penso a esse respeito, em como ela deve ter ficado apavorada, em como provavelmente correra atrás do pai, e em como Ira certamente também entrara em pânico.

— Ira viu-a coberta de sangue. E pensou que...

Lucy permanece em silêncio. Mas agora fazia sentido.

— Ira não mataria o Gil e a mim para se proteger — continuo. — Mas ele era pai. No fim das contas, com toda aquela história de paz e amor, ele era um pai como qualquer outro. E mataria para proteger a filhinha dele.

Ela volta a soluçar.

Todo o mundo guardou silêncio. Todo o mundo teve medo — minha irmã, minha mãe, Gil, a família dele, e agora, Lucy. Todos eles possuíam uma parcela de culpa, e todos pagaram um preço alto. E quanto a mim? Gosto de me justificar alegando juventude e a quase imperiosa necessidade de cometer loucuras nessa fase. Entretanto, isso realmente é uma desculpa? Coube-me a responsabilidade de vigiar os campistas naquela noite. Eu me esquivara.

As árvores parecem fechar-se sobre nós. Olho para elas e, então, para o rosto da Lucy. Vejo a beleza. Vejo a destruição. Quero aproximar-me. Mas não posso. Não sei por quê. Quero fazê-lo — sei que é a coisa certa. Mas não sou capaz.

Viro-me e afasto-me da mulher que amo. Suponho que ela me vá chamar, pedir-me que pare. Mas ela não o faz. Deixa-me ir. Escuto-lhe os soluços. Ando um pouco mais. Ando até sair da floresta e regressar ao estacionamento. Sento-me no lancil e fecho os olhos. Alguma hora, ela terá de voltar para cá. Assim, fico lá sentado, esperando-a. Pergunto-me para onde iremos depois que ela voltar. Pergunto-me se iremos embora juntos ou se essa floresta, após todos esses anos, terá reivindicado uma última vítima.

FIM

Agradecimentos

Não sei de muita coisa, mas, felizmente, conheço pessoas geniais que sabem, sim. Pode parecer que estou contando vantagem, mas fui auxiliado pelos meus amigos e colegas Dr. Michael Baden, Linda Fairstein, dr. David Gold, Dra. Anne Armstrong-Cohen, Christopher J. Christie e o verdadeiro Jeff Bedford.

Agradeço a Mitch Hoffman, Lisa Johnson, Brian Tart, Erika Imranyi e a todos os da Dutton. Jon Wood, da Orion, e Françoise Triffaux, da Belfond, obrigado. Sou grato também a Aaron Priest e a todos naquela empresa com esse nome tão criativo, Aaron Priest Literary Agency.

Por fim, gostaria de deixar registado o meu especial agradecimento à brilhante Lisa Erbach Vance, que tem aprendido, ao longo da última década, a lidar maravilhosamente bem com os meus humores e inseguranças. Você é fantástica, Lisa.

Table of Contents

Folha de Rosto
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Epílogo
Agradecimentos